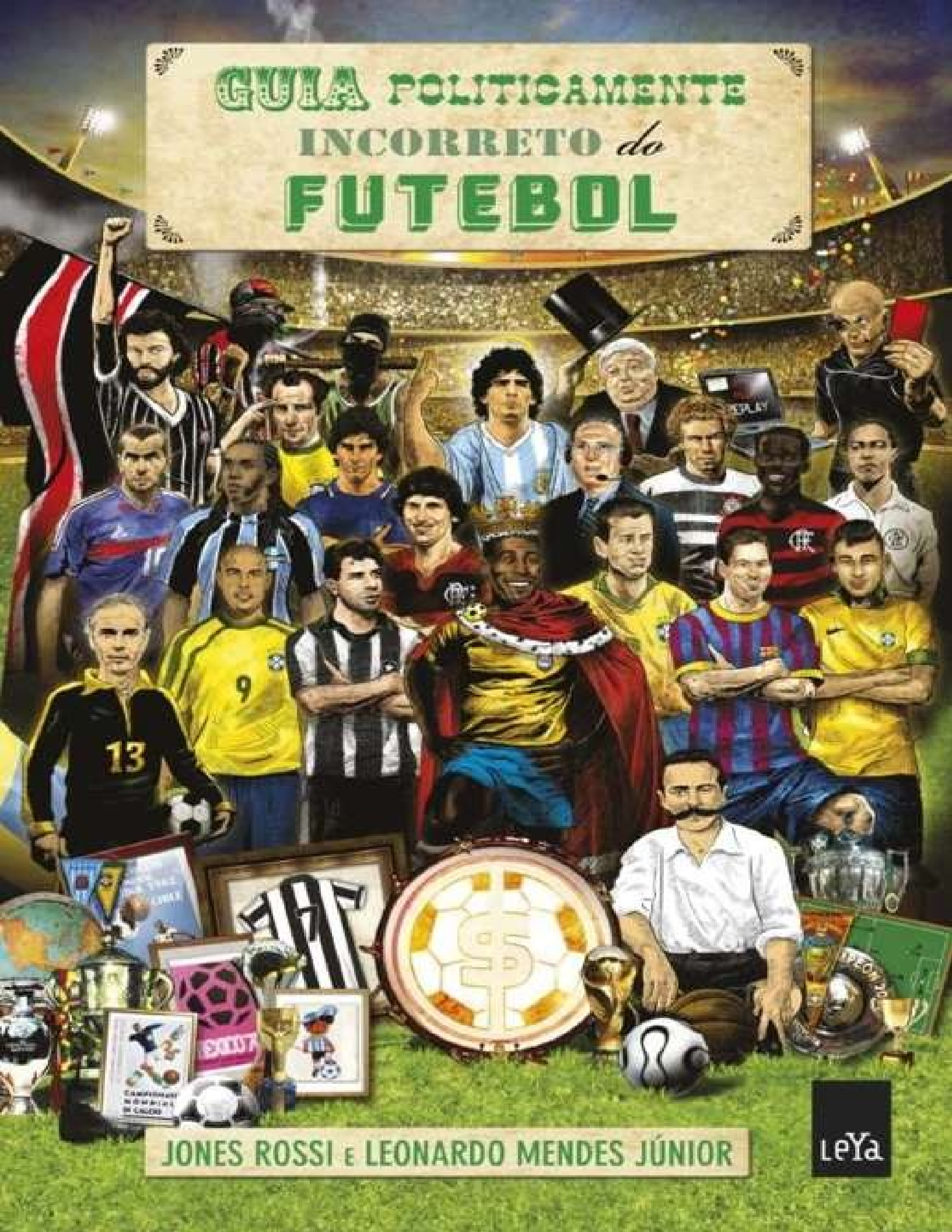
GUIA POLITICAMENTE INCORRETO do FUTEBOL



JONES ROSSI E LEONARDO MENDES JÚNIOR

LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha Técnica

Copyright © Jones Rossi e Leonardo Mendes Júnior, 2014
Diretor editorial pascoal soto
Editora executiva tainã bispo
Indicação editorial leandro narloch
Diretor de produção gráfica eduardo dos santos
Gerente de produção gráfica fábio menezes
Coordenação de produção obá editorial
Preparação de textos débora teodoro
Revisão de provas rayssa ávila, dyda bessana e carolina aidinis
Índice dyda bessana, débora teodoro e rayssa ávila
Pesquisa gabriela de castro ribeiro
Ilustrações de capa e miolo gilmar fraga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada por Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rossi, Jones
Guia politicamente incorreto do futebol / Jones Rossi, Leonardo
Mendes Júnior. – São Paulo: LeYa, 2014.
ISBN 9788580449914
1. Futebol – História 2. Esportes I. Título II. Mendes Júnior, Leonardo
14-0040 CDD 796.334

Índices para catálogo sistemático:
1. Futebol

2014
Todos os direitos desta edição reservados à
texto editores ltda.
[Uma editora do grupo Leya]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo, SP – Brasil
www.leya.com.br


CBD
FCB
REMO
CBF
AFA
ITALIA
20
13

À minha mãe, Inês; minhas irmãs, Karen e Maria Heloísa; e minha linda sobrinha, Bianca. E, em memória, ao meu pai, João Rossi.

JONES ROSSI

A Leonardo, o sujeito que pôs o futebol no meu DNA; a Lu, Alline, Mariana e Helena, as quatro camisas 10 da minha vida.

LEONARDO MENDES JÚNIOR

Gastei muito dinheiro em bebida,
mulheres e carros velozes.
O resto desperdicei.

GEORGE BEST

CHARLES MILLER

ELE NÃO É O PAI DO FUTEBOL BRASILEIRO

Uma enorme cabeça de girafa, produzida para um outdoor em três dimensões, e uma igualmente vistosa bandeira do Bangu Atlético Clube fazem o ateliê de Clécio Régis se destacar entre as casas de uma das muitas e idênticas ruas de Bangu, subúrbio do Rio de Janeiro. Do lado de dentro do galpão funciona uma fábrica de sonhos. Cenários de novela, painéis para divulgação de lançamentos do cinema, alegorias e adereços de escolas de samba, mascotes oficiais dos Jogos Olímpicos de 2016, decorações para comerciais de TV… Tudo é construído com cuidado artesanal e em ritmo industrial, sob supervisão do mais conceituado cenógrafo do Rio.

Nenhum outro sonho, porém, recebe atenção tão especial quanto a estátua de 4 metros de altura, encostada em uma parede logo na entrada do ateliê. Um gigante de resina pintado de bronze, esculpido como se estivesse vestindo um uniforme de jogador de futebol. Por se tratar de um boleiro do fim do século 19, o calção preso por um cinto desce até a altura dos joelhos e a camisa, comprida, é percorrida do colarinho até a barra por cordas e botões. O bigode farto marca o rosto-padrão de um homem daquela época.

Sempre que se aproxima da estátua, Clécio Régis a observa e faz algum retoque. Busca reproduzir com perfeição a imagem inspirada nas poucas fotos que conseguiu do personagem, quase todas enviadas digitalmente do outro lado do Atlântico. O objetivo é fincar o gigante no marco zero do futebol brasileiro. O herói que trouxe da Europa a maior paixão nacional homenageado no pedaço de terra onde tudo começou.

Charles Miller é o pai da cartolagem no futebol brasileiro

O número 24 da rua Monsenhor Andrade, no bairro do Brás, era um pedaço do Império Britânico na São Paulo de meados do século 19. A chácara da família Miller mantinha, nos pequenos detalhes, os hábitos dos súditos da rainha Vitória na época em que o sol nunca se punha no Império, dada a extensão de seu território – da costa oeste da América do Norte às ilhas polinésias, passando por colônias na África e na Ásia.

Nas fotos de família podia-se ver o símbolo da São Paulo Railway no ombro do patriarca John Miller. Como mandava a tradição britânica, era de bom tom ostentar o emblema da empresa em que era empregado no momento de posar. Em um retrato solitário, o caçula Charles aparecia vestido com um típico *kilt* escocês. As tardes eram marcadas pelo pontual **chá das cinco**, acompanhado de *pies* e *puddings*. Aos domingos, os Miller atravessavam a rua para rezar com a crescente colônia britânica na St. Paul's Church, a primeira igreja anglicana do Brasil. Faltava apenas uma escola em que a nova geração da família pudesse não só aprender o inglês ancestral, mas também ser educada no mesmo modelo dos pais.[1]

> **As tradições britânicas** foram um atraso para o futebol inglês. Por décadas os jogos ficaram confinados ao início da tarde de sábado, para guardar o domingo e preservar o chá das cinco. Nos anos 70, a lei que proibia eventos dominicais foi relaxada. A partir dos anos 90, os jogos atropelaram o horário do chá. Hoje, o futebol inglês é o mais rico do mundo.

Justamente por causa dessa carência, John Miller decidiu mandar os dois filhos homens, John Henry e Charles William, estudarem na Inglaterra. Os garotos de 11 e 9 anos, respectivamente, embarcaram com o primo William Fox Rule no navio *Elbe*, da Royal Mail Steam Packet Company Limited, no outono de 1884. Chegaram dois meses depois a Southampton, sul da Inglaterra, para estudar na Banister Court School.

As escolas funcionavam não apenas como centros de ensino, mas também de prática esportiva. As horas livres eram passadas nos pátios com a prática de diferentes modalidades. O tradicional críquete ainda arrebatava muitos adeptos, mas era crescente o interesse pelos recém-criados *rugby football* e *football association*.

As duas modalidades tinham origem semelhante nas escolas inglesas. Como não havia unificação de regras, em alguns pátios era permitido o uso das mãos para conduzir a bola e em outros apenas chutes e cabeceios; em alguns o ponto era concedido ao chutar a bola entre traves, em outros, simplesmente ao

ultrapassar a linha de fundo com ela dominada. O número de jogadores também variava: 6, 11, 15, 20… Diferenças que se tornavam um estorvo quando os alunos de diferentes colégios se encontravam nas universidades e não conseguiam chegar a um acordo sobre as normas do jogo.

Em 1863, a Universidade de Cambridge publicou suas próprias regras, determinando o nascimento formal do futebol. Advogado e fã de esportes, Ebenezer Cobb Morley reuniu clubes onde a modalidade era praticada e criou a Associação Inglesa, amealhando aqueles que se propunham a jogar segundo os preceitos estipulados em Cambridge. Um dos clubes, o Blackheath, discordou das regras e preferiu juntar-se à corrente que consolidaria o rúgbi.

A escola de Banister aderiu ao jogo normatizado por Cambridge e popularizado no sul da Inglaterra pelo St. Mary's. O clube criado nos corredores da **Associação Cristã de Moços** da cidade foi um dos mais populares do início do futebol. No fim do século 19, venceu seis de sete edições da Southern League, a liga do sul da Inglaterra.

> **Conhecida** mundialmente pela indefectível sigla YMCA (Young Men's Christian Association), a Associação Cristã de Moços, além de ajudar a difundir o futebol, teve papel preponderante no surgimento de três outras modalidades: o basquete, nos Estados Unidos, em 1891; o vôlei, em 1895, também nos Estados Unidos; e o futsal, no Uruguai, em 1930.

O ambiente futebolístico conquistou rapidamente Charles Miller. A habilidade com a bola no pé fez um dos professores da Banister Court School recomendar ao treinador do St. Mary's, entre os vários garotos bons de bola da escola, "um chamado Charles Miller, que veio do Brasil e parece ter nascido para esse jogo. Um raro talento, ouro puro. É um artilheiro nato e recomendo sua escalação. Não vai se arrepender".[2]

O treinador de St. Mary's escalou Charles Miller e não se arrependeu. Logo na estreia, o brasileiro marcou um gol na vitória por 3 a 1 sobre a equipe do Quartel de Aldershot, em abril de 1892. Miller voltaria a campo dois dias depois, contra o Corinthian inglês. E seria presença assídua no time até decidir voltar para o Brasil, depois de dez anos de Inglaterra – não sem receber uma homenagem da escola. O anuário da Banister Court School, relativo a 1894, publicou:

> Charles Miller não foi somente um esplêndido jogador, mas organizou todas as atividades esportivas da escola até o dia de embarcar. Também se interessou muito pela organização do futebol do Condado de Hampshire. Essa eficiência, ou melhor, altruísmo e perseverança, é o que leva um homem a ter sucesso na vida.[3]

O futebol havia conquistado Charles Miller. Quando deixou Southampton em 24 de setembro de 1894, não estava apenas formado academicamente como desejava uma década antes seu pai, agora morto – estava formado como jogador e dirigente de futebol. A Inglaterra nos devolveu não só o primeiro jogador brasileiro, mas também o primeiro cartola. Na bagagem, seus diplomas: um livro de regras, uma camisa da Banister Court School, outra do St. Mary's, duas **bolas de capotão**, um par de chuteiras e uma bomba de ar para encher bolas. Na sua cabeça, seguiria a prática normal do futebol. Tinha certeza de que o esporte já havia chegado ao Brasil a bordo de algum navio da Mala Real Inglesa.

> **Fosse nos tempos** atuais, Charles Miller seria recebido no Brasil por enlouquecidos protetores dos direitos dos animais. O capotão era um couro curtido de vaca, que protegia uma câmara de ar feita com bexiga de boi.

O cenário encontrado em São Paulo, porém, era bem diferente. A comunidade britânica no Brasil conhecia o futebol, mas ainda preferia o críquete como lazer. Miller começou um processo de catequização. Aos sábados, reunia amigos e colegas de trabalho para ensinar o beabá do esporte: chutes, cobrança de lateral, passes, dribles, marcação. Os melhores da peneira de Charles Miller eram chamados para o time da São Paulo Railway – os pernas de pau continuavam na escolinha, até aprender ou reconhecer sua ruindade e desistir. O time da São Paulo Railway entrou em campo em 14 de abril de 1895, entre as ruas do Gasômetro e Santa Rosa, para enfrentar o The Gas Works Team, da companhia de gás, no primeiro jogo de futebol registrado no Brasil. Havia 11 jogadores de cada lado, seguindo as regras consolidadas pela Universidade de Cambridge, e uma espécie de súmula, com o nome de todos os presentes em campo, que foi arquivada por Miller, a essa altura uma mistura de jogador e cartola britânico com um cartorário brasileiro. Foi uma estreia formal, mas não exatamente a primeira partida de futebol a ocorrer no Brasil.

Sem Charles Miller, também seríamos o país do futebol

Charles Miller registrou como seu um jogo que já existia no Brasil. Algo de que ele mesmo desconfiava. A Revolução Industrial tinha espalhado pelo mundo milhares de britânicos, praticantes do futebol, para trabalhar em fábricas, ferrovias e no comércio.

Um deles, o professor escocês Alexander Watson Hutton, desembarcou em Buenos Aires em 1882 com um livro de regras, bolas, camisas e chuteiras. Como ninguém por lá sabia o que era esse negócio de *football*, decidiu organizar as primeiras partidas por conta própria. Não com os companheiros de fábrica, mas entre os muros de uma escola. Em 1893, o **Lomas Athletic Club** venceria o primeiro torneio disputado no país.

> **O primeiro campeão** argentino estabeleceu um vigoroso e breve domínio no futebol. Foram cinco títulos até o fechamento do departamento de futebol, em 1909. Hoje, o clube é forte no críquete, no rúgbi e no hóquei sobre grama.

O curioso é que Hutton viajou a Buenos Aires em um dos navios do Correio britânico. Todas as embarcações da companhia seguiam o mesmo roteiro a partir da Grã-Bretanha. Antes de parar na capital argentina, havia escalas em Santos e no Rio de Janeiro. É difícil acreditar que em nenhuma dessas paradas, antes da viagem de Hutton ou desde sua chegada à América do Sul em 1882, nenhuma bola de futebol tenha sido desembarcada em território brasileiro. Difícil acreditar, não. Impossível. Foram várias experiências extraoficiais com o futebol no país antes do marco zero determinado por Charles Miller.

Desde meados do século 19 há registros da prática do futebol por marinheiros no litoral brasileiro. Ingleses, franceses e holandeses, a bordo de navios mercantes ou de guerra, que aproveitavam uma escala ou a chegada ao destino definitivo para bater uma bola. O futebol brasileiro nasceu da sua mais legítima expressão: dois times improvisados, na beira da praia, time com camisa de um lado, time sem camisa do outro, linhas riscadas na areia, gols delimitados por pedaços de qualquer coisa e alguns goles de cerveja na cabeça. Uma pelada legítima, sem dono, sem juiz e sem cartola. É o futebol de onde nasceriam Leônidas, Pelé, Garrincha, Romário, Neymar e Nelson Rodrigues.

Isso aconteceu pela primeira vez em 1874, no pedaço de areia em frente a onde hoje fica o Hotel Glória, no Rio de Janeiro. Quatro anos mais tarde, a tripulação do navio britânico *Crimeia* organizou uma pelada em frente ao palácio da princesa Isabel, em Laranjeiras, zona sul do Rio, com o consentimento de sua alteza. Entre os dois jogos à beira-mar, em 1875,

empregados brasileiros e ingleses de empresas de navegação, docas, cabos submarinos e bancos enfrentaram-se no campo do **Club Brazileiro de Cricket**, também no Rio.

> **O aristocrático** críquete nunca pegou no Brasil, mas sim uma versão bem mais simples e infantil: o bete ombro ou jogo de taco. Nos dois, o objetivo é defender a casinha da bola lançada pelo adversário.

Em vez de filho de um zeloso pai tupiniquim que aprendeu sua arte na Inglaterra, com os inventores do jogo, o futebol brasileiro é filho bastardo de marinheiros europeus que só queriam gastar energia e passar o tempo antes de se divertir com as exóticas mulheres locais. Uma biografia surpreendentemente relacionada com a malandragem e o improviso que, anos depois, virariam a marca do futebol brasileiro, escondida em prol de outra mais condizente com a elite brasileira da virada do século 19 para o 20.

Na apresentação do livro de José Moraes dos Santos Neto, *Visão de Jogo: Primórdios do Futebol no Brasil*, José Geraldo Couto escreveu:

> Os primórdios do futebol no Brasil sempre estiveram envoltos nas brumas do mito, de onde emergia a figura impávida e bigoduda de Charles Miller, herói meio inglês, meio brasileiro, que teria trazido da Europa uma bola embaixo de cada braço e ensinado sozinho o esporte bretão aos nossos compatriotas. Tal gênese servia como uma luva a determinada visão das origens de nosso futebol, como produto da ação voluntariosa de uma elite em contato direto com as fontes britânicas do esporte.[4]

Calma, seu José, segure a sociologia: talvez o futebol de Charles Miller tenha sido mais organizado e influente para o Brasil. Levou as peladas que – Miller não sabia – já corriam de forma improvisada nas praias para dentro dos clubes. Conquistou a elite e ajudou a transformar o jogo em algo incontrolavelmente grande, até formar o país do futebol, que, de um jeito ou de outro, teria existido mesmo sem ele. Fosse por obra de marinheiros beberrões, fosse por meio de padres que admiravam o poder moralizante do jogo.

Os padres admiravam o poder moralizante do futebol

O padrão de ensino que John Miller buscou para os filhos Charles e John Henry, ao mandá-los para a Inglaterra, também era almejado pela elite brasileira dos últimos anos do Império. Percebendo o crescente apoio das classes médias urbanas à substituição da monarquia pela **república** e ao fim da escravidão, dom Pedro II encomendou ao deputado Rui Barbosa uma reforma educacional para atender a ricos e pobres, mas que acabou servindo para acalmar esse estrato social que tomava as cidades no ritmo da industrialização do país.

> **O Brasil tem 24 clubes** fundados em 15 de novembro. Três deles levam a data da proclamação da República no nome: os paulistas XV de Jaú e Piracicaba e o gaúcho 15 de Campo Bom. O Flamengo, fundado em 17 de novembro, também comemora seu aniversário no dia 15.

O plano foi apresentado em 1882, perante a Câmara do Império, e incluía um capítulo específico sobre educação física. Exercícios ao ar livre deveriam ser introduzidos na rotina dos colégios por meio de "jogos divertidos e recreativos". A fundação de uma Escola Normal de Ginástica cuidaria da capacitação de professores para coordenar as atividades após o horário normal das aulas. Por sua vez, algumas escolas mandaram docentes à Europa para ver o que era feito por lá a fim de distrair os estudantes quando eles trocassem as salas pelo pátio.

Foi o caso do Colégio Jesuíta São Luís, na época localizado em Itu, a 70 quilômetros de São Paulo.[5] Os jesuítas estiveram no Colégio de Vannes, na França, na Harrow School, na Inglaterra, e em instituições de ensino na Alemanha. Em todos, observaram a realidade que havia se tornado a rotina de Charles Miller no seu período em Southampton: o futebol era a principal prática física nas escolas. O grande entusiasta era um padre francês chamado Du Lac, que dava aula em Vannes, mas havia participado da expansão do futebol por vários países da Europa. O que mais o encantava no jogo era a combinação entre virilidade e moral, perfeita para formar jovens saudáveis e bons cidadãos.

Os jesuítas compraram a ideia de Du Lac. Voltaram para o Brasil com duas bolas de couro na bagagem e a ideia de incluir o jogo de bola em um pacote com exercícios militares, ginástica, corrida, salto em altura e em distância, lançamento de disco e dardo. O diário de atividades do São Luís registrava o entusiasmo com o futebol:

> Onde não folga o corpo, não se distrai o espírito, reinam o aborrecimento, o enfado, o desânimo, a preguiça e outras condições favoráveis ao relaxamento e prejudiciais à moralidade; os exercícios corporais de movimento se impõem como condição física e moral, o objetivo é revigorar, virilizar e aguerrir o corpo de meninos e moços.[6]

No início, não era exatamente o *football association* formalizado em Cambridge, mas um bate-bola na parede, entre dois times formados por padres e alunos, chamado “bate-bolão”.[7]

A brincadeira passou a ganhar mais seriedade. Primeiro, com a distribuição de um uniforme para cada equipe. Depois, com um par de marcas em paredes opostas determinando o gol onde a bola deveria ser chutada para valer ponto. Por fim, já em 1894, o reitor Luís Yabar implantou o futebol de fato no São Luís. Por seu contato com o jogo na Europa, ele conhecia as regras e designou que a partir dali as partidas no colégio seriam jogadas por duas equipes de 11 jogadores devidamente uniformizados, em um campo adequadamente dividido e com traves de madeira delimitando os gols.[8]

Com quatro times regularmente em ação, os torneios saíram do pátio para uma chácara do colégio. O título, individual, era dado ao melhor jogador ao longo do ano. Arthur Ravache foi quem levou a honraria em 1895. Ao lado de Charles Miller e de outros meninos formados no São Luís, ele seria peça importante na popularização da modalidade, ajudando a fundar clubes, elaborar regulamentos e calçar chuteiras para ensinar futebol.

O futebol não demorou a perder o aspecto moralizante que encantou os jesuítas. O esporte que os padres ajudaram a difundir no país virou um foco de marias-chuteiras loucas para engravidar de um craque na primeira noite; jogadores virando madrugadas em festas com bebida, garotas de programa e travestis; famílias vendendo a própria alma para criar um craque em casa e trocar o barraco no morro por uma luxuosa casa com piscina. Sem dúvida, uma atividade viril, em que o corpo não folga e o espírito se distrai. Mas com um valor moralizante bem questionável.

O jogo que eles aprenderam no colégio, que Charles Miller trouxe da Inglaterra e que, a 500 quilômetros dali, já era jogado por um legítimo centroavante escocês que adotara o Brasil como pátria.

Charles Miller introduziu a

Thomas Donohoe tinha a vida-padrão de um operário britânico do período pós-Revolução Industrial. Casado, pai de dois filhos, tintureiro da Busby Print Works – empresa têxtil do vilarejo de Busby, ao sul de Glasgow, capital da Escócia. As poucas horas de lazer eram passadas na igreja, em bares e, principalmente, em campos de futebol. Nas arquibancadas, torcendo pelos inúmeros times formados para praticar o novo esporte, e especialmente dentro de campo, jogando como centroavante.

Busby era o principal polo de futebol na Escócia e um dos mais importantes do Reino Unido. A três milhas e meia dali ficava o Hampden Park, campo do Queen's Park FC, um dos mais fortes times britânicos do fim do século 19. Donohoe cresceu vendo a primeira equipe do vilarejo, o Busby FC, em ação. Na sua adolescência já havia outros times – Busby Linwood FC, Busby Bluebell FC, Busby Rangers FC e Busby Cartvale FC. Foi contra o Cartvale, defendendo uma nova versão do Busby FC, em 1889, que o nome de Thomas Donohoe apareceu pela primeira vez em um time de futebol. Richard McBrearty, curador do Museu do Futebol Escocês, conta:

> O Cartvale venceu por 5 a 2, mas Donohoe fez o primeiro gol do Busby FC e foi apontado pelo jornal do dia seguinte como um dos melhores jogadores em campo. É interessante notar que alguns dos jogadores daquela partida mais tarde se tornariam profissionais. Entre eles Mickey Dunbar, então no Cartvale, que seria jogador do Celtic, o mais famoso clube de Glasgow.[9]

Donohoe permaneceria jogando futebol regularmente pelos cinco anos seguintes, até ser forçado a mudar de vida. Seu irmão, chefe de seção na Busby Print Works, contou a ele que a empresa estava indo à falência, o que se concretizaria em 1901. Sugeriu uma mudança para o Brasil, onde a crescente industrialização exigia mão de obra qualificada que só existia na Grã-Bretanha.

A ideia atraiu Donohoe. No Brasil se tornaria chefe de seção. Seu salário seria calculado em libra, mas pago em réis na cotação do dia. Teria casa em uma vila operária perto da fábrica. E, imaginava, a nova República Federativa do Brasil poderia oferecer toda a estrutura de educação e lazer que ele encontrava na Grã-Bretanha.

Carlos Molinari, historiador do Bangu Atlético Clube, discorre:

> Vendiam a ideia de um país que já tinha universidade, um complexo têxtil maior do que tinha, um bairro operário nos moldes do que ele tinha lá, e não este. O bairro era mato e pronto. Na viagem de navio, ele tem uma narrativa: “Chegando lá, vou entrar na universidade, me filiar a um clube, praticar meu futebol…”. E chegou num bairro com menos de mil habitantes, uma fábrica em construção e uma rua. Fora o calor… Aí é decepção total, né. Onde ficou a cabeça de um cara apaixonado por futebol?[10]

Thomas Donohoe embarcou para o Brasil no dia 4 de maio de 1894. Viajou sozinho, para se estabelecer no novo país. Mesmo sem encontrar o que haviam lhe prometido, mandou a mulher, Elizabeth, e os filhos, John e Patrick, percorrerem o mesmo caminho. A família subiu a bordo em Glasgow, em 16 de agosto de 1894, e desceu no Rio de Janeiro entre setembro e outubro do mesmo ano, antes de Charles Miller voltar da Inglaterra.

McBreaty conta:

> Donohoe pediu para que sua mulher e filhos levassem o material para jogar futebol. Como eles chegaram em setembro, este é o ponto de partida para que Thomas começasse a organizar partidas informais de futebol, ligeiramente antes de Charles Miller, que não voltou ao Brasil antes de outubro de 1894.[11]

Provavelmente Donohoe teve um raciocínio similar ao de Charles Miller: esperava encontrar no Brasil a prática frequente do futebol. Ao perceberem outra realidade, ambos partiram para a implementação do jogo, cada um à sua maneira. Miller, formado em uma das boas escolas britânicas e munido dos equipamentos trazidos na viagem de volta para São Paulo, iniciou um processo de ensino do futebol aos seus amigos, antes de efetivamente fazer a bola rolar. Donohoe, que passou precocemente a trabalhar em fábrica e conheceu o futebol no campo, partiu para a prática, sem preocupação de registro, em um bate-bola provavelmente de seis contra seis, no jardim da **Fábrica Bangu**.

> **Vivi, ex-jogador do** Bangu nos anos 30 e funcionário do clube por décadas, citava Thomas Donohoe como pai do futebol brasileiro em material sobre o time distribuído em dia de jogo. Como ninguém presta atenção em press kits, a história ficou escondida por anos a fio.

A formação futebolística de Charles Miller explica essa obsessão. A redação das regras do futebol em Cambridge, em 1863, por causa da discordância entre os alunos sobre como praticar o jogo, tornou-se uma

imposição não escrita às demais instituições que aderissem à modalidade. Jogar futebol não era apenas vestir o uniforme, entrar em campo e chutar a bola para o gol. Era seguir regras predeterminadas e registrar os acontecimentos da partida. Uma regra à qual a Banister Court School não fugia e seus alunos acabaram absorvendo. Mesmo vivendo também na Grã-Bretanha, Donohoe aprendeu o futebol jogado nas ruas, sem os formalismos das escolas. Molinari compara:

> O Thomas não teve preocupação nenhuma em anotar, em entrar na história com isso. A diferença deles é essa. Um teve a preocupação em anotar, em querer entrar para a história de alguma forma. O outro não, fez a coisa mais simples: jogou e matou a vontade que tinha de jogar. Não precisava documentar nada. Nem sabia se era ou não era pioneiro.[12]

O espírito peladeiro de Donohoe, que ajudaria a fundar o Bangu em 1903, é o grande entrave para estipular quanto tempo antes de Charles Miller o escocês fez a bola rolar pela primeira vez no Brasil. Não restaram registros escritos do jogo. Também não há descendentes vivos que possam relatar detalhes contados em descontraídas conversas de família. Falta o elo que permita a Clécio Régis abrir a porta da sua fábrica de sonhos e tirar de lá a estátua do herói. O gigante escocês que ele sonha expor no antigo campo da Companhia Progresso Industrial do Brasil, onde hoje funciona um shopping center, com a certeza histórica de dizer que foi Thomas Donohoe – e não Charles Miller – quem organizou o primeiro jogo de futebol no Brasil.

1 John Mills, Charles Miller: O Pai do Futebol Brasileiro, Panda Books, 2005, páginas 24 e 25.

2 John Mills, página 38.

3 John Mills, página 43.

4 José Moraes dos Santos Neto, Visão de Jogo: Primórdios do Futebol no Brasil, Cosac Naify, 2002.

5 José Moraes dos Santos Neto, página 15.

6 José Moraes dos Santos Neto, página 19.

7 José Moraes dos Santos Neto, páginas 18 e 19.

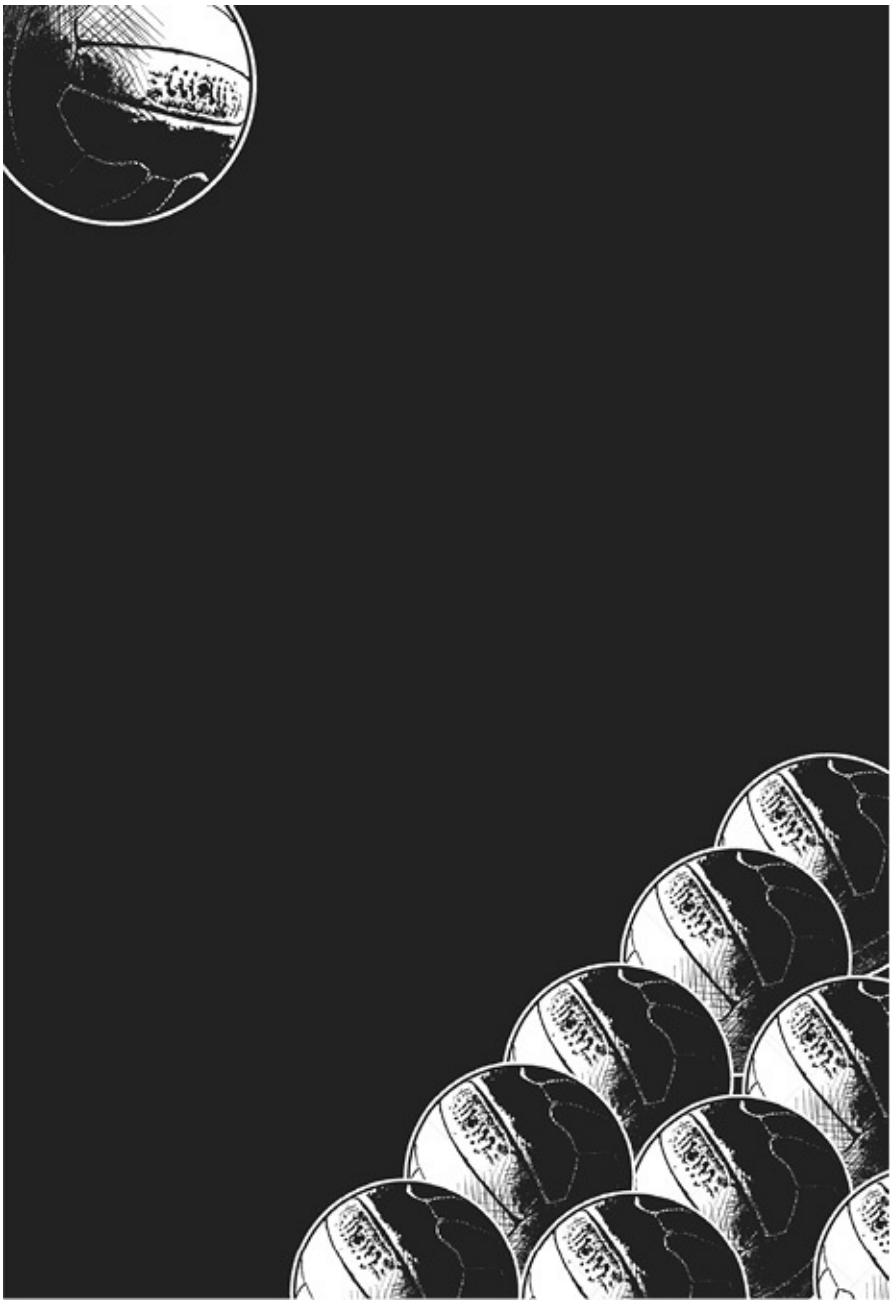
8 José Moraes dos Santos Neto, páginas 22 e 23.

9 Em entrevista aos autores deste livro.

10 Idem.

11 Idem.

12 Idem.





RACISMO

O DINHEIRO SALVOU O FUTEBOL BRASILEIRO DO RACISMO

A bola posicionada no quarto de círculo é o sinal para um relaxamento não escrito nas regras do futebol. Ela parte do pé direito do batedor, ganha altura e velocidade até chegar à linha lateral da grande área, onde inicia a curva que fará com que caia perigosamente na direção do gol, um pouco além da primeira trave e abaixo do travessão. Enquanto isso, uma dezena de jogadores troca todo tipo de empurrões, puxões e ofensas em um pedaço de grama menor que um lavabo. Antes de todos se recolocarem para um novo escanteio, um grito, alto o bastante para se sobrepor aos demais sons captados pelos microfones de transmissão, claramente ultrapassa os limites do momento mais sem lei de uma partida de futebol:

– Seu macaco do caralho!

O grito parte de Danilo, zagueiro do Palmeiras, homem pardo na eclética paleta racial brasileira. O alvo é Manoel, zagueiro do Atlético Paranaense, indiscutivelmente negro.

Os dois jogadores são os mais ativos no vale-tudo da grande área naquele momento do primeiro confronto de oitavas de final da Copa do Brasil de 2010. Para se livrar do marcador e ter mais chance de fazer um gol, Manoel dá uma cabeçada no adversário. Após o goleiro Marcos socar a bola pela linha de fundo, Danilo revida com uma cusparada e o grito:

– Seu macaco do caralho!

O jogo fica momentaneamente paralisado. Alguns empurrões depois, com a devida mediação da arbitragem, a partida é retomada. No segundo tempo, Manoel pisa deliberadamente em Danilo. Na semana seguinte, a Arena da Baixada, estádio do Atlético, recebe o jogo de volta, ocasião em que o jogador ofendido se recusa a cumprimentar o agressor. A essa altura, Danilo já é réu em um inquérito da Justiça Desportiva. Surpreendentemente, porém, o que tem potencial para lhe causar prejuízo maior é a cusparada, não a ofensa racial.

O futebol segue uma legislação própria, concentrada no Código Brasileiro de Justiça Desportiva. Ali está reunido tudo o que atleta e equipe não podem fazer dentro da disputa e a que tipo de punições estão sujeitos. Em 2010, no universo paralelo do futebol, praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante relacionado a preconceito em razão da cor – um crime que, no mundo real, pode dar cadeia – resulta em um afastamento de cinco a dez partidas. O mesmo conjunto de normas dava à cusparada, agressão inexistente no Código Penal Brasileiro, gravidade suficiente para valer de seis a doze partidas de suspensão.[13]

Danilo foi julgado pela Justiça Desportiva dias depois do jogo de volta e recebeu punição condizente aos dois delitos segundo a lei do futebol. A cusparada rendeu seis jogos de afastamento e a ofensa racial, cinco. Ao explicar seu voto, o relator do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD, o STF do futebol) qualificou a cusparada como "ofensa gravíssima" e o grito "seu **macaco** do caralho", como "ofensa grave". Um dos auditores, Nicolao Constantino, sequer considerou ofensa racial e votou por dois jogos de afastamento.[14]

> **Atenuar o efeito do** termo "macaco" no meio futebolístico foi a estratégia de defesa dos advogados de Danilo na Justiça comum. Não colou. Em 19 de dezembro de 2012, o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo condenou o zagueiro a um ano de reclusão, pena convertida no pagamento de 540 salários mínimos – cerca de R$ 350 mil.

A dificuldade em detectar e punir o racismo é histórica no tribunal. Usualmente, ofensas desse gênero são qualificadas como fruto do calor da partida[15] – uma parcimônia consoante à cultura nacional e, mais especificamente, ao contexto em que o futebol se desenvolveu no Brasil.

Há pouco mais de um século, quando o futebol nascia no Brasil, jogadores negros não só eram xingados impunemente em campo, como mal eram admitidos no gramado. Além da péssima herança da mentalidade escravista, vários fatores explicam essa exclusão. No fim do século 19, o mundo vivia o auge do pensamento racial, segundo o qual a miscigenação era considerada uma das causas da miséria e do atraso brasileiros. Era comum intelectuais da época emitirem opiniões como a do zoólogo suíço Louis Agassiz, que visitou o Brasil em 1865: "Que qualquer um que duvide dos males da mistura de raças […] venha ao Brasil, pois não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo".[16] Pouca gente queria se misturar. O sociólogo Mauricio Murad define:

> Uma longa e profunda herança colonialista e escravista pesava ainda nas nossas estruturas sociais, nas nossas instituições, e o futebol absorveu, direta ou indiretamente, essas influências. Por isso foi, durante os primeiros tempos, elitista, racista e excludente, reproduzindo constantes estruturais de nossa formação, como a concentração e a exclusão. O racismo foi um dos traços mais pregnantes das conjunturas iniciais do futebol brasileiro. Um racismo acoplado a um elitismo social e cultural flagrantes na concentração de rendas, de poder e de oportunidades.[17]

Outro fator a deixar os negros de fora do futebol é a imagem que o esporte tinha quando chegou ao país. O *football*, como o chamavam na época, era considerado um esporte de riquinhos, de ingleses – uma imagem talvez parecida com a do rúgbi hoje em dia. O escritor Graciliano Ramos chegou a dizer, em 1922, que o futebol jamais pegaria no Brasil, era "uma estrangeirice", "uma roupa de empréstimo que não nos serve" (leia mais sobre isso no *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*). Só a partir da Copa de 50, aquela que perdemos para os uruguaios na final, que o Brasil começaria a ser considerado o "país do futebol".

Assim, os clubes nasceram como comunidades fechadas de classes e grupos de imigrantes. Italianos formaram times em São Paulo, Minas Gerais e Paraná, todos chamados Palestra Itália; alemães, no Rio Grande do Sul (Grêmio) e no Paraná (Coritiba); portugueses fundaram o Vasco da Gama e a Portuguesa; e ferroviários criaram o Corinthians.

O futebol surgia como uma oportunidade de restabelecer a **ordem social** embaralhada pela abolição, em 1888, e pela proclamação da República, em 1889. A formação dos times dentro dos clubes tinha forte orientação racial. Aqueles que não restringiam estatutariamente a brancos o acesso aos seus quadros eram seletivos por meio dos preços de mensalidade e título. Se tudo isso falhasse, ainda havia a condição de que um novo associado devia ser aceito por dois terços dos já existentes.[18] Brancos na essência, os clubes se organizavam em ligas, que eram desfeitas e reformatadas à medida que os negros ameaçavam tomar parte delas.

> **A hierarquia social** e racial era mantida no público e mesmo nas brigas. A arquibancada era dos brancos, e a geral, quase sempre na encosta dos morros, dos negros.[19] Em conflitos generalizados, um preto da geral só batia em um branco se ele também fosse da geral.[20] Em hipótese alguma havia contato físico com a elite.

A solução encontrada pelos negros foi organizar ligas clandestinas, em que

se praticava de memória o futebol a que eles assistiam das gerais e por cima do muro dos clubes brancos. Em São Paulo, o torneio paralelo atravessou os anos 20 e 30 e chegou a contar com 12 equipes. Entre 1927 e 1939, o campeão da liga dos negros enfrentava o campeão dos brancos, sempre em 13 de maio, na disputa da Taça Princesa Isabel. Nos resultados conhecidos do chamado clássico preto *versus* branco, vantagem dos negros, com quatro vitórias, um empate e duas derrotas.[21]

No Rio Grande do Sul, o veto do Internacional à entrada do Rio-Grandense – time formado por negros – na Liga Metropolitana motivou o surgimento de outra competição paralela, no início da segunda década do século. Chamada jocosamente de Liga das Canelas Pretas por causa da cor (não só) das pernas dos jogadores, durou até os anos 20, quando começaram a ser promovidos os primeiros duelos com os times de brancos. O Esporte Clube Ruy Barbosa lançou o desafio para arrecadar fundos e perdeu. O Grêmio, conhecido como "escrete branco", também perdeu. Foi o que bastou para os outros clubes fazerem um arrastão nos elencos da Liga das Canelas Pretas, que acabou extinto por falta de jogadores. A exceção foi o Grêmio, pois uma cláusula em seu estatuto previa a perda do terreno, doado por alemães, onde o clube jogava, caso fossem aceitos jogadores negros.[22] Restrição derrubada somente na metade do século passado, com a contratação de Tesourinha, atacante do Vasco, em 1951.

Nossos primeiros craques eram funcionários-fantasma

Pois bem: como foi que essa discriminação se reverteu? Se o futebol brasileiro nasceu excluindo negros, o que aconteceu para, décadas depois, eles serem tratados como heróis nacionais e celebridades da TV? Se é verdade que alguns jogadores e torcedores ainda são racistas no estádio, também é verdadeira a admiração que os brasileiros têm por seus, como dizia Nelson Rodrigues, "negros ornamentais e divinos" de Garrincha a Robinho. Pois o que moveu os clubes a aceitarem negros?

Um dos fatores foi o novo valor que a miscigenação ganhou a partir da década de 1920. Com os modernistas e principalmente com a publicação de

Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, a miscigenação passou a ser vista não como causa de problemas, mas como a singularidade que enriquecia o Brasil. Os intelectuais passaram a buscar uma identidade nacional que combinasse o negro, o branco e o índio. Basta atentar para a caracterização de Macunaíma, a representação do brasileiro genuíno feita por Mário de Andrade. A obra define o futebol, inventado com raiva por Macunaíma, como uma das três pragas que assolavam o país, junto com o bicho-do-café e a lagarta rosada.[23]

Houve um motivo pragmático ainda mais importante. A proibição de escalar jogadores negros criava um problema para técnicos e cartolas. Toda uma seleção de atletas com habilidade, porte físico e vontade de jogar bola ficava de fora dos gramados. Não demorou para dirigentes perceberem a vantagem competitiva que teriam caso deixassem ideologias antiquadas de lado e aceitassem atletas negros. Mas as regras da época não permitiam que os jogadores fossem remunerados, e sem berço de ouro, os negros precisavam trabalhar – não tinham tempo para gastar jogando futebol.

A solução que os diretores dos clubes encontraram foi empregar nos seus negócios, ou nos dos patrocinadores, negros que, "coincidentemente", eram bons de bola. Quem jogava bem poderia ser elevado à categoria de funcionário-fantasma. A revista *Sport Illustrado* descreveu:

> No comércio, na indústria, na lavoura e nas repartições públicas, é o ser hábil jogador o meio fácil de admissão, o mérito para os acessos e promoções. A preferência, então, é escandalosa, sendo um jogador e outro não. É, assim estão explicadas as razões porque há no Rio hoje em dia, somente sem colocação, sem emprego, os rapazes pacas fundas, e leigos em matéria de *football*.[24]

Na prática, foi esse o caminho usado pelo Bangu para ter no seu time, em 14 de maio de 1905, Francisco Carregal, um tecelão negro da Companhia Progresso Industrial do Brasil – Fábrica Bangu. Trata-se do primeiro registro que se tem de um negro em um time de futebol no Brasil.

Foi, também, o atalho utilizado pelo Vasco para se tornar o primeiro clube campeão no país com uma equipe miscigenada, em 1923. Funcionários-fantasma de comerciantes portugueses que torciam para o clube, os jogadores vascaínos tinham tempo para treinar. Logo cedo, enquanto os adversários estudavam ou trabalhavam, os atletas do Vasco saíam para treinamento em sessões que se repetiam à tarde e, muitas vezes, seguiam noite adentro. No domingo, o oponente corria no primeiro tempo, saía em vantagem, perdia o

fôlego e era atropelado pelos vascaínos no segundo tempo.[25] Assim, o Vasco foi campeão, passou a ser o “time da virada” e transformou-se em um marco da abertura racial no futebol brasileiro. Não por convicção, mas por conveniência. Uma trapaça rapidamente adotada pelos demais clubes.

Os negros fizeram o futebol brasileiro se profissionalizar

A proliferação dos funcionários-fantasma foi o primeiro passo para a profissionalização do futebol brasileiro. O sucesso do Vasco em 1923 impunha às demais equipes um pacote pronto: para vencer, era preciso ter negros no time. Negros que precisavam de remuneração para sobreviver e jogar. Remuneração que precisava se adequar ao amadorismo vigente na época.

A Associação Metropolitana de Esportes Amadores (Amea) formou, em 1924, uma Comissão de Sindicância para verificar se o São Cristóvão, clube suburbano repleto de negros, não tinha jogadores, na prática, profissionais. A inspeção vetou a inscrição de três jogadores – dois brancos e um negro – porque eles não foram encontrados em seus empregos, todos oferecidos por comerciantes ligados ao clube. A proibição foi derrubada após uma queixa do presidente do clube, que reclamava de a associação estar duvidando da sua palavra.[26] O São Cristóvão foi campeão dois anos depois.

A essa altura, o Vasco já havia disseminado outro tipo de pagamento: o bicho, premiação distribuída em caso de vitória. O apelido se devia ao grupo ou número que cada animal representava no jogo do bicho, muito popular no Rio de Janeiro desde o fim do século 19: cachorro (5 mil-réis), coelho (10 mil-réis), peru (20 mil-réis), galo (50 mil-réis) e vaca (100 mil-réis).[27]

Primeiro grande ídolo do futebol brasileiro profissional, Leônidas da Silva levou o pagamento do bicho a uma outra dimensão. Pelo Flamengo, seu clube na virada dos anos 30 para os 40, combinava a remuneração de acordo com os gols que marcasse. Às vezes, em represália por não treinar, ficava fora de uma partida de futebol e era multado. O time perdia, Leônidas era perdoado, reembolsado pela multa e ainda ganhava bicho como se o Flamengo tivesse vencido, o que fatalmente aconteceria com ele em campo.[28]

Leônidas é quem se pode chamar de primeiro garoto-propaganda do

futebol brasileiro. Além do chocolate Diamante Negro, vendido até hoje, ganhou dinheiro anunciando todo tipo de produto, inaugurando lojas e participando de conferências, em uma rotina que quase transformava as partidas em um estorvo.[29]

Em 1942, ele trocou o Flamengo pelo São Paulo. Um negócio de 200 contos de réis – 80 contos de réis para o clube e 120 contos de réis para o jogador. Foi a maior transação da época, mas corresponde em valores atuais a 11 mil reais, ou menos de 0,01% do que o Barcelona pagou por Neymar em 2013. Leônidas foi recebido na estação de trem por 10 mil torcedores.[30] No entanto, ele contribuiu para a própria desvalorização. Foi negociado logo após passar oito meses na cadeia, acusado de falsificação de documento militar.[31]

Leônidas se aproveitou de um profissionalismo que ele mesmo ajudou a formatar. Os bichos irrisórios e a **política de vales** repassados pelos clubes, através de intermediários que embolsavam de 20% a 30% do benefício,[32] fizeram com que ele e Domingos da Guia puxassem um êxodo de jogadores para a Argentina e o Uruguai, no início dos anos 30.

> **A política de vales foi** uma maneira de driblar a proibição ao pagamento dos jogadores. Dirigentes arrecadavam uma quantia junto a sócios, torcedores e comerciantes e a repassavam aos atletas, no chamado “amadorismo marrom”. Para não caracterizar salário, a entrega era feita por intermediários. Na maioria das vezes os atravessadores dividiam a “mordida” com os próprios dirigentes que promoviam a arrecadação.

Para conter a fuga dos jogadores, os clubes pressionaram pelo profissionalismo. As ligas ainda propuseram um formato híbrido, que previa uma remuneração baixa e a manutenção do vínculo amador entre clubes e jogadores. O “amadorismo profissional” foi recusado e, em 1933, São Paulo e Santos fizeram o primeiro jogo profissional no país.

O próprio Leônidas é um indicativo da transformação impulsionada pelos jogadores negros. Antes de se transferir para o Uruguai, cumpriu no Bonsucesso um contrato clandestino de 400 mil-réis por mês e luvas de dois ternos e dois pares de sapato. No retorno, fechou um acordo legítimo com o Botafogo de 1 conto de réis por mês e 10 contos de luvas.[33]

A história de Leônidas e a dos primeiros clubes campeões do Brasil mostram que foram a ambição e a vontade de ganhar dinheiro, e não lutas benevolentes contra a discriminação, que incluíram os negros no futebol brasileiro.

O Brasil tinha medo de que Pelé e Garrincha amarelassem

Gilmar; De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Dino e Didi; Joel, Mazola, Dida e Zagallo. O Brasil começou com esses 11 jogadores a campanha do seu primeiro título mundial de futebol, na Suécia, em 58. Uma leitura apurada da escalação que derrotou a Áustria por 3 a 0 indica um perfil revelador dessa equipe. De todos, apenas o meia Didi era negro. Um Brasil predominantemente branco começou a campanha em Gotemburgo. Sobre esse quadro, o jornalista João Máximo apontou:

> O jogador brasileiro era imaturo, emocionalmente vulnerável e inseguro. Em uma palavra, ele amarelava. Alguns apontavam, eufemisticamente, para certas características raciais que nos faziam sofrer mais que um anglo-saxão, um gaulês, um nórdico ou um alemão, a terrível lembrança. Não havia outra razão para que o time brasileiro da estreia em Gotemburgo fosse o mais branco possível.[34]

Ao comparar os jogadores brasileiros a artistas, a revista *France Football* foi menos polida em uma publicação de 1957:

> Sendo um artista, e não um atleta, o jogador brasileiro apaixona-se de tal forma por sua arte que se deixa dominar por ela. Tem nervos sensíveis, é um temperamental, um imaturo, um soldado psicologicamente despreparado para a guerra.[35]

As duas análises tinham como base a final da Copa do Mundo de 50. Em um Maracanã novo e lotado, o Brasil perdeu por 2 a 1 para o Uruguai, de virada, e acabou vice-campeão mundial dentro da própria casa. É o único campeão mundial a não ter erguido o troféu quando anfitrião. No imaginário popular, havia três culpados. Bigode, por ter levado um tapa do capitão uruguaio Obdulio Varela (uma história que, depois, se provou inexistente), e por não conter Ghiggia nos dois gols; Juvenal, por não cobrir Bigode; e Barbosa, o goleiro que falhou no gol de Ghiggia. Todos negros.[36] Também caiu sobre os negros a culpa pela eliminação para a Hungria, sucedida por briga generalizada, na Copa de 54, na Suíça.

Para a Copa de 58, na Suécia, o Brasil montou uma estrutura inédita fora

de campo, com chefe de delegação, cozinheiro, preparador físico, nutricionista, dentista e psicólogo. Uma proposta de aliar a técnica do jogador brasileiro a aspectos científicos pouco aplicados no futebol nacional daquela época. A base provinha de um relatório encomendado pelo presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CDB, a CBF da época), João Havelange, ao comandante da Escola de Educação Física do Exército, coronel Antonio Pereira Lima.

O documento apontava a origem humilde e questões raciais como causas desse perfil do jogador brasileiro. O psicólogo da seleção, João Carvalhaes, realizou testes psicotécnicos nos atletas e estabeleceu que quatro deles não tinham condições de defender o país em uma Copa do Mundo. **Garrincha** era um deles, por causa do baixo QI e de seus desenhos impregnados de sua obsessão por sexo. Pelé, com 17 anos, era outro inapto a suportar a pressão do Mundial.[37]

> "**Instrução primária,** inteligência abaixo da média e agressividade zero" foi o diagnóstico que João Carvalhaes fez para Garrincha, em 58. Mesmo com o efeito quase devastador da avaliação, psicólogos passaram a ser presença constante na seleção brasileira em Copas do Mundo. Em 62, porém, Carvalhaes foi substituído. No tetra, em 94, o elenco foi submetido a uma análise similar, mas foi definido que ninguém seria reprovado.

Todos embarcaram para a Suécia. Ao menos na estreia, porém, o que se viu foi uma seleção quase integralmente branca, por medo de repetir o fiasco – sobretudo emocional – das Copas anteriores.

"O psicólogo, dr. Carvalhaes, havia dito que eu e o Garrincha éramos muito jovens, porque a gente vivia fazendo brincadeira, molecagem", relembraria Pelé, meio século depois.[38]

A fórmula caiu por terra após o empate por 0 a 0 com a Inglaterra. Por influência direta de Didi, Feola levou para o time os negros Pelé e Zito, o índio Garrincha e o nordestino Vavá. Na final, contra a Suécia, outro negro apareceria como titular, Djalma Santos. Estava completo o time que entraria para a história como o do primeiro título mundial do futebol brasileiro. O trio Pelé, Garrincha e Vavá foi responsável por 11 dos 13 gols da seleção na última partida da primeira fase e nos três duelos eliminatórios.

"Eles eram infernais. Ninguém os conteria. Se você marcasse o Pelé, Garrincha escapava e vice-versa. Se você marcasse os dois, o Vavá entraria e faria o gol. Eles eram endemoniados", resignou-se Just Fontaine, artilheiro da França, na coletiva depois da semifinal, que terminou com vitória brasileira sobre os franceses por 5 a 2.[39]

13 “Para futebol, cuspe é pior que ofensa racial”, Gazeta do Povo, 17 de abril de 2010.

14 “Para STJD, cusparada é pior que ofensa racial no Palmeiras”, Folha de S.Paulo, 6 de maio de 2010.

15 “L!NET relembra casos de racismo no futebol”, Lance!net, 25 de junho de 2009, disponível em www.lancenet.com.br/libertadores/noticias/09-06-25/569218.stm?futebol-lnet-relembra-casos-de-racismo-no-futebol.

16 Lilia Moritz Schwarcz, “Complexo de Zé Carioca”, Revista Brasileira de Ciências Sociais, número 29, 1995.

17 Mauricio Murad, entrevista a Juliana Poêys para a reportagem “Sociólogo afirma que o preconceito ainda assombra o futebol brasileiro”, site AJEsportes, 12 de abril de 2012, disponível em www.ajesportes.uerj.br/?p=736.

18 Ricardo Pinto dos Santos, páginas 94 e 95.

19 Ricardo Pinto dos Santos, Entre Rivais: Futebol, Racismo e Modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924), Mauad X, 2012, página 88.

20 Mário Filho, O Negro no Futebol Brasileiro, 4ª edição, Mauad X, 2003, página 63.

21 “Negros formaram ligas de futebol informais no início do século XX”, O Globo, 28 de setembro de 2013.

22 Lupicínio Rodrigues, “Porque sou gremista!”, coluna Roteiro de um Boêmio, A Última Hora, 6 de abril de 1963.

23 Bernardo Borges Buarque de Hollanda, “O futebol como alegoria antropofágica: modernismo, música popular e a descoberta da ‘brasilidade’ esportiva”, revista Artelogie, número 1, setembro de 2011.

24 “O football e os empregos”, revista Sport Illustrado, 15 de janeiro de 1921.

25 Mário Filho, página 121.

26 Mário Filho, páginas 133 e 134.

27 Mário Filho, página 123.

28 Mário Filho, página 223.

29 Mário Filho, página 221.

30 Mário Filho, página 225.

31 André Kfouri e Paulo Vinícius Coelho, Os 100 Melhores Jogadores Brasileiros de Todos os Tempos, Ediouro, 2010, página 120.

32 Luiz Carlos Duarte, Friedenreich: A Saga de um Craque nos Primeiros Tempos do Futebol Brasileiro, Casa Maior, 2012, página 209.

33 João Máximo e Marcos de Castro, Gigantes do Futebol Brasileiro, Civilização Brasileira, 2011, páginas 83 e 85.

34 João Máximo, “O melhor time finalmente não amarelou”, O Globo, Caderno de Histórias, 2000.

35 Ernesto Rodrigues, Jogo Duro: A História de João Havelange, Record, 2007, página 61.

36 Mário Filho, páginas 288 e 289.

37 Ernesto Rodrigues, páginas 63 e 64.

38 Daniel Piza, “Meio século de um mito”, O Estado de S. Paulo, 20 de abril de 2008, páginas 8 e 9.

39 Teixeira Heizer, O Jogo Bruto das Copas do Mundo, Mauad, 2001, página 125.



REICH
FRIEDEN

NOSSO PRIMEIRO CRAQUE ERA BOÊMIO, CANELUDO E MENOS GOLEADOR QUE O TÚLIO MARAVILHA

A tradição oral é a grande fonte de registros do início do futebol brasileiro. Tudo feito nos gramados do país até o surgimento da televisão, em 1950, foi transmitido de uma geração a outra a partir de relatos dos poucos que viram a história acontecer – e dos relatos de quem ouviu esses relatos, e assim sucessivamente. Uma construção quase bíblica, com a diferença de que a inspiração divina não estava em quem escrevia os evangelhos futebolísticos, mas nos seus personagens. E com a semelhança crucial de permitir a criação de lendas e divindades não necessariamente reais; ou, no mínimo, muito mais fantásticas que a realidade.

Nesse cenário, Nelson Rodrigues, Mário Filho e Armando Nogueira surgem, com suas crônicas, como os grandes evangelistas do futebol brasileiro. E o livro *Gigantes do Futebol Brasileiro*, como o Velho Testamento dos gramados. Escrita pelos jornalistas Marcos de Castro e João Máximo e publicada em 1965 com prefácio do escritor Paulo Mendes Campos, a obra perfila 13 jogadores: 12 apóstolos mais O Escolhido, Pelé, responsáveis por transformar o Brasil na maior referência de futebol bem jogado no planeta.

A edição exclui Didi e Ademir de Menezes, ídolos nacionais nos anos 40 e 50 – omissão que motivou duras críticas de João Saldanha, jornalista e, pouco tempo depois, técnico da seleção. O livro perpetuou logo no primeiro capítulo, como se narrasse o Gênesis do futebol brasileiro, uma das maiores lendas do esporte: a de que seria o paulista Arthur Friedenreich, e não Pelé, o maior artilheiro da história.

“Nenhum outro jogador do futebol sul-americano alcançou, até hoje, o número de gols por ele conquistados, desde sua primeira partida oficial: 1.329

registrados pela CBD [Confederação Brasileira de Desportos, atual CBF], reconhecidos pela Fifa e admirados por várias gerações de futebol", relata a primeira edição do livro.[40]

A afirmação se baseava em dados do jornalista Adriano Neiva da Mota e Silva, conhecido como De Vaney, dono de um dos maiores acervos de fichas de partidas do futebol brasileiro: mais de 30 mil. O calhamaço permitiu a ele cravar que o milésimo gol de Pelé seria marcado em 19 de novembro de 1969. Também o embasou para escrever no livro *Os Imortais do Futebol Brasileiro*, de 1963, que havia sido Friedenreich o primeiro jogador em todo o mundo a romper a barreira dos mil gols. Contabilizou ele:

> Nos 24 campeonatos paulistas em que tomou parte, e dos quais foi, durante vários anos, o principal goleador, Arthur Friedenreich marcou 354 tentos. No selecionado paulista assinalou 62 gols e na representação brasileira anotou 13 pontos, num total de 429 oficiais. Somando os amistosos, Fried marcou mais de mil gols.[41]

O número levantado por De Vaney e arredondado pela dupla Castro-Máximo rapidamente ganhou o mundo. O escritor uruguaio Eduardo Galeano, autor do cultuado livro *Futebol ao Sol e à Sombra*, dedica algumas linhas ao "filho de um alemão e uma lavadeira negra que jogou durante 26 anos na primeira divisão sem receber um único centavo". Tudo porque "ninguém fez mais gols que ele na história do futebol. Fez mais gols que o outro grande artilheiro, Pelé, também brasileiro, que foi o maior goleador do futebol profissional. Friedenreich somou 1.329 gols. Pelé, 1.279".[42] O Rei, na verdade, fez três gols a mais, fechando a conta em 1.282.

Atingir essa marca teria sido fácil para Friedenreich por causa de uma das suas especialidades: cobrança de pênalti. Já aposentado, explicava:

> Nunca perdi um pênalti. Em toda a minha carreira, observei muito a maneira de os goleiros se posicionarem na hora da cobrança de penalidade máxima. Percebi que o melhor lugar para chutar era o canto esquerdo do arqueiro, porque só canhotos ali pulavam. Os demais, a grande maioria destra, caía para a direita. Encontrei, assim, o ponto fraco dos goleiros.[43]

A versão de Friedenreich ganhou contornos de verdade absoluta quando um jornal esportivo estampou em manchete: "**El Tigre** bateu 500 pênaltis e não perdeu nenhum".[44]

Friedenreich virou El Tigre após marcar o gol do título do Brasil no Sul-Americano de 1919, na vitória por 1 a 0 sobre o Uruguai. A homenagem partiu dos derrotados, escrita em um pergaminho assinado pelos 11 jogadores: “Nós, componentes da seleção uruguaia, conferimos ao sr. Arthur Friedenreich, o título de El Tigre, por ter sido o mais perfeito centroavante do Sul-Americano”.[45]

A história do artilheiro mais prolífico que Pelé ultrapassou as fronteiras brasileiras. Nos anos 80, o *Guinness Book* incluiu Friedenreich em suas páginas como o maior goleador do futebol mundial. A Fifa referendou a marca. Franz Beckenbauer, maior ídolo da história do futebol alemão e presidente do Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2006, exaltou, pouco antes de a bola rolar em seu país, o feito do jogador de origem germânica nascido no Brasil.

Mais do que uma façanha estatística, a marca de Fried era seu atestado de imortalidade, como aquele que fez surgir um novo estilo de jogo: o legítimo futebol brasileiro.

Um jogador mestiço, com um pé na casa-grande e outro na senzala, serviu muito bem aos desvarios dos intelectuais mais alucinados. Eduardo Galeano enaltece:

> Este mulato de olhos verdes fundou o modo brasileiro de jogar. Rompeu com os manuais ingleses: ele, ou o diabo que se metia pela planta de seu pé. Friedenreich levou ao solene estádio dos brancos a irreverência dos rapazes cor de café que se divertiam disputando uma bola de trapos nos subúrbios. Assim nasceu um estilo, aberto a fantasia, que prefere o prazer ao resultado. De Friedenreich em diante, o futebol brasileiro que é brasileiro de verdade não tem ângulos retos, do mesmo jeito que as montanhas do Rio de Janeiro e os edifícios de Oscar **Niemeyer**.[46]

Em 1947, a prefeitura do Rio abriu concurso para escolher o projeto do Maracanã. Niemeyer apresentou uma proposta com uma cobertura lisa de concreto sustentada por um enorme arco e… arquibancada só de um lado do campo. A ideia bizarra cativou o presidente Getúlio Vargas, mas foi descartada, entre outras coisas, por ser incompatível com o solo argiloso onde foi erguido o estádio.

A miscigenação foi descrita pelo próprio Friedenreich nos originais de uma autobiografia ainda não publicada: “Meu pai era alto, com seu metro e oitenta e cinco. Delgado, forte, barbicha, cabelos crespos e loiros, rosto magro onde brilhavam olhos verdes vivíssimos. Minha mãe, pelo pouco que me lembro, era magra, bem mais baixa que meu pai, morena, olhos pretos, muito calada”.

Uma combinação única, cujo resultado foi transformado em divino pela tradição oral. Mas, na verdade…

Fried fez menos gols que Túlio Maravilha

Friedenreich jamais contabilizou seus gols. Não era um hábito da época em que jogou, entre 1909 e 1935. Também não havia rigor no registro de dados das partidas pelos jornais, tampouco um controle organizado das súmulas por parte das associações que organizavam o futebol brasileiro.

Exatamente por isso, De Vaney ficou exultante quando viu as anotações de Mário de Andrada e Silva, companheiro de Fried no Clube Atlético Paulistano, entre 1918 e 1929. Tratava-se de um conjunto de súmulas de partidas com todos os gols de El Tigre. Dali De Vaney tirou a conclusão dos mais de mil gols do atacante, publicada em seu livro *Os Imortais do Futebol Brasileiro,* de 1963, e ampliada dois anos depois em *Gigantes do Futebol Brasileiro*.

No jornal *A Tribuna*, de Santos, em 1978, De Vaney relatou:

> Eu estive com essa relação nas mãos. Pertencia a um amigo seu e colega da equipe do Paulistano, o Mário de Andrada, que me prometeu tirar uma cópia. Não chegou a transcorrer um mês que Mário me fizera esse oferecimento, e eis que ele, ao vir dirigindo seu carro, de São Vicente para Santos, sofreu um infarto que o matou logo após estacionar o automóvel. Deixei transcorrer três meses e fui à casa de Mário. Foram baldados todos os esforços de sua viúva e de seu filho no sentido de ser encontrado o envelope, tipo ofício, em que Mário guardava a relação dos gols de Friedenreich.[47]

Sem a prova material dos 1.329 gols, partiu-se para uma nova versão, a de uma troca de algarismos. Seriam, na verdade, 1.329 súmulas, registrando 1.239 gols. A nova marca deixava Fried atrás de Pelé, mas ainda assim com mais de mil bolas na rede ao longo da carreira. Faltaria apenas a comprovação, que jamais existiu.

Uma reportagem da revista *Placar* do início dos anos 80 culpa a família de Andrada e Silva pelo desaparecimento do raro material. “Havia sido despejado no lixo, pois a família, desinteressada em futebol, achou que era coisa velha e sem serventia”, relata o texto.[48]

A teoria foi rebatida pelo jornalista Mário Andrada e Silva, neto e homônimo do ex-jogador do Paulistano. Segundo ele, a avó era uma intelectual, escritora de livros de educação infantil habituada a guardar jornais e papéis velhos.[49] Não era o perfil de quem jogaria uma coleção de mais de mil súmulas no lixo sem ao menos verificar o valor histórico do que tinha em mãos.

A dúvida perdurou até 1999, ano em que o jornalista e historiador Alexandre da Costa publicou *O Tigre do Futebol: Uma Viagem aos Tempos de Arthur Friedenreich*. A partir de pesquisa em jornais e registros da primeira metade do século 20, catalogou e contabilizou todos os jogos e gols de El Tigre. São 580 jogos com 568 gols.

"Ele não fez 1.329 gols, nem poderia ter feito. Era um tempo em que os jogos que valem para a contabilidade oficial não permitiriam a ele fazer tanto gol. A conta do Alê é a mais certa. Mesmo assim, é gol pra cacete", diz César Oliveira, editor da autobiografia inédita de Friedenreich.[50]

A segunda edição de *Gigantes do Futebol Brasileiro*, publicada em 2011, faz o mea-culpa pela propagação da lenda e põe em evidência a conta de Costa. João Máximo escreve:

> Outra lenda sobre o artilheiro, em cuja armadilha a primeira edição deste livro caiu, foi o levantamento sobre títulos e gols marcados por Friedenreich. Os gols, 1.329! Alexandre da Costa, jovem jornalista nascido 12 anos depois desse espantoso número chegar ao público, deu-se ao trabalho de restabelecer o certo.[51]

Setecentos e catorze gols a menos que Pelé – 761 a menos que o total que, por décadas, acreditou-se que ele tinha feito. É menos até do que a marca de Túlio Maravilha, o falastrão atacante brasileiro em atividade desde os anos 80 e que, na segunda década do século 21, já quarentão, estendia a carreira em busca do milésimo gol. Em suas contas anárquicas, Túlio chegou à marca dos mil em fevereiro de 2014.

Um levantamento bem mais isento, feito em 2011 pelo site GloboEsporte.com, chegou a 516 gols feitos por Túlio Maravilha.[52] No entanto, havia 124 gols atribuídos às suas passagens por três clubes goianos – Vila Nova (1999 a 2001, 2007 e 2008), Atlético Goianiense (2003) e Anapolina (2004) – cuja veracidade não havia sido confirmada pelas equipes. A confirmação desses gols fecharia a conta em 640, 72 a mais que Friedenreich.

Dois anos antes, o jornalista esportivo Rodolfo Rodrigues, especialista em estatísticas, já trazia um número que colocava Túlio Maravilha acima de El Tigre.[53] Eram 725 gols registrados. Entre brasileiros, artilharia inferior somente às de Pelé (1.282) e Romário (899). Mais que suficiente para superar o primeiro grande goleador do futebol nacional.

A conta reconhecida de 568 gols desfaz outra lenda: a de mais de 500 pênaltis batidos, nenhum perdido. No Campeonato Paulista de 1920, Flosi,

goleiro do Palestra (atual Palmeiras), pegou um pênalti cobrado por Friedenreich, então jogador do Paulistano. Em *Os Reis do Futebol*, Araken Patusca, histórico jogador do início do século passado, fala de outra penalidade desperdiçada durante excursão do clube à Europa.[54]

Jornalista e amigo de Friedenreich, Geraldo Lunardelli relata que o próprio jogador se deliciava com as histórias em torno de si, além de alimentá-las, como no caso dos pênaltis. “Indaguei-o sobre o assunto e o craque, satisfeito, comentou: ‘Uma mentirinha não faz mal nenhum’. Era uma forma de manter vivo o **mito Arthur Friedenreich**. Ele sabia disso. E conseguiu”, conta Lunardelli,[55] testemunha de mais de uma penalidade perdida pelo atacante.

> **Friedenreich não** fez mais gols que Pelé, mas registrou uma marca que o Rei só conseguiu bater 40 anos mais tarde. Em 16 de setembro de 1928, o Paulistano fez 9 a 0 no União da Lapa, pelo Campeonato Paulista. Fried anotou sete gols, um recorde em uma só partida. A façanha levou 36 anos para ser superada, com os oito gols de Pelé no 11 a 0 do Santos sobre o Botafogo de Ribeirão Preto, dia 21 de novembro de 1964, também pelo Paulista.[56]

Apesar de menos fantástica que a lenda, a artilharia de Friedenreich o coloca, sim, um degrau acima de Pelé. Com 1.282 gols em 1.367 partidas, o Rei encerrou a carreira com média de 0,94 bola na rede por jogo. Fried, com 568 em 580 jogos, ostenta uma média de 0,98 gol por partida. Com o mesmo número de jogos de Pelé, teria marcado 57 vezes mais que o maior jogador de futebol de todos os tempos.

“Fried não foi rei, não fez mais de mil gols. Não se impressione com as mentiras. Fique com as verdades. Essas já fazem de Arthur Friedenreich um jogador de poucos similares.”[57]

Fried **aprendeu** a fazer gol com um **alemão caneludo**

César Oliveira é botafoguense, publicitário e editor de livros. A combinação entre os três predicados fez com que uma relíquia chegasse às suas mãos.

Ao descobrir que Carlos Pedrosa, com quem havia trabalhado nos anos 80, era filho de Milton Pedrosa, pioneiro na edição de livros sobre futebol no

Brasil, entrou em contato com o antigo companheiro de agência. Queria reeditar o acervo de Milton, base da coletânea *Gol de Letra*, uma das referências na literatura esportiva brasileira. Foi à casa de Vânia, irmã de Carlos, e começou a descobrir um tesouro.

"Ela me deu um monte de livros, documentos… Uma semana depois, me ligou dizendo que tinha arrumado muito mais coisas. Engraçado que a Vânia disse: 'Tem um negócio do Friedenreich aí no meio'",[58] conta ele com a voz começando a ficar embargada.

O "negócio do Friedenreich" era uma pasta rosa, com 150 páginas de uma biografia do atacante, inédita, escrita em primeira pessoa por um *ghost writer*, o jornalista Paulo Várzea. Havia, ainda, um envelope com uma centena de fotos da época de El Tigre, todas meticulosamente identificadas no verso, e uma carta escrita por Joana, mulher de Fried, autorizando a publicação da obra. Também uma carta de Araken Patuska, um texto de Formiga, seus companheiros de Paulistano e **seleção brasileira**, e um autógrafo com dedicatória de Leônidas da Silva, tudo feito especificamente para o livro.

> **Friedenreich esteve em** campo no primeiro jogo da história da seleção brasileira: a vitória por 2 a 0 sobre o Exeter City, da Inglaterra, no Rio de Janeiro, em 21 de julho de 1914. Osman e Oswaldo Gomes fizeram os gols. Fried teve atuação elogiada. Sua trajetória na seleção teria 22 jogos e dez gols.

A biografia descreve a infância e a adolescência de Friedenreich e seus primeiros anos no futebol. Traz a gênese do jogo da primeira lenda dos gramados brasileiros nas palavras dele próprio. Destaca, ainda, a importância de um personagem que vai na contramão da ideia de que no jogo de Fried prevalecia o sangue brasileiro, o que faria dele o pai do "jogo bonito" que notabilizou o futebol do país mundo afora. César Oliveira conta:

> Ele tinha a picardia do jogador brasileiro, mas teve a ajuda decisiva de um técnico alemão que jogava no Brasil. Vendo ser ele um cara franzino, o instigou a se desenvolver fisicamente em um tempo em que não havia preparação física no Brasil e a aprimorar as qualidades técnicas. Ele fazia o Friedenreich cabecear, chutar com as duas pernas.[59]

O próprio Fried reconhecia o papel preponderante do técnico alemão na sua formação como jogador, acima inclusive de outro ícone dos primeiros anos do futebol no Brasil. "Fui aperfeiçoando meus recursos olhando Charles Miller, chutando a redonda sob seu olhar, que foi assim como o meu professor

primário. Mas coube a Hermann Friese me ensinar o secundário e o superior. Com ele, comecei a subir a ladeira e cheguei à efetivação no nível mais alto do futebol", descreveu em depoimento presente na biografia inédita.

Hermann Friese nasceu em Hamburgo, na Alemanha, em maio de 1882. Versátil, em seu país tinha a fama de valer por um time inteiro. Valia por uma delegação inteira. Além do sucesso nos gramados, foi campeão nas pistas de atletismo em provas totalmente distintas: as rápidas, 100 e 200 metros, e as de resistência, 1.500 e 3.000 metros. Era chamado de atleta perfeito.

Imigrou para o Brasil em 1903 e rapidamente tornou-se um dos grandes nomes do recém-nascido futebol nacional. Foi artilheiro do Campeonato Paulista por três anos seguidos, de 1905 a 1907. Ainda assim, entrou para o dicionário boleiro como inventor da marreta – recurso violento, porém lícito, de usar o ombro nas disputas corpo a corpo.[60]

Friese e Friedenreich se uniram no Germânia, clube de imigrantes alemães de São Paulo que deu origem ao atual Pinheiros. Friese era o treinador e interveio para derrubar a barreira racial do clube, que não admitia negros ou mestiços nos seus quadros. Fried permaneceu seis meses na equipe, até transferir-se para o Ypiranga, clube que trocou pelo Paulistano em 1915. Ainda assim, seguiu ouvindo os ensinamentos do mestre que moldou seu jogo.

Com a preparação física sem precedentes para a época, adquiriu uma resistência que permitia a ele aguentar até três partidas no mesmo dia, entre as competições oficiais com seus clubes e torneios na várzea. Um raro filme da excursão do Paulistano à França, em 1925, deixa clara essa disparidade. Registradas em preto e branco, com uma câmera estática atrás do gol e trilha sonora instrumental, as cenas em ritmo lento lembram obras de Charles Chaplin, famosas na época. Friedenreich destoa. É o único em rotação normal.

Com as orientações técnicas do mestre, deixou seu jogo mais objetivo, sem gorduras do virtuosismo que já pontuava o estilo de vários outros atacantes brasileiros. "Um dia, [Friese] disse-me: 'Você está se apoderando de um soberbo domínio de bola. Precisa aproveitá-lo bem em favor do conjunto. Fique com o couro apenas o tempo necessário para atrair um adversário, dois quando muito. Manobra boa para abrir buraco na defesa'", escreveu Friedenreich em suas memórias.[61] "O Friese insistiu para que ele chutasse com as duas pernas com eficiência e cabeceasse. Não se levantava bola na área. O futebol era um jogo de passes e dribles. Driblava e passava", complementa César Oliveira.[62]

Chutes com as duas pernas, jogo aéreo, passes e dribles econômicos.

Velocidade, resistência e força física para aguentar pancadas mesmo com um corpo de 1,72 metro e 52 quilos. Friedenreich jogava um futebol totalmente na contramão do praticado no Brasil. Mesmo quando recorria à arte, evitava os "dribles de engano", como batizaram os argentinos – tais dribles consagraram Formiga, Neco e Mário Andrada, que usavam até oito fintas em uma mesma jogada de ataque.

O jornalista Max Valentim, no livro *O Futebol e Sua Técnica*, descreveu: "A finta de Friedenreich desenvolvia-se numa série de velozes, hábeis, pequenos desvios do couro a cargo sobretudo da face externa das botas, dando-lhe grande penetração, o que lhe proporcionava em poucos segundos o ganho de espaço para conseguir a posição do arremate".[63] Formiga, Neco e Andrada conduziam a bola com o lado interno do pé, o que exigia um tempo maior para preparar o chute.

No livro *O Football em São Paulo*, de 1918, Leopoldo Sant'Anna definiu:

> Distribui com calma, com precisão, os seus cabeceios são certeiros e os tiros finais fortíssimos. Não é jogador egoísta, não abusa dos dribles, do jogo pessoal. Mesmo à porta do gol, vendo um companheiro mais bem colocado, não titubeia em passar a bola. É, afinal, jogador que não faz jogo para as arquibancadas e sim para o conjunto.[64]

O gol mais famoso de Friedenreich, que deu ao Brasil o título **sul-americano de 1919**, contra o Uruguai, é um ótimo exemplo do seu jogo simples. As descrições do lance na imprensa apontam para um gol antológico.

> **A gripe espanhola** provocou o adiamento do Sul-Americano de 1918. Com a mudança, a CBD desconvocou a seleção e pediu a devolução do dinheiro adiantado para a viagem. Friedenreich, Neco e Amílcar haviam gastado tudo com roupa nova, malas e presentes para os amigos cariocas, entre outras coisas. Foram suspensos sob acusação de profissionalismo. A pena acabou revogada por influência do escritor Coelho Neto, ligado ao Fluminense.[65]

"Saporatti [goleiro uruguaio] defende e a bola volta a Friedenreich durante grande confusão à porta das redes uruguaias. Friedenreich desvia dos adversários e marca o ponto", escreveu o *Correio da Manhã*.

"Neco, correndo pela extrema direita, centra a bola, e Friedenreich apanhando-a ainda no ar em um de seus costumeiros *rushes* fez estremecer as redes uruguaias", relatou o *Jornal do Brasil*.

"Varella defendeu, mandando a bola para junto de Friedenreich. Este, ligeiro, após desvencilhar-se de Foglino, enviou um chute rasteiro, indo a bola

aninhar-se no canto esquerdo do gol", descreveu o *Jornal do Commercio*.

"Friedenreich, bem colocado, com um lindo chute de meia-altura, consegue o ponto da vitória brasileira", destacou na capa *O Paiz*, abaixo de uma foto da perna esquerda do atacante.

O **gol**, na realidade, foi bem mais simples, como o próprio Friedenreich detalhou em carta enviada ao jornalista Max Valentim e publicada na reedição de *O Futebol e Sua Técnica*:

> **O gol do título** sul-americano de 1919 rendeu diferentes homenagens a Friedenreich. Suas chuteiras, enlameadas, foram expostas na vitrine da mais chique joalheria carioca, na rua do Ouvidor. A agonia pela espera do gol, marcado após 150 minutos de jogo e duas prorrogações, inspirou Pixinguinha e Benedito Lacerda a compor, no fim dos anos 20, o choro 1 x 0.[66]

> Neco enganou tão bem Foglino na finta de corpo, que o capitão uruguaio foi no engodo de cama ou de carrinho, jogando todo o corpanzil pela linha de *touch* [lateral] afora. De cima da linha de gol, agora desimpedida, centrou alto Neco, ligeiramente para trás. Corri para a cabeçada, prendendo completamente a atenção do goleiro Saporatti, mas a bola me encobriu e foi até Heitor, que emendou muito bem de testa. Mal colocado para defender esse arremate, ainda assim Saporatti torceu-se todo e puxou o couro, que ia vazando a meta, com as mãos em concha, jogando-a a meus pés. A rede uruguaia estendia-se enorme, diante dos meus olhos, não tive mais que cutucar a esfera para fazê-la rolar até lá.[67]

Um gol simples. Sem virtuosismos. Sem excessos. Mas mortal, feito por um legítimo centroavante trombador.

Friedenreich gostava da noite tanto quanto Romário e Adriano Imperador

A situação é tão recorrente que já virou caricata: Pelé referindo-se a si mesmo na terceira pessoa. Ora como Pelé, o maior jogador de futebol da história. Ora como Edson, o cidadão comum que, regularmente, comete graves deslizes que arranham o nome da persona mais famosa. Uma autorreferência que tem Friedenreich como pioneiro.

"É como se o Arthur fosse uma entidade. Quando falava da vida pessoal, era eu. Mas quando era o jogador, era o Arthur. É a primeira vez que isso

aparece", diz César Oliveira, editor da autobiografia não publicada de El Tigre.[68]

A referência em terceira pessoa mostra um lado boleiro de Arthur Friedenreich. E o primeiro grande nome do futebol brasileiro não fugia ao estigma que já marcava os jogadores na época. O escritor Rui Barbosa usou amáveis termos para definir o grupo – Fried incluído – que defenderia o Brasil no Campeonato Sul-Americano de 1916: corja de vagabundos e malandros.[69]

Friedenreich tinha uma vida noturna de fazer inveja a Romário e Adriano Imperador. Gostava de seresta, não recusava uma mesa de pôquer e frequentava cabarés. Um pacote presente na lendária viagem do Paulistano para amistosos na França, em 1925. O clube voltou da Europa com apenas uma derrota em dez jogos. A excursão foi embalada pelos acordes da banda Bagunça, formada dentro da delegação de 19 jogadores.

O conjunto equipou-se na primeira parada da viagem, no Rio de Janeiro. Com o dinheiro de uma vaquinha, os jogadores compraram violão, violino, cavaquinho e ocarina de metal. Pedaços de madeira encontrados a bordo viraram um reco-reco e um chocalho foi adaptado a partir de uma lata recheada de grãos de café. O repertório, apresentado todas as noites no navio *Zeelandia*, era composto por choros e maxixe, precursor do samba.

A única foto da banda traz Friedenreich no violão, Miguel no violino e piano, Araken Patusca no chocalho e Netinho com uma caixa de fósforo transformada em instrumento de sopro. Piano e clarineta foram entregues a outros passageiros. O retrato traz Fried trajado como um típico boêmio: calças claras e paletó esportivo com listras verticais vermelhas e brancas, mais um lenço de seda no pescoço – ornamento típico da malandragem dos anos 20. O acessório servia de proteção contra os ataques de navalha, cujo fio cegava em contato com a seda e não cortava o tecido. Friedenreich estava pronto para a festa e para a briga.[70]

Durante a travessia do oceano Atlântico, quando não estava com o violão na mão, Fried estava em uma mesa de pôquer. Hábil, derrotá-lo no carteado era tão difícil quanto marcá-lo dentro do campo.

O estilo *bon vivant* por pouco não fez Fried voltar mais cedo da França. Preocupado com os encantos dos famosos cabarés parisienses, o presidente do Paulistano, Antônio Prado, dizia aos jogadores que tudo na cidade podia ser visto de dia, pois os bares abriam às duas da tarde. Assim, havia um toque de recolher às 11 da noite.[71]

Para fugir do frio intenso do inverno europeu, Netinho e Fried resolveram

parar em um bar para se aquecer e beber. Após várias taças de vinho, perderam a hora. Voltaram ao hotel às três da manhã e deram de cara com Antônio Prado no saguão.

Fried ainda tentou enganar o dirigente. Disse que havia ido ao Longchamps, hipódromo nos arredores de Paris. Assistiu às corridas, mas perdeu o trem da volta. Sem conseguir encontrar um táxi, fez parte do caminho a pé e parte de metrô – história reforçada por ricos detalhes sobre os páreos e os frequentadores do prado. "Sabe, meu velho. Hoje não houve corrida em Longchamps, devido à chuva. Veja nos jornais vespertinos que todos noticiam a suspensão da mesma", cortou Prado, diante de um lívido Friedenreich.[72] O dirigente estava decidido a mandar os dois fujões para São Paulo no primeiro navio. Foi necessária a intervenção do embaixador brasileiro na França para que ele desistisse.

Não foi a primeira escapada de Fried no exterior. Jornais acusaram Floriano, Fortes, Filó e ele de serem frequentadores assíduos de cabarés, hábito que teria se manifestado durante a participação do Brasil no Campeonato Sul-Americano de 1922, na Argentina. A vitória por 5 a 2 sobre o Paraguai, na estreia, deu início a um carnaval fora de época para a delegação brasileira, que empreendeu vários dias de comemorações nos cinemas, teatros e cabarés de Buenos Aires. Saga boêmia admitida anos depois pelo médio central Floriano, no livro *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol*.

"Passamos a noite nos cabarés, entre tangos, milongas e belas chicas. Ainda assim tivemos coragem de entrar na cancha para enfrentar o preparado conjunto da Argentina. Fomos sovados: 4 a 1", confessou.

Na manhã seguinte à derrota, uma cartilha foi baixada na concentração brasileira. Entre as medidas, chamavam atenção a proibição ao carteado, ao consumo de bebida alcoólica e à saída do hotel após o jantar, além da imposição de um toque de recolher às 11 horas da noite. Após a linha dura, o Brasil voltou a vencer os paraguaios por 3 a 1, mas empatou por 2 a 2 com a Argentina e acabou vice-campeão.[73]

Já aposentado, Friedenreich foi contratado pela Companhia Antárctica Paulista como coordenador de propaganda da empresa no interior de São Paulo. O jornalista Geraldo Lunardelli conta uma história em que Fried uniu o útil ao agradável:

> Ao chegar a Presidente Prudente, foi apresentado à maior beberrona da cidade. Alta, gorda e presunçosa, não perdia a oportunidade de desafiar qualquer homem que chegasse em seu boteco

> favorito. Não foi diferente com Fried, que também adorava uma cervejinha e não relutou em aceitar o desafio proposto: ver quem bebe mais até não aguentar. Por mais de seis horas esvaziaram garrafas e garrafas de cerveja, até que a campeã do pedaço se sentiu incapaz de prosseguir na disputa. Fried venceu o torneio inusitado e garantiu uma bela comissão com a venda de suas cervejas na região. Era a profissão que pedira a Deus.[74]

Ou melhor: era a profissão que todo boleiro pedira a Deus.

Fried tinha vergonha de ser preto

A combinação entre o sangue alemão do pai, Oskar, e o negro da mãe, Mathilde, deu a Arthur Friedenreich uma genética rara para o Brasil do início do século 20. Uma mistura capaz de aliar a disciplina e a obstinação germânicas à ginga e à criatividade brasileiras. Na prática, transformou-se em um dilema que acompanhou Fried durante quase toda a carreira.

A filiação alemã fazia com que sua cor morena passasse despercebida nos corredores do clube Germânia. Não apenas pela intervenção de Hermann Friese, que derrubou a barreira racial para ter Arthur no time de futebol, como pela boa relação do pai. Oskar e a família deixaram Blumenau, onde era comerciante, no fim do século 19, em meio a dificuldades financeiras decorrentes da abolição da escravatura. Receberam ajuda, inclusive financeira, de outros imigrantes alemães para se estabelecer em São Paulo. Solidariedade que fazia vistas grossas para o relacionamento com a lavadeira Mathilde.[75] Mesmo assim, Fried durou apenas seis meses no Germânia, “por não ir com a cara daqueles alemães mascarados”.[76] Os olhares de espanto e reprovação o perseguiriam também no Ypiranga e no Paulistano.

Na várzea, eram os olhos verdes e o sobrenome europeu que acabavam ignorados. Desta feita, por aquilo que ele fazia dentro de campo. César Oliveira compara:

> Na várzea ele não tinha problema porque jogava pra cacete. No Paulistano, se a gente projetar nos dias de hoje, se um quatrocentão muito rico apresentar sua esposa negra, certamente vai causar espécime. Se ele aparecer lá com um filho mulato, mais ainda. Mas no Paulistano ou na várzea, ele era bem recebido porque era um craque.[77]

Antes de entrar em campo, Fried gastava horas alisando o cabelo com gomalina. Prendia tudo com uma redinha. Uma operação que se mostrava inútil e que várias vezes quase o fez perder jogos. Na primeira cabeçada, a armação se desfazia e o cabelo não negava a origem miscigenada do atacante.[78]

Nas partidas que opunham times de brancos e negros ao longo dos anos 20, Fried sempre optava pelo time dos brancos. A exceção foi em 1929, quando participou de um selecionado de negros formado pela Liga Amadora de Futebol (LAF), que foi ao Rio enfrentar a seleção branca da Liga Metropolitana carioca. Vitória por 6 a 2 da "falange de ébano", exaltada pelo jornal *Folha da Noite*. "Um urra entusiasmado ao conjunto preto, pontilhado por uma estrela branca de inconfundível prestígio: Friedenreich", propunha o autor.[79]

40 Luiz Carlos Duarte, Friedenreich: A Saga de um Craque nos Primeiros Tempos do Futebol Brasileiro, Casa Maior, 2012, página 226.

41 Luiz Carlos Duarte, página 226.

42 Eduardo Galeano, Futebol ao Sol e à Sombra, L&PM Pocket, 2004, página 49.

43 Alexandre da Costa, O Tigre do Futebol: Uma Viagem aos Tempos de Arthur Friedenreich, Dórea Books and Arts, 1999, página 44.

44 Idem.

45 Orlando Duarte e Severino Filho, Fried Versus Pelé, Makron Books, 2000, página 58.

46 Eduardo Galeano, página 49.

47 Luiz Carlos Duarte, página 227.

48 Carlos Maranhão, "Os 1.239 gols de El Tigre", revista Placar, disponível em www.netvasco.com.br/mauroprais/futbr/fried.html.

49 Luiz Carlos Duarte, página 227.

50 Em entrevista aos autores deste livro.

51 João Máximo e Marcos de Castro, Gigantes do Futebol Brasileiro, Civilização Brasileira, 2011, página 30.

52 Mariana Kneipp, "Dossiê Túlio 1.000: memória e matemática em busca de um sonho", GloboEsporte.com, 18 de fevereiro de 2011, disponível em http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/02/dossie-tulio-1000-memoria-e-matematica-em-busca-de-um-sonho.html.

53 Rodolfo Rodrigues, "Túlio é o terceiro maior artilheiro do Brasil em todos os tempos", blog Futebol em Números, 16 de outubro de 2009, disponível em

http://colunistas.ig.com.br/futebolemnumeros/2009/10/16/tulio-e-o-terceiro-maior-artilheiro-do-brasil-em-todos-os-tempos.

54 Orlando Duarte e Severino Filho, página 79.

55 Alexandre da Costa, página 44.

56 Luiz Carlos Duarte, página 189.

57 André Kfouri e Paulo Vinícius Coelho, Os 100 Melhores Jogadores Brasileiros de Todos os Tempos, Ediouro, 2010, página 89.

58 Em entrevista aos autores deste livro.

59 Idem.

60 João Máximo e Marcos de Castro, página 14.

61 “Friedenreich conta a sua história”, O Estado de S. Paulo, 8 de novembro de 2011, página E8.

62 Em entrevista aos autores deste livro.

63 Luiz Carlos Duarte, página 105.

64 Orlando Duarte e Severino Filho, página 27.

65 João Máximo e Marcos de Castro, páginas 20 e 21.

66 Beto Xavier, Futebol no País da Música, Panda Books, 2009, página 25.

67 Luiz Carlos Duarte, página 100.

68 Em entrevista aos autores deste livro.

69 Hilário Franco Júnior, A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura, Companhia das Letras, 2007, página 69.

70 Luiz Carlos Duarte, páginas 154 e 155.

71 Alexandre da Costa, páginas 39 e 40.

72 Orlando Duarte e Severino Filho, página 47.

73 Luiz Carlos Duarte, páginas 177 a 179.

74 Alexandre da Costa, página 63.

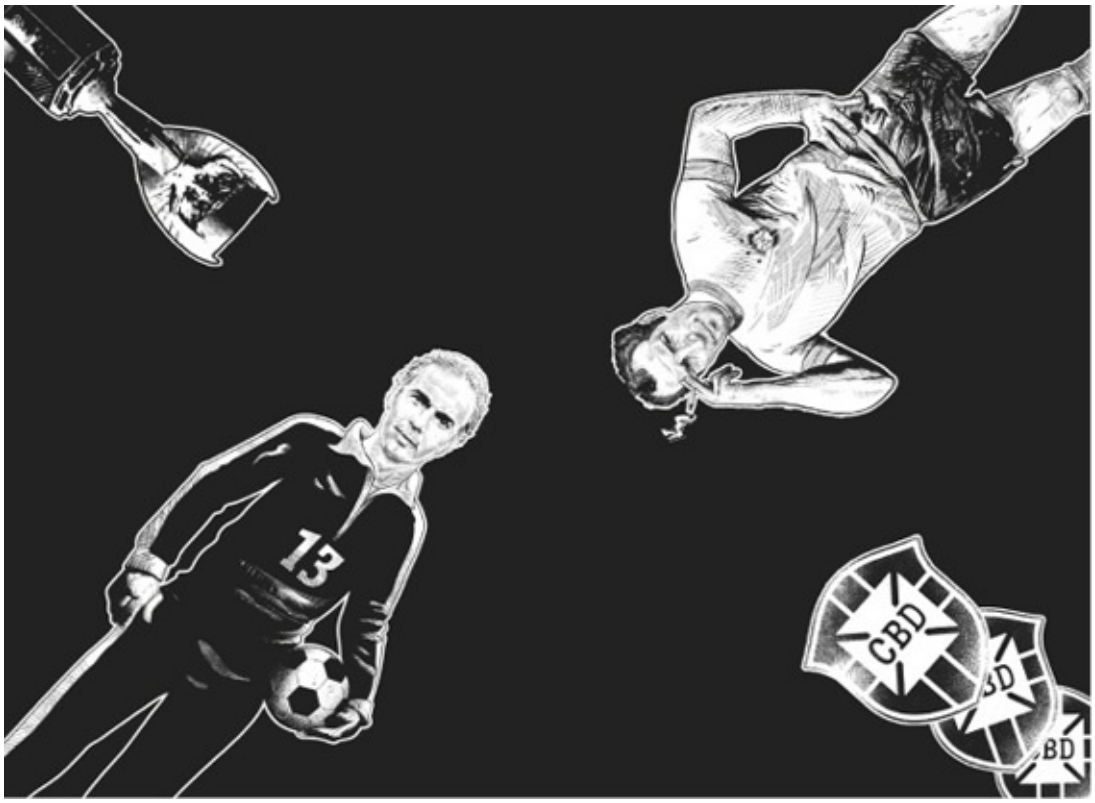
75 Luiz Carlos Duarte, página 16.

76 Orlando Duarte e Severino Filho, página 6.

77 Em entrevista aos autores deste livro.

78 Mário Filho, O Negro no Futebol Brasileiro, 5ª edição, Mauad X, 2010, página 61.

79 Luiz Carlos Duarte, página 190.


13
CBD

O BRASIL DE 70

SEM ZAGALLO, O BRASIL DE 70 NÃO EXISTIRIA

Talvez a metáfora que melhor descreva a seleção brasileira campeã mundial em 1970 tenha sido a do escritor inglês Nick Hornby em seu livro *Febre de Bola*. O Brasil era, compara ele, como um carro do James Bond, que atira mísseis, dispara assentos ejetáveis e solta paraquedas, enquanto a seleção inglesa era um carro comum, digamos, um Corsa duas portas.

Outro inglês, o jornalista Jonathan Wilson, autor do livro *Inverting the Pyramid: The History of Soccer Tactics* ("Invertendo a Pirâmide: A História das Táticas do Futebol"), usa um trecho de uma matéria do *Jornal do Brasil* que dá uma ideia da dimensão daquele título: "A vitória do Brasil é comparável à conquista da Lua pelos americanos".

Não existe na história do futebol melhor time que a seleção brasileira campeã da Copa do Mundo de 70. Nenhuma seleção reuniu tantos craques, fez tantas jogadas geniais e atuou tão bem quanto ela. Se o futebol teve um apogeu, foi ali, no dia 21 de junho de 1970, aos 41 minutos do segundo tempo.

Tostão, o camisa 9, acompanha o avanço pela direita do volante italiano De Sisti desde a intermediária do adversário até o campo brasileiro, onde toma a bola com a ajuda do lateral-esquerdo Everaldo. Tostão entrega a bola a Piazza, na frente da grande área brasileira, dando início a uma rápida e contínua troca de passes entre Clodoaldo, Pelé e Gérson, até encontrar novamente Clodoaldo, que dribla três italianos e passa para Rivellino, na altura da linha do meio-campo, pelo lado esquerdo. O camisa 11 faz lançamento longo ao ponta-direita Jairzinho que, aberto pelo lado esquerdo, traz a bola para o meio e a entrega para Pelé, próximo à meia-lua. Do Rei para Carlos Alberto. E de Carlos Alberto para a rede, em um chute forte, de primeira. O último gol da goleada por 4 a 1 sobre a Itália, na final.

Uma das maiores injustiças que se cometem até hoje, porém, é não reconhecer o papel decisivo que Zagallo teve para o êxito daquele time. O mais jovem técnico a vencer um Mundial – tinha 39 anos na época – mudou meio time, alterou o esquema tático e arranjou espaço para todos os craques. Zagallo foi a grande mente por trás da seleção de 70. Até o gol de Carlos Alberto, considerado um dos mais bonitos de todos os tempos, é obra dele. Não se monta um carro de James Bond nem se vai à Lua sem um grande engenheiro por trás.

Saldanha foi demitido não porque era comunista, mas porque era sem noção

O papel de Zagallo até hoje é relegado por causa de seu antecessor na seleção, o carismático jornalista e técnico João Saldanha. O jornalista assumiu o cargo no início de 1969 no lugar de Aymoré Moreira, a convite de João Havelange, então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Além de ser **jornalista**, Saldanha tinha dirigido o Botafogo de Garrincha em 1957 e sagrou-se campeão carioca. O lado mais surpreendente de sua contratação se devia a sua notória militância no Partido Comunista do Brasil (PCB). Em plena ditadura militar, a seleção teria um técnico comunista.

> **No início de 1969**, João Saldanha voltou a exercer a atividade de jornalista, mesmo estando no comando da seleção. Assinou um contrato com as Organizações Globo, para ser colunista do jornal O Globo até a Copa do México. A medida foi vista com receio pelos dirigentes e acabou servindo para acirrar o ambiente entre o técnico e a imprensa brasileira. O Jornal do Brasil chegou a criticar a atitude de Saldanha em um editorial.

Contudo, havia método na escolha de Havelange. Em apenas uma tacada, ele transformava em vidraça um dos maiores críticos da CBD e recuperava o prestígio da seleção, que pouco entusiasmava o povo no período Aymoré Moreira. Também transformava em cúmplice a imprensa, que era um dos setores mais críticos do fracasso brasileiro no Mundial da Inglaterra, em 66, e do trabalho do técnico Aymoré Moreira.

Armando Nogueira, em sua coluna no *Jornal do Brasil*, escreveu:

> João Saldanha é também uma forma de transferir para um dos poderes do futebol – a imprensa – uma cota de responsabilidade na campanha de 1970. A imprensa vinha crucificando a CBD há seis meses com o fogo cerrado das críticas pelo excesso de planos e escassez de time. Na vanguarda dos protestos, dia e noite, João Saldanha. Qual a saída do Sr. João Havelange a essa altura? A imprensa fez o diagnóstico, ela que nos dê a receita de cura e salvação do escrete.[80]

A primeira convocação de Saldanha foi feita no esquema 4-3-3, mas o time jogou as eliminatórias no 4-2-4. Os resultados iniciais foram ótimos. As eliminatórias, contra os fracos adversários sul-americanos, foram um passeio. Colômbia, Venezuela e Paraguai eram rivais muito mais frágeis do que são atualmente. Em seis jogos, seis vitórias. O Brasil fez 23 gols e sofreu apenas dois.

Depois das eliminatórias, o time de Saldanha não encaixou mais e os problemas pareciam se acumular. O temperamento irascível do técnico e os maus resultados em amistosos e jogos-treino colocaram seu cargo em risco. Além disso, o esquema tático das eliminatórias não poderia continuar a ser usado na Copa se o time quisesse ser bem-sucedido.

Em depoimento a André Iki Siqueira, autor do livro *João Saldanha*: *Uma Vida em Jogo*, Zagallo, então técnico do Botafogo, conta que tentou mandar um recado para o jornalista através de Russo, supervisor da seleção: “Eu, para não chegar direto ao Saldanha, disse: ‘Russo, fala com ele. Estou falando como brasileiro. O 4-2-4 numa eliminatória, tudo bem, mas a Copa do Mundo está chegando, e esse esquema está totalmente superado’”. Russo respondeu que não adiantaria falar. “Você sabe que o João é teimoso mesmo.” [81]

O Brasil perdeu para a Argentina, que sequer tinha conseguido se classificar para a Copa. O zagueiro argentino Roberto Perfumo tripudiou: “Esse foi o pior Brasil contra o qual já joguei”. Perdeu ainda para o Atlético Mineiro por 2 a 1, com uma grande atuação de Dario, o Dadá Maravilha.

Treinadores de grandes clubes e ex-técnicos da seleção, incomodados por verem o cargo mais importante do futebol brasileiro entregue a alguém que não era da área, carregavam nas críticas. A situação se tornou insustentável depois que Saldanha arrumou briga com Yustrich, técnico do Flamengo. Irritado com as críticas à seleção, Saldanha foi atrás do desafeto na concentração do Flamengo, armado. Em meio à crise, empatou por 1 a 1 com o Bangu em um jogo-treino. Antes disso, já tinha entrado em rota de colisão com Pelé, ameaçando tirá-lo do time.

No começo, o treinador justificou a decisão alegando **problemas físicos** do

jogador, que ainda não havia descansado durante a longa preparação brasileira. Acabou enveredando para uma miopia, que prejudicaria o camisa 10 especialmente em jogos noturnos. Essa declaração, segundo Saldanha, foi preponderante para a sua demissão.

> **A condição física de** Pelé era, em 1970, o equivalente à pança de Ronaldo Fenômeno em 2006. Pelé se aproximava dos 30 anos, o suficiente para que fosse considerado velho para o futebol. O badalado casamento com Rosemeri Cholbi, um ano antes da Copa, contribuiu para a genial teoria de que o Rei não estava nem aí para a bola rolando.

Pouco antes, Pelé havia criticado veladamente o conhecimento tático do treinador, defensor ferrenho do estilo sul-americano em estado puro. Foi na primeira coluna do jogador sobre a Copa do Mundo no jornal francês *Le Figaro*, publicada em 21 de fevereiro de 1970, exatos quatro meses antes da final:

> A diferença fundamental entre o futebol sul-americano e o europeu está, creio eu, no fato de que o primeiro se baseia nas faculdades criadoras de cada jogador, enquanto o segundo atribui importância fundamental à organização de jogo. Pessoalmente, inclino-me por uma feliz combinação de duas maneiras de praticar o futebol; fazendo do jogo, ao mesmo tempo, um espetáculo artístico e científico.[82]

Um episódio que ilustra quanto os problemas de Saldanha com conhecimentos táticos incomodavam Pelé: antes do segundo jogo contra a Argentina, segundo Carlos Alberto Torres, também em depoimento a André Iki Siqueira, Saldanha chamou a equipe para dar as orientações. “João foi até o quadro, rabiscou e perguntou: ‘Tudo certo?’. Aí o Pelé: ‘João, dá licença? Está tudo errado aí’. Apagou o quadro. Todo mundo levou um susto. Eu nunca vi um negócio daqueles. E ali começou o problema. Aí o Saldanha falou que o Pelé era cego.”[83]

No livro *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*, do jornalista Teixeira Heizer, a mesma história aparece, mas acontecendo no intervalo do jogo-treino contra o Bangu. Segundo Heizer, “o time se articulava dentro de campo por conta própria, e Saldanha via suas orientações descumpridas”.[84]

Zagallo inventou o Barcelona

de Messi 40 anos **antes** de Guardiola

Com a demissão de Saldanha, em março de 1970, a três meses da Copa do Mundo, Zagallo assumiu a seleção e comandou uma pequena revolução. É ele quem arruma espaço para os "**cinco camisas 10**" no time: Pelé, Rivellino, Jairzinho, Tostão e Gérson. "Zagallo foi gênio ao juntar todos eles", disse Jairzinho.[85]

Houve espaço para mais um craque na seleção de 70. Wilson Simonal, músico brasileiro de maior sucesso na época, viajou com a delegação para o México. Além de animar os momentos de folga, chegou a bater bola com os craques em alguns treinos. Enquanto o Brasil jogava, Simonal compunha as músicas de México 70, um de seus principais discos.

A maneira como Zagallo dispôs os craques foi o mais surpreendente. Centroavante no Botafogo, Jairzinho virou ponta-direita. Na ponta-esquerda, Rivellino, que jogava mais recuado no Corinthians. Tostão, meia-atacante no Cruzeiro, virou um falso centroavante, que constantemente trocava de posição com Pelé. Clodoaldo e Gérson eram as peças mais recuadas do meio-campo. Atrás, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo. Piazza, que era volante em seu clube, virou zagueiro na seleção.

"Era um 4-4-2, era um 4-3-3, era um 4-2-4, era mesmo um 4-5-1? Era tudo isso e ao mesmo tempo nada disso: eram apenas jogadores dentro de campo, um complementando o outro perfeitamente. No vocabulário moderno, provavelmente seria descrito como um 4-2-3-1", escreveu Jonathan Wilson.[86]

Quase 40 anos antes de o Barcelona de Guardiola ser alçado ao posto de um dos maiores times da história, com um 4-2-3-1 extremamente fluido e um gênio (no caso, Messi) como falso centroavante, o Brasil era campeão mundial exatamente da mesma forma. O que dá uma nova dimensão à declaração do técnico espanhol, após a vitória massacrante sobre o Santos, no Mundial de Clubes de 2011, de que o Barça apenas fazia o que o futebol brasileiro havia feito ao longo de toda a sua história.

"É mentira e uma injustiça com Zagallo quando dizem que a seleção de 70 não precisava de técnico porque tinha muitos craques. Dos treinadores que tive, Zagallo foi o único que sabia e treinava os detalhes táticos. Na época, os técnicos não se preocupavam com isso. Hoje, só pensam nisso", escreveu Tostão em sua coluna na *Folha de S.Paulo* em 12 de junho de 2005.[87]

> Outra mentira é que a seleção de 70 só jogava para fazer gols. Quando perdíamos a bola, a equipe recuava e fechava os espaços. No segundo gol contra o Uruguai, eu, Jairzinho e Pelé trocamos passes no campo do Brasil, e Jairzinho recebeu a bola na outra intermediária. Havia uma linha de três no meio-campo [Clodoaldo, Gérson e Rivellino] protegendo os defensores. Quando recuperávamos a bola, Gérson e Rivellino chegavam à frente, formando um quinteto.[88]

O jogo a que Tostão se refere é a semifinal contra o Uruguai, que o Brasil ganhou por 3 a 1. Antes de chegar à semifinal, o Brasil venceu a Tchecoslováquia por 4 a 1, a Inglaterra por 1 a 0 e a Romênia por 3 a 2, na primeira fase, além do Peru por 4 a 2 nas quartas de final. O 4-3-3 de Zagallo variava para um 4-5-1 em que todo mundo – menos Tostão – voltava para marcar e também subia para atacar, à exceção dos três defensores.

"Pouco antes do Mundial de 70, o técnico Zagallo percebeu que havia, no futebol brasileiro, enormes espaços entre a defesa, o meio-campo e o ataque. Daí, o time passou a marcar a partir do meio-campo. Hoje, a maioria dos técnicos tenta fazer isso. Zagallo, nos gramados, como técnico e jogador, estava à frente do tempo", escreveu Tostão em sua coluna na *Folha* em 10 de agosto de 2011.[89]

Uma amostra da participação fundamental de Zagallo para o sucesso daquela seleção veio na final contra a Itália. Segundo reportagem da revista *Placar*, antes da partida, Zagallo projetou filmes sobre as últimas exibições da Itália e mostrou os pontos fracos do time italiano, uma inovação para a época. "Jairzinho deveria afastar Facchetti da lateral-direita e abrir espaço para as subidas de Carlos Alberto. Foi assim que saiu o quarto gol."[90]

Em depoimento a Milton Leite, Carlos Alberto conta que Zagallo antecipou a jogada nos treinos. "Zagallo usava botões de futebol de mesa e nos mostrou que, em algum momento, quando o Jairzinho entrasse em diagonal da direita para o centro, com o Pelé mais centralizado e Rivellino e Tostão mais para o lado esquerdo, se abriria um espaço para eu chegar pela direita."[91]

Por causa do contexto político da época, sempre se tentou minimizar o papel de Zagallo na conquista do tricampeonato mundial. Zagallo não era um animal político como Saldanha. Não questionava os militares que comandavam o país. Por isso despertou a antipatia de muitos jornalistas. Mas quem sai em defesa tanto de Saldanha como de Zagallo é o insuspeito Tostão, que foi titular com os dois técnicos:

> Alguns grandes admiradores do João Saldanha não precisam, ao elogiá-lo, diminuir as qualidades

do técnico Zagallo, dizendo que o João formou o time de 70 e que ele foi muito mais importante do que o Zagallo na conquista do Mundial. Os dois foram importantes. Cada um do seu jeito. Não se pode confundir nem misturar as opiniões pessoais com as profissionais.[92]

Médici não mandou
Saldanha escalar Dadá Maravilha

A mesma máquina de difamação que durante todos esses anos tratou de diminuir a participação de Zagallo alimentou também, de forma cruel, a lenda de que ele convocou o atacante Dario, o Dadá Maravilha, que jogava no Atlético Mineiro, a **mando do presidente** Médici. É bem provável que a história tenha sido criada pelo próprio João Saldanha, que disse: "O senhor [presidente Médici] organiza o seu ministério, e eu organizo o meu time". O problema é que, como ressalta André Iki Siqueira, "João nunca se encontrou com o presidente nem falou com ele por telefone".[93] Também não existe nenhuma gravação em que Médici diga querer Dadá convocado.

Paulo Maluf, então prefeito de São Paulo, foi um dos muitos políticos a pegar carona no tri. Deu um Fusca de presente para cada um dos 22 campeões mundiais, com dinheiro público, é claro. Uma ação popular tentou fazer com que Maluf ressarcisse os cofres municipais e chegou perto do sucesso ainda na década de 1970, quando o STF considerou que a atitude lesou o erário. Mas o ex-prefeito moveu ação rescisória em 1983 e reverteu a sentença em 1995. Em 2006, por maioria, o STF decidiu a favor do prefeito, e não cabem mais recursos.

80 Carlos Ferreira Vilarinho, Quem Derrubou João Saldanha, Livrosdefutebol.com, 2010, página 63.

81 André Iki Siqueira, João Saldanha: Uma Vida em Jogo, Companhia Editora Nacional, 2007, página 318.

82 Carlos Ferreira Vilarinho, página 154.

83 André Iki Siqueira, página 338.

84 Teixeira Heizer, O Jogo Bruto das Copas do Mundo, Mauad, 2001, página 163.

85 Milton Leite, As Melhores Seleções Brasileiras de Todos os Tempos, Contexto, 2010, página 89.

86 Jonathan Wilson, Inverting the Pyramid: The History of Football Tactics, Orion Books, 2008.

87 Tostão, "Não é um esquema ou outro", Folha de S.Paulo, 12 de junho de 2005, página D7.

88 Idem.

89 Tostão, “À frente do tempo”, Folha de S.Paulo, 10 de agosto de 2011, página D3.

90 Marcelo Duarte, “A taça é nossa! Para sempre: Brasil conquista a posse definitiva da Jules Rimet”, revista Placar, 18 de janeiro de 2014, disponível em http://placar.abril.com.br/materia/a-taca-e-nossa-2-para-sempre-brasil-conquista-a-posse-definitiva-da-jules-rimet.

91 Milton Leite, páginas 99 e 100.

92 Tostão, Folha de S.Paulo, 10 de julho de 2005.

93 André Iki Siqueira, página 331.

A MALDIÇÃO DA JULES RIMET

O Brasil precisou de 40 anos para ganhar a Taça Jules Rimet, tempo entre a primeira Copa do Mundo e a conquista do tricampeonato, que assegurou ao país a posse definitiva do troféu. Outros 13 anos foi o tempo necessário para perdê-la, em um assalto que combinou a incompetência inata dos dirigentes brasileiros com uma espécie de maldição que se abateu sobre os envolvidos no crime.

Após o título mundial no México, em 70, o Brasil recebeu duas versões da Jules Rimet. Em um cofre ficava a réplica, que percorria o país em exposições. A original, de ouro maciço, era exposta em uma vitrine com vidro à prova de balas, mas emoldurada por madeira, facilmente violável. Foi o que os ladrões fizeram, na noite de 19 de dezembro de 1983.

A comoção pela recuperação da Jules Rimet levou a Confederação 0Brasileira de Futebol a oferecer uma recompensa de 5 milhões de cruzeiros a quem devolvesse a taça. Detalhe: a relíquia estava avaliada em 60 milhões de cruzeiros e segurada por metade desse valor.

A taça nunca mais apareceu, mas os responsáveis por

roubá-la e derretê-la foram encontrados. Conhecido ladrão de banco do Rio de Janeiro, Antonio Setta entregou à polícia Sérgio Pereira Alves (o Peralta), Luiz Vieira da Silva (o Luiz Bigode), e Francisco José Rocha Rivera (o Chico Barbudo), autores do crime. Peralta, o autor intelectual da ação, havia convidado Setta, que recusou o convite porque seu irmão sofrera um ataque cardíaco após a conquista do tri e da taça. Ainda houve um quarto envolvido, o argentino Juan Carlos Hernandez, que recebeu, fatiou, derreteu e reorganizou a Jules Rimet em barras de ouro.

Os cinco envolvidos, porém, tiveram destino parecido – algo que a revista *Placar* definiria, em 1998, como Maldição da Jules Rimet. Setta morreu em um acidente de carro em 1985, um ano depois de entregar a quadrilha. Chico Barbudo foi assassinado em 1989, enquanto esperava o julgamento do caso. Peralta, Bigode e Hernandez chegaram a cumprir pena, mas foram libertados. Acabaram na miséria, sem nenhum dinheiro do roubo que reafirmou a histórica incompetência dos cartolas brasileiros e fez desaparecer um dos símbolos do futebol nacional.

Tostão escreveu: “Muitas coisas ditas e repetidas sobre o futebol e sobre as pessoas, da época em que eu era atleta, não são verdadeiras. A ditadura foi terrível, mas Zagallo não convocou Dario porque o presidente Médici pediu ou ordenou. Dario merecia ser chamado”.[94]

Houve, sim, recados indiretos de Médici por intermédio da imprensa. Ocupando, ao lado de João Saldanha, o posto de mais respeitado jornalista esportivo brasileiro da época, Armando Nogueira usou algumas vezes sua coluna no *Jornal do Brasil* para transmitir essa mensagem. Em 28 de janeiro de 1970, publicou uma declaração do coronel Otávio Costa, chefe de Relações Públicas da Presidência da República: “O presidente Médici, sabidamente um expert em futebol, gostaria de ver o Dario entre os 22 da seleção, mas não forçosamente barrando Pelé ou Tostão. Com o futebol que está jogando – acrescenta o tricolor Otávio Costa – pode ser bem mais útil que o Toninho, que anda mal ultimamente.”[95]

Exatamente um mês depois, Armando Nogueira emprestou novamente seu espaço para a tribuna esportiva de Médici:

> Em matéria de seleção, uma das fixações do presidente Médici é o atacante Dario, cuja convocação defendeu recentemente em conversa com um assessor. A mim o presidente cobrou, agora, uma crônica na qual discordei da sua preferência por Dario. Foram cinco minutos de descontração na manhã atarefada do presidente, que se despediu reafirmando sua confiança na seleção brasileira, apesar – frisou – de não ter sido convocado um jogador de área como Dario.[96]

Jornalista esportivo em atividade no período pré-Copa de 70, João Máximo tratou de desmistificar a imposição de Dario no livro *João Saldanha: Sobre Nuvens de Fantasia*. Para ele, parecia pouco crível que um presidente em início de mandato dedicasse tanto esforço e desse tal peso político à escolha de um reserva para a seleção brasileira na Copa do Mundo. Desconstruiu ele:

> É difícil crer que Médici gostasse tanto assim de Dario. Mais difícil ainda é crer que um ditador às voltas com tantas questões mais graves – a política, os sequestros, a guerrilha urbana, a tortura, a impopularidade e, certamente, seu ministério – se desse ao trabalho de chamar um assessor e ordenar: “Quero Dario na seleção!”. Não nos primeiros meses de um governo a que chegara com a responsabilidade de robustecer o regime.[97]

Por outro lado, os fatos evidenciam o exagero com que se fala do papel de

Dario na queda de Saldanha. Zagallo sempre negou a ideia de que tivesse convocado Dario por pressão da ditadura militar. Em entrevista à *Folha de S.Paulo*, em 1995, repeliu a insinuação. “O Dario foi artilheiro por onde passou. Se o Médici tivesse feito a imposição, se isto fosse verdadeiro, o Dario seria titular, ou, pelo menos, ficaria no banco. Ele não ficou nem no banco.”

Para Dadá Maravilha, restou a mágoa. “Nós nos odiávamos. O João Saldanha morreu, me chamaram para falar alguma coisa e eu me recusei”, disse, em depoimento à *Folha de S.Paulo*, em junho de 2010.

O Brasil de 70 fez a maioria dos seus gols de contra-ataque

No prefácio da edição brasileira de *Os Números do Jogo*, livro dos jornalistas ingleses Chris Anderson e David Sally, o jornalista brasileiro Paulo Vinícius Coelho revela um dado capaz de enfurecer os mais puristas e ao mesmo tempo dar mais relevo ao trabalho feito por Zagallo à frente do Brasil de 70. O maior time da história do futebol era uma máquina de contra-ataques. A maioria dos gols saiu de situações em que o Brasil tomou a bola do oponente e o atacou em velocidade.

PVC atribui a incoerência a uma resistência histórica do futebol a reavaliar times lendários:

> O Brasil levantou a taça graças ao talento de Pelé, Jairzinho, Gérson e Tostão. Impossível negar a Pelé o trono de melhor jogador da Copa. Mas, olhando os números, vale notar como o jogo brasileiro se apoiava em Jairzinho, o homem da velocidade, que recebia os lançamentos longos de Gérson. Dos dezenove gols da seleção, quinze foram feitos de contra-ataque. Até hoje, quando a seleção atrai os adversários para depois contra-atacar, usando a velocidade dos seus atacantes como arma letal, critica-se o jogo como “defensivo demais”, o que contradiz a história do futebol do país. Será? A campanha da melhor seleção brasileira de todos os tempos mostra outra realidade.[98]

O método de trabalho que permitiu à seleção de 70 contra-atacar com a velocidade e a letalidade de um Aston Martin de James Bond não tem quase nada do estereótipo do futebol brasileiro. Usa, sim, a Inglaterra do agente secreto como espelho, a partir do fracasso brasileiro – e do triunfo britânico –

no Mundial de 66.

A eliminação do Brasil logo na primeira fase da Copa da Inglaterra mergulhou técnicos e preparadores físicos em um processo de reflexão. Menos para reinventar o futebol jogado no país, mais para buscar alguma solução pronta no exterior. Preparador físico do Botafogo e, mais tarde, da seleção, Admildo Chirol tomou a frente do processo, elegendo o condicionamento atlético como o elemento que recolocaria os brasileiros no caminho das vitórias.

Em 1968, já como integrante da comissão técnica da seleção, Chirol definiu:

> Em 66, fomos surpreendidos por uma forma de jogar que conseguiu anular nosso extraordinário futebol, a que se chamou futebol-força. A força aplicada pelos europeus consistiu em dotar seus jogadores de um notável preparo físico, a fim de poder, sem o temor do cansaço prematuro, ocupar o mais possível o campo de jogo com o objetivo de anular o estilo sul-americano.[99]

Chirol levou essa obsessão física à preparação da seleção brasileira para a Copa de 70. Auxiliado por Carlos Alberto Parreira e Cláudio Coutinho, que depois treinariam o país em Mundiais (Parreira, em 1994 e 2006; Coutinho, em 1978), elaborou um detalhado e inédito plano de condicionamento. O ponto alto era a chegada antecipada ao México, quatro semanas antes da estreia no Mundial. A equipe treinou em **Guanajuato**, cidade localizada 3.100 metros acima do nível do mar – altitude superior à de Guadalajara (1.500 metros) e da Cidade do México (2.400 metros), onde a seleção fez seus jogos no Mundial.

> **Isolada em Guanajuato**, a seleção brasileira perturbou-se com apenas uma questão durante a preparação final para a Copa de 70: chuteiras. O material fornecido pela Adidas machucava os dedos dos jogadores e o pagamento de 40 (primeira fase) a 100 dólares (final) para quem calçasse as chuteiras só valeria para quem estivesse em campo nas seis partidas da campanha.

“Foi a primeira vez no mundo que se fez um trabalho planejado para uma Copa”, disse Tostão, quando da morte de Chirol, em 1998.[100]

As virtudes do trabalho científico foram premiadas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) elegeu o Brasil como o time mais bem preparado da Copa de 70 e o zagueiro Brito, como o jogador de melhor desempenho físico. Uma base que, combinada ao talento dos jogadores e ao revolucionário trabalho tático de Zagallo, fez do Brasil de 70 o maior time de futebol da história. O mais perfeito e mortal carro em que James Bond jamais pôs as

mãos.

94 Tostão, Folha de S.Paulo, 10 de julho de 2005.

95 Carlos Ferreira Vilarinho, página 92.

96 Carlos Ferreira Vilarinho, página 107.

97 João Máximo, João Saldanha: Sobre Nuvens de Fantasia, Ediouro, 2005, página 114.

98 Chris Anderson e David Sally, Os Números do Jogo, Paralela, 2013, páginas 10 e 11.

99 José Paulo Florenzano, Afonsinho & Edmundo: A Rebeldia no Futebol Brasileiro, Musa, 1998, página 27.

100 “Conheça as opiniões de pessoas que trabalharam junto com Chirol”, Uol Esporte, 28 de dezembro de 1998, disponível em www1.uol.com.br/esporte/ultimas/fut281298100.htm.

A LEI DE GÉRSON MELHORA O MUNDO

Gérson, um dos heróis brasileiros da Copa de 70, foi imortalizado não tanto por seus feitos no Mundial, mas por uma simples propaganda de TV de 1976. No anúncio, o jogador descreve os detalhes que tornam os cigarros Vila Rica superiores e arremata: "O importante é levar vantagem em tudo, certo? Leve vantagem você também. Leve Vila Rica". A frase ganharia o nome de "Lei de Gérson" e serviria como a explicação preferida dos intelectuais para os males do Brasil. O problema do povo brasileiro, diriam eles, é a vontade de se dar bem a qualquer custo, sem pensar no próximo.

> Há uma certa injustiça na avaliação. Levar vantagem em tudo não só é um objetivo quase inevitável dos seres humanos: também é um motor de prosperidade, abundância e aumento de qualidade de vida que dominou o mundo desde a Revolução Industrial. Sua importância foi descrita pelo próprio pai da Economia, o inglês Adam Smith, que no século 18 formulou uma frase convergente à de Gérson: "Não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que eu

espero que saia o meu jantar, mas sim do empenho deles em promover seu autointeresse". Sem autointeresse, ou seja, sem a vontade de se dar bem, não há preocupação em abrir um negócio ou em levar vantagem contra os concorrentes oferecendo um produto melhor ou mais barato. Não haveria inovação ou barateamento de preços. Sem a Lei de Gérson, a miséria se espalha. É o que provava a China comunista até o fim dos anos 70, quando o líder Deng Xiaoping abriu o país ao capitalismo e cunhou sua versão da Lei de Gérson: "Enriquecer é glorioso".

GRÊMIO
FBPA
1903

BATALHA DOS AFLITOS

O JOGO QUE O GRÊMIO ESTEVE A PONTO DE PERDER POR W.O.

Quase 15 metros separam o lateral-esquerdo Ademar, do Náutico, do goleiro Galatto, do Grêmio. Ademar tem a cabeça voltada para o gramado. Galatto busca os olhos do adversário. Os dois parecem prestes a sacar a pistola em um duelo por alguma via árida de Tombstone, a lendária cidade dos filmes de faroeste. Em poucos segundos, os dois entrarão para a história de seus clubes. Um, com a imortalidade dos heróis, aqueles que podem passar o resto da vida enganando dentro de campo porque sua aura jamais será ofuscada. O outro, como um vilão, um nome maldito que será sempre seguido de um palavrão quando for cuspido da boca do torcedor.

Ademar dá quatro passos e lança o pé esquerdo na bola que, enroscada na grama que sobe do buraco onde está a marca de pênalti, perde parte da força do chute. Galatto cai para o canto esquerdo, onde geralmente chutam os canhotos. Ao perceber que a bola segue sem força e com pouca altura em direção ao centro do gol, ergue a perna direita, que pende paralela ao gramado. A bola sai pela linha de fundo, à esquerda do gol. Fora da área, Kuki, o artilheiro do Náutico, desaba de cara no gramado como se fosse uma árvore derrubada com uma só machadada. Lucas corre para abraçar o goleiro, que ordena o posicionamento correto para marcar o escanteio. É apoiado por Marcelo Costa, que vem do lado direito do campo e lança os dois braços para o ar. Anderson e Marcelo Oliveira, em transe, trombam no meio da área. Pereira corre na direção do árbitro **Djalma Beltrami** e xinga. Tem certeza de que não será marcado nenhum outro pênalti contra o Grêmio. A essa altura, a equipe gaúcha resumia-se a apenas sete jogadores em campo.

Coronel da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Djalma foi preso duas vezes em 2011, quando era comandante de batalhão. A acusação, não comprovada, era de que recebia propina do tráfico de drogas.

Danilo cobra escanteio para o Náutico e Galatto afasta a bola com um soco. Anderson apanha o rebote à frente da área e corre para o campo de ataque, na diagonal, marcado pelo volante Cleison. Já no território inimigo, perto da linha lateral, toca para Marcelo Costa, recebe novamente e sofre uma entrada dura de Batata. Cartão amarelo seguido de vermelho para o zagueiro. Bola no chão. Marcelo Costa toca para Anderson. A diagonal agora é para dentro do campo. Em direção ao gol. Dribla um defensor. Protege a bola com o corpo da chegada de outro. De frente para o goleiro, gira o quadril e dá um toque sutil de pé esquerdo para a rede, bem no meio do gol.

Toda a ação descrita acima se desenrolou em 71 segundos. Foi o tempo necessário para o Grêmio sair de uma iminente derrota, que o manteria por mais um ano na Série B do Campeonato Brasileiro, e rumar para uma inacreditável vitória, que o colocaria de volta na primeira divisão nacional com um troféu a mais e uma história única no futebol mundial. No entanto, um recorte de tempo um pouco maior mostra uma realidade bem menos heroica e extraordinária. O desespero por ter um segundo pênalti marcado contra si, em um jogo repleto de expulsões diante de um estádio lotado de torcedores adversários, deixou o Grêmio à beira de uma vergonhosa derrota por número insuficiente de jogadores. Dirigentes invadindo o gramado, barreira de jogadores na meia-lua para não deixar o árbitro chegar à grande área, tapa na bola abrigada debaixo do braço do juiz, um jogador ajoelhado cavando um buraco na marca de pênalti e outro agitando freneticamente as mãos em um sinal de “acabou” compuseram um roteiro que até os times da várzea pensariam duas vezes antes de encenar. Faltou apenas uma voz de comando para que o 26 de novembro de 2005 ficasse marcado não como a Batalha dos Aflitos, mas como a Vergonha dos Aflitos – a tarde em que o Grêmio teria escolhido perder por W.O. para buscar o retorno à primeira divisão nos tribunais.

Até Felipão era a favor do W.O.

A viagem do Grêmio até a Batalha dos Aflitos começou em novembro do ano anterior. Com uma campanha à altura de “craques” como Capone, Fábio Bilica, Cláudio Pitbull e Baloy, o Grêmio caiu para a Série B do Campeonato

Brasileiro com três rodadas de antecedência. Era a segunda viagem da equipe porto-alegrense rumo ao subsolo do futebol nacional. E, a exemplo do que acontecera em 1992, o Tricolor gaúcho jogou a segunda divisão um ano depois de ser rebaixado dentro de campo – um hábito que certamente soa estranho para outro Tricolor do futebol brasileiro (ei, **Fluminense**, estamos falando de você mesmo).

> **O Fluminense não só** foi salvo de dois rebaixamentos pela Justiça Desportiva como também é o clube que inventou o tapetão. Em 1969, um advogado entrou na Justiça comum para pedir a absolvição de Flávio, atacante que havia sido expulso em um clássico contra o Vasco. O juiz entendeu que era inconstitucional punir um cidadão brasileiro sem direito de defesa e absolveu Flávio, que enfrentou o América no jogo seguinte e fez gol. O Jornal dos Sports estampou uma foto do tapete do tribunal, dizendo que o Flu tinha recuperado no tapetão vermelho o que perdera no tapete verde.

O ano de 2005 foi o último antes de a Série B aderir aos pontos corridos, como já acontecia na Série A desde 2003. Isso significa que, em vez de percorrer um caminho previamente conhecido de 38 rodadas, o Grêmio teve de parcelar em três vezes sua passagem de saída do purgatório. A primeira, mais longa: um confortável turno classificatório de 21 partidas, com oito times contemplados ao final. A segunda: dois quadrangulares dos quais sairiam os dois melhores times. Por fim, outro quadrangular, que indicaria os dois novos integrantes da primeira divisão do futebol brasileiro.

Ao lado do Grêmio, chegaram a essa última etapa Náutico, Santa Cruz e Portuguesa. E, como a tabela era pré-montada com base na classificação da fase anterior, calhou de a última rodada ter dois jogos em Recife, em estádios separados por 3 quilômetros de distância. No Arruda, Santa Cruz × Portuguesa. No Aflitos, Náutico × Grêmio. Quem vencesse cada jogo subiria. Para Santa Cruz e Grêmio, bastaria um empate.

Era esse empate, por 0 a 0, que o Grêmio sustentava bravamente até os 34 minutos do segundo tempo. O resultado chegara a ser ameaçado em quatro momentos: no primeiro tempo, um pênalti chutado na trave por Bruno Carvalho e um chute de Kuki que raspou o travessão; na etapa final, a expulsão do lateral gremista Escalona e um pênalti não marcado de Galatto em Miltinho. Parecia impossível resistir à quinta ameaça, um pênalti inexistente porque o cotovelo direito de Nunes foi acertado pela bola (e não o contrário), dando início ao caos.

O lateral Patrício foi expulso por dar uma peitada no árbitro Djalma Beltrami. O volante Nunes foi expulso por agredi-lo pelas costas. A polícia

militar de Pernambuco entrou em campo com o zelo habitual das ocasiões tensas e, imediatamente, mandou dois gremistas para o chão. A essa altura, reservas, dirigentes e toda a sorte de pessoas pareciam ter brotado do meio do gramado. Começava, de forma desordenada, a se desenhar um abandono de campo por parte da equipe do Grêmio.

Pelas regras do futebol, um jogo só pode seguir se cada time tiver no mínimo sete jogadores em campo. Naquele momento, o Grêmio estava com oito. Mais duas expulsões e a partida estaria encerrada, cabendo aos tribunais desportivos decidir o resultado final. Uma estratégia nada honrosa, cujo sucesso dependeria de comprovar que o jogo tinha sido interrompido pela falta de condições de segurança.

Os dirigentes do Grêmio que desceram da arquibancada para o campo pareciam decididos a se agarrar a essa estratégia suicida. “Fica aí. Fica aí. Tu pode ser uma arma para nós”,[101] disse o ex-presidente do clube gaúcho, Luiz Carlos Silveira Martins, para Patrício, o lateral expulso que recebia atendimento no gramado após levar uma voadora de um policial.

Boa parte dos jogadores também adotou a estratégia. O meia Marcel, que fora substituído minutos antes, era um dos mais exaltados. Como a torcida do Grêmio estava posicionada próximo ao gol em que se desenrolava a ação, ele correu para perto do alambrado e, no melhor espírito hooligan de uma tarde de verão, gritava e gesticulava para a arquibancada: “Vamos invadir. Não vamos deixar bater o pênalti”.[102]

Como seu apelo não foi atendido, correu para dentro da grande área e se posicionou diante da marca do pênalti. Com o bico das chuteiras, cavou raivosamente o círculo branco, arrancando toda a grama que fosse possível. Como o resultado parecia não satisfazê-lo, ajoelhou-se e começou a arrancar grama e terra com as mãos. Ainda provocou o juiz, dizendo que não poderia ser expulso porque já havia sido substituído. Alguns metros atrás, Anderson, que em poucos minutos se tornaria um dos heróis do dia, agitava freneticamente os braços como lâminas de uma tesoura que não se tocavam. Dizia: “Acabou! Acabou!”.

Quando Beltrami se encaminhou para a grande área, jogadores do Grêmio formaram uma barreira à altura da meia-lua. Não queriam apenas se queixar da marcação equivocada, mas evitar que o jogo seguisse com a cobrança de pênalti. Como o árbitro se desvencilhou do grupo e ganhou a grande área, o zagueiro Domingos deu um tapa forte na bola, que caiu da mão do apitador carioca. Cartão vermelho: o quarto. Mais um e o jogo estaria encerrado. A

Batalha dos Aflitos viraria uma vergonha, que despertaria a compreensão até mesmo de personagens históricos do clube.

"Se eu estivesse lá, seria um dos que não deixariam que o pênalti fosse batido", admitiu Luiz Felipe Scolari – campeão da Libertadores pelo Grêmio, em 1995, e campeão mundial pela seleção brasileira, em 2002 – ao documentário *Inacreditável: A Batalha dos Aflitos*. "Nessas horas a gente nem pensa. A gente age", justificou o lateral Patrício em depoimento ao mesmo filme.[103]

O Grêmio livrou-se do capítulo mais humilhante da sua história porque dois personagens decidiram pensar antes de agir. O técnico Mano Menezes teve uma breve epifania. Visualizou o peso do abandono de campo em seu currículo, que, até sete meses antes, era composto de um punhado de clubes inexpressivos do interior do Rio Grande do Sul.

"A decisão de retirar uma equipe de campo marca você pelo resto da vida, e eu não queria encerrar minha passagem pelo Grêmio dessa maneira", explicou Mano tempos depois.[104] E então ele agiu. Primeiro, conteve seus jogadores que tentavam impedir Beltrami de entrar na área. Depois, ouviu atentamente o pedido do árbitro para que a penalidade fosse cobrada. "Professor, o pênalti precisa ser cobrado. O jogo não acabou. E eu vou até o fim neste jogo, de qualquer maneira…",[105] argumentou o árbitro e coronel da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que fora do futebol teria como maiores marcas de seu currículo o comando da ocupação do Morro do Alemão e a investigação do massacre em uma escola de Realengo.

Por fim, Mano recorreu ao presidente Paulo Odone. Ao contrário do enxame de cartolas e conselheiros que cercavam Odone, o treinador foi o primeiro a defender que o pênalti fosse cobrado e o jogo seguisse. Ainda seriam necessárias duas intervenções para que o dirigente gremista tomasse essa decisão.

"Estava na angústia de não saber como decidir, como proceder. Com sete jogadores, pênalti contra e a maioria das pessoas à minha volta dizendo que não permitisse bater aquele pênalti",[106] diagnosticou o presidente, antes de se aconselhar com Renato Moreira, advogado e assessor de futebol do clube.

"Qual o resultado objetivo se terminar com menos de sete?", perguntou Odone.

"Haveria consequências muito graves com Fifa e CBF", argumentou Moreira.

"Fifa e CBF que vão catar coquinho. Quero saber juridicamente. Já é perda

de pontos e temos de reverter na Justiça?”, retrucou Odone, impaciente.

“Ah, já é perda de pontos” devolveu Moreira.

“Não vou sair daqui, voltar para Porto Alegre na segunda divisão e dizer que vou para o Rio de Janeiro bater boca no STJD”, concluiu Odone para si mesmo.[107]

Ainda indeciso, Odone encontrou Galatto próximo ao gol. O goleiro que ele hesitara em promover a titular durante a Série B, mas a quem rapidamente aprendera a chamar de homem de gelo, estava tranquilo como quem espera a próxima fornada na fila da padaria. Sem convicção, o dirigente ordenou: “Manda bater. É 50% de chance de pegar”.

Conformados, os gaúchos foram saindo do gramado e tomando suas posições. Dirigentes na arquibancada, reservas e comissão técnica no banco, expulsos nos vestiários, jornalistas atrás do gol e Galatto entre as três traves. A partir do apito de Djalma Beltrami, seriam **71 segundos** em que a história do Grêmio mudaria para sempre. Não com o heroísmo de quem desde o início decidiu bravamente encarar o mais adverso dos cenários para estar em campo. Mas com a sorte de quem esteve a um cartão vermelho de levar deliberadamente para os tribunais a disputa pelo acesso à primeira divisão do futebol brasileiro.

> **A história do Náutico** não mudou. Mesmo com a vergonhosa derrota que tornaria aceitável – e digno – um fechamento de portas, o clube pernambucano jogou a segunda divisão no ano seguinte. Jogou e subiu. Jogou, subiu e ainda lançou um DVD: Batalha dos Aflitos 2. Não assistam. É só mais uma sequência caça-níquel inferior ao original.

101 Luiz Zini Pires, 71 Segundos: O Jogo de Uma Vida, L&PM, 2006, página 92.

102 Luiz Zini Pires, página 96.

103 Documentário Inacreditável: A Batalha dos Aflitos, direção de Beto Souza, 2007, 87 minutos.

104 Idem.

105 Luiz Zini Pires, página 95.

106 Documentário Inacreditável: A Batalha dos Aflitos.

107 Paulo Odone, depoimento em vídeo para o especial “Ecos dos aflitos”, Zero Hora, 26 de novembro 2010, disponível em http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/pagina/eco-dos-aflitos.html.

FELIPÃO FUGIU NO ÔNIBUS DO ADVERSÁRIO

Luiz Felipe Scolari aceitaria o W.O. do Grêmio na Batalha dos Aflitos. Talvez porque ele mesmo já tenha dado um W.O. em um clube sem nem mesmo dizer tchau. O homem que transforma todos os times que dirige em família Scolari e que exige disciplina e dedicação de destacamento militar já deixou um elenco na mão. Escapou sorrateiramente do vestiário e foi pedir uma poltrona no ônibus inimigo para voltar pra casa.

> Em 1990, ele transferiu a família Scolari da seleção do Kuwait para o Coritiba, que afundava em direção à terceira divisão do Campeonato Brasileiro. A campanha de Felipão durou apenas três jogos. Na estreia, tomou de 2 a 0 do Juventude, em Caxias do Sul. Depois, levou de 4 a 0 do Joinville, em Santa Catarina. Na estreia em casa, mais uma sapecada do Juventude, por 2 a 0. Como é de Caxias do Sul, Felipão atravessou o campo para cumprimentar os adversários, antigos amigos. Ao menos era o que acreditavam os dirigentes do time paranaense. Mas não era exatamente o que se passava na cabeça do treinador.

“Ele buscou a mala no vestiário e atravessou o gramado. O tempo foi passando e ele não voltava, aí fomos atrás. E descobrimos que

ele tinha subido no ônibus do Juventude e voltado para Caxias do Sul", contou o então presidente do Coritiba, João Jacob Mehl.[108]

> Felipão nunca cobrou o salário pelas três semanas em que treinou o Coritiba. Mas também não menciona a passagem pelo clube em seu currículo. Se mencionasse, teria de explicar um rebaixamento à terceira divisão e uma fuga no ônibus do adversário.

108 "Felipão reencontra cenário da maior vergonha como técnico", Gazeta do Povo, caderno Esportiva, 11 de julho de 2011, página 3.



COPA UNIÃO

O SPORT É O CAMPEÃO BRASILEIRO DE 1987

Copa do Mundo foi um dos temas mais comentados em Brasília ao longo de 1987. Logo nos primeiros meses do ano, o presidente José Sarney montou uma comissão para tratar da candidatura brasileira a sede do Mundial de 94. Constituída em um trabalho combinado com a diretoria da CBF para atender ao caderno de exigências da Fifa, a força-tarefa reuniu 11 ministérios, com a liderança de Jorge Bornhausen (Educação) e Manuel Tubino (presidente do extinto Conselho Nacional de Desportos). Os desafios e as promessas da época soam extremamente atuais em 2014. A Copa melhoraria a infraestrutura das cidades, dos estádios e dos aeroportos – intervenções que nada custariam aos cofres públicos. Tudo seria bancado pela iniciativa privada. O pacote perfeito para a sonhada conquista do tetracampeonato.

O Brasil não jogou em casa, mas venceu a Copa do Mundo de 94. A competição foi disputada nos Estados Unidos, e a seleção brasileira mais depreciada e injustiçada da história sagrou-se campeã após derrotar a Itália nos pênaltis, sob o calor do verão americano em Los Angeles. Também não seriam no Brasil os Mundiais de 98 (França), 2002 (Coreia do Sul e Japão), 2006 (Alemanha) e 2010 (África do Sul).

Já em 2014, dessa vez dentro de casa, o Brasil terá novamente a oportunidade de ser campeão mundial. Não pela quarta, mas pela sexta vez. E ainda guardando duas semelhanças com 1987, quando, em 31 de março, José Sarney recebeu no Palácio do Planalto Octávio Pinto Guimarães (presidente) e Nabi Abi Chedid (vice), os dois principais dirigentes da CBF na época.

A primeira semelhança é a promessa de entregar um país novo com a fatura paga por investidores privados. Um plano que comprovadamente fracassou, tendo em vista a participação de 97% de dinheiro público nos estádios e de 100% nas obras de mobilidade urbana. A outra é que, a exemplo do dia 31 de março de 1987, ainda não se sabe quem é o campeão brasileiro

daquele ano.

O Campeonato Brasileiro de 1987 é o mais completo exemplo da endêmica desorganização que caracteriza o futebol nacional. Um vírus que passa anos incubado, mas que de tempos em tempos ataca ferozmente e deixa o esporte brasileiro de cama. Naquele ano, a crise chegou ao ponto de fazer desligar os aparelhos e começar do zero. Ou quase isso.

A CBF expôs o cofre vazio e jogou para os clubes a responsabilidade de arcar com os custos do torneio. Os principais times do país, já vislumbrando a eleição da confederação no início de 1989, promoveram a maior virada de mesa da história do futebol brasileiro, resgatando por critérios de faturamento e torcida equipes que, na bola, não deveriam jogar a primeira divisão. O governo federal interveio para validar o que era ilegal, mas não agiu com a profundidade necessária. Houve traição de todos os lados, acordos verbais não cumpridos e um regulamento que só passou a existir no papel depois que a bola começou a rolar.

Não espanta que, até hoje, tanto o Sport como o Flamengo se proclamem campeões brasileiros daquele ano. Ainda menos espantoso é o fato de a disputa ter ultrapassado os gramados e se ramificado pela Justiça comum. No fim de 2013, o caso já estava no Superior Tribunal de Justiça (STJ) e é provável que acabe no Supremo Tribunal Federal (STF). Exatamente: Joaquim Barbosa, Ricardo Lewandowski, Gilmar Mendes, Cármen Lúcia, Luiz Fux… Os magistrados que julgaram o Mensalão, cedo ou tarde, terão de dizer qual Zico é o legítimo campeão brasileiro de 1987: o do Sport ou o do Flamengo.

As quase três décadas de disputa do Campeonato Brasileiro de 1987 – ironicamente chamado Copa União – fizeram com que se perdessem pelo caminho alguns detalhes importantes para entender a história. Fatos convenientemente apagados por esse ou por aquele lado, artimanha típica de um futebol incapaz de listar todos os campeões da sua história sem botar alguns asteriscos pelo caminho. E típica também de um país que, 27 anos depois, ainda tem José Sarney no centro das decisões em Brasília.

Sem a Copa União, o Sport não teria jogado a primeira divisão

Os torcedores do Sport costumam amaldiçoar a Copa União. Enxergam na criação do torneio do Clube dos 13 a origem do não reconhecimento do Leão pernambucano como campeão nacional de 1987. Os rubro-negros do Recife, no entanto, deveriam agradecer a existência da Copa União. Se tivesse sido respeitado o regulamento do Campeonato Brasileiro de 1986, o clube passaria o ano seguinte na segunda divisão, sem a menor perspectiva de cruzamento com a elite do futebol nacional.

Os primeiros anos de redemocratização no país ficaram com uma herança militar complicada para o futebol brasileiro: o gigantismo do campeonato nacional. Dos quase cem clubes participantes no fim dos anos 70, a competição não conseguia baixar para além da linha dos 40 na década seguinte. A distribuição de vagas a praticamente todos os estados tinha deixado as federações que compunham o colégio eleitoral da CBF mal-acostumadas.

O primeiro projeto sério de mudança foi elaborado em 1986. O Brasileirão daquele ano seria o último inchado e sem um sistema de acesso e descenso. Das 44 equipes que competiriam naquela edição, 24 sobreviveriam para o ano seguinte, quando o campeonato passaria a ter critérios claros de rebaixamento para a segunda divisão. Desta, os melhores ascenderiam à elite da competição. Uma lógica já consagrada no futebol do mundo inteiro, mas ainda desconhecida na principal disputa nacional.

Para conseguir a redução no número de participantes, a CBF determinou a classificação da segunda fase como linha de corte. Participariam dessa etapa os sete melhores de cada um dos quatro grupos do torneio principal (disputado por 44 equipes) e os quatro campeões de chave do torneio paralelo (segunda divisão disfarçada, com a participação de 36 times). Um total de 32 times, distribuídos em quatro grupos com oito.

Estava tudo indo bem, até um caso de doping envolvendo um jogador do Joinville mudar o caminho do campeonato. O clube catarinense foi punido na Justiça Desportiva, mas conseguiu voltar ao torneio de 1986 pela Justiça comum. Como a manobra prejudicava o Vasco, a CBF determinou a classificação de um clube a mais por chave. A decisão beneficiou Náutico, Santa Cruz e Sobradinho: dois clubes de Pernambuco e um do Distrito Federal, conjunto sob medida para o agrado do ministro da Educação e Cultura, o pernambucano Marco Maciel. Assim, os participantes da primeira divisão do ano seguinte sairiam de um universo de 36 clubes, não mais 32. O número de classificados para o campeonato seguinte também tinha aumentado. Seriam sete por grupo, fechando um total de 28.

A princípio, nenhum problema para o Sport. O clube pernambucano passou pela primeira fase com tranquilidade: foi terceiro em um grupo com São Paulo (que seria campeão naquele ano), Internacional (que em 1987 decidiria o módulo verde da Copa União), Fluminense e o campeão e o vice da temporada anterior, respectivamente Coritiba e Bangu. Sofreu apenas duas derrotas, para Bangu e São Paulo, quando sua classificação já estava assegurada. Antes disso, chegou a vencer o Fluminense no Maracanã.

A segunda fase apresentou um grupo teoricamente menos complicado para o Leão: Cruzeiro, Portuguesa, Bahia, Atlético Paranaense, CSA, Náutico, Comercial-MS e Internacional de Limeira. Na prática, porém, os pernambucanos fizeram uma campanha fraca. Venceram apenas três dos 16 jogos. Chegaram à última partida, contra o Bahia na Ilha do Retiro, eliminados do campeonato daquele ano e da primeira divisão do ano seguinte. O gol de Cláudio Adão, que definiu a vitória do Tricolor baiano por 1 a 0, serviu apenas para confirmar: o Sport estava rebaixado. Pelo menos até o surgimento da Copa União.

A Copa União foi a maior virada de mesa do futebol brasileiro

O terreno para a revolução dos clubes foi preparado pela CBF. Em julho de 1987, o presidente da entidade, Octávio Pinto Guimarães, disse que a confederação estava quebrada[109] e, por isso, não teria como conseguir os 100 milhões de cruzados necessários para bancar o Campeonato Brasileiro daquele ano. O dinheiro seria usado para cobrir as despesas dos clubes com transporte e hospedagem. Sem o subsídio, só entraria em campo quem tivesse condições de se bancar – ou seja, um grupo de privilegiados que não chegava a 20. Seria a solução do inchaço do Brasileirão. Não por via técnica, mas financeira.

Revoltados com a incapacidade financeira da CBF, os principais times do país decidiram criar a União Nacional de Clubes do Futebol Brasileiro. Estavam na associação São Paulo, Corinthians, Palmeiras, Santos, Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Cruzeiro, Atlético Mineiro, Grêmio, Internacional e Bahia. Eram os 13 mais bem colocados no ranking da CBF, que levava em conta as campanhas no Campeonato Brasileiro desde 1971. Também

eram os 13 times de **maior torcida**, correspondendo, juntos, a 85% dos torcedores brasileiros. O número de membros logo fez a agremiação ser rebatizada de Clube dos 13.

> **O apelo popular dos** integrantes do Clube dos 13 fez a Copa União ter patrocínios inéditos no futebol brasileiro. A Varig e os hotéis Othon fecharam contrato de exclusividade para transporte aéreo e hospedagem. A Rede Globo desembolsou cerca de 3,4 milhões de dólares para transmitir três jogos por rodada – o C13 considerava 1 milhão de dólares o suficiente para a realização do campeonato. As grandes atrações eram as partidas de domingo. Haveria exibição para a cidade onde ocorreria o duelo e, 15 minutos antes de a bola rolar, era feito um sorteio entre quatro partidas para definir qual passaria ao vivo para todo o Brasil.

A entidade pretendia implementar um modelo de autogestão no campeonato nacional: a elaboração do regulamento, a condução da disputa e a captação de dinheiro ficariam sob responsabilidade dos clubes. Um sistema que a Inglaterra consagraria a partir da década seguinte, com a Premier League. No entanto, a versão brasileira da liga tinha uma série de senões. Ao buscar parâmetros históricos para eleger seus membros, o Clube dos 13 deu as costas para a classificação da edição anterior, que era, até então, o critério técnico para selecionar os participantes do próximo torneio.

A primeira ideia do C13 era fazer um Brasileirão com apenas 13 times, os seus membros. Os demais clubes do país deveriam formar uma divisão classificatória, da qual sairiam três para, a partir de 1988, disputar uma Série A com 16 integrantes e sistema de acesso e descenso.

Essa primeira configuração excluía quatro times que ficaram entre os 13 primeiros do nacional de 1986: Guarani (vice-campeão), América do Rio (4.º), Portuguesa (10.º) e Joinville (12.º). Grêmio (14.º), Internacional (17.º), Santos (19.º) e Botafogo (31.º) herdaram vagas que, por critério técnico, não eram deles.

A segunda composição da Copa União, com 16 clubes, ainda mantinha suas injustiças com o que havia acontecido dentro de campo. Criciúma (15.º) e Internacional de Limeira (16.º) sequer foram cogitados. Sempre com foco no potencial de arrecadação dos times, o Clube dos 13 foi buscar um representante em Pernambuco, um no Paraná e outro em Goiás – os três melhores mercados que ainda não haviam sido contemplados. Selecionou as maiores torcidas desses estados à época – Santa Cruz, Coritiba e Goiás. O Coxa, campeão em 1985, havia caído de divisão pelo desempenho em campo em 1986, mas acabou resgatado para a Série A em 1987.

Vista por muita gente como uma revolução que não deu certo por causa da

CBF, a Copa União trazia na sua concepção uma série de vícios que se repetiriam na segunda tentativa do Clube dos 13 de organizar o Campeonato Brasileiro, em 2000: a Copa João Havelange foi buscar Fluminense e Bahia na segunda divisão. Em 1987, a Copa União fez o mesmo com o Coritiba e beneficiou outros clubes que não teriam lugar em um Brasileirão com 13 ou com 16 participantes. A revolução do C13 nasceu de uma virada de mesa tipicamente brasileira.

A CBF propôs dois módulos antes de o campeonato começar

A batida de pé do Clube dos 13 para que a Copa União tivesse um número reduzido de participantes provocou um efeito colateral: a revolta dos times excluídos do formato elitista do torneio. A primeira reação foi de quem sobrou dos 28 que jogariam a primeira divisão em 1987. Liderado pelo Santa Cruz – mas tendo Guarani, Portuguesa e América do Rio como membros atuantes –, foi criado o Clube dos 15. Duas medidas serviram para esvaziar o grupo de descontentes. Primeiro, o convite ao Santa Cruz para ser o representante pernambucano na Copa União. Depois, o posicionamento da CBF para que o campeonato se desdobrasse em quatro módulos, com cruzamento entre seus participantes – ou ao menos entre os participantes dos dois primeiros módulos – para definir o campeão.

Exatamente. Ao contrário do que se tornou comum dizer quando o assunto é o Campeonato Brasileiro de 1987, a ideia de cruzar os módulos não surgiu somente com a bola rolando. O tema esteve na mesa de discussão desde meados de julho. No dia 25 de julho, um mês e meio antes do início da Copa União, a Federação Paulista de Futebol apresentou uma proposta que previa o cruzamento em dois quadrangulares, disputados entre os quatro primeiros colocados do módulo verde, os três primeiros do módulo amarelo e o campeão dos módulos azul e branco. A proposta foi aceita pelo Clube dos 13, segundo disse à época o presidente Carlos Miguel Aidar.[110]

As semanas seguintes foram marcadas por um impasse aparentemente interminável. Enquanto a CBF cobrava uma participação maior na competição, de olho no dinheiro que começava a circular na Copa União, o Clube dos 13

firmava-se na posição de que não deveria haver cruzamento entre os módulos para definir o campeão nacional.

O acordo veio apenas no dia 3 de setembro, com uma proposta muito parecida com a discutida e aceita no fim de julho. A bola começaria a rolar em 11 de setembro de 1987, para um Campeonato Brasileiro dividido em quatro módulos de 16 equipes. No verde, os integrantes do Clube dos 13 mais Coritiba, Goiás e Santa Cruz. No amarelo, os 16 melhores do nacional de 1986 excluídos da Copa União, sem o dissidente América do Rio e sem a Ponte Preta, substituída pelo Sport – sim, nessa divisão, o Sport, futuro campeão de 87, por direito deveria jogar na terceira divisão. Os módulos azul e branco completariam as quatro divisões disfarçadas, com 16 agremiações em cada um.

Para fechar o acordo, o Clube dos 13 aceitou a disputa de um quadrangular no início do ano seguinte, com o campeão e o vice dos módulos verde e amarelo. Detalhe: a entidade admitia que o torneio definisse apenas os representantes brasileiros na Copa Libertadores da América.[111] O campeão nacional, por sua vez, sairia diretamente do módulo verde. Uma regra combinada, mas não escrita. Uma brecha imperdoável para o futebol brasileiro da época, ainda mais tendo um traidor no centro das decisões da associação dos clubes.

Quem mandou confiar em Eurico Miranda?

Mudança de regulamento com campeonatos em pleno andamento era uma marca do futebol brasileiro até meados dos anos 90. Pai de toda a confusão que desembocou na Copa União, o nacional de 1986 mudou de rota em pleno voo, com o aumento no número de clubes na segunda fase e novos critérios para definir quem jogaria a edição seguinte. Tudo para acomodar o Vasco na nova etapa da competição.

Fruto do Clube dos 13, a Copa União também reescreveu suas normas com o torneio em andamento. No dia 5 de dezembro, véspera da primeira partida final entre Internacional e Flamengo, no Beira-Rio, os presidentes dos dois clubes, mais Carlos Miguel Aidar, presidente do C13, e Paulo Odone, presidente do Grêmio, se reuniram em Porto Alegre para um ajuste de

regulamento. Os dirigentes determinaram que, em caso de igualdade de pontos ao fim dos dois jogos, haveria 30 minutos de **prorrogação e disputa por pênaltis** para definir o campeão. Antes, a norma redigida pela CBF previa que, em caso de igualdade, um sorteio definiria quem daria a volta olímpica. Um ajuste necessário, como saudou Juca Kfouri em sua coluna na revista *Placar*: "O que importa é que a Copa União será decidida em campo. E que o futebol deu um exemplo que deve servir de meditação geral. Um golaço do Clube dos 13".[112] Necessário, porém tardio – é bom que se diga.

> **Guarani e Sport**, que decidiram o módulo amarelo, resolveram imitar os finalistas da Copa União ao incorporar a prorrogação e a disputa por pênaltis em caso de igualdade após as duas partidas. O tiro acabou saindo pela culatra. O Guarani venceu em Campinas por 2 a 0. O Sport fez 3 a 0 no Recife. Nada de gol na prorrogação. Nos pênaltis, quando o placar já indicava 11 a 11, os dois presidentes entraram em um acordo e dividiram o título da segunda divisão disfarçada.

A CBF usou a prática da mudança de regulamento com a competição em curso para impor o que era sua vontade desde o início: o cruzamento dos módulos verde e amarelo para definir o campeão brasileiro. Na verdade, era uma adaptação do quadrangular que o Clube dos 13 já havia aceitado realizar para definir os representantes do país na Copa Libertadores de 1988.

A mudança de status do quadrangular foi oficialmente aprovada pelo C13. A associação elegeu Eurico Miranda, diretor de futebol do Vasco, como seu interlocutor junto à Confederação. Com pouco menos de dez anos de envolvimento com o futebol do clube carioca, Eurico já mostrava desenvoltura para trafegar nos círculos do poder – traço que marcaria sua controversa carreira de dirigente nas décadas seguintes. Ao mesmo tempo que vendia ao Clube dos 13 a ideia de que defendia os interesses da entidade, trabalhava para atender aos desejos da CBF. "Ele nos traiu e deu sinal verde para a CBF virar a mesa, mesmo contra a determinação dos outros 12 clubes de não fazer o cruzamento com o módulo amarelo", reconheceria Aidar, duas décadas mais tarde.[113]

A traição de Eurico Miranda teve reflexo duradouro no Clube dos 13. Além de abalar internamente a associação, abriu terreno para que a CBF impusesse sua visão, futuramente respaldada pela Fifa, no desfecho do Campeonato Brasileiro de 1987. As consequências tornaram-se mais claras no ano seguinte. Em vez dos 16 clubes da primeira edição, a segunda Copa União teve 24 participantes – resultado de um acordo político entre Clube dos 13 e CBF, visando à eleição da Confederação em janeiro de 1989. Com mais times,

a CBF contemplaria mais federações entre as que compunham o seu colégio eleitoral. O C13, que seguiria responsável pela comercialização do campeonato, saiu também com duas promessas que não seriam cumpridas: a redução gradual do número de equipes, até um Brasileiro com 16 times em 1992, e a extensão da edição de 1988 até maio de 1989, em um formato mais próximo ao calendário europeu.[114] "A Globo apoiou com força o torneio de 1987 e se sentiu traída pelos clubes no ano seguinte", disse Juca Kfouri. "O que era para ser uma revolução se transformou em uma transição, mas não deixou de ter sua importância histórica", reforça o também jornalista Celso Unzelte.[115]

O Inter queria enfrentar o Sport

O Sport percorreu a mais surreal trajetória entre todos os campeões brasileiros de futebol. Quando terminou o Campeonato Brasileiro de 1986, o clube estava rebaixado para a segunda divisão e, portanto, naturalmente distante de vencer um grande título nacional. Em um país onde promoção e rebaixamento eram regras frágeis e pouco usadas, o acesso à primeira divisão era um duro caminho a ser trilhado.

Com a Copa União consolidada nos planos do Clube dos 13 e a CBF obrigada a correr para formatar os outros módulos do campeonato nacional, a situação do Sport tornou-se ainda mais desesperadora. A Copa União contaria com os 13 integrantes da associação de clubes, mais os convidados Santa Cruz, Goiás e Coritiba. A CBF, então, desenhou o módulo amarelo, também com 16 times – os mais bem classificados do Brasileirão de 1986 que não estivessem na nova competição.

Segundo esse critério, o Leão pernambucano teria de jogar o módulo azul, uma terceira divisão disfarçada. Somente com a proposta rapidamente engavetada da Federação Paulista, um time desse nível teria chance de brigar pelo título brasileiro. Para tanto, deveria ser o melhor entre 32 e vencer a disputa de dois quadrangulares, mais semifinal e final em mata-mata, contra quatro clubes da Copa União e três do módulo amarelo.

Porém, o Sport foi pinçado para o módulo amarelo no lugar da Ponte Preta, em uma combinação de interesses comerciais – a CBF acertou a transmissão do campeonato com o SBT – e políticos – Marco Maciel, o mesmo que havia

interferido para resgatar o Náutico e o Santa Cruz no Brasileiro de 1986, seguia influente em Brasília, como ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República. Até a metade do nacional de 1987, jogar um quadrangular com o campeão e o vice da Copa União valendo vaga na Libertadores seria o máximo que o Sport conseguiria.

A ardilosa movimentação de Eurico Miranda permitiu que a CBF desse chancela de disputa de título brasileiro ao quadrangular. Ainda assim, o Sport teria de vencer o Guarani – algo que não tinha conseguido fazer na decisão do módulo amarelo –, Flamengo (um esquadrão com Zico, Bebeto, Renato Gaúcho, Leandro, Edinho, Mozer e Leonardo) e Internacional (outro timaço, com Taffarel, Luís Carlos Winck, Aloísio, Luís Fernando e o técnico Ênio Andrade).

Em janeiro de 1988, o Flamengo ainda tentou derrubar a realização do quadrangular. Convocou um Conselho Arbitral para mudar o regulamento do campeonato – possibilidade contemplada pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), desde que fosse por unanimidade. Dos 32 clubes dos módulos verde e amarelo, 29 compareceram. Destes, sete votaram contra a mudança nas regras, o suficiente para barrar o pedido do clube carioca e manter o quadrangular.

Na prática, o Sport precisou fazer muito menos. O Flamengo recusou-se terminantemente a jogar o quadrangular. O Inter ainda hesitou, pois estava de olho na vaga para a Libertadores e cogitou a realização de um triangular com pernambucanos e bugrinos. Mas, em nome da unidade do Clube dos 13, manteve-se fora da disputa. Após quatro vitórias por W.O. sobre gaúchos e cariocas, Sport e Guarani decidiram o título nas duas únicas partidas do quadrangular. Empate por 1 a 1 em Campinas; triunfo pernambucano por 2 a 1 no Recife.

O Sport foi reconhecido pela CBF, pela Fifa e pela **Justiça** como único campeão brasileiro de 1987. Anos depois, em um nítido caso de conveniência política, acabou reconhecido pelo São Paulo, clube que liderou a rebelião materializada pela Copa União.

Na briga jurídica pelo título de 1987, sobrou até para o álbum de figurinhas do Campeonato Brasileiro. O Sport conseguiu na Justiça que a editora Panini retirasse de circulação o álbum da Copa União de 1988 que tratava o Flamengo como vencedor da edição anterior.

Em 1975, a Confederação Brasileira de Futebol instituiu a Copa Brasil, troféu que, pelo seu formato, acabaria conhecido como Taça das Bolinhas. Ele seria de posse transitória até que o campeonato nacional fosse conquistado pelo

mesmo clube por três vezes consecutivas ou cinco alternadas. Nas contas do Flamengo, a taça seria sua a partir de 1992, quando o clube teria conquistado o Brasileirão pela quinta vez – o quarto título seria o da Copa União. O São Paulo passou a pleitear a posse definitiva da honraria em 2007, quando venceu o seu quinto nacional. Para isso, porém, teria de ir contra sua posição histórica como fundador do Clube dos 13 e ator principal na criação da Copa União. E assim fez o clube paulista, que segue na Justiça tentando provar que é o verdadeiro dono da Taça das Bolinhas.

Curiosamente, a CBF também contrariou sua posição histórica por motivação política. Na famosa revisão que elevou a **Taça Brasil e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa** ao mesmo patamar do Campeonato Brasileiro, a entidade, para cutucar o São Paulo (então seu rival político), passou a considerar 1987 um ano com dois campeões: Sport e Flamengo. Essa reedição dos fatos durou de fevereiro a maio de 2011, quando o clube pernambucano conseguiu ser o único campeão de 1987 reconhecido pela Justiça. Assistimos, até hoje, às cenas de um interminável Brasileirão.

A Taça Brasil, um embrião da atual Copa do Brasil, foi um torneio eliminatório disputado entre 1959 e 1968. O Torneio Roberto Gomes Pedrosa, antecessor do Campeonato Brasileiro, fez parte do calendário nacional entre 1967 e 1970. Em 2010, a CBF equiparou os dois torneios ao Brasileirão. Assim, o maior campeão nacional deixou de ser o São Paulo (seis taças) e passou a ser Santos e Palmeiras (oito cada um).

O Flamengo tentou trocar o título por uma vaga no Clube dos 13

Em 1997, o Clube dos 13 fez sua primeira expansão, abrindo as portas para uma das maiores dores de cabeça de sua história. Com dez anos de existência, a entidade decidiu aumentar o número de integrantes de 13 para 16. Não se tratava de caridade, mas de uma estratégia comercial. Com mais membros, o C13 teria um poder de barganha maior na negociação dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro. Isso havia sido um problema na edição anterior.

Em 1996, o Clube dos 13 tinha contrato de exibição em TV fechada com as Organizações Globo. Os times que não eram filiados à agremiação

fecharam, via CBF, com a Abril. Na prática, duelos entre times do C13 passavam no SporTV e na Rede Globo; quando estavam em campo duas equipes de fora do C13, o televisionamento se fazia pela recém-criada ESPN Brasil. Confrontos entre um representante de cada facção não passavam em canal nenhum. Assim, ter mais gente sob seu guarda-chuva permitia à associação dos clubes oferecer um pacote maior de jogos e, consequentemente, ganhar mais dinheiro.

Os clubes (e mercados) escolhidos foram os mesmos de dez anos antes, na época da composição da Copa União. Houve apenas uma troca no representante pernambucano. Assim, no dia 9 de junho de 1997, no hotel Turmalinas, no Rio de Janeiro, os 13 fundadores do Clube dos 13 votaram a entrada de Coritiba, Goiás e Sport. A ata da reunião, porém, registra um movimento revelador do Flamengo.[116]

Kléber Leite, então presidente do clube carioca, afirmou que só votaria a favor da entrada do Sport no C13 se o clube pernambucano reconhecesse que a Copa União tivera dois campeões. “Era seu dever colocar que, se o Sport não concordasse com a postulação junto à CBF de que ambos, Sport e Flamengo, fossem declarados campeões brasileiros de 1987, declarava seu voto contra o ingresso do Sport no Clube dos 13”, registra a ata.

O mesmo documento indica que a reação de Luciano Bivar, presidente do clube pernambucano, foi de surpresa. “Em nenhum momento teria sido condicionada sua entrada ao direito ora invocado pelo Flamengo” e “Teria que ouvir seus pares de diretoria e não podia submeter-se à exigência colocada” foram algumas alegações do dirigente.

Após intervenções de Vasco e São Paulo, os clubes fecharam um acordo. Encaminhariam à CBF um pedido para que o Brasileiro de 1987 passasse a ter dois campeões (Sport e Flamengo) e dois vices (Guarani e Internacional). O Sport estava oficialmente no Clube dos 13. Mais do que isso: pela primeira vez, havia uma manifestação oficial do Flamengo reconhecendo o clube pernambucano como campeão brasileiro de 1987.

109 “Octávio diz que CBF está quebrada; Brasileiro de 1987 pode ser regionalizado”, Folha de S.Paulo, 7 de julho de 1987, página A18.

110 “Clube dos 13 aceita proposta de dois grupos com 16 times para 87”, Folha de S.Paulo, 26 de julho de 1987, página A38.

111 “Copa Brasil deve sair. Já há acordo”, O Estado de S. Paulo, 4 de setembro de 1987, página 14.

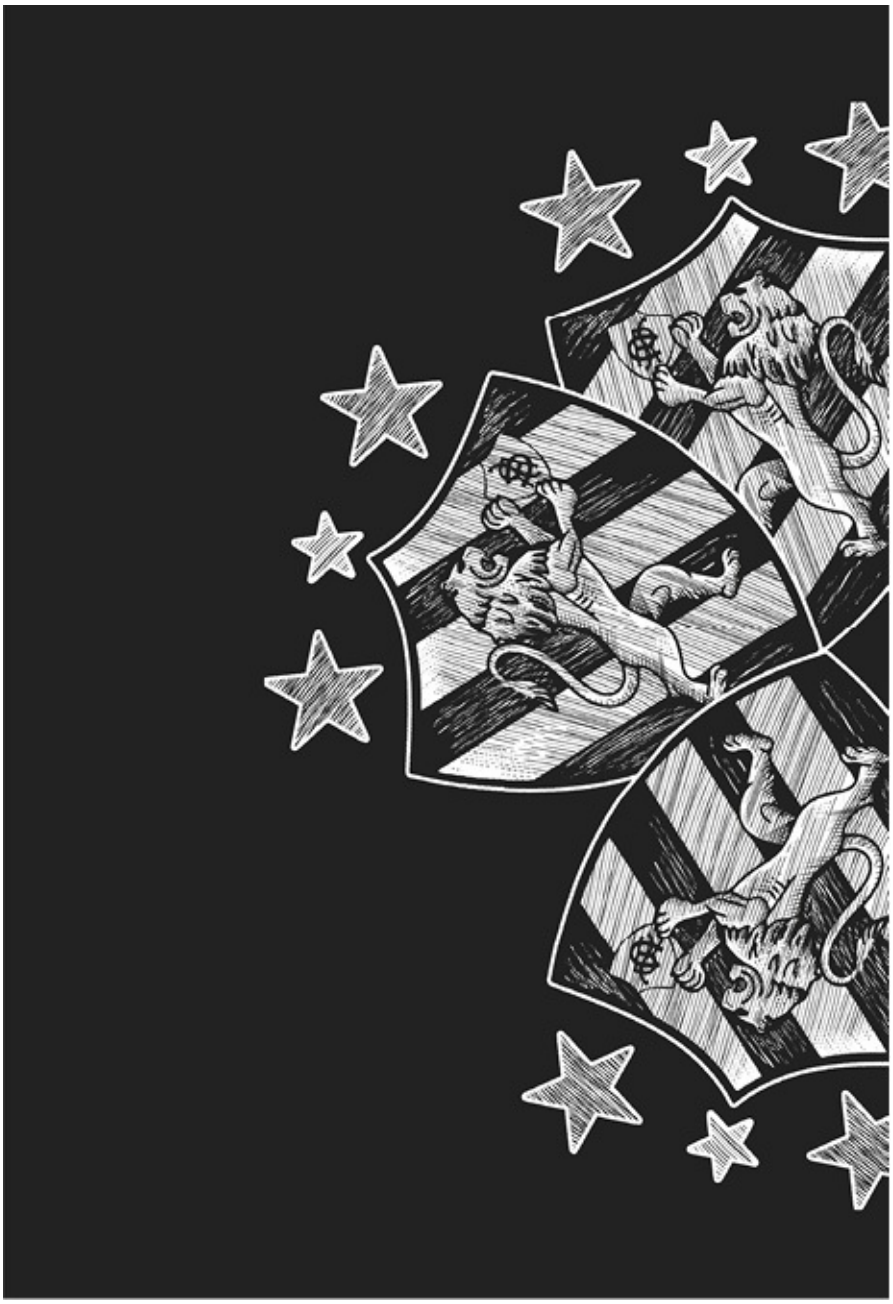
112 “O que ninguém viu”, revista Placar, 11 de dezembro de 1987, página 22.

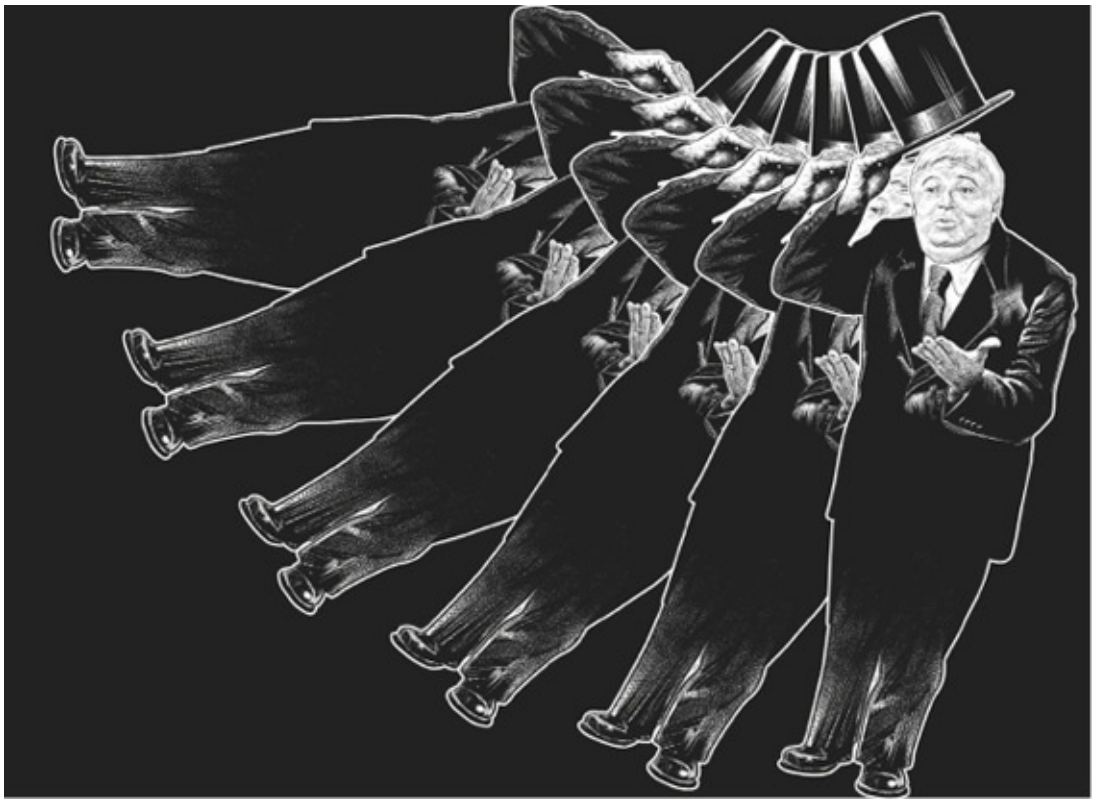
113 “Crise, revolução e traição”, revista Trivela, maio de 2007.

114 “Clube dos 13 quer 16 times no campeonato em 1992”, Folha de S.Paulo, 22 de agosto de 1988, página D6.

115 “Crise, revolução e traição”, revista Trivela, maio de 2007.

116 A ata pode ser acessada em http://globoesporte.globo.com/platb/primeiramao/2010/04/14/polemica-da-taca-das-bolinhas-pode-ter-novo-capitulo-e-reviravolta.





RICARDO TEIXEIRA

RICARDO TEIXEIRA SALVOU OS TORNEIOS NACIONAIS DE CLUBES

Ricardo Teixeira permaneceu 23 anos na presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Genro do ex-presidente da Fifa, João Havelange, não tinha qualquer envolvimento com o esporte até ser eleito em 16 de janeiro de 1989 – embora fosse torcedor declarado do Flamengo e do Atlético Mineiro. O dirigente construiu seu poder em cima de três pontos: o parentesco ilustre, a força da seleção brasileira e o suporte das federações estaduais.

A relação com João Havelange sobreviveu até mesmo ao divórcio entre Ricardo Teixeira e Lúcia Havelange, em 1997. Os negócios da Fifa envolvendo sogro e genro – alguns deles escusos a ponto de custar a permanência de ambos no Comitê Executivo da entidade – haviam se tornado um laço mais firme do que qualquer almoço de domingo poderia estabelecer.

A seleção brasileira retomou o encantamento perdido nos anos 70 e ampliou as receitas a patamares nunca antes vistos graças às conquistas de duas Copas do Mundo: em 1994, nos Estados Unidos, e em 2002, na Coreia do Sul e no Japão. Como todo cartola que (não) se preze, Teixeira sempre atribuiu os títulos mais a si mesmo do que a Romário e Ronaldo – artilheiros e craques brasileiros das duas conquistas, respectivamente. Às vésperas do Mundial de 2014, no Brasil, a seleção brasileira somava 14 patrocinadores, que asseguravam à CBF um faturamento anual de 324,5 milhões de reais.

Com as federações, a relação de Teixeira sempre foi apoiada no tradicionalíssimo toma lá, dá cá. As entidades responsáveis pelo futebol nos estados formam o colégio eleitoral da CBF. Quando Teixeira foi eleito, apenas elas tinham direito a voto. A partir da década seguinte, também os clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Ainda assim, manteve-se a possibilidade de ele ser eleito à presidência da CBF somente com o apoio das federações.

O apoio funcionava como uma garantia pela qual Teixeira fez contínuos movimentos políticos. Em dois momentos, mesmo que seu objetivo final fosse manter curto o cabresto do colégio eleitoral, isso acabou tendo efeito positivo para as disputas de clubes no país. Por mais paradoxal que seja, Ricardo Teixeira salvou os torneios nacionais de clubes no Brasil.

Teixeira criou a Copa do Brasil para trocar vaga por voto

Uma das mais famosas frases da relação entre o futebol e a ditadura militar era: “Onde a Arena vai mal, outro time no nacional. Onde a Arena vai bem, também”. O lema popular ditava o ritmo da expansão do Campeonato Brasileiro nos anos 70 para atender a interesses da Aliança Renovadora Nacional, a Arena, partido político que dava sustentação ao governo militar. O Brasileirão teve sua primeira edição em 1971, com 20 clubes de oito estados. No ano seguinte, 26 participantes e 12 unidades da federação. Em 1976, 54 times e 19 estados. O ápice aconteceu em 1979 – 94 clubes e 22 federações representadas. Foi o último Brasileirão organizado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade que cuidava de todas as modalidades esportivas do país. Por determinação da Fifa, uma associação exclusiva deveria cuidar do futebol.

A nova CBF enxugou o Campeonato Brasileiro, mas não muito. Seriam 40 clubes por cinco edições (de 1980 a 84), 44 em 1985 e 48 na edição seguinte. O poder das federações era mantido pelo critério de classificação para o nacional. Sem um sistema de acesso e rebaixamento, as vagas eram distribuídas de acordo com a classificação nos estaduais. Uma hierarquia quebrada em 1987, com a criação da Copa União. A combinação entre uma intervenção do governo federal para solucionar o imbróglio causado pelo doping de um jogador do **Sergipe**

e uma crise financeira sem precedentes fez a CBF abrir mão de organizar a competição.

O Joinville pediu os pontos do empate por 1 a 1 com o Sergipe, alegando doping de um jogador do time nordestino. O Conselho Nacional de Desportos (CND), para agradar ao ministro da Educação – o catarinense Jorge Bornhausen –, deu os pontos ao Joinville, o que tirava o Vasco da segunda fase. A CBF aplicou um artigo controverso do regulamento para eliminar a Portuguesa e, consequentemente, resgatar o Vasco. Os clubes paulistas ameaçaram se retirar do campeonato, e a Portuguesa foi reconduzida à segunda etapa, junto a três outros clubes: Santa Cruz, Náutico e Sobradinho-DF, que, pelo regulamento original, teriam caído na primeira fase.

O controle do Brasileirão passou aos clubes. Os 13 maiores do país se juntaram em uma entidade, o Clube dos 13, e convidaram outros três clubes para fechar um seletíssimo grupo de 16 – um conjunto selecionado não apenas no número de participantes, mas também na abrangência regional. Eram dois gaúchos (Grêmio e Internacional), um paranaense (Coritiba), quatro paulistas (Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos), quatro cariocas (Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco), dois mineiros (Cruzeiro e Atlético Mineiro), um goiano (Goiás), um baiano (Bahia) e um pernambucano (Santa Cruz). Apenas oito estados atendidos, retornando ao patamar de 1971. No ano seguinte, o Brasileirão ganhou oito participantes a mais, com a adição, porém, de apenas uma unidade da federação: Santa Catarina, com o Criciúma. Era o estopim para a revolta contra Octávio Pinto Guimarães, presidente da CBF.

Advogado e presidente da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro por 18 anos – um recorde até então –, Guimarães chegou ao topo do futebol nacional de maneira pitoresca, munido da inseparável piteira, do par de luvas que o protegia de uma alergia rara nas mãos e com um crucifixo sempre guardado no bolso do paletó. Em 1986, era candidato a vice na chapa de oposição, encabeçada por Nabi Abi Chedid. Pela situação concorria João Maria Medrado Dias, apoiado por João Havelange, então presidente da Fifa, Giulite Coutinho, presidente da CBF, grandes empresas (Bradesco e Votorantim) e veículos de comunicação (Organizações Globo, *Jornal do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*). A disputa pelo poder teve episódios rocambolescos, como uma tentativa de suborno ao presidente da Federação Acriana, Antônio Aquino. Ele recebeu um cheque de 400 mil cruzados do grupo de Chedid e Guimarães, a título de financiar uma reforma na entidade estadual.[117] Um cheque sem fundo, diria tempos depois em entrevista ao *Jornal do Brasil* Eduardo Viana, o Caixa D'Água, sucessor de Guimarães no Rio de Janeiro.

Na iminência de um empate, Nabi deu uma tacada de mestre a 30 minutos da eleição. Inverteu com Guimarães, dez anos mais velho, sua posição na chapa. O estatuto da CBF determinava que o candidato de mais idade seria

escolhido em caso de igualdade nas urnas. A escolha teve também um fundo funesto. Guimarães tinha câncer e os médicos lhe davam poucos meses de vida. Assim, tanto Nabi quanto a oposição viam a sua gestão durar menos que os três anos previstos. Guimarães não precisou da certidão de nascimento para ser eleito: ganhou por um voto. Também frustrou quem previa sua morte em poucos meses – chegou até o fim do mandato e morreu um ano após concluí-lo. O dirigente apenas não contornou o desgaste político junto às federações.

"Chegou a vez do Norte e do Nordeste serem ouvidos na CBF", cobrava José Alcy, presidente da Federação Cearense. "Não pretendemos competir com São Paulo e Rio, mas não é justo cairmos no esquecimento a que nos relegou a CBF", dizia Mário Carneiro, da Maranhense. "A segunda divisão, pelo menos, deve ter os campeões do Norte e do Nordeste", sugeria Pio Marinheiro, do Rio Grande do Norte.[118]

As lamúrias dos dirigentes foram feitas em um churrasco oferecido na sede da Federação Paulista de Futebol, a três dias da eleição que iria opor Ricardo Teixeira a Octávio Pinto Guimarães, em janeiro de 1989. Àquela altura, a votação estava condenada a ser um mero jogo de cenas. Teixeira tinha o apoio de 25 das 26 federações estaduais existentes na **época**. A última adesão, de Rondônia, aconteceu no dia da eleição. Diante da derrota certa, Guimarães retirou sua candidatura "a pedido das federações", que ainda tiveram suas dívidas anistiadas – um total de 32,5 milhões de cruzados.[119]

> **A CBF ganharia** um novo eleitor na primeira reeleição de Ricardo Teixeira, em 1993. O Tocantins fundou sua federação em 1990, um ano depois da criação do estado, desmembrado de Goiás. Mesmo jovem, a entidade rapidamente aderiu ao sistema político do futebol brasileiro. Beneficiada por uma mesada da CBF, a associação tem o mesmo presidente desde sua fundação: o senador Leomar Quintanilha. A CPI CBF-Nike, na Câmara, verificou, entre 1995 e 2000, uma entrada de 7,6 milhões de reais nas contas da entidade sem o adequado registro contábil.

Teixeira foi eleito por aclamação pelos 26 dirigentes hospedados no luxuoso Copacabana Palace – tudo bancado pela CBF, que concluía, assim, um processo de sedução das federações iniciado durante a Copa do Mundo de 86. O genro de Havelange bancou ainda as despesas de 14 presidentes, alguns acompanhados de suas esposas, em hotéis de luxo no México. Depois, costurou junto ao governo federal – por intermédio de Alfredo Leal Nunes, presidente da Federação Piauiense – que o percentual da receita da loteria esportiva ao qual a CBF tinha direito fosse revertido às federações estaduais. Por fim, como um último mimo, comprou para cada uma das federações uma máquina de **fax** da

marca Itautec, para agilizar o envio de registros de jogadores ao Rio de Janeiro. Uma conta de 2 milhões de dólares, que Teixeira pagou do próprio bolso, mas que admitiria, depois, levar para apreciação da Assembleia Geral da CBF – composta pelas federações –, que deveria votar pelo reembolso.[120]

Fabricadas em larga escala a partir de 1973, no Japão, as máquinas de fax eram um luxo no Brasil dos anos 90. Por isso, a doação de Ricardo Teixeira tinha peso no pacote de mimos eleitorais. Atualmente, os registros são feitos de forma eletrônica, por meio de computadores – que, aliás, a CBF também ajudou a comprar, no caso de inúmeras federações. Não por benevolência, mas de olho na manutenção do poder.

Prestações suaves de uma conta que teria sua parcela mais gorda paga já no primeiro dia de Ricardo Teixeira na presidência da CBF. Da primeira assembleia geral sob o comando do novo chefe do futebol brasileiro, saiu a proposta de criação de um torneio com 32 clubes representando todos os estados. A fórmula de disputa seria a mesma de competições similares na Europa – o "mata-mata". Ao campeão, uma vaga na Taça Libertadores da América. O nome, Copa do Brasil.

Politicamente, a competição era um sucesso irrefutável. Garantia a todas as federações ao menos um representante no segundo principal torneio do país, com um bônus em relação à segunda divisão, na qual os estados do Norte e do Nordeste pleiteavam lugar cativo para os seus campeões: permitia duelos com gigantes do futebol nacional, como Flamengo, Corinthians, Vasco, Palmeiras e São Paulo, entre outros.

Esportivamente, além de abrir um segundo caminho para o principal torneio interclubes do continente, criava uma blindagem inédita para o Campeonato Brasileiro. Saciadas politicamente com a Copa do Brasil, as federações não voltariam a forçar um inchaço no Brasileirão. Depois da instituição do novo torneio, nos três momentos em que a primeira divisão foi inflada – 1993, 1997 e 2000 –, o objetivo era proteger clubes, não entidades estaduais.

Mesmo com o efeito benéfico dentro de campo, a Copa do Brasil atraía críticas pela sua natureza política. Em 1989, Zico foi processado por Ricardo Teixeira após afirmar que o torneio era deficitário e fora criado para pagar o apoio à candidatura do presidente da CBF. A própria ação era uma bravata. Foi extinta porque o cartola sequer mandou um advogado para a audiência. "Eles assinaram embaixo do que eu disse, mostraram que eu tinha razão",[121] disse Zico.

Nos anos seguintes, a CBF assinaria embaixo do que Zico disse várias

outras vezes. A composição da tabela do torneio tornou-se um instrumento político, com os grandes clubes viajando para atuar em estados aliados. Ao longo dos 23 anos da gestão de Ricardo Teixeira, o Piauí recebeu 16 vezes um grande do Rio ou de São Paulo na primeira fase do mata-mata. Paraíba e Sergipe, 15. Um direcionamento pensado cuidadosamente pela CBF, que reafirmou o poder estabelecido. A resultante blindagem do Campeonato Brasileiro, por sua vez, contribuiria para a segunda revolução nas competições nacionais de clubes promovida pelo dono do futebol no país ao longo de mais de duas décadas.

Teixeira trocou o mata-mata por pontos corridos para salvar a própria pele

Ricardo Teixeira semeou a relação com as federações no quente verão mexicano de 1986, enquanto Telê Santana fracassava pela segunda vez na tentativa de levar a seleção brasileira ao tetracampeonato mundial. Três anos depois, o pacto com as entidades estaduais levou o genro de João Havelange à presidência da CBF, tendo como moedas de troca a máquina de fac-símile, o perdão de dívidas e uma competição feita sob medida para atender a interesses regionais. Contudo, foi ao longo dos anos 90 que a ligação entre o principal cartola do país e as capitanias hereditárias que gerenciavam o futebol nos estados atingiu o nível máximo, extrapolando o futebol.

A CBF passou a financiar campanhas para prefeito, governador, deputado e senador por intermédio das federações. Ricardo Teixeira autorizava doações às entidades estaduais, que repassavam o dinheiro aos candidatos. Um fluxo habitual, que crescia consideravelmente em períodos eleitorais. No último quadrimestre de 1998, ano de eleições estaduais e presidenciais, as remessas da CBF para as federações beiravam 500 mil reais mensais, contra 300 mil no restante do ano. Lógica repetida em 2000, ano de eleições municipais.[122]

Além de coincidir com os anos eleitorais, as maiores doações tinham outra característica em comum: a dificuldade dos presidentes das federações em explicar sua finalidade. No Acre, Antônio Aquino Lopes, o mesmo que havia recebido o cheque sem fundo de Octávio Pinto Guimarães, foi agraciado pela CBF com 418 mil reais, em 1999 – dinheiro com destino não comprovado.[123]

Francisco das Chagas Dissica, do Amazonas, sacou diversos cheques da CBF em nome da federação estadual, em valores que variavam de 20 a 200 mil reais, além de comprar uma caminhonete com outro cheque da entidade.[124] Compensação de cheques na boca do caixa também era ato corriqueiro na Federação Goiana.[125] No Mato Grosso do Sul, os repasses maiores em época de eleição eram justificados como investimento em futebol amador.[126] No Rio Grande do Norte, a desculpa era que a mesada extra seria destinada aos clubes.[127]

A maneira como a CBF amarrava as federações foi um dos principais temas das CPIs do Futebol, no Senado, e **CBF-Nike**, na Câmara, entre 2000 e 2001. A investigação abriu a caixa preta do futebol brasileiro e, aliada à péssima campanha da seleção nas eliminatórias para o Mundial de 2002, pôs Ricardo Teixeira sob risco de destituição: programou-se a saída do dirigente para depois da Copa, tempo suficiente para o cartola contar com o aparentemente milagroso pentacampeonato na Ásia e articular uma permanência – algo que desencadeou a segunda revolução nos torneios nacionais de clubes. Revolução que resultaria na salvação do Campeonato Brasileiro de futebol.

> **A CPI CBF-Nike teve** como presidente Aldo Rebelo, do PCdoB – na época, atuante deputado federal de oposição e feroz investigador das operações de Ricardo Teixeira. Uma década depois, já no posto de ministro dos Esportes, Rebelo não hesitou em posar várias vezes ao lado de Teixeira durante a organização da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, até o dirigente entregar seus cargos de presidente da CBF e do Comitê Organizador do Mundial.

Em meados de 2001, Teixeira, o governo federal e a Rede Globo, detentora dos direitos de transmissão do futebol no país, costuraram um calendário quadrienal, com profundas mudanças na hierarquia das competições, sob a bênção de Pelé e do presidente de honra da Fifa, João Havelange. Devassadas e com seu amadorismo escancarado pelas CPIs, as federações deveriam perder força. E nada é mais representativo da força das federações do que os campeonatos estaduais, arrastados ao longo de um semestre inteiro.

Em 2002, os estaduais das federações ficariam praticamente restritos a uma fase final de cinco datas, para a qual se classificariam os melhores times das copas regionais. Divididos em Rio-São Paulo, Sul-Minas, Nordeste, Norte e Centro-Oeste, os torneios ocupariam a maior parte do primeiro semestre, organizados por ligas de clubes – outra recomendação das CPIs. Além de entrar na fase final dos estaduais – ou superestaduais –, os melhores das ligas também avançariam à Copa dos Campeões, um torneio curto que garantia ao vencedor

uma vaga na Libertadores. Por fim, o segundo semestre ficaria destinado ao Campeonato Brasileiro. Esse formato deveria durar quatro anos. Sobreviveu por apenas um.

Já no início de 2002 o novo calendário colecionava críticos. Entre eles, as federações, que ainda viram a Copa do Brasil, eterno instrumento de barganha política, pular de 52 para 64 participantes entre 2001 e 2002. Havia também os clubes que ficaram sem partidas oficiais por até três meses, por causa de campanhas ruins nas ligas regionais, e que pediam outra alteração. A conquista da Copa do Mundo pela seleção deu a Ricardo Teixeira o respaldo necessário para implementar uma reforma conveniente.

O primeiro golpe foi dado nas ligas. No texto final do pacto que gerou o calendário quadrienal, Ricardo Teixeira incluiu que a CBF deveria homologar as copas regionais – chancela que a entidade se recusou a dar a partir de 2003. No lugar das disputas interestaduais voltaram os velhos estaduais, dessa vez confinados aos três primeiros meses da temporada. Com o início do ano dedicado à preparação dos clubes, oito meses ficaram reservados para o Campeonato Brasileiro. Não mais em fórmulas esdrúxulas, com fases de classificação e número incerto de participantes, mas no sistema de pontos corridos (novamente uma influência europeia): todos os clubes se enfrentam duas vezes e o título fica com aquele que somar mais pontos. O sistema atendia à demanda da Rede Globo, que atacara o dirigente com força durante as CPIs, quase provocando sua queda. Também casava com o desejo do governo federal, que havia acabado de pôr em prática o Código de Defesa do Torcedor – que, entre outras coisas, fazia a exigência de as competições nacionais respeitarem o sistema de acesso e descenso e repetirem a fórmula de disputa por no mínimo dois anos.

Os pontos corridos foram levados a cabo segundo essa repetição. Não por apenas dois anos, mas por 11 temporadas consecutivas até 2013. O número de participantes, inicialmente 24, foi reduzido até se estabilizar em 20, em 2005. Os principais clubes do país não mais ficaram inativos por longos períodos no meio da temporada. Com um calendário cheio, as equipes conseguiram negociar contratos de televisão mais lucrativos: os 130 milhões de dólares distribuídos entre 24 clubes pela transmissão do Campeonato Brasileiro de 2003 mal pagariam as cotas de Corinthians e Flamengo dez anos depois.

Exatamente como na criação da Copa do Brasil, Ricardo Teixeira mexeu no modelo de disputa do Campeonato Brasileiro pensando unicamente em consolidar seu poder político. E, exatamente como na criação da Copa do

Brasil, ajudou a resgatar da Idade da Pedra os torneios nacionais de clubes. Provavelmente sem essa intenção, Ricardo Teixeira produziu imensas vitórias esportivas.

117 Octávio Pinto Guimarães, entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, em 10 de janeiro de 1986, disponível em www.rodaviva.fapesp.br/materia/359/entrevistados/octavio_pinto_guimaraes_1986.htm.

118 “Candidato promove festival na FPF”, O Estado de S. Paulo, caderno Esportes, 13 de janeiro de 1989, página 17.

119 “Presidente da CBF anistia federações e vai retirar candidatura à reeleição”, Folha de S.Paulo, 14 de janeiro de 1989, página D4.

120 Eleição na CBF custa US$ 2 milhões para Teixeira”, Folha de S.Paulo, 12 de janeiro de 1989, página D3.

121 “Zico acusa CBF de omissão”, O Estado de S. Paulo, 19 de outubro de 1989, página 29.

122 Aldo Rebelo e Silvio Torres, CBF-Nike, Casa Amarela, 2001, página 100.

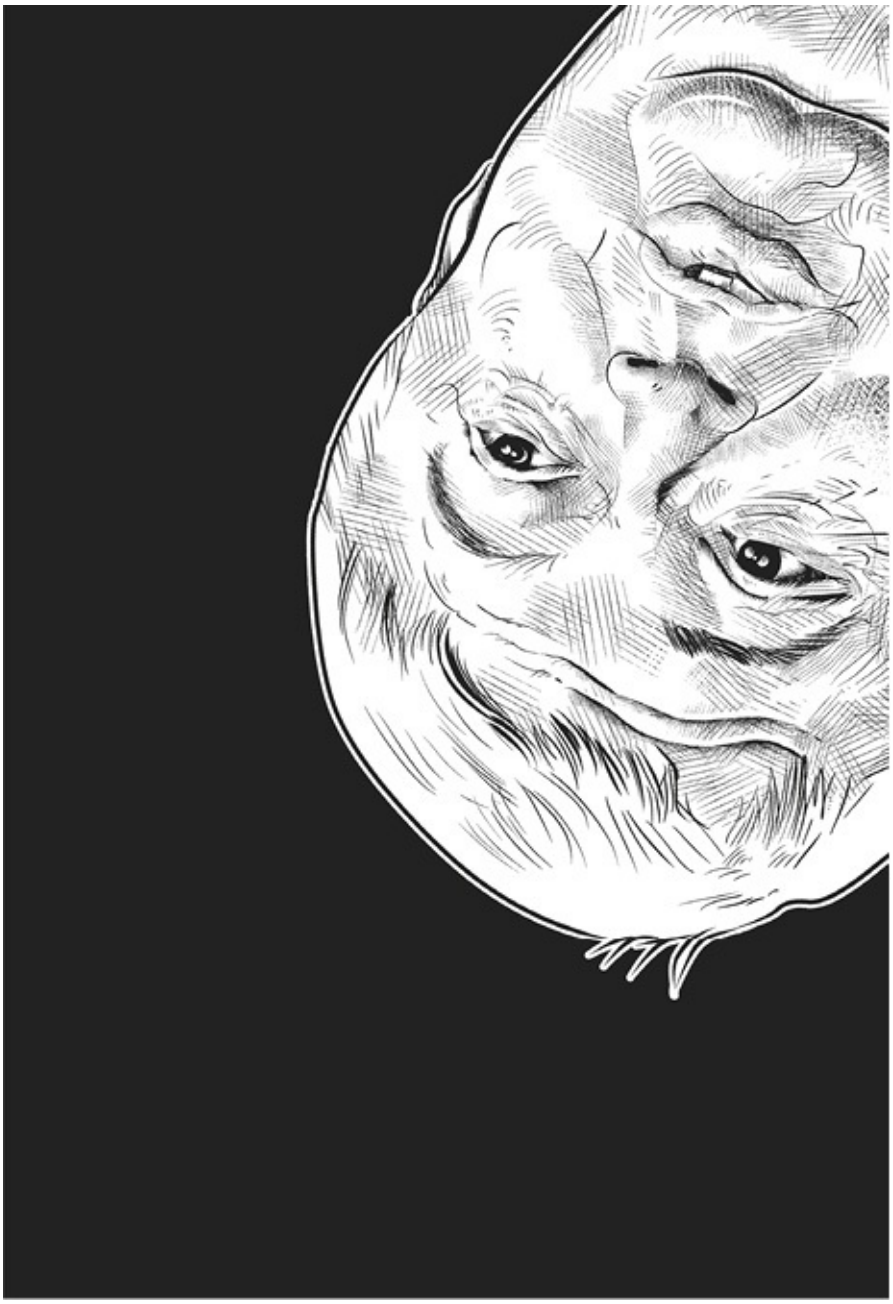
123 Aldo Rebelo e Silvio Torres, página 159.

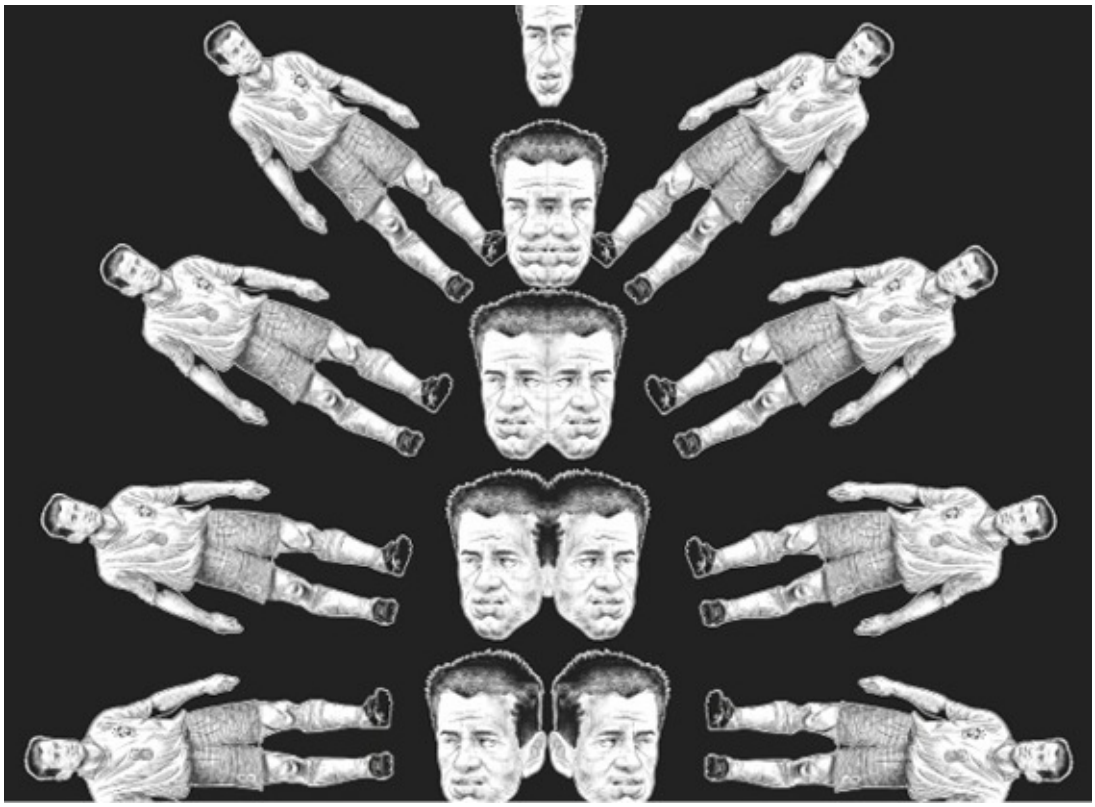
124 Aldo Rebelo e Silvio Torres, página 161.

125 Aldo Rebelo e Silvio Torres, página 169.

126 Aldo Rebelo e Silvio Torres, página 177.

127 Aldo Rebelo e Silvio Torres, página 197.





COPA DE 94

O BRASIL DE 94 JOGAVA UM FUTEBOL TÃO BOM QUANTO A ESPANHA DE XAVI E INIESTA

A posse de bola é uma obsessão. Com a redonda sob controle, o passo seguinte é tocá-la para o companheiro mais próximo, de maneira sucessiva e incansável. Quem deve cansar é o adversário. Cansar de correr atrás da bola. De intuir para quem será o próximo passe. De fechar os espaços. Quando a guarda baixa, é hora do golpe fatal. O toque preciso para um atacante em condições de fazer um gol. Um, não: o único gol. Um gol basta. A defesa é firme o bastante para evitar que o adversário consiga reverter o placar. Primeiro, porque a bola está quase sempre sob controle. Quem não tem a bola não ataca, não faz gol. Segundo, porque o time joga afinado mesmo quando sob ataque. É um domínio diferente. Não pelo modelo de beleza historicamente consagrado. É um domínio por asfixia. Uma agonia para quem perde. E também para quem vence, e vence sempre pela vantagem mínima na curta caminhada de sete jogos em 30 dias para ser campeão mundial. Melhor? Não necessariamente. Vencedor? Sem a menor dúvida.

A fórmula descrita acima levou duas seleções a vencer a Copa do Mundo em um intervalo de 20 anos. Obsessão pela posse de bola, troca de passes constante, consistência defensiva, redução de espaços, ruptura com o modelo consagrado no país, placares apertados na campanha final. Foi assim que a Espanha explodiu a fama de amarelona e tornou-se o oitavo campeão mundial, em 2010, na África do Sul. Não como Fúria, o rótulo perfeito para a seleção passional, em que valia muito mais a valentia do que a técnica. Mas como Roja, a sádica equipe capaz de tocar a bola até seu adversário entrar em transe e, mentalmente de joelhos, abrir espaço para Xavi ou Iniesta deixar um companheiro livre para fazer o gol.

Foi assim também que o Brasil encerrou um jejum de 24 anos sem título

mundial, ao sagrar-se tetracampeão nos Estados Unidos, em 94. Os passes para o lado de Dunga, as progressões contidas de Mazinho, o giro que rendeu a Zinho o jocoso apelido de Enceradeira, a ultrapassagem dos laterais, o deslocamento de Bebeto. Um movimento coordenado, pacientemente executado, com o único objetivo de descobrir Romário em condição de fazer ou dar um gol.

Havia pouco em comum entre essa equipe e a tricampeã de 70. A relação entre técnica apurada e organização tática estava presente, mas com um equilíbrio diferente. No México, Zagallo encaixou meia dúzia de craques em um esquema tático moderno que, com as devidas adaptações, dominaria o futebol mundial na segunda década do século 21. Nos Estados Unidos, Carlos Alberto Parreira – preparador físico em 70 e, 24 anos depois, com Zagallo como seu auxiliar – montou um esquema tático em que dez bons jogadores trabalharam para permitir que um gênio brilhasse. Pouca gente gostou dessa troca.

A diferença de tratamento fica mais acentuada quando se compara com o título espanhol. O estilo da Roja, emulando o Barcelona montado por Pep Guardiola, virou sinônimo de futebol bonito, de único caminho a seguir para resgatar a essência do jogo. O Brasil de Parreira antecipou esse momento em uma década e meia. Ninguém gostou do estilo de jogo, tratou o tetracampeonato como um filho bastardo. Mas a verdade é que a seleção de 94 inaugurou uma nova era no futebol mundial.

A valentia sabotava o futebol espanhol

O histórico da Espanha em Copas do Mundo, até 2010, era medíocre. Em 12 participações, a melhor campanha havia sido o quarto lugar no Brasil, em 1950 – um campeonato cheio de desfalques. Realizado enquanto a Europa se reconstruía da Segunda Guerra, contou apenas com seis seleções europeias: Espanha, Iugoslávia, Inglaterra, Itália, Suíça e Suécia. Nem a Argentina, grande time dos anos 40, resolveu participar.

Nas demais campanhas em Copas do Mundo, a seleção espanhola teve duas marcas comuns: o fracasso no momento decisivo (ou mesmo antes dele) e um estilo equestre de futebol – força física demais e técnica de menos. Era o

contrário de Real Madrid e Barcelona. Quanto mais tinham jogadores estrangeiros, mais os dois grandes clubes espanhóis jogavam um futebol ofensivo e venciam campeonatos por toda a Europa. Na década de 1980, ninguém simbolizava tão bem a seleção espanhola da época quanto Andoni Goikoetxea, o zagueiro que ganhou o apelido de “açougueiro de Bilbao” depois de romper os ligamentos do tornozelo de Diego Maradona, em 1983.

O primeiro clube a dominar o futebol no país foi o Athletic Bilbao. Os bascos mantinham um jogo muito próximo ao dos ingleses, perfeito para as condições climáticas da região: muita chuva e umidade elevada. Eram, também, mais altos e fortes que a média dos espanhóis. Assim, impunham um estilo físico, direto e de muita bola alta, sob medida para ganhar partidas invariavelmente disputadas em pistas de turfe.[128] O Bilbao venceu cinco dos 12 primeiros campeonatos espanhóis, entre 1929 e 1943 – com dois anos de interrupção no fim da Guerra Civil.

Em *La Roja*, a anatomia da transformação da seleção espanhola, Jimmy Burns escreve:

> A fúria esteve presente em todos os aspectos da vida espanhola. No esporte, a maior manifestação era no futebol, um jogo em que a virilidade espanhola poderia encontrar sua melhor expressão. O futebol deveria ser jogado como se o gramado fosse um campo de batalha e os jogadores, soldados. O que importava era coragem, sacrifício e, acima de tudo, a aniquilação física do adversário. Nem habilidade ou criatividade faziam parte do repertório.[129]

A combinação entre coragem, sacrifício e aniquilação física levou a Espanha aos mais variados fiascos em Copas do Mundo. Na sua melhor campanha, em 1950, foi varrida pelo Brasil com um 6 a 1 no Maracanã, embalado por um humilhante coro de torcedores cantando *Touradas em Madri*, marchinha de carnaval composta por João de Barro e cantada por Carmem Miranda. Nem mesmo em 1982, quando foi anfitriã da Copa, a Espanha se saiu bem: 12.º lugar com direito a um vergonhoso empate por 1 a 1 com Honduras. Em 1998, era a favorita, com uma seleção em que despontava o atacante Raúl, do Real Madrid, mas caiu logo na primeira fase – terceira colocada de um grupo com Paraguai, Nigéria e Bulgária. Em 2002, foi batida nas quartas de final pela anfitriã Coreia do Sul, com uma arbitragem catastrófica do egípcio Gamal Ghandour: dois gols espanhóis mal anulados e uma não punida defesa irregular de pênalti do goleiro sul-coreano. Em 2006, a esperança fortalecida pelas três vitórias na primeira fase desfez-se diante da França de Zidane, nas

oitavas de final. Mas já havia ali algumas sementes de mudança.

A pedido do técnico Luís Aragonés, a fúria começava a ser controlada para um jogo com mais toque de bola. Essa mudança foi reforçada nos dois anos seguintes, intervalo entre a Copa do Mundo e a Eurocopa. A Áustria e a Suíça presenciaram, pela primeira vez, uma grande conquista da seleção espanhola fora de seu país – a Euro de 1964 e a Olimpíada de Barcelona, em 1992, foram conquistadas dentro de casa.

No campeonato europeu, pela primeira vez a seleção espanhola parava de olhar para o rústico futebol-força do Athletic Bilbao. Seu espelho passou a ser o contemporâneo toque de bola que Johan Cruyff e Rinus Michels inocularam no Barcelona nos anos 70, uma tendência que apareceu ainda de maneira tímida nos números. Embora na média os espanhóis tenham tido pouco mais de 51% de posse de bola por jogo, somente em duas das seis partidas o balão esteve mais com a Espanha do que com o adversário: na despedida da primeira fase, contra a Grécia (57%, vitória por 2 a 1), e na semifinal contra a Rússia, a sensação do torneio (65%, passeio por 3 a 0).

O massacre sobre os russos ditaria os novos tempos da seleção espanhola. A transformação seria impulsionada por um personagem improvável: Vicente Del Bosque, jogador da Fúria entre os anos 70 e 80, técnico do Real Madrid na virada do século. Nascido em Salamanca, cidade tradicional da região de Castilha, Del Bosque se considera um castelhano típico. “Somos pessoas com um senso de responsabilidade, frios e serenos, sem grandes excentricidades.”[130] Apesar dessa herança cultural, Del Bosque foi buscar a inspiração para seu novo futebol na antítese dos castelhanos: os catalães, o povo dos sentidos e da sensibilidade.

O menos catalão dos espanhóis não pensou duas vezes para buscar no mais catalão dos times o modelo para a seleção espanhola que passara ao seu comando em 2008, logo após a Eurocopa, com a missão de mostrar na Copa do Mundo que o título continental não fora um simples acidente. A essa altura, o Barcelona passava por uma profunda transformação. O time genial de Ronaldinho Gaúcho, Eto’o e do técnico Frank Rijkaard havia se desmanchado como as pedras de gelo dos copos de uísque com energético que embalavam as noitadas na casa do craque brasileiro.

Promovido a técnico do Barça, Pep Guardiola, ex-jogador de Johan Cruyff no clube, decidiu implantar na equipe principal a filosofia de La Masía, o centro de treinamento do Barça onde ele próprio havia sido formado. Cobrou do jovem Lionel Messi, presença assídua nas baladas de Ronaldinho, um

reencontro com esses princípios. Trouxe da base catalã nomes como Piqué e Busquets. Fez o jogo do time orbitar em torno de dois outros ex-**canteranos**: Xavi e Iniesta.

> **Cantera é como os** espanhóis chamam as categorias de base dos seus times. A aposta nos garotos nasceu com finalidade muito mais política do que esportiva. O Athletic Bilbao decidiu, em 1912, banir qualquer estrangeiro da equipe, para transformá-la em uma bandeira pela independência do País Basco. Assim, era necessário investir na formação de atletas para ter um estoque inesgotável de garotos bascos. Com o tempo, o cinto foi afrouxado para deixar o time mais forte. Hoje, jogam no Athletic bascos natos, descendentes de bascos e qualquer um nascido na Euskal Herria (área de influência cultural e étnica do País Basco, que inclui outras regiões da Espanha e parte da França).

A transformação implementada por Guardiola fez do seu Barcelona um dos maiores times da história: bola permanentemente nos pés, trocas de passe infindáveis e uma marcação obsessiva para retomar a rédea do jogo o quanto antes, tudo temperado pela genialidade de Lionel Messi. Del Bosque seguiu fielmente cada passo. Se não podia ter Messi, transportou para a seleção tudo o que era possível da máquina catalã. E fez da Roja uma seleção dominante no futebol mundial como a Fúria jamais chegara perto de ser.

Os entendidos em futebol desprezavam Parreira

O futebol brasileiro vivia uma crise de identidade nos anos anteriores à Copa de 94. A arte, a organização tática e a preparação física, mescladas em nível máximo no tricampeonato de 70, estabeleceram um patamar elevado demais para as seleções que defenderiam o país nas Copas seguintes.

Zagallo deixou a arte de lado na primeira tentativa do tetra, em 74 – o time acabou devastado pela Holanda do futebol total. A equipe quase militar de Cláudio Coutinho saiu invicta e sem título da Argentina, em 78. Em 82, Telê Santana apostou tudo na arte; faltaram consistência tática e o título. Em 86, a fórmula foi repetida no México, com veteranos de 82 longe do auge e novatos que não eram tão bons assim. A campanha parou no mesmo quinto jogo de quatro anos antes, porém sem deixar a mesma saudade. Na Itália, em 90, Sebastião Lazaroni apostou em uma brusca guinada ao estilo europeu, com a

seleção jogando no 3-5-2. Parou nas oitavas de final, contra a Argentina, na pior campanha brasileira em 24 anos.

128 Jimmy Burns, La Roja, Simon & Schuster, 2012, página 2.

129 Jimmy Burns, página 3.

130 Jimmy Burns, página 341.

FALCÃO, UM INJUSTIÇADO

Virou lugar-comum na análise da seleção brasileira da década de 1990 considerar tempo perdido o ano sob comando de Paulo Roberto Falcão. Ícone da seleção de 82, Falcão foi contratado para substituir Sebastião Lazaroni, após o fiasco no Mundial da Itália, sem jamais ter treinado um time de futebol. Tinha 36 anos quando assumiu o cargo com a missão de renovar a seleção. Por renovação, entenda-se montar um time que excluísse totalmente o elenco derrotado pela Argentina, em Turim, em 1990.

Imposta pelo então presidente da CBF, Ricardo Teixeira, a medida tinha um forte cunho populista. O estilo europeu empregado por Sebastião Lazaroni, com a adoção do líbero, três zagueiros e um time basicamente formado por atletas que atuavam na Europa, despertou no senso comum a ideia de que o futebol brasileiro deveria promover uma volta às raízes. E, em um raciocínio primário, essas raízes só poderiam ser encontradas com uma equipe formada predominantemente por jogadores que atuassem no país.

Por trás de tudo isso existia uma vingança velada de Ricardo Teixeira. Liderada por quem jogava no exterior, a seleção da Copa de 90 pôs o cartola na parede por premiação e participação nos patrocínios maiores. O ápice da confusão aconteceu

na foto oficial da seleção para a Copa da Itália, em que os jogadores deliberadamente cobriram com as mãos a marca da Pepsi estampada no uniforme.

Sem alternativa, Falcão formou um time puramente nacional. Abriu espaço para Neto, ídolo do Corinthians e melhor jogador do país. Chamou nomes que mal merecem nota de rodapé na história da seleção, como Silvio (atacante, Bragantino), Gil Baiano (lateral-direito, Bragantino), Donizete Oliveira (volante, Grêmio) e Márcio (volante, Corinthians). E promoveu a estreia de jogadores que fariam história com a camisa amarela. Logo na primeira partida de Falcão, uma derrota por 3 a 0 para a Espanha, em Gijón, no dia 12 de setembro de 1990, estiveram em campo Márcio Santos, então zagueiro do Novorizontino, e Cafu, na época um promissor meio-campista do São Paulo. Márcio Santos foi titular na campanha do tetra, em 1994. Cafu disputaria as quatro Copas seguintes e seria o capitão do penta, em 2002.

Falcão também foi o primeiro a convocar o lateral-esquerdo Leonardo e o volante Mauro Silva, outros tetracampeões, além de resgatar o meia Raí, capitão no início da campanha nos Estados Unidos. Com o tempo, Taffarel, Mazinho, Ricardo Rocha, Bebeto e Branco deixaram o exílio destinado aos amaldiçoados da seleção de 90 para defender o Brasil na Copa América de 1991.

O treinador não conseguiu levar para a prática o que chamou de “era do cérebro”, jogo com mais posse de bola e redução de espaços. Foi o conceito que levou o Brasil ao tetra. Com Parreira, não com Falcão, demitido após não aceitar

repassar à presidência da CBF a lista de convocados e a escalação do time para aprovação.

O período pós-Copa de 90 só agravou a crise. A renovação forçada pela CBF – e tentada por Paulo Roberto Falcão – resultou em uma seleção de futebol pouco convincente e resultados ruins, embora tenha deixado bons jogadores de herança para o sucessor Carlos Alberto Parreira. Sem nunca ter jogado bola profissionalmente, auxiliar de preparação física na Copa de 70 e estudioso do futebol, Parreira formou uma seleção que demorou a decolar.

Fracassou na Copa América de 1993, contra a Argentina, nas quartas de final. Fez uma Eliminatória sofrida para o Mundial dos Estados Unidos, com direito a um vexame histórico: a primeira derrota brasileira no qualificatório, para a **Bolívia**, por 2 a 0, em La Paz, no dia 25 de julho de 1993. A classificação só veio no último jogo, com uma vitória por 2 a 0 sobre o Uruguai, no Maracanã. Um jogo em que o velho fantasma do vice-campeonato mundial de 1950, diante da Celeste, no mesmo estádio, assombrou a seleção brasileira. Assim como na final, um empate bastaria aos brasileiros. A derrota significaria a primeira ausência do país em uma Copa do Mundo. Romário fez os dois gols no seu retorno à equipe após nove meses de exclusão por indisciplina, afastando qualquer fantasma.

> **Para suportar a** altitude de 3.700 metros da capital boliviana, a seleção brasileira deflagrou o que ficou conhecido como Operação S.O.S. No caso, sopa, oxigênio e sorvete. Sopa e sorvete foram servidos no almoço do dia do jogo. O oxigênio extra foi oferecido no vestiário, pouco antes da partida. Não adiantou nada.

A classificação, porém, não apagou as críticas ao jogo da seleção brasileira. Dois clubes exibiam nos gramados nacionais um futebol mais ao gosto da torcida e da imprensa: o Palmeiras de Wanderley Luxemburgo e, principalmente, o São Paulo de Telê Santana. Os palmeirenses, turbinados pelo patrocínio da multinacional italiana Parmalat, começavam a construir uma hegemonia nacional com craques como Edmundo, Evair, Edílson, Zinho e Roberto Carlos. O Tricolor paulista extrapolava as fronteiras brasileiras. Em 1992 e 1993, foi bicampeão da Libertadores e do Mundial, jogando o futebol ofensivo que virou marca da seleção de Telê em 1982, mas com resultados que pareciam estabelecer uma justiça histórica com o trabalho do treinador.

Parreira acabou ignorando ou tirando espaço de ícones do futebol ofensivo das equipes de Luxemburgo e Telê. Edmundo, Edilson, Roberto Carlos e Palhinha receberam pouca ou nenhuma chance. Muller perdeu a posição de titular com a volta de Romário à seleção. Leonardo só foi titular por causa da contusão de Branco e, ainda assim, acabou suspenso das três últimas partidas

da Copa. Cafu estava no banco de reservas, mesmo lugar para onde foi Raí ao término da primeira fase.

Ao invés de uma reunião de individualidades, Parreira apostava na força coletiva. Fincava um pé na tradição brasileira e outro no estilo europeu. Uma mescla que viraria tendência mundial na década seguinte, com defensores fervorosos inclusive no Brasil. Parreira descreveu:

> O time de 1994 foi um dos que melhor conseguiu introjetar esse conceito de ataque e defesa com eficiência máxima. O time era muito equilibrado. E organizado para saber jogar com a bola e sem a bola. Com a bola, estilo brasileiro. Toque de bola, bola no chão, ninguém via aquela seleção dando um chutão pro alto. E, sem a bola, luta incessante para retomá-la, mas organizadamente, sem deixar buracos, sempre com oito ou nove homens atrás da linha da bola. Nem mesmo se pode dizer que jogávamos ao estilo europeu, pois nunca marcamos homem a homem. A marcação era a da escola brasileira, por zona, fechando os espaços.[131]

A forma de jogar da seleção ganhou um inesperado defensor ao longo da Copa de 94. Ícone do futebol total holandês, que seria implantado no Barcelona e serviria de espelho para a seleção espanhola campeã mundial em 2010, Johan Cruyff foi colunista do jornal *Folha de S.Paulo* durante o Mundial dos Estados Unidos. Na contramão dos críticos nacionais, Cruyff, em seguidos textos, definiu o jogo da equipe brasileira como o melhor da Copa, fiel ao estilo brasileiro.

"O Brasil parece ter recuperado a sua magia futebolística", escreveu após a vitória sobre a Rússia, na estreia, por 2 a 0. O holandês exaltou o jogo de parcerias da seleção – Jorginho e Raí, Mauro Silva e Dunga, Leonardo e Zinho –, com a missão de servir a Romário, o gênio solitário, com seguidas trocas de passes. "A bola vai de um lado a outro com grande velocidade, passando pelos pés de muitos jogadores. Mas, de repente, o jogo se converte em um jogo de parcerias. No entanto, todos esses toques de classe não serviriam a nada se lá na frente, como se a partida não fosse com ele, não estivesse Romário",[132] prosseguiu, em uma exaltação que, em determinados momentos, viraria preocupação por não ver opção ao time brasileiro caso o atacante fosse bem marcado.

O tiki-taka brasileiro trabalhava em duplas para permitir a forte passagem dos laterais. Com a entrada de Dunga, mais solto, e Mazinho, as jogadas nasciam de triangulações. O Barcelona de Guardiola primava por criar suas jogadas sempre em trios: dois meio-campistas e um lateral. No Brasil, a

genialidade era concentrada em Romário. No Barça, em Messi. Na seleção espanhola, a força coletiva e a eficiência do homem mais avançado – Villa ou Fernando Torres – compensavam a ausência de um craque. Duas maneiras similares de vencer uma Copa do Mundo.

Os números mostram: o Brasil de 94 inspirou a Espanha de 2010

A comparação entre a depreciada seleção brasileira de 1994 e a cultuada Espanha de 2010 soa como heresia para quem se acostumou a ver o time do tetra como uma antítese de toda a história construída pelo Brasil nos gramados. Uma análise estatística de cada caminhada ao longo da Copa do Mundo, contudo, permite uma aproximação mais racional entre as duas seleções. Algo que, inevitavelmente, exigirá um tratamento mais festivo para o Brasil de Parreira e Romário ou uma reavaliação do rótulo de "jogo bonito" pregado na Roja de Del Bosque, Xavi e Iniesta.

As duas equipes fizeram campanhas de sete jogos para erguer a Taça Fifa. A Espanha perdeu a estreia para a Suíça por 1 a 0 e venceu as seis partidas seguintes. Foi a única campeã mundial a começar a caminhada com derrota.

Foi exatamente no confronto com os suíços que a Roja apresentou os números mais expressivos do seu repertório de passe e posse de bola dentro do Mundial sul-africano. Os espanhóis tiveram 72% de posse e trocaram 565 passes, com acerto de 93,5%. Com tanto controle do jogo, a Espanha finalizou como em nenhuma outra partida daquela Copa: 23 vezes. Mas uma dose concentrada de um veneno geralmente mortal para os adversários espanhóis foi inoculada por uma das cinco míseras finalizações suíças, a de Gelson Fernandes.

A Espanha sofreria apenas mais um gol em gramados sul-africanos, na vitória por 2 a 1 sobre o Chile, na primeira fase. Marcou duas vezes em somente mais um jogo: o anterior, contra Honduras (2 a 0). Nos quatro duelos eliminatórios, vitórias por 1 a 0. Ao todo, a Espanha deu a volta olímpica tendo mandado a bola na rede apenas oito vezes. O último gol – o do título, marcado por Iniesta – veio apenas aos 26 minutos da prorrogação contra a Holanda. Nenhum outro campeão mundial teve uma artilharia tão fraca.

A eloquência dos números se restringia à posse de bola e à troca de passes. Em todos os jogos, a Espanha ficou mais tempo que o adversário com a bola no pé. Sem repetir a overdose da estreia contra a Suíça, fechou o Mundial com médias de 62% de posse bola, 502 passes trocados e acerto de 90% nesse fundamento.

Com mais posse de bola, é natural que a Espanha tenha sido pouco atacada pelos adversários. A Holanda, na final, foi quem mais chutou contra o gol de Iker Casillas: 11 vezes. Ainda assim, é bom lembrar que teve 120 minutos para isso. Nos jogos de 90 minutos, Portugal finalizou três vezes, no duelo das oitavas de final. A semifinal contra a Alemanha também foi um verdadeiro massacre: 12 arremates espanhóis contra apenas três dos alemães. Na média, a Espanha teve, por partida, 15 finalizações a favor e seis contra o seu gol.

Números de um título incontestável e pouco ameaçado, mas sem o brilho que lhe foi atribuído muito mais pelo futebol encantador praticado pelo Barcelona do que pela participação espanhola na África do Sul.

O Brasil de 94 apresentou um perfil similar de posse de bola e troca de passes. A seleção brasileira teve mais bola no pé que o adversário em seis das sete partidas. A exemplo dos espanhóis, a maior posse de bola aconteceu no jogo de pior resultado: 70% no empate por 1 a 1 com a Suécia, no encerramento da primeira fase. Foi também nesse jogo que os brasileiros trocaram mais passes: 730, mais até do que a Espanha na quase trágica derrota para os suíços. O índice de acerto, no entanto, foi menor: 90%.

Se o excesso não levou o Brasil a um bom resultado, a falta também não fez bem. Além dos suecos, apenas a Holanda balançou a rede de Taffarel. Duas vezes, nas quartas de final. Foi o único jogo em que o time de Parreira teve menos posse de bola (48%), deu menos passes (377, com 85% de acerto) e permitiu mais finalizações ao adversário (12).

O confronto com os holandeses teve uma característica marcante dessa Copa: o **calor elevado** do verão americano, especialmente em jogos disputados sob sol a pino. Dallas, palco do duelo das quartas de final, chegou a ter um jogo na fase anterior, entre Suécia e Arábia Saudita, disputado sob 40 °C. Brasil e Holanda enfrentaram uma temperatura mais amena, de 27 °C, mas com umidade elevada.

O calor foi uma das marcas da Copa de 94, com partidas realizadas às 12h30 no verão americano – caso da final, entre Brasil e Itália. Para se adaptar ao clima, algumas seleções usaram técnicas inusitadas. A Rússia distribuiu entre seus jogadores pílulas de ervas raras, consumidas pelos cosmonautas do país, para apressar a adaptação à temperatura e ao fuso

horário. Na Holanda, a arma secreta foram lentes de contato especiais para proteger os olhos dos raios solares.

A exceção diante dos holandeses não impediu o Brasil de ter, na média, mais posse de bola que seus adversários. O índice foi de 60%, quase o mesmo da Espanha de Xavi e Iniesta. O volume de passes trocados foi maior, 566, porém com menor precisão, 86%. (Os espanhóis conseguiriam números mais expressivos dois anos mais tarde, no tricampeonato europeu: 66% de posse de bola e 720 passes a cada jogo.)

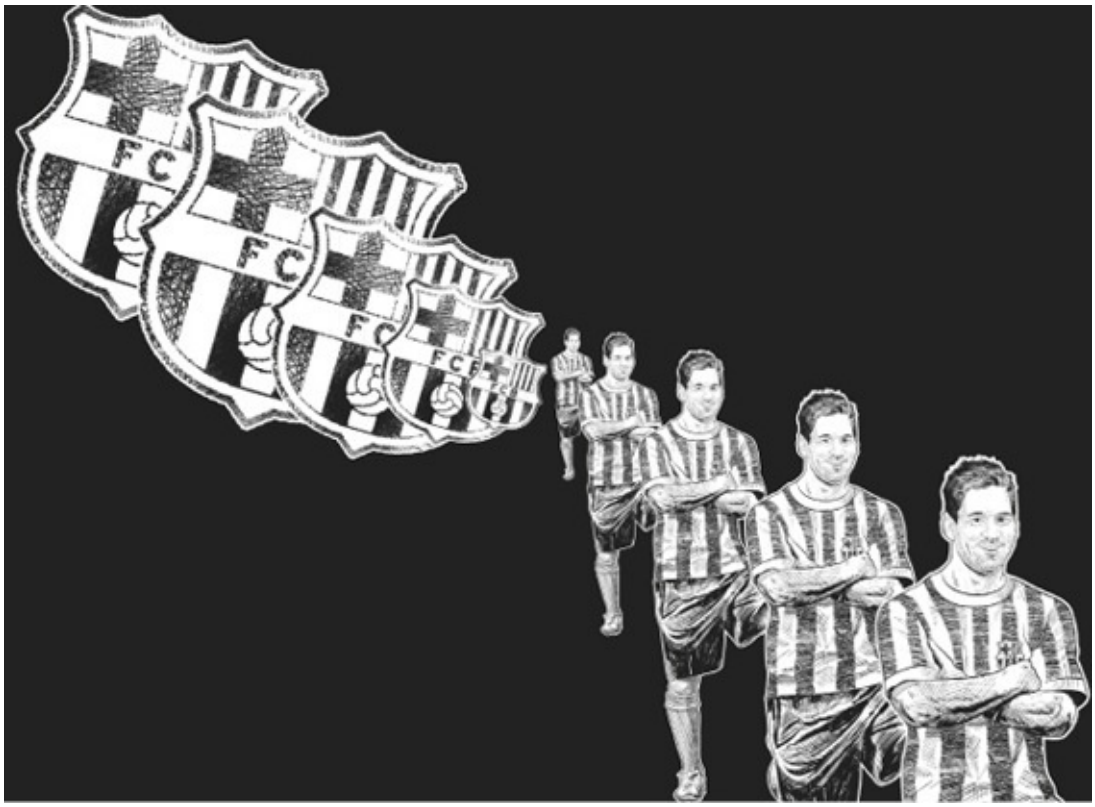
Mesmo com menos posse e mais passes, o time de Parreira bateu mais vezes na porta dos inimigos que a equipe de Vicente Del Bosque na África do Sul. Com os mesmos 660 minutos jogados, o Brasil finalizou, em média, 17 vezes, contra sete dos seus oponentes. Coincidentemente, a semifinal foi a partida em que o Brasil sofreu menor ameaça. A Suécia arrematou duas vezes contra o gol de Taffarel, diante de 23 finalizações brasileiras. Somente uma delas acabou na rede: a de Romário. Foi o último dos 11 gols brasileiros na Copa dos Estados Unidos – três a mais do que a Roja marcaria 16 anos mais tarde, na África do Sul.

A comparação estatística com a mais cultuada seleção da história também indica algumas vantagens para a equipe de Parreira. A seleção tricampeã mundial de 70 teve, em média, 55% de posse de bola na sua campanha de seis jogos. Com menos bola no pé, trocou menos passes (396 por jogo) e cometeu mais faltas (17, contra 13 do time de 1994). Mesmo em lançamentos – uma virtude histórica atribuída à seleção de Zagallo, especialmente por causa da presença de Gérson – o time do tri perde para o do tetra: 17 a 24.

A diferença está no índice de acerto. Com Gérson à frente, o Brasil de 70 acertava 50% das bolas longas, contra 42% do meio-campo gerenciado por Dunga. Um indicativo claríssimo de que a seleção campeã nos Estados Unidos está distante daquela que encantou o mundo no México. Não se pode anular, porém, o fato de ela ser irmã da Espanha que se tornou exemplo de futebol bem jogado nos dias atuais.

131 Carlos Alberto Parreira, Formando Equipes Vencedoras, BestSeller, 2006, páginas 135 e 136.

132 Johan Cruyff, “Brasil encontra sua magia futebolística”, Folha de S.Paulo, 22 de junho de 1994, caderno Copa, página 3.


FC
FC
FC
FCB

BARCELONA

O BARÇA TAMBÉM TINHA UM PÉ NO FASCISMO

Um Barcelona × Real Madrid no estádio Camp Nou, em Barcelona, na Espanha, concentra um punhado de números interessantes. São 98.787 lugares ocupados nas arquibancadas. Dois esquadrões de jogadores titulares das mais fortes seleções do mundo, liderados pelos dois maiores e mais bem pagos craques da atualidade: o madridista Cristiano Ronaldo, com ganhos anuais de 43,5 milhões de dólares, e o barcelonista Lionel Messi, 40,3 milhões de dólares por ano.[133] Nada é capaz de inibir a voracidade dos gigantes espanhóis no mercado. Os dois times gastaram 300 milhões de euros no verão europeu de 2013, com destaque para os 100 milhões que o Real desembolsou para tirar o meia galês Gareth Bale do Tottenham, da Inglaterra, na mais cara transferência da história, e os 86,2 milhões de euros pagos pelo Barcelona para arrematar Neymar, o mais valioso jogador brasileiro desde os Ronaldos. Quantias pequenas diante da receita dos dois clubes – 512,6 milhões de euros do Real Madrid e 483 milhões do Barcelona –, os mais ricos do mundo.[134]

Nenhuma dessas cifras é tão emblemática para o clássico quanto o número 1.714. Aos 17 minutos e 14 segundos de cada tempo, a plateia barcelonista esquece o que está acontecendo no gramado, agita bandeiras listradas em vermelho e amarelo, levadas exatamente para aquele momento, e grita o mais alto que conseguir pela independência da Catalunha.

O momento da manifestação não é aleatório. O ano de 1714 marca o capítulo final da Guerra da Sucessão Espanhola. O conflito teve início em 1701, quando a França, na figura de Felipe de Anjou, neto de Luís XIV, enfrentou uma aliança formada por Inglaterra e Holanda, liderada pelo arquiduque Carlos de Habsburgo, na disputa pelo trono do rei Carlos II, morto sem deixar herdeiros.

O 11 de setembro de 1714 é o dia do Cerco de Barcelona, quando a cidade foi tomada pelas tropas de Felipe V, coroado rei da Espanha em 1700. A

resistência barcelonista, encabeçada pelo prefeito Rafael Casanova, defendia, sobretudo, os interesses comerciais da oligarquia local na América. Derrotado militarmente, Casanova chegou a simular sua morte, com direito a atestado de óbito falso, mas retomou a atuação como advogado até sua morte verdadeira, em 1743, graças ao perdão concedido por Felipe V em 1719.[135]

Para a história, o 11 de setembro de 1714 ficou marcado como o dia em que a região deixou de ser um território livre. Estimulada pela Convergência Democrática da Catalunha, partido que governa a região há três décadas, a data virou Dia Nacional da Catalunha. É quando a população local vai às ruas pedir para se tornar independente da Espanha. No restante do ano, a manifestação é repetida ruidosamente a cada jogo do Barcelona. Quando o adversário é o Real Madrid, o clamor torna-se ainda mais especial.

Eleito pela Fifa o maior time do mundo no século passado, o Real Madrid é visto como a personificação do governo espanhol, de quem a Catalunha tenta se ver independente – relação acentuada durante os quase 50 anos de ditadura militar do general Francisco Franco. Um roteiro perfeito, não fosse o Barcelona também um fruto indireto do franquismo e um poderoso instrumento de opressão sobre os rivais, representando a consolidação de uma longa dinastia política – exatamente as mesmas acusações disparadas por seus fiéis contra o Real Madrid.

O Barça não é catalão de nascença

Banhada pelo mar Mediterrâneo, no nordeste da Espanha, Barcelona sempre foi um ponto de passagem para o resto da Europa, a África e a América. A partir dali, no século 15, os catalães seguiram para o sul da Itália e para a Grécia. Também desembarcavam na região imigrantes do centro da Europa.[136] O suíço Hans Kamper era um deles – chegou só para negociar com um comerciante local e acabou ficando, por acaso. Primeiro para abastecer de suplementos o navio que o levou da Suíça até Barcelona. Depois, para comercializar açúcar, café e tabaco, o que o deixou rico.

Em 22 de outubro de 1899, Kamper publicou um anúncio no jornal local *Los Deportes*, convidando interessados a organizar partidas de futebol. Àquela altura, o esporte já era difundido na Suíça, onde Kamper havia sido capitão do

FC Excelsior e cofundador do FC Zurich. O apelo atraiu, basicamente, estrangeiros. Otto Kunzle, suíço como ele, e um grupo de ingleses: Walter Wild, os irmãos Parsons e os irmãos Witty. Catalães mesmo, apenas dois apareceram – Lluis D'Osso e Bertoméu Terradas.[137]

O anúncio foi publicado exatamente um dia depois da fundação do Català Futbol Club. Pioneiro em Barcelona, o Català recusou-se a receber Kamper por ele ser suíço. Apenas catalães eram aceitos nos seus quadros, restrição que caiu dois meses depois. Com o Barcelona formado, as equipes se enfrentaram no Natal de 1899, em um cenário pouco condizente com a identificação – proclamada nos dias atuais – entre o Barça e a região. O Català era formado somente por catalães, enquanto o Barcelona mais parecia um time inglês reforçado por dois suíços e dois catalães.[138] É sintomático que o gol da vitória barcelonista por 3 a 1 tenha sido marcado por Arthur Witty, um inglês, mesma nacionalidade do primeiro presidente do clube, Walter Wild.

Um ano depois de sua fundação, o FC Barcelona ganhou um rival muito mais enraizado na cultura local do que ele. O **Reial Club Deportiu Espanyol** de Barcelona nasceu em 22 de outubro de 1900, tendo o rei Alfonso XVIII como patrono. O novo clube admitia apenas espanhóis, e sua rápida aceitação por parte da população deixou claro que na cidade havia um número considerável de monarquistas, orgulhosos por falar castelhano e sem o menor desejo de viver em uma Catalunha independente.

> **Fazer média com** os catalães não é exclusividade do Barcelona. Mesmo carregando a Espanha até na denominação, o Espanyol tem um nome inteiro escrito em catalão. Não colou com os torcedores, e o clube tem menos fãs na cidade que o Real Madrid.

A associação do Espanyol à realeza motivou a primeira guinada do Barcelona ao catalanismo. Em 1910, em contraposição à coroa estampada no escudo do novo rival, o Barça passou a ter a bandeira da Catalunha como parte do seu símbolo. Até então, havia apenas a bandeira da cidade acima da combinação entre azul e grená importada da Inglaterra pelos irmãos Witty. A essa altura, Hans Kamper havia adotado o nome catalão Joan Gamper e os jogos com o Espanyol assumiam uma rivalidade violenta que, em momento algum, existiria com o Real Madrid.

A existência do Espanyol foi vista como um grande insulto pelos nacionalistas catalães que apoiavam o Barcelona, transformando os encontros entre as equipes em um misto de segregação e violência. Em uma partida da temporada 1910-11, no campo do Espanyol, o time da casa saiu na frente. O

Barcelona empatou e virou. Torcedores do Espanyol invadiram o campo e cercaram o árbitro, que, temendo ser linchado, anulou o gol, apontando um toque de braço. Imediatamente, os 11 jogadores do Barcelona deixaram o campo em protesto e a partida foi encerrada.[139]

O Barcelona cresceu no franquismo

Há uma lenda na história do Barcelona de que o clube foi perseguido e sufocado durante os 36 anos de governo do general Francisco Franco, entre 1939 e 1975. Um lugar-comum bem longe da realidade.

Na verdade, o presidente espanhol de quem o Barça deve reclamar é Miguel Primo de Rivera. O capitão-general da Catalunha assumiu o poder em 1923, quando o rei Alfonso XVIII abdicou do trono em seu favor, e permaneceu no comando até 1930. Rivera era contra qualquer manifestação favorável à fragmentação da Espanha. Por isso, destituiu o governo local e proibiu o uso em público da bandeira e do idioma catalães.

Em resposta, torcedores do Barcelona vaiaram o hino espanhol durante um amistoso do Barça em 1925, com Primo de Rivera nas tribunas. Em represália, o estádio de Les Corts foi fechado por seis meses e os diretores do clube, multados. O governo deixou claro a Joan Gamper que ele e sua família deveriam deixar o país. A "sugestão" foi acatada imediatamente pelo suíço.[140]

Outro duríssimo golpe à autonomia política do Barcelona aconteceu em 1936, durante a Guerra Civil Espanhola. Presidente do clube, defensor do regime republicano que comandava o país desde a queda de Primo de Rivera e deputado por Barcelona, **Josep Sunyol** viajava a Madri. Sua agenda previa reuniões com lideranças republicanas. Entregaria cartas do presidente do Parlamento da Catalunha, Joan Casanovas, a Martínez Barrios e José Giral, respectivamente presidentes da corte espanhola e do governo estatal. Também falaria a militares catalães que defendiam a capital contra a investida de Franco. A popularidade adquirida como presidente do Barça o transformava na pessoa ideal para motivar as tropas.[141] À altura de Guadarrama, a 50 quilômetros do destino, foi capturado e, dias depois, assassinado por tropas franquistas.[142]

Apesar do discurso anti-Franco, o Barcelona varreu Josep Sunyol da sua história por seis décadas. O resgate aconteceu em 1996, com a edição de um livro sobre ele, de autoria dos historiadores catalães Josep M. Solé i Sabaté, Antoni Strubell e Carles Llorens. Em 2009,

enfim o clube colaborou com uma expedição para encontrar os restos mortais do seu último presidente antes do franquismo.

Muito mais sorte teve Samitier, o craque barcelonista dos anos 20 e 30, capturado pelos comunistas no fim de 1938. Em circunstâncias até hoje pouco claras, ele foi libertado com auxílio das tropas franquistas. El Sami, apelido de Samitier, que já recebia críticas por não ser um eufórico defensor da independência catalã como muitos torcedores esperavam dos ídolos e por ter jogado pelo Real Madrid em 1933, só reforçou sua simpatia por Franco.[143]

A vitória fascista na Guerra Civil e a consequente ascensão de Franco ao governo poderiam indicar uma investida para aniquilar o Barcelona. Impressão reforçada pela repetição das restrições ao idioma, à autonomia e aos símbolos da Catalunha. O próprio clube foi vítima de uma "purificação" de seus quadros, com a exclusão de todos aqueles que mantinham ligações com o comunismo ou o republicanismo.

Rapidamente, porém, o Barcelona foi deixado em paz, embora fosse claro que o clube e seu estádio poderiam ser uma canal de manifestações contra o nacionalismo espanhol. A estratégia não era privar o Barça de conquistar títulos, mas consolidá-lo como uma potência local, capaz de transformar o futebol em um esporte popular e forte o bastante para distrair o povo espanhol de questões políticas. O clube se tornaria um cartão de visitas do país perante o mundo.[144]

Esse cenário empurrou o futebol da região para uma máxima que, segundo o historiador Américo Castro, aflige toda a história da Catalunha, "inspirada não exatamente no que foi, mas na angústia de não ter sido o que o catalão desejava que tivesse acontecido".[145] O que o catalão desejava que o Barcelona tivesse sido durante o franquismo? Uma entidade fiel à causa separatista, do gabinete da presidência ao último torcedor na arquibancada, que passou os 36 anos do governo Franco sob a ameaça de ser esmagada. O que o Barcelona realmente foi? Um clube institucionalmente simpático ao regime, que cresceu durante o franquismo, a ponto de equiparar-se ao Real Madrid como grande representante do futebol espanhol.

A primeira década e meia do franquismo foi de muitas conquistas para o Barcelona. O Real Madrid demorou 15 anos para erguer o primeiro título espanhol sob Franco. Nesse jejum madridista, a taça foi para Les Corts cinco vezes, consolidando o clube catalão como o maior campeão do período. No mesmo recorte de tempo, o Barça ganhou quatro vezes a Copa do Generalíssimo, nome militarizado da Copa do Rei durante a ditadura.

133 “Soccer Team Values”, revista Forbes, disponível em www.forbes.com/soccer-valuations/list.

134 “Deloitte Football Money League 2013”, disponível em www.deloitte.com/assets/Dcom-Azerbaijan/Local%20Assets/Documents/footballmoneyleague2013.pdf.

135 Javier Montilla, Los Muros de Cataluña, E.G.A., 2013, páginas 108 a 112.

136 Franklin Foer, Como o Futebol Explica o Mundo, Zahar, 2005, página 172.

137 Jimmy Burns, Barça: A People’s Passion, Bloomsbury, 1999, página 77.

138 Jimmy Burns, página 70.

139 Jimmy Burns, página 85.

140 Franklin Foer, página 175.

141 Jimmy Burns, página 108.

142 “Sunyol, Barça, Deporte y Ciudadanía”, revista Líbero, outono de 2013, páginas 26 a 28.

143 Jimmy Burns, página 105.

144 Jimmy Burns, La Roja: A Journey Through the Spanish Football, Simon & Schuster, 2012, página 209.

145 Javier Montilla, página 108.

OS FASCISTAS...
...MUDARAM DE LADO

> Entre as plataformas de campanha de Sandro Rosell a presidente do Barcelona, estava a criação de uma espécie de torcida organizada oficial do clube. A Ala Jovem receberia apoio financeiro e logístico do Barça para animar o Camp Nou e apoiar a equipe em partidas por toda a Europa. Os princípios da nova torcida, divididos em seis tópicos, foram documentados em uma reunião em 16 de maio de 2010 e assinados por futuros líderes da organizada. Entre eles estava Josep Lluís Sureda, cabeça dos Boixos Nois, a versão barcelonista dos hooligans ingleses.[146]

Os Boixos Nois foram uma das muitas torcidas organizadas criadas na Espanha após a ditadura de Franco, seguindo o molde de atuação dos hooligans ingleses. Funcionavam como um braço violento do nacionalismo catalão, em contraponto ao posicionamento de direita das Brigadas Blanquiazules, do Espanyol.[147]

> Na virada dos anos 90 para os 2000, eram os Boixos que pareciam estar perigosamente à direita do espectro político. Torcedores do Barcelona são unânimes ao apontar a organizada como uma reunião de skinheads neonazistas. Essa mudança teve reflexo direto na violência contra estrangeiros, evidenciada no assassinato a facadas de um

> torcedor francês cometido por Jaro, um dos líderes dos Boixos, em 1992.[148] Uma incoerência histórica para um clube que sempre teve orgulho de se vender como antagonista do general Francisco Franco, o caudilho orgulhoso por ser um parceiro natural de Adolf Hitler e Benito Mussolini.[149]

A violência do grupo radical levou Joan Laporta a proibir sua presença no Camp Nou, no início dos anos 2000. A restrição foi baixada por Rosell e se mostrou um erro tremendo na semifinal da Copa do Rei de 2013, contra o Real Madrid. Torcedores madridistas foram atingidos por foguetes lançados pelos Boixos, devolvendo aos estádios espanhóis uma realidade que parecia erradicada.[150]

> Embora negasse em um primeiro momento o relaxamento da proibição, Rosell foi obrigado a admitir o erro após a Rádio Catalunya obter os documentos que comprovavam a reunião e o acordo de 2010. “Perdoar é uma virtude, e atuamos [na criação da organizada oficial] a partir da ideia de tolerância zero com a violência. Não conseguimos, acabou a história”, disse, ao anunciar o fim da Ala Jovem.[151]

Rosell não foi o único presidente constrangido publicamente pela relação com a facção radical da torcida culé. Em 1996, Josep Lluís Núñez permitiu que o minuto de silêncio pelos 60 anos do assassinato de Josep Sunyol cometido pelas tropas franquistas fosse dividido com a homenagem à morte de um integrante dos Boixos Nois. A arquibancada tratou de transformar a lembrança em um ruidoso tributo ao membro da organizada

recheada de neonazistas.[152]

O número de sócios também cresceu. Nos anos finais da Guerra Civil, o quadro caiu de 7.719 (em 1936) para 3.486 (em 1939, quando acabou o conflito). Nos primeiros três meses de franquismo, foram mais de 400 novas adesões. Em 1942, com a "purificação" do clube devidamente sedimentada, eram 15.400 associados – um contingente maior que o do Espanyol, clube abertamente ligado ao nacionalismo espanhol. Uma massa heterogênea, composta de advogados, médicos, contadores, cabeleireiros, garçons, motoristas, farmacêuticos, metalúrgicos, estudantes e agricultores. Um salto que quantifica a ampla base de apoio a Franco remanescente na Catalunha. Joan María Thomás escreveu em *Falange, Guerra Civil, Franquisme*:

> As tropas foram recebidas com entusiasmo por boa parte da população local que optou por ficar ao invés de fugir pela fronteira com a França. A expressão de alegria veio obviamente dos setores historicamente simpáticos à causa de Franco, mas também de boa parte da população aliviada pelo simples fim da guerra.[153]

No topo desse quadro em expansão estiveram presidentes simpáticos ao franquismo, colocados no cargo com a bênção do regime. Primeiro presidente do Barcelona após a Guerra Civil, Enrique Pineyro havia combatido ao lado das tropas fascistas, assim como vários dos integrantes do comitê de administração formado no clube. Em troca de manter um Barça despolitizado, conseguiu reduzir seis anos do banimento de jogadores que haviam deserdado durante uma excursão ao México e aos Estados Unidos para jogos amistosos.[154]

Capturado pelos comunistas durante a Guerra Civil, Enrique Llaudet foi outro presidente simpático ao regime. Filho de uma das mais poderosas famílias do setor industrial da Catalunha, ele era conservador, patriarcal e nacionalista na medida oposta ao que seria adequado a um clube perseguido politicamente. Durante os oito anos em que dirigiu o Barça, na década de 1960, sempre fez questão de ter um representante do governo sentado à sua direita nas reuniões – todas conduzidas em espanhol, nunca em catalão.[155]

A fidelidade institucional ao regime tinha seus benefícios. O húngaro

László Kubala, um dos maiores jogadores da história do Barcelona, foi contratado pelo clube em 1951 por intermédio do governo. Os contatos do ex-jogador Samitier em Madri e a intervenção direta do presidente da Federação Espanhola, Muñoz Calero, aceleraram o processo de naturalização do jogador, que passou a se chamar Ledislao Kubala. A **história de Kubala**, fugitivo da repressão em um país comunista, era a oportunidade ideal para Franco romper o isolamento político espanhol nos primeiros anos da Guerra Fria, além de convergir com o plano de fortalecimento do futebol.[156]

> **Desde 2009**, uma estátua de bronze de Ledislao Kubala, com mais de 2 metros de altura, enfeita a área próxima à tribuna de honra do Camp Nou, estádio que o clube construiu para que mais torcedores pudessem ver o ídolo em ação. Na base da escultura está escrito "todos estes êxitos foram possíveis graças aos meus companheiros de equipe", com os nomes listados abaixo. Não há menção ao general Franco, fundamental para que Kubala pudesse brilhar no Barça.

Essa fidelidade também cobrava seu preço. Em 1953, o Barcelona acertou com o River Plate a compra do atacante argentino Alfredo Di Stéfano. Ele formaria com Kubala a mais poderosa dupla de ataque do futebol mundial, não fosse a intervenção direta da Federação Espanhola. Paralelamente, o Real Madrid havia negociado com o Millonarios, da Colômbia, onde Di Stéfano jogava.

A Federação propôs aos clubes dividir o jogador por quatro temporadas: ele defenderia o Real na primeira e na terceira e o Barça, nas outras duas. Marti Carreto, presidente barcelonista, assinou o acordo, mas foi obrigado a desfazê-lo por pressão da diretoria e dos torcedores. No fim, o Barcelona desistiu do negócio mediante o pagamento de 4,4 milhões de pesetas em indenização e Carreto acabou acusado de, para atender a um pedido do governo, conduzir a negociação de modo que Di Stéfano acabasse no clube merengue.[157]

Essa teoria é reforçada pela "esmola" que o Barcelona aceitou em 1955: contar com Di Stéfano para um amistoso contra o Bologna, na Itália. Na única partida em que Kubala e Di Stéfano vestiram, juntos, a camisa blaugrana, o Barça venceu por 6 a 1, com atuação estupenda da dupla.[158]

A goleada acabou virando mais uma peça da propaganda franquista por meio do futebol. Propaganda que, a partir da chegada do argentino, teria o Real Madrid como grande estrela – "a melhor embaixada espanhola pelo mundo", como definiria Fernando Maria de Castiella, ministro de Relações Exteriores do governo Franco.

A chegada de Di Stéfano fez o Real Madrid vencer cinco vezes seguidas o

campeonato europeu de clubes, além de aumentar consideravelmente sua coleção de títulos nacionais. Somente a partir da arrancada merengue dentro de campo passou a haver um crescimento do sentimento catalanista no Barcelona, sem, no entanto, anular a simpatia ao regime.

Mesmo nos anos finais do franquismo, havia um grupo na diretoria do Barcelona totalmente avesso à politização do clube. O grupo era chamado de "os espanholistas" e contava com nomes como o de Joan Gic, que integrou a Divisão Azul – destacamento militar enviado pelo Generalíssimo para combater ao lado das tropas de Hitler contra a Rússia de Stálin, na Segunda Guerra Mundial. Em 1975, quando foi comunicada a morte de Franco durante uma reunião diretiva, houve duas reações totalmente opostas. Enquanto parte dos dirigentes propunha abrir uma garrafa de cava, um vinho espumante espanhol, outra parte permanecia em silêncio, estarrecida.

O Barcelona saiu do franquismo com mais de 77 mil sócios, contra os pouco mais de 3 mil do fim da Guerra Civil. Passava também a enfrentar um dilema político personificado por seu primeiro presidente eleito democraticamente pelo quadro associativo. Josep Lluís Núñez era de uma família de construtores que fez fortuna durante o governo Franco, mas que não hesitava em se aliar ao governo catalão de esquerda, liderado por Jordi Pujol, sempre que fosse conveniente. Como um típico caudilho, Núñez mandou no Camp Nou por 22 anos.

A guinada catalanista foi uma jogada política e econômica

Jordi Pujol já era uma liderança antifranquista quando foi preso pelo regime, em maio de 1960. Ele liderou uma execução pública do proibido hino catalão diante de uma plateia de ministros de Franco. Foi preso, torturado e, libertado após dois anos e meio, decidiu reforçar sua atuação política.[159] O caminho a ser seguido era fortalecer instituições com potencial para canalizar o nacionalismo catalão, e o Barcelona era parte fundamental dessa estratégia.

A primeira investida no clube aconteceu nas eleições de 1968, quando chegou a articular uma candidatura própria. Desistiu e acabou apoiando o nome de consenso, Narcís de Carrera Guitera, criador do lema barcelonista "Mais que

um clube". A partir dali, como definiria o inglês Bobby Robson quando treinou o time nos anos 90, o Barça passaria a se tornar o exército de uma nação sem estado: a Catalunha.

Pujol tratou de instigar a guinada nacionalista do clube por duas vias: econômica e política. O Barcelona entrou na lista de beneficiários das linhas de crédito do Banco Catalana, instituição financeira da família Pujol criada para apoiar qualquer iniciativa de valorização cultural da Catalunha.[160]

O financiamento do Banco Catalana encontrou resistência inicial de parte da cúpula barcelonista. Havia dirigentes ligados ao franquismo e, por extensão, ao Banco Condal, um dos braços econômicos do regime. "Temos de tomar cuidado. O clube está ficando muito nacionalista catalão", alertava Antoni Portabella, um dos "espanholistas", grupo da administração do Barça simpática a Franco.[161]

As barreiras ao Catalana foram derrubadas pela outra parte da estratégia de Pujol, o aparelhamento político do clube. A diretoria era, em regra, formada por seus aliados: o vice-presidente, Raimon Carrasco, seria futuramente presidente do banco; Josep Lluís Vilaseca exercia a função de assessor jurídico do Catalana e do Barcelona; Joan Granados, secretário-geral do clube, dirigiria a Corporação Catalã de Rádio e TV durante a longa permanência de Pujol como presidente da Catalunha.[162]

Ao grupo somava-se o presidente Agustí Montal. Amigo de Pujol, ele recebeu do Banco Catalana o dinheiro necessário para contratar **Johan Cruyff**, o craque holandês do Ajax, em 1973. Logo na primeira temporada pelo Barça, o lendário camisa 14 conduziu o clube ao fim de um jejum de 14 anos sem vencer o Campeonato Espanhol. Montal "pagou" o empréstimo em 17 de novembro de 1974. As comemorações pelos 75 anos do Barcelona, no Mosteiro de Montserrat, dividiram espaço com a criação da Convergência Democrática da Catalunha, partido de Pujol. Montal descreveu:

> **Logo após ser** campeão espanhol pela primeira vez, Johan Cruyff desafiou as autoridades locais ao pedir para registrar seu filho com o catalaníssimo nome Jordí. Só conseguiu que fosse aceito no país o passaporte holandês do garoto. Quatro décadas depois, o ex-jogador já era bem mais moderado quanto ao separatismo: "Quando cheguei, já se queixavam do dinheiro que não nos dão. Estamos copiando a época de Franco. Sou uma pessoa que quer juntar coisas ao invés de separar".[163]

> Durante minha presidência, a instituição FC Barcelona passou a apoiar a ideia de a Catalunha se tornar um estado autônomo, mesmo havendo gente contrária dentro do clube. Eu mesmo tinha

> negócios particulares com Pujol e era politicamente favorável a ele. Os membros de seu partido, a Convergência, realmente foram conosco a Montserrat naquele dia, quando grupos de torcedores liderados por mim deram cobertura ao encontro político entre Pujol e sua gente.[164]

A Convergência ganhou musculatura a partir da morte de Franco e, em 1980, levou Pujol à presidência da Catalunha, cargo que ocuparia por 23 anos. Sua administração começou dois anos mais tarde que a de Josep Lluís Núñez no Barcelona e também terminou apenas três anos depois da saída do dirigente. Apesar de contemporâneos no comando das duas mais fortes instituições da região, os dois baixinhos alternavam brigas políticas com períodos de conveniente aproximação.

Em todas as eleições do clube, Pujol apoiava um candidato contrário a Núñez. Mesmo quando a disputa era pelo governo catalão, ele dava um jeito de pressionar o presidente do Barça. Em 1999, por exemplo, levantou a bandeira da criação de uma seleção de futebol independente da Catalunha como forma de pressionar o clube a ser mais nacionalista. Núñez, por sua vez, tirava proveito dos feitos do Barcelona em campo para fortalecer seu poder político e financeiro. Era a reprodução do uso do futebol para influenciar decisões e distrair a população, estratégia adotada com sucesso durante as quase quatro décadas do franquismo.

Distração, inclusive, de negócios escusos envolvendo os dois homens mais poderosos da Catalunha. Marta Ferrusola, primeira-dama catalã, teve de explicar perante a Justiça o péssimo serviço de fornecimento e manutenção do gramado do Camp Nou feito por sua empresa de jardinagem, em 1995.[165] Cinco jogadores – Hagi, Busquets, Guardiola, Nadal e Ferrer – e o técnico Johan Cruyff foram convocados a depor, mas, estrategicamente, não apareceram no tribunal.[166] Foi um dos muitos processos de enriquecimento por meio de abuso de poder tendo a família Pujol como ré.

Núñez também teve seus problemas com a Justiça. Em 2011, ele e seu filho foram condenados a seis anos de prisão por fraude fiscal e suborno de fiscais da receita para facilitar a atuação de suas construtoras. A mesma sentença condenou a 13 anos de cadeia Josep María Huguet, chefe de inspeção da Fazenda Catalã. A defesa de Núñez foi feita por Joan Piqué Vidal, advogado particular dele e de Pujol.[167] A saída de Núñez do Barça após 22 anos de presidência abriu espaço para a chegada de outros nomes com pretensões políticas ao comando do clube. Vice de Núñez e dirigente máximo dos culés entre 2003 e 2010, Joan Laporta usou dois períodos brilhantes de conquistas –

primeiro a era Ronaldinho e depois a era Guardiola – como base para se lançar na política. Criou um partido, a Solidariedade Catalã pela Independência, que tinha o Barcelona como exemplo da Catalunha que dava certo e cuja principal bandeira era separar-se da Espanha. Foi esmagado nas eleições de 2010 para a presidência da Catalunha por Artur Mas, candidato do partido de Pujol.[168]

No mesmo ano, Pujol conseguiu a sonhada tomada de poder no Camp Nou. Com seu apoio, chegou à presidência do Barça **Sandro Rosell**, filho de Jaume Rosell, engenheiro que foi dirigente do clube nos anos 70 e participante da fundação da Convergência Democrática da Catalunha. Foi Jaume quem informou à direção do clube a morte do general Franco, em 20 de novembro de 1975. Embora adepto declarado de um catalanismo moderado, Sandro foi rapidamente subindo o tom do discurso pró-independência e abrindo espaço para esse tipo de manifestação nos jogos do clube.[169] Quase cinco décadas depois, o grupo de Pujol conseguiu moldar à sua maneira o lema "Mais que um clube", ao transformar o Barcelona na nova religião laica da sociedade catalã, uma demonstração de força além das manifestações pela independência da Catalunha.[170]

> **Rosell renunciou à** presidência do Barcelona no início de 2014, após esconder 40 milhões de euros gastos com Neymar. Sua casa começou a cair um pouco antes, quando ele decidiu cobrar ingresso das crianças no Camp Nou. Até então, a molecada sentava no colo dos pais, em um ritual de iniciação de que até Rosell participou na infância.

"Rosell é um catalanista moderado. O problema é que sua posição não existe mais no seu 'país'. Rosell se deixou levar (sem muito entusiasmo) pela doutrina política que prevalece na Catalunha", diz o jornalista Xavier Horcajo, autor do livro *La Pasta Nostra: 33 Años de Poder Convergente en Cataluña*.[171] E complementa:

> Embora muitos na Convergência o considerem demasiadamente morno, a situação catalã é tão difícil em termos políticos que não há um futuro projetado para o Barça. Políticos separatistas se contentam em ter um clube aliado. É suficiente, têm outras preocupações. Se um presidente sair dessa linha, voltaremos a ver planos de "invasão" do clube de futebol.[172]

146 "Rosell y los Boixos firmaron el acuerdo para la Grada de Animación", El País, 8 de março de 2013.

147 Jimmy Burns, La Roja, página 238.

148 Jimmy Burns, Barça, página 21.

149 Jimmy Burns, Barça, página 128.

150 “Rosell: Fue un error”, El País, 4 de março de 2013.

151 “Las bengalas vuelven al Camp Nou”, El País, 28 de fevereiro de 2013.

152 Jimmy Burns, Barça, página 39.

153 Jimmy Burns, Barça, página 135.

154 Jimmy Burns, Barça, página 130.

155 Jimmy Burns, Barça, páginas 140 a 143.

156 Jimmy Burns, La Roja, página 176.

157 Jimmy Burns, Barça, páginas 158 a 159.

158 Jimmy Burns, La Roja, página 177.

159 Félix Martínez e Jordi Oliveres, Jordi Pujol: En Nombre de Cataluña, Debate, 2005, página 113.

160 Félix Martínez e Jordi Oliveres, página 165.

161 Jimmy Burns, Barça, página 200.

162 Félix Martínez e Jordi Oliveres, página 166.

163 Entrevista à Rádio Catalunya, em 23 de outubro de 2013.

164 Jimmy Burns, Barça, página 196.

165 Xavier Horcajo, La Pasta Nostra: 33 Años de Poder Convergente en Cataluña, Sekotia, 2013, página 45.

166 “Marta Ferrusola culpa al tiempo del mal estado del césped del Camp Nou”, El País, 20 de outubro de 1995.

167 Xavier Horcajo, páginas 231 a 232.

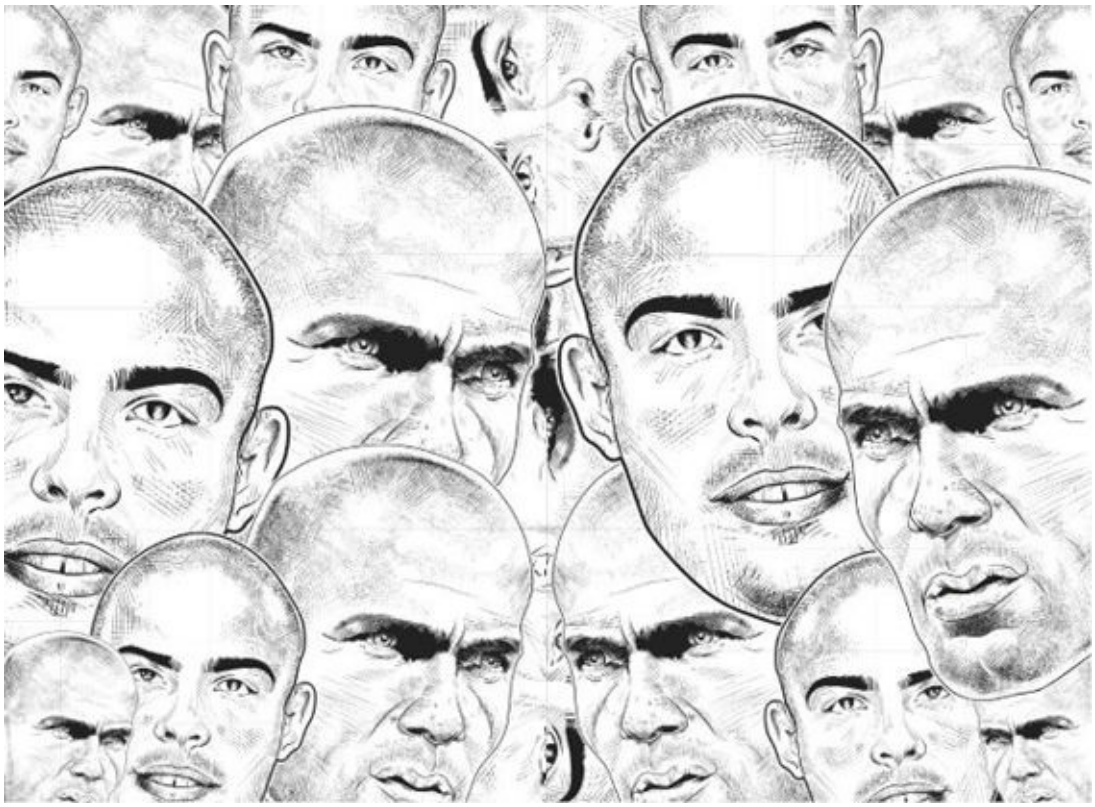
168 Daniel Setti, “O lado negro da força”, revista ESPN, agosto de 2010.

169 Xavier Horcajo, página 234.

170 Javier Montilla, página 138.

171 Em entrevista aos autores deste livro.

172 Idem.



COPA DE 98

NÃO, O BRASIL NÃO VENDEU A COPA DE 98

Um show de Zidane. Domínio tático francês absoluto. Uma marcação que não deu a mínima chance ao ataque brasileiro. Do outro lado, treinador ultrapassado. Jogadores fora de posição. E uma crise com o maior craque do time a poucas horas do jogo final.

Não faltaram motivos para o Brasil perder a final de 98 para a França por 3 a 0, a pior derrota da seleção brasileira em uma Copa do Mundo. Mas até hoje há quem acredite piamente que, entre outras exóticas teorias da conspiração, o Brasil tenha vendido a derrota para a França em troca de supostas benesses que incluiriam, por exemplo, o direito de sediar a Copa do Mundo de 2014.

Há teorias que envolvem um suposto acordo entre a Nike, fornecedora do material esportivo da seleção brasileira, e a Adidas, então fornecedora da seleção francesa (atualmente é a Nike), para acertar o resultado da final de 98 em troca do título em 2002. Como se valesse a pena jogar no lixo todo o dinheiro aplicado pela companhia americana em 98. Na época ela investiu 15 milhões de dólares só no contrato de Ronaldo e mais 400 milhões na seleção brasileira, em troca de ganhos futuros em 2002 (e, claro, com tudo isso combinado entre as outras 30 seleções que disputaram a Copa).

Por mais que seja difícil esperar pensamento lógico de pessoas que acreditam em teorias conspiratórias, uma vez que a falta de lógica é o que as torna ainda mais plausíveis aos olhos dessas pessoas, é hora de enterrar as bobagens que ainda proliferam sobre a Copa de 98.

A verdade é que a França, desde o começo, fez uma Copa melhor que o Brasil. E seu técnico, mesmo com as críticas da torcida e da imprensa, demonstrou confiança total no próprio trabalho. Após a primeira partida, uma vitória por 3 a 0 sobre a África do Sul, o técnico Aimé Jacquet não hesitou em afirmar: “A porta foi aberta, agora estamos a caminho do título”.[173]

O segundo jogo da equipe de Jacquet foi um passeio sobre a Arábia Saudita, então dirigida por Carlos Alberto Parreira: 4 a 0. A derrota fez com que a Federação Árabe demitisse Parreira em plena Copa do Mundo, deixando a equipe sob o comando do então auxiliar técnico Mohammad Al-Kharashi.

Já classificada e sem Zidane, suspenso por jogada violenta na partida contra a Arábia Saudita, a França bateu a Dinamarca por 2 a 1 no último jogo da primeira fase. O jogador ainda desfalcaria o time contra o Paraguai, nas oitavas de final. Sem seu maior astro, a equipe sofreria para romper o ferrolho paraguaio. A defesa do time dirigido pelo brasileiro Paulo César Carpegiani ainda tinha o zagueiro Gamarra em ótima fase. A vitória viria somente a 7 minutos do fim da prorrogação, com um gol de Laurent Blanc, na morte súbita.

173 “A França de Zidane começa muito bem”, O Estado de S. Paulo, 13 de junho de 1998, caderno Esporte, página E16.

CPI DA NIKE

Presidida pelo deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP), a CPI da Nike tinha como relator o deputado Silvio Torres (PSDB-SP) e foi criada em 1999 para investigar o contrato entre a CBF e a Nike. Levou jogadores e membros da comissão técnica da seleção a deporem na Câmara dos Deputados sobre os episódios acontecidos em 12 de julho de 1998, dia da final da Copa do Mundo.

Os deputados tentaram provar que a escalação de Ronaldo na final havia sido uma imposição da Nike, mas nunca conseguiram. Zagallo disse à CPI que escalou Ronaldo por conta própria, embora estivesse com toda a comissão técnica presente, além de Ricardo Teixeira, então presidente da CBF. A Comissão Parlamentar de Inquérito classificou a escalação de Ronaldo como “irresponsabilidade” e destacou o depoimento do médico Lídio Toledo: “Se não escalamos Ronaldo e o Brasil perde, hoje eu estaria morando no polo Norte”.

Nas quartas de final, a França enfrentou a forte Itália, e o empate por 0 a 0 levou a partida para os pênaltis. Albertini e Di Biagio erraram e a França passou às semifinais. Foi o ponto de virada na campanha francesa. Se antes o time ainda era visto com desconfiança e o técnico era vaiado ao fazer determinadas substituições (como nas oitavas de final, quando tirou Petit para colocar Boghossian), ao passar pela Itália tudo mudou. Profético, depois do jogo o zagueiro Desailly disse que havia sido "mais importante que a decisão do título, caso possamos disputá-la".[174]

Na semifinal contra a Croácia, que foi a surpresa da Copa, a França conseguiu transformar em gols o bom futebol que vinha apresentando durante todo o torneio. Além de ter maior posse de bola, finalizou mais (20 vezes, contra seis da Croácia) e venceu no tempo normal por 2 a 1, com dois gols do lateral Thuram.

Enquanto isso, o caminho do Brasil até a final foi bem mais atropelado. Na partida de estreia, ganhou da fraca Escócia por apenas 2 a 1. Depois cumpriu a obrigação ao vencer o Marrocos por 3 a 0. E, no último jogo da primeira fase, perdeu para a **Noruega** por 2 a 1, em uma atuação desastrosa da defesa brasileira. A derrota também expôs alguns problemas da equipe, como a falta de organização tática e a desunião entre os atletas. Após a partida, os jogadores deram entrevistas reclamando uns dos outros. O meio-campista canhoto Leonardo jogava como volante pelo lado direito, o destro Dunga pela esquerda, o também canhoto Rivaldo pela direita, o ponta Denílson como armador…[175]

O gol da vitória norueguesa veio de um pênalti cometido por Júnior Baiano em Tore André Flo. A jogada foi tão sutil que escapou das câmeras da TV e revoltou a imprensa brasileira – o jornal Lance! chamou o juiz de ladrão. Uma câmera de outro ângulo, um dia depois, mostrou a falta escandalosa cometida pelo brasileiro.

Antes mesmo de começar a Copa, o Brasil já vinha apresentando graves deficiências. No penúltimo jogo-treino, contra o Athletic Bilbao, um empate por 1 a 1. O técnico adversário, **Luis Fernández**, comentou: "Zagallo [técnico] e Zico [coordenador técnico] devem se acertar, porque o time me pareceu uma colcha de retalhos".[176]

Fernández entende de eliminar os brasileiros em Copas do Mundo. Em 86, ele converteu a cobrança que definiu a vitória da França sobre o Brasil, nos pênaltis, pelas quartas de final do Mundial do México.

Na partida contra a Escócia, por exemplo, a grande aposta da seleção

brasileira foram os dribles – 50% a mais que nos jogos anteriores. “As jogadas individuais se transformaram na saída para os problemas de treinamento, tomando o lugar dos passes no desenvolvimento das jogadas”, ressalta Jorge Caldeira no livro *Ronaldo: Glória e Drama no Futebol Globalizado*.[177]

Tostão, um defensor do técnico Zagallo que sempre destacou sua importância no comando da seleção de 70, também não poupou críticas ao fazer a análise daquele time, anos depois. “Antes da Copa de 98, acompanhei de perto durante dois anos os jogos e treinos da seleção e critiquei várias vezes o Zagallo por repetir os mesmos treinos do Mundial de 70. Ele, que tinha sido um inovador, parecia ultrapassado”, afirmou em sua coluna na *Folha de S.Paulo*, em 2004.[178]

O Brasil estava longe, no entanto, de ser uma baba. Tinha jogadores remanescentes do tetra de 94, como Bebeto, Cafu e Dunga, e novos valores como Rivaldo e Ronaldo, que já haviam feito uma boa Copa em 98 e que iriam explodir em 2002. Mesmo com os problemas táticos e de organização do time, foi fácil passar pelo Chile nas oitavas de final: 4 a 1.

Contra a Dinamarca, nas quartas, a seleção encontrou mais dificuldades. A vitória por 3 a 2 mostrou a fragilidade defensiva do time, para a qual os adversários já estavam atentos. Depois de o Brasil se classificar para a final ao passar pela Holanda nos pênaltis, em uma partida que terminou empatada por 1 a 1 no tempo normal, o técnico francês Aimé Jacquet não usou meias palavras: “O Brasil se dá ao luxo de não ter uma defesa muito boa por contar com um ataque poderoso”.[179] Apesar de tudo, a seleção chegou como favorita à final. E foi no dia do jogo, horas antes do pontapé inicial, que aconteceu o episódio que tornou aquela Copa um terreno fértil para os conspiradores: a crise nervosa de Ronaldo, que acabaria virando tema até de CPI no Congresso.

Ronaldo não sofreu uma convulsão

Antes de qualquer coisa, é preciso esclarecer, de uma vez por todas, que Ronaldo não sofreu uma convulsão, muito menos um ataque epiléptico antes da final. Um extenso dossiê publicado pela Folha de S.Paulo dias depois da decisão trouxe a informação de que o atacante sofreu, na verdade, uma crise nervosa. O livro *Ronaldo: Glória e Drama no Futebol Globalizado*, de Jorge

Caldeira, também sustenta que não houve convulsão, com base no depoimento de Joaquim da Matta, clínico da seleção que acompanhou os exames de Ronaldo logo após o episódio.

De acordo com o livro, Ronaldo foi levado até a Clinique de Lillas, em Paris. Assim que chegou lá, passou por tomografia computadorizada, ressonância magnética, exame neurológico acurado, raios X e exame cardiológico completo, exames esses analisados por três médicos: um neurorradiologista, um neurologista e um cardiologista. O médico francês disse a Joaquim da Matta:

> Não acredito que esse garoto tenha tido convulsão, porque eu vi o fundo de olho dele, vi tudo. Não é possível. Pode pensar em outra coisa. Ele não tem edema de papila, não tem nada, impressionante, o exame neurológico está completamente normal.[180]

Os exames excluíram totalmente a hipótese de uma **convulsão** e deram o aval necessário para que Ronaldo jogasse a final. “Caso houvesse a mínima possibilidade de ele ter tido uma convulsão, jamais jogaria – porque a atividade física aumentaria a possibilidade de ele ter uma segunda convulsão”, afirmou Jorge Caldeira.[181]

> **O zagueiro Índio,** campeão mundial de clubes pelo Internacional em 2006, foi personagem de outra convulsão mal explicada no futebol brasileiro. Em 2003, ele foi dispensado do Palmeiras em meio a declarações do diretor de futebol Fernando Gonçalves de que o zagueiro sofria convulsões no vestiário e tinha o diabo no corpo. Índio negou o problema médico. E também o espiritual.

Ao se reencontrar com Zagallo, o atacante garantiu estar bem. O técnico fez o que qualquer um faria ao escutar do melhor jogador do mundo na época a garantia de que estava em plenas condições de jogo: escalou-o para a partida. Em depoimento à *Folha de S.Paulo* em 2010, Zagallo reafirmou: “Faria hoje a mesma coisa, botaria o Ronaldo para jogar”.[182]

Nesse meio-tempo, porém, o estrago já estava feito. Os jogadores que presenciaram a crise nervosa se impressionaram com a cena, e até hoje há quem diga que Ronaldo sofreu uma convulsão. O grupo rachou entre os que defendiam sua escalação e aqueles que preferiam vê-lo fora da final.[183] Soma-se a isso a falta de informação à qual o elenco foi submetido. Não houve preocupação da comissão técnica em deixar os jogadores a par do que realmente estava acontecendo com o atacante. “Levaram o Ronaldo para fazer

os exames sem contar a nós, jogadores", disse Edmundo em depoimento à ESPN.[184]

Zagallo chegou a escalar Edmundo. A primeira relação distribuída à imprensa, às 19h48, trazia o então atacante da Fiorentina no lugar de Ronaldo, causando espanto em todos. Zagallo fez, inclusive, um discurso motivacional citando o exemplo de Amarildo, que substituiu Pelé na Copa de 62 e foi campeão mundial com ótimas atuações. Meia hora depois, com as garantias dadas pelo próprio Ronaldo, a relação já vinha com ele no lugar de Edmundo, que ficou possesso com a substituição.

Alguns jogadores, como Rivaldo e Bebeto, também não estavam totalmente convencidos de que a presença de Ronaldo em campo era uma boa opção, o que gerou mais discussões. Foi com esse clima que o Brasil entrou no gramado do Stade de France para a grande final. Além disso, os outros jogadores, sem saber do resultado dos exames, foram a campo mais preocupados com a saúde do atacante do que com o jogo em si. O zagueiro Gonçalves, reserva daquele time, disse em depoimento ao canal Fox Sports que o episódio interferiu no equilíbrio emocional da equipe:

> Se isso não tivesse acontecido, o resultado da partida poderia ter sido outro. Nos primeiro 20 minutos, ficamos praticamente assistindo, não conseguimos encaixar a marcação, não conseguimos trocar passes nem elaborar jogadas ofensivas. Isso reflete o problema que vivenciamos em função do Ronaldo.[185]

O Brasil fez sua primeira jogada de perigo aos 20 minutos, quando Roberto Carlos tentou cruzar e a bola foi direto para o gol. Aos 21 minutos, Ronaldo, mesmo com todos os problemas que o cercavam, foi quem mais chegou perto de marcar, ao cruzar fechado para o gol – Barthez, o goleiro da França, quase entrou com bola e tudo. Aos 23 minutos, Leonardo cruzou para a cabeçada de Rivaldo, mas Barthez, bem posicionado, segurou firme.

Foi bem nesse momento, quando o Brasil parecia se encontrar no jogo, que a estratégia diabólica de Aimé Jacquet começou a dar resultado. Depois de um escanteio bobo cedido pelo Brasil, Zidane apareceu na área para fazer de cabeça, aos 26 minutos, o primeiro gol da França. Jacquet sabia que não haveria **marcação sobre Zidane**, já que ele não era conhecido como um bom cabeceador.

> **A CPI da Câmara dos** Deputados criada em 2001 para investigar o contrato entre CBF e Nike questionou Ronaldo, de maneira patética, sobre quem deveria ter marcado Zidane nos

dois gols do francês. “Isso realmente vai ajudar nas investigações?”, perguntou Ronaldo durante seu depoimento, para depois brincar com a situação: “Pelo jeito essa pessoa não marcou direito”.

Poucos minutos após o gol francês, um lance ilustrou com clareza o estado emocional do time brasileiro. Ronaldo recebeu um lançamento na entrada da área adversária e se chocou com o goleiro Barthez, caindo imóvel no chão. Os jogadores do Brasil se desesperaram, achando que algo mais grave havia acontecido. Mas não era nada de mais, apenas um choque normal. Os reflexos da crise ainda estavam presentes em campo.

No restante do primeiro tempo a França ainda teve duas ótimas chances para fazer o segundo gol, com Petit e Guivarc’h. Mas novamente foi Zidane – novamente de cabeça, novamente em um escanteio – quem ampliou o placar, coroando a estratégia de Jacquet e tornando praticamente impossível a virada brasileira.

No intervalo, Zagallo tentou animar os jogadores. Carlos Germano, o goleiro reserva de Taffarel, incentivou à beira do gramado os companheiros que se dirigiam ao vestiário. O Brasil voltou melhor para o segundo tempo. A primeira grande chance foi de Ronaldo, aos 11 minutos: depois de uma jogada ensaiada de Roberto Carlos, o atacante apareceu livre na pequena área, mas chutou em cima de Barthez.

Aos 15 minutos, Barthez saiu mal em um cruzamento brasileiro e a bola sobrou para Bebeto chutar ao gol. Desailly salvou quase em cima da linha. A pressão exercida pelo Brasil deu resultado e Desailly foi expulso aos 22 minutos. Com um jogador a mais, o Brasil teve mais posse de bola e se lançou ao ataque. Além de Denílson, que havia entrado no lugar de Leonardo, Edmundo entrou no lugar de César Sampaio. O Brasil teve, ao mesmo tempo, cinco atacantes em campo: Bebeto, Ronaldo, Rivaldo, Denílson e Edmundo. O máximo que produziu, no entanto, foi uma bola de Denílson no travessão, já aos 45 minutos.

A França jogou atrás, mas com inteligência. “Aconteceu o que a França queria. O Brasil ficou com a bola, sem conseguir fazer nada com ela. O time deu 512 passes, contra 342 dos campeões. Teve 34min56s de posse de bola, enquanto os vencedores tiveram 24min47s.”[186] No contra-ataque, aos 46 minutos, Petit fez o terceiro gol e impôs ao Brasil a sua pior derrota na história das Copas. Nunca antes a seleção brasileira havia sido derrotada por uma diferença de três gols em uma Copa do Mundo.

Tanta superioridade adversária não foi bem digerida por boa parte dos

brasileiros. Se o Brasil perdeu, é porque havia mutreta no meio. E assim nasceram as teorias conspiratórias para esconder o básico, o óbvio ululante: a França venceu porque foi melhor. Anulou Ronaldo e Rivaldo, as principais peças do Brasil até a final, e explorou os contra-ataques e as deficiências da defesa brasileira. Não é necessária nenhuma teoria da conspiração para explicar o resultado.

Edmundo, que se revoltou em campo quando Rivaldo colocou a bola para fora durante a final para que um francês recebesse atendimento médico, disse 15 anos mais tarde à ESPN: "Sou brasileiro, sou do povo e, se tivesse visto alguma coisa que me desse o poder de duvidar, eu seria o primeiro a falar".[187]

174 Daniel Huertas, "Time pode bater qualquer um, dizem jogadores", O Estado de S. Paulo, 4 de julho de 1998, caderno Esporte, página E13.

175 Jorge Caldeira, Ronaldo: Glória e Drama no Futebol Globalizado, Editora 34, 2002, página 196.

176 Jorge Caldeira, página 193.

177 Jorge Caldeira, página 194.

178 Tostão, "Jogo político", Folha de S.Paulo, 18 de agosto de 2004, disponível em www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1808200442.htm.

179 Daniel Huertas, Emerson Couto e Ubiratan Brasil, "'A defesa do Brasil é fraca', diz técnico francês", O Estado de S. Paulo, 10 de julho de 1998, caderno Esporte, página E7.

180 Jorge Caldeira, página 217.

181 Idem.

182 Ana Virginia Balloussier e Marcos de Vasconcellos, "Recordista em Copas, Zagallo conta os bastidores de 98", Folha de S.Paulo, 15 de junho de 2010, disponível em www1.folha.uol.com.br/esporte/750962-recordista-em-copas-zagallo-conta-bastidores-de-98-veja-video.shtml.

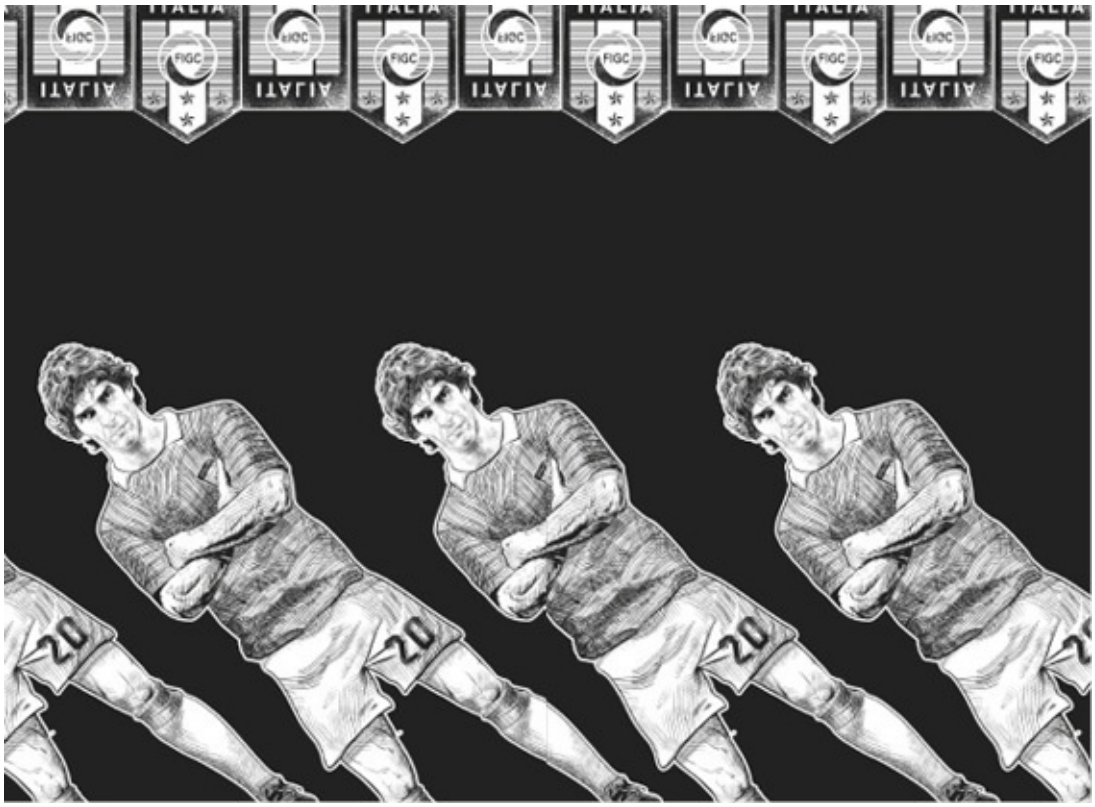
183 Jorge Araújo, "União da equipe acabou em seis horas", Folha de S.Paulo, 16 de julho de 1998, disponível em www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk16079806.htm.

184 Programa Bola da Vez, da ESPN, exibido em 26 de novembro de 2013, disponível em www.youtube.com/watch?v=vDUx13qDWfQ.

185 Declaração dada durante transmissão da reprise da final da Copa de 98, exibida pela Fox Sports em 8 de janeiro de 2014.

186 Jorge Caldeira, página 224.

187 Programa Bola da Vez, da ESPN, exibido em 26 de novembro de 2013.


ITALIA
FIGC
20

COPA DE 82

A SELEÇÃO DE 82 MERECEU PERDER PARA A ITÁLIA

Desde que o Brasil venceu a Copa do Mundo de 58 e se livrou do "complexo de vira-lata", a seleção e seus torcedores desenvolveram outra condição: o complexo de pitbull. Nosso time jamais é derrotado em Mundiais por seleções superiores ou que apresentaram um futebol melhor. Sempre são nossos próprios erros que nos condenam a uma derrota perfeitamente evitável, não fosse a obtusidade do técnico ou o engano fatal de algum jogador, exatamente em um momento crucial da partida. Veja bem: os méritos jamais são do adversário.

Foi assim até com grupos que estavam um nível abaixo dos oponentes, como o Brasil que disputou a Copa de 66. Tratava-se de uma mescla de jovens talentos como Tostão e Gérson, que viriam a ser campeões em 70, e craques indiscutíveis, porém já à beira da aposentadoria, como Djalma Santos, Bellini e Garrincha. E havia ainda Pelé, machucado. Como resultado, foi a última vez que o Brasil caiu em uma primeira fase de Copa do Mundo. No entanto, há quem culpe a arbitragem, que teria deixado Pelé "apanhar" em campo, ou a escolha do técnico, Vicente Feola, que teria demorado demais para definir o grupo para a competição. Tudo isso serviu de desculpa para o fracasso, como se uma das derrotas do Brasil não tivesse acontecido diante do excelente time português de Eusébio. Ainda que a seleção brasileira tivesse ganhado apenas uma partida, reconhecer as qualidades dos rivais não entrou na pauta da imprensa, da torcida ou da comissão técnica.

Depois do tricampeonato mundial em 70, era como se todo brasileiro já viesse com o complexo de pitbull entre os opcionais de fábrica. "Com brasileiro não há quem possa" era o mote de então, e assim continuou sendo. Na Copa seguinte, a de 74, na Alemanha, o Brasil tinha o software e o

hardware para conquistar o tetra, que passaria a se tornar uma obsessão pelas próximas duas décadas. Zagallo, o técnico campeão de 70, continuava no comando do time. Sem Pelé, é verdade, mas com uma nova geração composta de Ademir da Guia, Marinho Peres e tricampeões como Paulo César Caju, Leão e Rivellino. Essa seleção de fazer inveja não conseguiu anotar a placa do caminhão holandês que a atropelou em Dortmund, por 2 a 0, com gols de Neeskens e Cruyff. A verdade é que a ótima equipe brasileira de 74 não fazia ideia de que o revolucionário time do futebol total do técnico Rinus Michels atacava e marcava em bloco.

"Nós fomos jogar contra a Holanda sem ter visto nenhum jogo",[188] disse Marinho Peres, anos depois, em 2011, em entrevista ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas. "Não é como hoje, que você fala: 'Olha, eles apoiam mais pela direita, pela esquerda, fazem linha de impedimento'. Quer dizer, não se sabia nada."[189] A declaração do defensor dá uma ideia do grau de arrogância e soberba dos comandantes daquela Copa.

Na Copa do Mundo seguinte, a Fifa repetiu o formato de semifinal disputada em dois quadrangulares. O Brasil caiu na chave da Argentina e foi eliminado invicto, graças à polêmica vitória dos anfitriões sobre o Peru, por 6 a 0. Como o Brasil venceu o Peru só por 3 a 0 e empatou com a Argentina, a final foi entre Holanda e o time da casa.

Foi o que bastou para o Brasil se declarar campeão "moral" da Copa, pondo sob suspeita a goleada argentina sobre o Peru. Sim, a goleada foi mesmo **controversa**, mas o Brasil poderia: a) também ter vencido o Peru por um placar mais elástico; b) ter derrotado a Argentina. Como consolo, uma bela vitória sobre a Itália garantiu o terceiro lugar e uma espécie de superioridade moral na volta ao Brasil, que, no final das contas, só servia para alimentar o complexo de pitbull que voltaria a se manifestar para valer na próxima Copa do Mundo, contra a mesma Itália. Era a partir daí, com o perdão do trocadilho, que o bicho ia pegar.

Esse é o presumido caso de suborno mais clássico das Copas do Mundo. Em 30 minutos, a Argentina já tinha os 3 a 0 necessários para avançar à final. A seleção peruana, que até ali tinha a melhor defesa do torneio, ainda levou mais três gols.

O Brasil menosprezou a Itália

A Copa de 82 – ou melhor, a derrota na Copa de 82 – mudou tudo para o Brasil. Nossa cultura futebolística nunca mais foi a mesma. Até hoje, em mesas de bares perdidos pelo país e debates na TV que se prolongam *ad infinitum*, a discussão em torno daquele time beira o realismo fantástico: seria a melhor seleção brasileira de todos os tempos? Seria simplesmente a melhor seleção de todos os tempos, rompendo qualquer barreira de nacionalidade? Para Sócrates, o camisa 8 da equipe, não há muitas dúvidas em relação a isso: "Não era o time mais competitivo, mas jogava melhor que o de 70", disse para um documentário do Canal Plus, da Espanha, sobre os 25 anos do que ficou conhecido no Brasil como a Tragédia do Sarrià.[190]

Seria melhor jogar "bonito" como em 1982 ou "feio" como em 1994? Telê Santana, o comandante, e Zico, o craque do time, jamais hesitaram nessa resposta. "Nós viemos à Espanha para ganhar, mas também para oferecer um bom futebol. Creio que devemos seguir essa linha e estou seguro de que o público verá um espetáculo com, provavelmente, as duas equipes mais técnicas do Mundial",[191] anunciava o treinador antes do confronto com a Argentina, estreia brasileira na segunda fase. "Gostamos de jogar bonito, criando jogadas de gol e, se possível, marcando. Para mim esse é o verdadeiro futebol, não esperar atrás e se fechar para defender o resultado", acrescentava o Galinho de Quintino antes do jogo contra os italianos.

Essas perguntas já foram feitas milhares de vezes, mas sempre deixaram esquecido um pequeno e quase insignificante fator: do outro lado havia a Itália, bicampeã do mundo, com jogadores tão bons ou melhores que os brasileiros. Se o Brasil de fato tinha a sua melhor geração desde 70, com Leandro, Oscar, Cerezo, Júnior, Sócrates, Zico, Éder e Falcão, a Itália começava pelo goleiraço Dino Zoff, seguido por Gentile, Cabrini, Antognoni, Bruno Conti, o líbero Scirea e ele, o nosso carrasco, Paolo Rossi.

A Tragédia do Sarrià, uma alusão ao estádio da vitória italiana por 3 a 2 quando bastava um empate à seleção canarinho para chegar à semifinal da Copa, mostra o sentimento de superioridade exagerado que se instalou nos corações e mentes brasileiros. Cegos de arrogância, ignoraram o fato de que o time brasileiro simplesmente não merecia vencer a Itália. E, numa espécie de delírio coletivo, concluíram que o mundo ignorou o futebol bonito do Brasil ao optar pelo pragmatismo de esquemas táticos defensivistas, que supostamente tiraram o brilho do futebol.

Voltemos ao jogo-chave disputado no dia 5 de julho de 1982, no estádio de Sarrià, em Barcelona. O Brasil passou pela primeira fase vencendo a União Soviética por 2 a 1 e goleando "potências futebolísticas" como Escócia e Nova Zelândia por 4 a 1 e 4 a 0, respectivamente. Dando show, é claro. Seria como se estabelecêssemos que o Flamengo, a partir de hoje, fosse o exemplo a ser seguido no futebol após golear o Resende e o Bonsucesso no Campeonato Carioca.

O primeiro desafio de verdade foi a Argentina, no triangular que dava vaga às semifinais. Aí, sim, o Brasil aplicou um 3 a 1 digno de nota, com gols de antologia e uma atuação empolgante. Maradona, que fazia parte daquele time, foi expulso. Mas a Itália, que era desprezada pela maneira ridícula como se classificou na primeira fase da Copa – três empates contra Peru, Camarões e **Polônia** –, também bateu a Argentina na fase final, por 2 a 1.

> **Enquanto Brasil e** Itália travavam uma batalha quase do bem contra o mal, a França convivia com problemas bem mais humanos no caminho para o honroso quarto lugar. Durante a Copa, veio à tona o caso extraconjugal que o meia Jean-François Larios mantinha com a mulher do craque e capitão do time, Michel Platini. O episódio rachou o grupo: parte dos jogadores ficou ao lado do astro traído e promoveu, em campo, um boicote ao "fura-olho" na estreia contra a Inglaterra e na melancólica decisão do terceiro lugar, com a Polônia.[192]

A Itália passou com autoridade pela Argentina, assim como o Brasil. Para se ter uma ideia da superioridade italiana, o melhor jogador argentino da seleção que tinha Kempes, Passarella e o astro **Maradona** foi o goleiro Fillol. Dominada em campo a partida inteira, a Argentina levou dois gols no segundo tempo e só descontou graças a um erro da arbitragem, que permitiu a cobrança de uma falta quando Dino Zoff ainda arrumava a barreira.

> **Maradona ainda nem** havia se tornado o melhor do mundo, mas já trocava farpas com Pelé. Na chegada a Buenos Aires, após a eliminação da Argentina, o craque rebateu críticas do Rei do Futebol à sua atuação na Copa do Mundo da Espanha: "Pelé é um tagarela que tem de falar de mim ou de Rummenigge [craque da seleção alemã] para sair nas revistas".[193]

A seleção **perfeita** tinha **falhas primárias**

Veio então o fatídico confronto: Brasil × Itália. Seria maluquice qualificar

aquela seleção brasileira como ruim. Foi, sim, uma das melhores de todos os tempos. Como foram o Brasil de 50, a Hungria de 54, Portugal de 66 e a Holanda de 74 e 78, que também não se sagraram campeãs. Mas nenhuma seleção desse nível adquire algum direito divino de ganhar títulos simplesmente por entrar em campo. Para escrever o livro *Sarrià 82: O Que Faltou ao Futebol-Arte?*, os autores Renato Zanata Arnos e Gustavo do Amaral Roman assistiram a 25 dos 38 jogos daquela seleção. E não hesitaram em apontar as falhas do time naquela partida.

"Sem a bola, o Brasil aplicou um 4-2-3-1 deficiente no auxílio defensivo e ofensivo ao lateral Leandro", atestam os autores. O resultado pôde ser visto no primeiro gol italiano, depois de um cruzamento de Cabrini na cabeça de Paolo Rossi. "No gol de cabeça da Itália, eu fechei com o Graziani, aí lançaram a bola lá no Cabrini. Quer dizer, esse lateral veio sozinho, e eu não podia marcar dois. Não deu tempo nem de eu chegar, e o Cabrini já foi cruzando", relata o ex-lateral Leandro.[194]

Depois de o Brasil empatar em um lance de categoria de Zico que terminou com um gol de Sócrates, foi a vez de Cerezo cometer o erro que o perseguiu ao longo da carreira: cruzou uma bola no meio-campo. Ela acabou interceptada por Paolo Rossi, que marcou seu segundo gol e colocou a Itália novamente em vantagem.

O Brasil voltou com tudo para o segundo tempo, mas a bela seleção também tinha seus elos fracos. Depois de duas boas jogadas, de Falcão logo aos 2 minutos e de Cerezo aos 10, o atacante Serginho Chulapa furou uma cabeçada aos 12 minutos. O jogador simplesmente não estava no mesmo nível do resto do elenco – uma carência evidente já desde o período de preparação. Em 26 de maio de 1982, dias antes de Careca ser cortado por contusão, o jornalista João Saldanha escreveu:

> O melhor sempre é o que está no banco. Vejam os coitados do Serginho e do Careca. São grandes jogadores em seus times de clubes. Cracões. Na seleção, na porta do gol, parece que têm que arriscar a bola sete enviesada, na caçapa do bilhar. O gol "fecha". Entra o Careca, joga mal. Vem o Serginho, melhora. Quando entra o Serginho de cara, o bom é o que está no banco.[195]

Aos 22 minutos, porém, o Brasil voltou ao jogo no Sarrià. Falcão acertou um chute no canto direito de Zoff e empatou a partida. Sete minutos depois, o Brasil voltou a errar e deixou a Itália tomar a frente, dessa vez para não mais deixá-la. O terceiro gol italiano veio depois que Cerezo recuou mal para o

goleiro Waldir Peres e deu um escanteio de graça para o adversário. Na cobrança do escanteio, esqueceram Paolo Rossi – o jogador que já havia marcado duas vezes antes – sozinho na pequena área, livre para marcar o terceiro.

A seleção tão boa e injustiçada pelos deuses da bola ainda sofreu, aos 42 minutos, um quarto gol da Itália, anulado graças a um erro do árbitro israelense Abraham Klein, que marcou um impedimento inexistente de Antognoni. Fim de jogo. Itália classificada. O Brasil entrou para a história como a seleção que deveria ter vencido aquele jogo e, mais do que isso, a Copa – para o bem do futebol. Johan Cruyff, que já havia integrado a Holanda vice-campeã de 74, igualmente marcada como uma seleção injustiçada por ter apresentado um bom futebol mas sucumbido ao pragmatismo alemão na final, resumiu bem o sentimento que definiria o Brasil de 82 a partir de então: "Para sempre os campeões de 82 serão os brasileiros", disse.[196]

A frase é bonita. Sempre temos um pendor pelos vencidos, ainda mais os que lutaram de forma limpa e até ingênua, mas será que é justo com a Itália? A própria Holanda de Cruyff foi vencida por uma Alemanha que tinha craques do nível de Beckenbauer, Paul Breitner e Gerd Mueller. Quão injustos estamos sendo? Pior: quanto há de autoengano nessas afirmações?

Pois há muito. Uma seleção que falha miseravelmente em todos os gols que toma em um jogo decisivo de Copa do Mundo não pode, nem com toda a poesia de um craque de nível mundial como Cruyff, ser chamada de "campeões para sempre".

Por que é tão difícil para o Brasil admitir que errou? "Olhando para trás agora, pensando como treinador, o que a gente não deveria ter feito no jogo da Itália? O empate é nosso, vamos segurar os laterais hoje. Não vamos apoiar tanto, não vamos passar na frente da bola. Essas coisas que a Itália usou contra a gente", disse o zagueiro Oscar em depoimento a Gustavo Roman e Renato Zanata.[197]

Falcão não ficou na análise pós-jogo. Antes da partida, sugeriu ao técnico: "Vamos segurar um pouco mais, vamos segurar a passagem dos laterais", pediu. A resposta de Telê foi: "Não, nós estamos jogando bem até agora aqui, ganhando tudo desta forma". Segundo revelou Oscar a Roman e Zanata, o grupo todo concordou com o técnico.[198]

Bem menos polido, o técnico italiano Enzo Bearzot, minutos depois de eliminar o Brasil, apontou uma série de falhas que culminaram na eliminação da seleção e na vitória da Azzurra:

> Os jogadores brasileiros tiveram a presunção de que poderiam ganhar da Itália até com alguma facilidade, o que talvez tenha sido um erro tremendo. Eles atacaram sem muito critério, deixaram buracos e foi por meio deles que conseguimos chegar aos gols, além de outras boas oportunidades que foram criadas. O time do Brasil deixou a impressão de certa inocência em alguns momentos, ao contrário dos nossos jogadores, que têm experiência.[199]

A análise dos jogos da era Telê feita por Roman e Zanata revelou vários erros pontuais que custaram a partida e a classificação brasileira. A primeira foi a mudança de esquema tático durante a Copa do Mundo. Enquanto durante toda a fase de preparação o esquema tático usado foi o 4-3-3, na Copa mudou para um 4-4-2. “Isso modificou todo mundo”, disse Zico. Sócrates, Falcão e Cerezo foram obrigados a jogar em outras faixas do campo.

Outras modificações feitas por Telê se mostraram desequilibradas, deixando o lado direito da seleção desprotegido – justamente a área explorada pelos italianos em Barcelona. “Éder recuava para fechar o setor esquerdo e acompanhava o adversário até as proximidades da grande área brasileira para auxiliar na marcação. Pelo lado direito não havia quem fizesse o mesmo”, contam Zanata e Roman.[200]

O lateral-direito Leandro foi a maior vítima desse esquema. “O Leandro foi talvez aquele que tenha sido o mais prejudicado com o fato de, naquele lado direito na parte defensiva, já não ter ninguém que fechasse por ali”, defende Júnior, lateral-esquerdo daquele time.[201]

Leandro, em depoimento ao livro escrito por Paulo Roberto Falcão, um dos craques daquela Copa, coloca a culpa da derrota nos erros do Brasil. “Acho que perdemos pelos nossos erros. Hoje a gente fala em falha coletiva, não cita os nomes por ética. Mas, num jogo, às vezes a gente dá chances para o adversário, quatro, cinco vezes. E ele aproveita uma, ou não aproveita nenhuma. Naquele dia demos três chances e eles aproveitaram as três.” O atacante Serginho diz: “Futebol é um jogo de erros, mas errar do jeito que erramos, todo mundo, não um ou dois, teve consequência. Pagamos por isso”.[202]

É curioso notar, nos depoimentos colhidos por Paulo Roberto Falcão, o repetitivo tom de lamento em relação à derrota do Brasil – como se ela tivesse representado a **morte** do futebol-arte. Muitos jogadores, como Zico e Leandro, se veem redimidos pelos triunfos do Barcelona de Pep Guardiola. E o técnico catalão assistiu aos jogos da seleção de 82 no estádio durante a formação da sua cultura futebolística.

> **A derrota do Brasil** para a Itália não matou o futebol-arte, mas matou três pessoas em

> Fortaleza. Maria Rita de Oliveira e Lauro Cavalcante de Paiva morreram vítimas de colapso cardíaco logo depois da eliminação. Newton Teixeira nem chegou a ver o fim do jogo. Saiu de casa dando tiros após a seleção brasileira empatar por 2 a 2 e acabou atingindo o próprio rosto. Morreu na hora.

A derrota de 82 não acabou com o futebol-arte. Seis anos depois o mundo viu a Holanda erguer o título da Eurocopa com um futebol ofensivo, ao gosto dos amantes do futebol-espetáculo. Parte dessa mesma geração, que tinha Rud Gullit, Marco Van Basten e Frank Rijkaard, dominaria o futebol de clubes da Europa jogando no Milan sob o comando do técnico italiano Arrigo Sacchi. Já o incensado Barcelona de Pep Guardiola dava tanta atenção à defesa quanto ao ataque e ergueu duas Ligas dos Campeões em um intervalo de cinco anos – mas perdeu outras três. Nem por isso decretaram-se tragédias ou o fim do futebol-arte. Eles sabem perder.

O Brasil perdeu para a Itália e para o dinheiro

O goleiro Fillol acabara de conseguir que um quinto jogador se juntasse à barreira argentina quando Éder partiu para a bola. A falta era frontal, a cerca de 30 metros do gol, mas foi batida com tal violência que parecia ter sido cobrada da pequena área. O petardo passa por cima do goleiro quando ele finalmente consegue pular. A bola carimba o travessão, bate no gramado pouco antes da linha de gol e sobra para Zico mandar para a rede, quase trombando com Serginho. O camisa 10 corre para a linha lateral da grande área, para onde vai Toninho Cerezo. Éder, o coautor do gol, busca um lugar próximo à bandeirinha de escanteio, acompanhado de Júnior e Falcão. O que pareceria um simples desencontro provocado pela alegria de um gol decisivo em Copa do Mundo, na verdade, jogava um pouco de luz sobre o lado escuro da lua permanentemente cheia que era a seleção de 82. O zagueiro Edinho, reserva daquela seleção, desabafou:

> Éder e Serginho ganhavam mil dólares para comemorar cada gol perto de uma placa. Quem me garante que Éder não tenha passado aquela bola para Sócrates [na origem do terceiro gol da Itália] exatamente por acreditar que poderia marcar e aí receber mais mil dólares? Veja contra a Argentina.

> O Galinho correu comemorando para um lado e Éder foi comemorar para o outro. Isso não pode acontecer. O próprio Serginho, contra a Itália, tinha Zico livre, livre, livre para marcar – e não deu a bola.[203]

O "**caso das placas**" é uma das polêmicas financeiras da "melhor seleção brasileira depois de 70". Zico também foi procurado, mas se recusou a falar. Sócrates comemorou quando Edinho trouxe o episódio à tona. Serginho chamou o ex-companheiro de traíra. Éder até hoje ironiza a história. Edinho prontamente atacou o jornalista Marcelo Rezende, autor da matéria publicada na revista *Placar*, dizendo que, se soubesse que seria publicado, não citaria nomes.

> **Em 1994, Romário** protagonizou polêmica semelhante. A comemoração de gol com o dedo indicador apontado para cima era, "coincidentemente", o gesto símbolo da Brahma, que patrocinava o Baixinho e tinha como campanha o slogan "Torcida número 1".

Na época, o dinheiro começava a jorrar com mais intensidade no futebol brasileiro. Meses antes da Copa, o Conselho Nacional de Desportos havia liberado a publicidade em camisas de times de futebol. O ato aqueceu o incipiente mercado do marketing esportivo nacional e fez dos craques da seleção potenciais fontes de lucro.

"Se o Zico se contundisse e não pudesse participar da Copa da Espanha, a Coca-Cola nem se abalaria. Poderíamos criar uma campanha com a seguinte chamada: Zico em casa, tomando Coca e acompanhando a Copa", idealizava Georges Telcoolz, da McCann Erickson, agência da Coca-Cola na época. "O Sócrates poderia até não ir bem na Copa, ser cortado ou qualquer coisa do gênero, que para a Topper nada representaria. Já existia até um esboço de campanha afirmando: 'A Topper tem orgulho de ajudar o doutor Sócrates a permanecer no futebol do Brasil'", dizia uma fonte ligada à diretoria do Corinthians, então clube de Sócrates.[204]

Zico e Sócrates não se machucaram, muito menos foram cortados. Estiveram na Espanha com a seleção e queriam ser bem pagos por isso. Não só pelos patrocinadores, mas também pela CBF, com quem os jogadores travaram uma delicada negociação por premiação. Mais de 30 dias de reuniões entre os dirigentes e uma comissão formada por Zico, Sócrates, Júnior, Oscar, Batista e Edinho. O bicho acertado pelo título foi de 50 mil dólares.

"Isso não é prêmio. É uma ajuda de custo. É claro, se trata de um bom dinheiro, que dá para comprar um apartamento etc. e tal. Mas é uma quantia

insignificante pelo volume de dinheiro que movimenta uma Copa do Mundo. Todo mundo ganha bastante, menos aquele que faz a Copa", **protestou Sócrates** logo após o acerto ser finalizado, muito mais na base do cansaço do que por convicção. "Sabíamos que esse assunto seria explorado no Brasil, como foi. Em determinado momento da discussão, sentindo o ambiente no Brasil, alguns companheiros começaram a achar que deveriam aceitar o prêmio e resolvemos dissolver a comissão. Nunca mais vou discutir essa questão de prêmios. Foi um trabalho muito desgastante para nada", prosseguiu.[205]

> **A entrevista em que** Sócrates abriu o jogo sobre as premiações foi concedida a Fausto Silva. Isso mesmo, o Faustão. Antes de virar o homem do domingão da Globo, Faustão foi repórter esportivo, dos bons, em rádio e jornal.

O desgaste coletivo dos jogadores havia sido experimentado meses antes, individualmente, por Telê Santana. O técnico começou o ano do Mundial negociando a renovação do seu contrato de 220 mil cruzeiros mensais. A dois meses e meio da estreia, assinou um novo vínculo, de 750 mil cruzeiros por mês e 5 milhões de cruzeiros de luvas. Era, a partir dali, o treinador mais bem pago do país – uma questão de honra para ele.[206]

Mesmo com os acertos de Telê e do elenco, as premiações voltariam a atormentar o time no momento mais delicado: a manhã do jogo com a Itália. O então presidente da CBF, Giulite Coutinho, chamou os jogadores para uma reunião sobre o assunto. Edinho desabafou:

> Foi Giulite anunciar o prêmio e a reunião virar um falatório. Os olhos de muitos arregalaram na hora. No ônibus que nos levou ao estádio, muita gente só falava no dinheiro. Não havia concentração para aquela partida. Não se pode disputar uma Copa do Mundo pensando em dinheiro, em recompensa. Aquela reunião ajudou a nos matar.[207]

A seleção que encantou o mundo e virou sinônimo de futebol-arte acabou derrotada por uma das mais antigas tentações do ser humano: o dinheiro.

188 Disponível em http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/museu_do_futebol/marinho_peres/TranscricaoMarinhoPeres.pdf.

189 Juan Antonio Simón, España 82: La Historia de Nuestro Mundial, T&B Editores, 2012, página 209.

190 Juan Antonio Simón, página 209.

191 Gustavo Roman e Renato Zanata, Sarrià 82: O Que Faltou ao Futebol-Arte?, Maquinária, 2012, página 109.

192 Juan Antonio Simón, página 177.

193 “As feridas abertas da Argentina”, revista Placar, número 634, 16 de julho de 1982, página 36.

194 Gustavo Roman e Renato Zanata, página 113.

195 João Saldanha, O Trauma da Bola, Cosac Naify, 2002, página 67.

196 Mauro Beting, Bolas & Bocas: Frases de Craques e Bagres do Futebol, Leia Sempre, 2003, página 130.

197 Gustavo Roman e Renato Zanata, página 113.

198 Gustavo Roman e Renato Zanata, página 116.

199 “Bearzot considera Brasil presunçoso e inocente”, Folha de S.Paulo, 6 de julho de 1982, página 22.

200 Gustavo Roman e Renato Zanata, página 117.

201 Paulo Roberto Falcão, Brasil 82: O Time que Perdeu a Copa e Conquistou o Mundo, Age, 2012, página 56.

202 Paulo Roberto Falcão, página 74.

203 Marcelo Rezende, “Os segredos de 82”, revista Placar, 7 de abril de 1986, página 18.

204 “Um novo e privilegiado espaço para a propaganda”, Folha de S.Paulo, 4 de julho de 1982, página 22.

205 “Copa: o sonho frustrado de Sócrates”, O Estado de S. Paulo, 29 de junho de 1982, página 23.

206 André Ribeiro, Fio de Esperança: A Biografia de Telê Santana, Gryphus, 2000, páginas 177 e 180.

207 Marcelo Rezende, página 18.

AS POLÊMICAS TRÊS LISTRAS

Embora permitida somente a partir de 1982, a publicidade já havia aparecido no uniforme da seleção brasileira quatro anos antes. A Adidas era fornecedora de material esportivo no Mundial da Argentina. Para justificar a presença das três listras, marca registrada da empresa alemã, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) usou um argumento pra lá de fajuto: disse que cada listra correspondia a uma Copa vencida pelo país. O governo brasileiro engoliu.

A Adidas já havia passado por uma polêmica relacionada ao uso de sua marca em uniformes na Copa da Alemanha, em 74. A marca patrocinava a seleção holandesa, mas não Johan Cruyff, ligado à concorrente Puma. Cruyff ameaçou não jogar o Mundial se fosse obrigado a vestir Adidas. Só topou entrar em campo depois de o seu uniforme perder uma das três listras sobre as mangas.





ARBITRAGEM ELETRÔNICA

O FIM DE UMA FIGURA FUNDAMENTAL: O JUIZ LADRÃO

Há um único momento no futebol em que duas torcidas puxam exatamente o mesmo grito no estádio. É na hora em que o homem vestido de preto – ou amarelo, azul, branco e até rosa, nessa modernidade multicolorida do jogo – sobe o último degrau da escadaria de concreto e pisa no gramado. O coro você sabe exatamente qual é, mesmo que não conheça nem a cor dos olhos da mãe do juiz. A única certeza é que em algum momento ele comprovará a teoria cometendo um erro absurdo contra o seu time. O erro redentor, que decidirá o jogo e servirá para justificar a derrota, não importando o frango do goleiro ou quantos gols feitos o artilheiro do time perdeu. Ou o erro que dará contorno épico à vitória. "Contra tudo e contra todos" é a frase que todo torcedor quer dizer para os amigos no bar. Jornalistas vibram intimamente com os erros de arbitragem. É o que vai salvar as mesas-redondas e os debates de rádio do marasmo eterno. Tudo isso graças a uma peça fundamental do futebol: o juiz ladrão, cujo caráter e importância foram destrinchados por Nelson Rodrigues:

> Hoje, os jogadores, os juízes e os bandeirinhas se parecem entre si como soldadinhos de chumbo… Os juízes são de uma chata, monótona e alvar honestidade… Vejam vocês que coisa melancólica e deprimente: um jogo de futebol tem 22 homens. Com o juiz e os bandeirinhas, 25. Acrescentem-se os gandulas e já teremos um total de 29. Vinte e nove homens e nem um único e escasso canalha, nem um único e escasso vigarista! Eis a verdade, que levaria um Balzac ao desespero e à úlcera: as condições do futebol contemporâneo tornam impraticável a existência do canalha. Ou por outra: o canalha pode existir, mas contido, frustrado, inédito, sem função e sem destino.[208]

O futebol abriu uma guerra contra essa figura essencial. O auxílio eletrônico transformou-se na panaceia para curar o jogo de qualquer influência da arbitragem. A Fifa deu o passo mais firme ao contratar a tecnologia de **linha de gol** para a Copa das Confederações de 2013 e a Copa do Mundo de 2014. Um conjunto de microcâmeras instaladas na trave, que determina se a bola entrou ou não.[209] O primeiro teste aconteceu em 2005, na Copa do Mundo Sub-17, disputada no Peru. Um fracasso. A bola dotada de chip apitou em dois lances que não foram gol. Em um deles, em vez de passar entre as traves, a bola simplesmente saiu pela linha de fundo, rente ao poste. Um tiro de meta que o recurso eletrônico viu como gol. Nem juiz ladrão faria uma dessas, com a

desvantagem de que ninguém se animaria a debater o caráter de um chip.

> **A Fifa decidiu** adotar a tecnologia após não ter sido marcado um gol a favor da Inglaterra em lance no qual a bola claramente entrou, em partida contra a Alemanha, pela Copa do Mundo de 2010. O mesmo não se pode dizer sobre um lance idêntico, também entre as duas seleções, no Mundial de 66. Naquela ocasião, o juiz deu o gol e a Inglaterra ganhou a Copa, mas nem a tecnologia atual aplicada a imagens daquele lance permite uma conclusão segura.

A Copa Libertadores da América de 2012 deu a medida do alçapão que o auxílio eletrônico pode representar para o futebol. Vasco e Corinthians se enfrentaram em São Januário, pelas quartas de final da competição. Bola na área corintiana, Alecsandro pula, cabeceia e faz o gol. Impedimento, segundo o auxiliar Alessandro Rocha Matos. Mas há um jogador corintiano, Emerson, aparentemente na linha do vascaíno. Segue-se um debate emblemático nas duas transmissões ao vivo, da Rede Globo e da Fox Sports. O trio de arbitragem, essencial em um lance como esse, é simplesmente ignorado. Entram em cena comentaristas de arbitragem e editores de transmissão.

Na Globo, Arnaldo Cezar Coelho não teve dúvida: gol legal. “Esse jogador aqui, embaixo da tela, o Alessandro, dava condição. Será que não está dando condição? O ângulo dessa imagem mostra o jogador dando condição”, o comentarista de arbitragem questionava e, ao mesmo tempo, afirmava. Cléber Machado, o narrador, em dúvida se era o lateral Alessandro ou o atacante Emerson, se resumiu a afirmar: “Era um carequinha”.[210]

Em um momento desses, nada melhor do que chamar o famoso tira-teima e eliminar qualquer dúvida, certo? Foi o que Cléber Machado fez: “Temos um supertira-teima para aquele lance do impedimento. Daqui a pouco a gente vai mostrar pra você”. Foi uma verdadeira saga para o torcedor descobrir se o gol de Alecsandro foi legal ou não. Isso porque a Globo demorou quase uma hora depois do fim da partida para concluir que, ao contrário do que Arnaldo tinha dito durante a transmissão, o jogador estava impedido. Antes disso, levou ao ar um tira-teima que não tirava a teima coisa nenhuma.

O “supertira-teima” prometido por Cléber Machado foi exibido apenas no *Jornal da Globo*. As imagens deixavam claro: Alecsandro estava impedido. Só então tudo foi esclarecido. “Corretamente anulado, estava realmente impedido. Muito difícil o lance; como a gente está percebendo no nosso analisador tático, é pouquinha a diferença, mas estava impedido sim”, afirmou a apresentadora Cristiane Dias.

Na Fox Sports não havia o recurso do tira-teima. Eram a mão e o olho do diretor de transmissão que davam o ritmo da câmera lenta e o momento exato

de congelar a imagem. Carlos Eugênio Simon, comentarista do canal, cravou logo em sua primeira análise: “Pela imagem aqui, gol legal. O Emerson ficou lá embaixo, dando condição, nessa imagem que nós temos aqui. Mesma linha, e mesma linha não é impedimento”.

As duas análises iniciais dos comentaristas da Globo e da Fox Sports decretando a legalidade do gol de Alecsandro, antes que a Globo revisse a análise de Arnaldo, foram o suficiente para iniciar no Twitter uma pequena revolta futebolística. A hashtag *#apitoamigo* foi a mais comentada da noite daquela quarta-feira, expressando o descontentamento com o que seria um suposto favorecimento ao Corinthians. Enquanto a Globo reviu sua posição após a consulta ao tira-teima, a Fox sustentou até o fim a tese do gol legal.

A tecnologia não resolveu o problema na hora, ao contrário do trio de arbitragem, que havia interpretado corretamente a situação no momento do lance. Se o sistema oficial do campeonato mudasse, torcedores teriam argumento suficiente para evocar teorias conspiratórias. Apenas o alvo seria diferente. Em vez do juiz que se pode olhar no olho a partir da arquibancada, o canalha seria uma figura sem rosto – o executivo de ar-condicionado que contratou a tecnologia ou o operador responsável por acionar o **supertira-teima**. Note: por trás dos erros continuaria existindo uma pessoa, um anônimo sem rosto de quem não se pode nem imaginar, com algum embasamento, a cor dos olhos da mãe.

> **O tira-teima das** TVs brasileiras não é tão infalível como vendem os narradores. “Para ele ser infalível precisaríamos de mais câmeras, fornecendo ângulos diferentes do jogador. Mas o sistema ficaria tão caro que seria inviável”, disse numa entrevista o engenheiro eletrônico Luis Pinievsky, diretor da Orad, empresa de Israel que vende o software do tira-teima fora do Brasil.[211]

O futebol se tornaria chato e longo como tênis e futebol americano

Trocando a questão filosófica por uma totalmente prática: imagine uma final de Copa do Mundo em que seria preciso esperar uma hora inteira para um sistema teoricamente confiável dizer se o jogador estava impedido ou não. O caos estaria instaurado no futebol, que, por sinal, poderia até pensar em mudar

de nome, pois se transformaria em outro esporte.

Em primeiro lugar, esqueçam jogos resolvidos em, no máximo, duas horas. Uma das muitas vantagens do futebol é ser um programa que se sabe quando começa e quando termina. Perfeito para quem quer enforcar o final do expediente, assistir ao jogo, tomar uma no bar e voltar para casa com a mulher ainda acordada. Ou para a televisão oferecer duas horas de esporte ao seu anunciante sem arrebentar com a grade de programação.

Um jogo picotado por intervenções eletrônicas passaria a ter duração imprevisível, como o futebol americano, com duas diferenças essenciais: 1) estádios e torcedores de futebol americano estão preparados para um evento de quatro horas de duração. Aqui, mesmo os novos estádios são dotados de comida cara e ruim; 2) nos Estados Unidos, o futebol americano é um dos motores de audiência da televisão. Por aqui, a bola rolando perde para a novela e o Faustão (veja o capítulo "Futebol S/A").

Longo demais para ser visto no estádio e na televisão, o futebol se transformaria em algo parecido com o tênis, outro esporte que aderiu recentemente à tecnologia. O sistema de "**desafio**" estica ainda mais um jogo já naturalmente arrastado[212] e que, em alguns países, some da TV aberta, o que significa menos dinheiro no bolso de quem vive dele.

> **Roger Federer, um** dos maiores tenistas da história e fã de futebol, sente falta das discussões sobre caráter que tomavam a quadra de tênis diante de uma bola duvidosa – raro momento para quebrar a sonolência desse esporte. "O pessoal, hoje em dia, não perde mais energia discutindo com os árbitros, como estávamos acostumados. É disso que sinto mais falta. Agora você consegue o ponto pelo Hawk-Eye", reclamou.[213]

E o "desafio" ainda é restrito a torneios maiores, algo que seria transferido para o futebol por razões econômicas. Torneios da Fifa, competições continentais e meia dúzia de ligas nacionais seriam dotadas do novo e caro sistema. "Precisamos ver se a CBF se interessa em receber e se tem condições de fazer a manutenção do nosso sistema de linha de gol. Teremos 12 equipamentos novos à disposição dos estádios", explicou o secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke.[214] Ou seja, mesmo com um esquema de logística apuradíssimo, a tecnologia estaria presente apenas nos jogos da primeira divisão do Campeonato Brasileiro.

A tecnologia não vai acabar com

o pior árbitro: o corrupto

Robert Hoyzer era um alemão típico. Alto, loiro e com uma profissão que deveria ser a encarnação da retidão germânica nos gramados: o árbitro. Em 2005, a farsa de Hoyzer foi desfeita. Quatro colegas de função o acusaram de receber dinheiro da máfia para manipular resultados. Investigações policiais confirmaram as acusações e o próprio Hoyzer confessou. Apostadores croatas lhe davam dinheiro e pagavam prostitutas de luxo para que ele conduzisse as partidas para o resultado de interesse da quadrilha. Os acertos eram feitos em puteiros de Berlim e Leipzig.[215]

Em campo, Hoyzer era extremamente sutil. Em um jogo entre Hamburgo e Paderborn pela Copa da Alemanha de 2004, ele expulsou o atacante Emile Mpenza, do Hamburgo, para abrir o caminho da surpreendente vitória do Paderborn por 4 a 2.[216] Cartões vermelhos estão totalmente fora da mira do auxílio eletrônico, assim como a comunicação do árbitro com os jogadores ao longo do jogo. São elementos capazes de fazer um time inteiro perder a cabeça.

Hoyzer ainda denunciou um esquema maior, envolvendo outros árbitros e partidas de competições europeias. Essa parte da história, porém, foi esquecida. Não era conveniente para a Alemanha lidar com um escândalo desse porte a um ano de receber a Copa do Mundo. No discurso do juiz corrupto, deu-se ouvido apenas ao que interessava. Da mesma maneira como o futebol deve ser seletivo diante do canto sedutor do auxílio eletrônico.

208 Nelson Rodrigues, O Berro Impresso das Manchetes, Agir, 2007, página 27.

209 “Fifa começa a testar tecnologia da linha de gol nos estádios da Copa”, GloboEsporte.com, 24 de fevereiro de 2014, disponível em http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/02/fifa-comeca-testar-tecnologia-da-linha-do-gol-nos-estadios-da-copa.html.

210 Ricardo Zanei, “Jornal da Globo tira dúvida com tira-teima; na Fox Sports, ex-árbitro diz que gol vascaíno foi legal”, blog Uol Esporte Vê TV, 17 de maio de 2012, disponível em http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2012/05/17/tira-teima-demora-e-duvida-sobre-apito-amigo-em-lance-crucial-de-vasco-x-corinthians-so-e-tirada-no-jornal-da-globo.

211 Em entrevista aos autores deste livro.

212 “Federer questiona precisão do desafio eletrônico e diz que tecnologia deixa o jogo mais chato”, revista Tênis, 5 de março de 2012, disponível em http://revistatenis.uol.com.br/artigo/federer-questiona-precisao-do-desafio-eletronico-e-diz-que-tecnologia-deixa-tenis-mais-chato_8367.html.

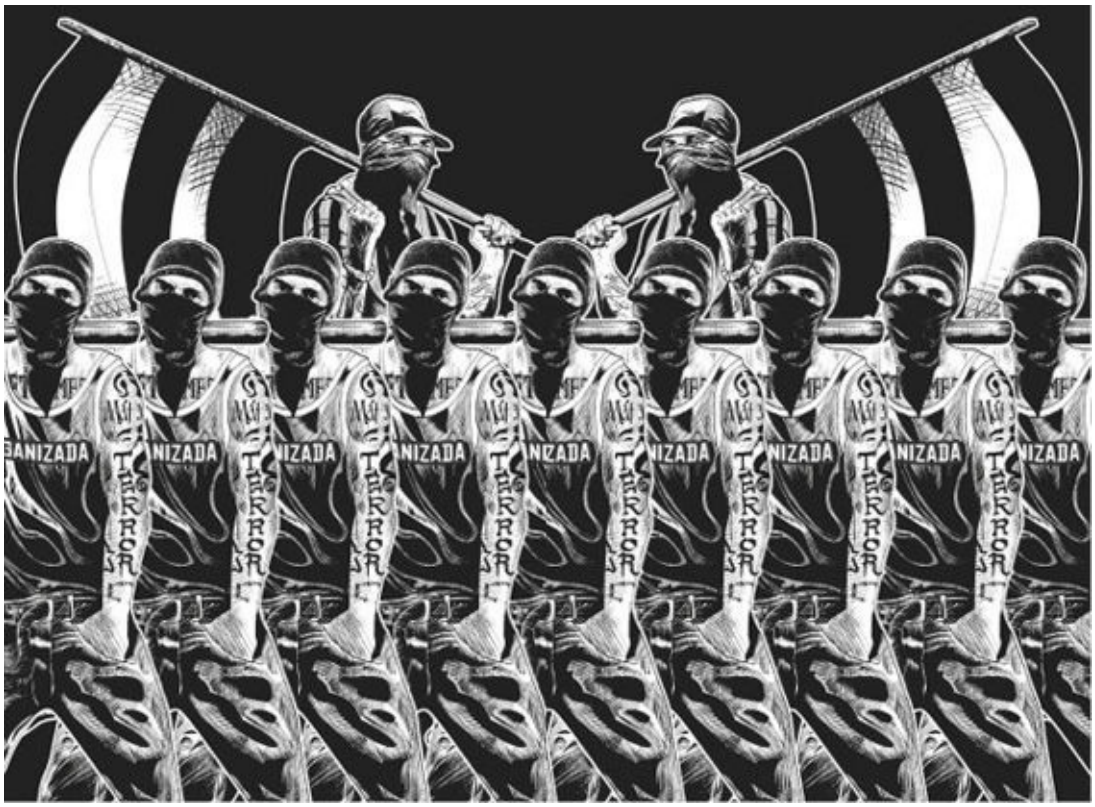
213 “Federer questiona precisão do desafio eletrônico e diz que tecnologia deixa o jogo mais chato”, revista Tênis, 5 de março de 2012.

214 Jérôme Valcke, em entrevista coletiva no Seminário de Equipes da Copa-2014, Florianópolis, 17 de fevereiro de 2014.

215 Declan Hill, Juego Sucio: Fútbol y Crimen Organizado, Alba, 2010, páginas 193 e 194.

216 Jörg Marwedel, “Was Sie pfeifen, ist das Allerbeste”, Süddeutsche, 17 de maio de 2010, disponível em www.sueddeutsche.de/sport/spiel-manipulation-was-sie-pfeifen-ist-das-allerbeste-1.732273.




ANIZADA
NIZADA
IZADA
NIZADA
NIZADA
IZADA
NIZADA
NIZADA
IZADA

TORCIDAS ORGANIZADAS

TRÊS VERDADES OCULTAS SOBRE AS ORGANIZADAS

Você vai assistir ao jogo com seu filho e lá estão eles, os brutamontes. São estúpidos, são mal-educados e, pior, carregam no peito o emblema do seu time. Com seus batuques e bandeiras, ditam o que todo o estádio deve cantar. Quando sai gol, é para lá que os jogadores correm. Se o time perde, é deles que os jogadores correm – e você também –, com medo de um arrastão de violência dentro e fora do estádio.

As torcidas organizadas se transformaram na grande praga do futebol. Qualquer briga em dia de jogo, mesmo que seja entre gangues de bairro na periferia, é colocada na conta das organizadas – ou melhor, das facções, sinônimo que a imprensa usa com a justificativa de evitar a repetição, mas que, subliminarmente, carrega uma associação aos comandos criminosos.

Para o senso comum, organizadas são exatamente isso: grupos de criminosos que servem apenas para promover violência, extorquir os clubes e roubar a festa do futebol. Uma visão superficial. O futebol precisa das organizadas – e não só para ter um estádio mais colorido e vibrante. As torcidas geram dinheiro para os times e têm um número de votos capaz de fazer qualquer um se eleger presidente de clube, vereador ou deputado. Além de serem muitos, os integrantes dessas associações têm um perfil socioeconômico acima da média. E, mesmo quando recorrem à violência, criam a plataforma perfeita para que políticos façam… política.

Eles não são apenas
vândalos travestidos de torcedores

Após cada clássico, debates inflamados rendem horas de programas de rádio e televisão. Os erros de arbitragem dominam o falatório, até alguém sacar um tablet de cima da mesa e ler a notícia de mais uma briga entre torcidas antes ou depois do jogo. A indignação é geral. A extinção das organizadas é mencionada imediatamente, até alguém soltar a frase-chavão preferida nesse tipo de discussão: “Eles não são torcedores – são vândalos travestidos de torcedores”. Uma frase definitiva, que propaga o silêncio na mesa e dá a deixa para o apresentador fazer um jabá de câmera digital ou para alguma bela moça ler as mensagens no Twitter.

A crença de que os membros das organizadas são excluídos da sociedade permeia toda a discussão sobre violência entre torcidas. Quem pede o fim das associações diz que se trata de bandidos e ponto-final. Quem defende as torcidas alega que a agressividade está inserida em um contexto maior – e tome verborragia sociológica. A violência seria uma resposta contra as mazelas não só da sociedade, mas também do futebol, como a corrupção dos cartolas, a falta de condições dos estádios e a desorganização. Quem pensa assim não poderia estar mais errado.

A maior pesquisa já feita no Brasil para identificar quem são os torcedores organizados mostrou que eles não são desempregados, têm mais instrução que a média da população e vivem em famílias estruturadas.[217] O levantamento foi feito por Heloisa Reis, coordenadora do grupo de estudos e pesquisas de futebol da Unicamp, e participaram 813 integrantes das três principais torcidas organizadas do estado de São Paulo. O resultado indica que, enquanto a média de desemprego na população é de 8,1%, nas torcidas era de 2,8%. A maioria (86,8%) mora com os pais, e 80,8% têm de 10 a 12 anos de escolaridade – segundo o IBGE, o percentual de pessoas sem instrução ou com o fundamental incompleto no Brasil é de 50,2%.[218] Mais distante da imagem típica do torcedor organizado, impossível.

Ok, mas e os “vândalos travestidos de torcedores”? Mauricio Murad é autor de outra pesquisa, também de 2009, que traça um perfil do que ele chama de “minoria infiltrada” nas torcidas organizadas. Um grupo que, segundo ele, varia de 5% a 7% de vândalos. “Eles estão ali apenas para praticar atos desmedidos de intolerância, covardia, insulto, ofensas e violência”, afirma Murad.[219] São, na maioria, jovens de 15 a 24 anos, que combinam embates pelo Facebook:

> Em geral, esse tipo de torcida costuma se reunir com certa frequência, tem disciplina, organização e

> razoável capacidade operacional. São treinados em lutas marciais e, não raro, em academias clandestinas. Suas ações são militares ou paramilitares, bem como a hierarquia interna e a estrutura – comando, pelotão de choque, infantaria e "família", no sentindo mafioso da palavra, de proteção mútua, combate e eliminação do outro.[220]

Um clube da luta dentro de uma organização maior, com normas e códigos de conduta próprios. Vale mais, por exemplo, apanhar de um torcedor adversário do que fugir da briga contra ele. E usar arma de fogo, ao invés de motivo de orgulho, é covardia e desonestidade.

Em uma análise econômica sobre o hooliganismo na Inglaterra, Peter T. Leeson, Daniel J. Smith e Nicholas A. Snow afirmam:

> Há duas reputações em risco [para um hooligan]: a de sua torcida e a dele perante essa torcida. Uma torcida que busca briga com um rival que não quer brigar, que agride um adversário rendido ou que usa armas proibidas acaba sendo vista pelos outros hooligans como covarde e desonesta – seus membros são o tipo de hooligan ao qual não se deve associar e que merecem punição violenta.[221]

As torcidas **não acabam** porque são sinônimo de **voto**

A bandeira da extinção das organizadas é a primeira a ser levantada quando há algum episódio de violência no futebol. Se você defende a ideia, conforme-se: as organizadas não vão acabar enquanto **renderem votos**. Inclusive para aqueles que defendem sua extinção.

> **A Torcida Uniformizada** do São Paulo (Tusp), fundada em 1940, é a primeira organizada do Brasil. Seu fundador? Laudo Natel, que seria presidente do São Paulo e, mais tarde, governador do estado de São Paulo.

Em 1995, Fernando Capez saiu do gabinete do Ministério Público de São Paulo e foi para a frente dos microfones, após uma batalha entre torcedores de São Paulo e Palmeiras no estádio do Pacaembu, por um torneio de juniores. Um são-paulino morreu, e Capez passou a defender a extinção das torcidas organizadas. Chegou a pedir na Justiça que as três principais da cidade – Gaviões da Fiel, do Corinthians; Independente, do São Paulo; e Mancha Verde,

do Palmeiras – fossem fechadas. Foi o início de um ciclo interminável de pedidos de extinção, acolhimento pela Justiça e retorno das torcidas sob outro CNPJ – acompanhado de períodos de menor e maior violência, enquanto o promotor permanecia sob os holofotes. “Não vai haver mais nenhuma morte até o último jogo do Campeonato Paulista. Estou dando essa declaração por minha conta. E a responsabilidade será minha por ela”, prometeu em 2000, após um corintiano ser assassinado por um grupo de são-paulinos.[222] Realmente, não houve mais nenhuma morte no campeonato daquele ano. Mas, sim, no ano seguinte.

Em 2004, extinguir as organizadas já não era mais o caminho. A solução era **cadastrar** os torcedores. Depois de dez anos permanentemente na mídia por causa da caçada às torcidas organizadas, Fernando Capez se elegeu deputado estadual pelo PSDB, em 2006, e foi reeleito em 2010. Seu espaço no Ministério Público de São Paulo foi ocupado pelo promotor Paulo Castilho, que repetiu o mesmo discurso e cavou um lugar no Ministério do Esporte.

> **A primeira-ministra** britânica Margaret Thatcher determinou a criação de um cadastro de torcedores. Clubes ingleses haviam sido banidos das competições europeias por causa de um tumulto com 39 mortos provocado por torcedores do Liverpool, em 1985, e Thatcher elegeu os hooligans como inimigos internos. A ideia foi abortada após uma tragédia maior, em 1989, com 96 mortos, em um jogo da Copa da Inglaterra.

Castilho ajudou, em 2013, a elaborar um pacote de medidas antiviolência no futebol, anunciado pelos ministros Aldo Rebelo, do Esporte, e José Eduardo Cardozo, da Justiça. Nove itens que desenhavam o mundo perfeito do combate aos brigões. Era a resposta que a sociedade pedia após a pancadaria entre fãs de Atlético Paranaense e Vasco, na última rodada do Campeonato Brasileiro. A selvageria foi transmitida em rede nacional e terminou com duas dúzias de presos. Entre eles, Juliano Borghetti, ex-vereador em Curitiba e funcionário do governo do estado do Paraná. Não havia maneira melhor de os políticos mostrarem serviço à população. Mas…

O ano da Copa do Mundo no Brasil começou sem que qualquer uma das medidas fosse efetivamente aplicada. As organizadas, por sua vez, continuam vivas e com atuação cada vez mais variada. Extintas por Capez nos anos 90, Mancha Verde e Independente reabriram pouco depois como torcida e escola de samba. Foi o caminho adotado anteriormente pela Gaviões da Fiel. Em São Paulo, escolas de samba recebem dinheiro público para desfilar no carnaval paulistano. Isso significa que, em 2013, a São Paulo Turismo S/A, empresa cuja sócia majoritária é a prefeitura de São Paulo, repassou mais de 700 mil

reais para a Gaviões. Ao mesmo tempo, o Ministério Público cobrava uma multa de 30 mil reais pelo fato de a torcida ter desrespeitado um acordo no qual se comprometia a não participar de brigas.[223]

Na Argentina, a força política das organizadas é maior. O governo Cristina Kirchner recrutou *barras bravas* para brigar com o *Clarín*, principal grupo de comunicação do país e antigo detentor dos direitos de transmissão do futebol argentino. "Cada *barra* receberia 100 mil pesos e uma bandeira contra o *Clarín* pedindo futebol gratuito. A *barra* do Boca teria um negócio adicional: em troca de duzentos pesos por cabeça, 40 de seus membros distribuiriam folhetos contra o grupo e a favor da lei de radiodifusão", descreve Gustavo Grabia no livro *La Doce: A Explosiva História da Torcida Organizada Mais Temida do Mundo.*[224] Não seria a primeira vez. Em 1995, por 20 mil dólares, La Doce, a maior torcida organizada do país, pendurou nos alambrados da Bombonera uma faixa com os dizeres "Carlitos 95", em apoio à reeleição de Carlos Menem. Em 2003, **Rafael Di Zeo**, então chefe de La Doce, recebeu 20 mil pesos para convocar cem torcedores para fazerem confusão em uma marcha durante a campanha eleitoral.

Rafael Di Zeo presidiu La Doce por dez anos, entre 1996 e 2006. Em uma investigação sobre futebol e política realizada pela BBC britânica, ele admitiu que a barra prestava serviços para partidos políticos. Reconheceu ter tirado fotos com Raúl Alfonsín e Carlos Menem e até mesmo ter conversado privadamente em hotéis e no interior do país com futuros candidatos presidenciais.

No Brasil, as torcidas organizadas aprenderam a levantar votos para candidatos que defendiam seus interesses. Em 2008, **Julião da Caveira**, presidente da Os Fanáticos, do Atlético Paranaense, foi eleito vereador em Curitiba pelo Partido Social Cristão, com 4.041 votos – quase todos os eleitores eram associados da organizada.

O momento mais marcante do mandato de Julião da Caveira aconteceu no início de 2012, quando faltou à primeira sessão do ano para assistir a um jogo do time no estádio. O vereador usou o Facebook para pedir um atestado médico que justificasse a ausência.

O poder capaz de eleger vereadores e deputados funciona de maneira ainda mais forte dentro dos clubes. Uma revisão no Código Civil, em 2002, ampliou o colégio eleitoral dos times de futebol. Em vez de restrita a conselheiros, a votação passou a abranger os sócios. A proliferação dos planos de sócio torcedor, que garantem lugar no estádio ou descontos em ingressos para quem paga mensalidade, praticamente obrigou os membros de torcida organizada a se

associarem.[225] Hoje, é impossível um presidente de clube ser eleito no Brasil sem ter o apoio da torcida organizada. Mesmo que essa organizada esteja proibida de comparecer aos estádios.

A Força Jovem, do Vasco, foi proibida pela Justiça comum de frequentar estádios com faixas, bandeiras e camisas próprias, por causa da briga da última rodada do Brasileiro de 2013. Nada que iniba os candidatos à presidência do clube – entre eles, Roberto Monteiro, ex-presidente da Força Jovem. As chapas envolvidas na eleição passaram a distribuir ingressos de jogos para membros da torcida, o que levou a uma divisão interna e a brigas antes das partidas do Vasco.[226] Muitos membros da Força Jovem são sócios do Vasco, todos com direito a voto. Ao estimular seus membros a se associarem ao time, a organizada contraria a lógica de que apenas tira dinheiro do clube.

217 Heloisa Reis, "As torcidas organizadas não são as (únicas) culpadas", revista Galileu, setembro de 2009, disponível em http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87102-7833-218,00-as+torcidas+organizadas+nao+sao+as+unicas+culpadas.html.

218 "Censo 2010: escolaridade e rendimento aumentam e cai mortalidade infantil", IBGE, 27 de abril de 2012, disponível em http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2125.

219 Mauricio Murad, Para Entender a Violência no Futebol, Benvirá, 2012, página 38.

220 Mauricio Murad, página 33.

221 Peter T. Leeson, Daniel J. Smith e Nicholas A. Snow, "Hooligans", Revue d'Économie Politique, 2012, disponível em www.peterleeson.com/Hooligans.pdf, páginas 20 e 21.

222 "Capez promete fim das mortes no Paulista", Folha de S.Paulo, 17 de maio de 2000, página D3.

223 "Alvo do MP, Gaviões recebe R$ 712 mil públicos", Blog do Perrone, 17 de novembro de 2013, disponível em http://blogdoperrone.blogosfera.uol.com.br/2013/11/alvo-do-mp-gavioes-recebe-r-712-mil-publicos.

224 Gustavo Grabia, La Doce: A Explosiva História da Torcida Organizada Mais Temida do Mundo, Panda Books, 2012, página 175.

225 Graciano Pinheiro de Siqueira, "As associações e o novo Código Civil", março de 2005, disponível em http://jus.com.br/artigos/6416/as-associacoes-e-o-novo-codigo-civil.

226 Bruno Braz, "Organizadas têm sido alvo de disputa política no Vasco", Lance!net, 22 de janeiro de 2014, disponível em www.lancenet.com.br/minuto/Organizada-Vasco-disputa-politica-clube_0_1070293144.html.

O MODELO INGLÊS NASCEU DE UMA MENTIRA

A Inglaterra é sempre apontada como modelo no combate aos torcedores violentos e pela maneira como transformou seus estádios a partir de uma tragédia na arquibancada. Os ingleses são mesmo extremamente eficientes para identificar e controlar os hooligans. Mas toda essa revolução partiu de uma premissa falsa, em que se responsabilizaram os hooligans pela maior tragédia em um estádio inglês.

> Em 15 de abril de 1989, Liverpool e Nottingham Forest se enfrentariam no estádio de Hillsborough, em Sheffield, pela semifinal da Copa da Inglaterra. Um tumulto durante a entrada dos torcedores do Liverpool no estádio matou 96 deles, esmagados contra o alambrado ou pisoteados. A polícia imediatamente culpou os hooligans. No dia seguinte, o *The Sun* os acusou de bater em um policial que fazia respiração boca a boca em um torcedor, além de roubar e urinar sobre o corpo de fãs mortos. Com base no relatório policial, Margaret Thatcher encomendou um estudo que provocou uma revolução no futebol inglês. O combate ao hooliganismo aumentou, os estádios foram 100% cobertos por cadeiras e o preço dos ingressos subiu.

Suposições totalmente falsas. O *The Sun* foi obrigado a se retratar

imediatamente, mas até hoje tem vendas ridículas em Liverpool. O governo britânico só admitiu o erro em 2012, após um relatório independente apontar que os serviços de emergência interromperam o atendimento quando ainda dava para evitar 41 mortes e que a superlotação foi causada pela decisão da polícia de abrir mais portões.

A reviravolta levou o primeiro-ministro David Cameron a pedir desculpas às famílias dos mortos. A Premier League iniciou uma revisão na sua política de estádios 100% cobertos de cadeiras. A Alemanha já tem em seus estádios setores sem cadeiras, com ingressos mais baratos, e sua liga tem a maior média de público na Europa. Sem o argumento de Hillsborough, fica difícil convencer os torcedores de que não é possível assistir aos jogos em pé como sempre gostaram.

Algumas vão além. Em 2013, a Fúria Independente, do Paraná Clube, pôs a mão no bolso para ajudar o terceiro clube de Curitiba. A organizada gastou 75 mil reais para ser a patrocinadora da camisa do time em três partidas da segunda divisão do Campeonato Brasileiro. Doou outros 125 mil reais ao clube[227] e ainda ajudou o departamento de marketing a fechar acordos comerciais. Não conseguiu levar o time à Série A, mas comprou a eternidade na vida do Paraná.

A violência dá status e atrai a garotada para as organizadas

> Eles são atraídos pela vestimenta, força e coesão do grupo, relações verticalizadas, estilo de vida, prazer da violência. Enfim, pelos aspectos estético-lúdico-simbólicos disponibilizados à massa jovem, intimamente ligados ao modelo de sociedade de consumo.[228]

A análise sociológica do professor Carlos Alberto Máximo Pimenta, autor do livro *Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e Autoafirmação, Aspectos da Construção das Novas Relações Sociais* e do texto "Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas", aponta um caminho para entender por que as organizadas atraem cada vez mais jovens para seus quadros. Mas, antes que você durma e babe sobre o livro – não queremos isso –, vamos traduzir a definição para o português: ser de uma organizada é legal e dá moral com os amigos e as meninas, especialmente quando se é adolescente.

As roupas das torcidas chamam atenção. São caveiras, dragões, animais estilizados ou símbolos de bandas de rock, sempre mesclados às cores do time preferido. Tudo isso compartilhado dentro de um grupo de jovens da mesma faixa etária, alinhados em uma hierarquia em que há líderes por bairros, regiões da cidade, função dentro da torcida (bateria, material, viagens etc.) e, por fim, o presidente. Um plano de cargos que se movimenta de acordo com a participação em viagens e, sim, envolvimento em brigas. Os Fanáticos e a Força Jovem saudaram como heróis de guerra os torcedores presos na pancadaria em Joinville, na última rodada do Campeonato Brasileiro de 2013. Uma lógica que existe desde a criação de uma organizada e a faz ser respeitada

pelos rivais.

Sobre a criação da Mancha Verde, Paulo Serdan, fundador da torcida, explicou:

> Escolhemos o nome "Mancha Verde" com base no personagem Mancha Negra, do Walt Disney, que é uma figura meio bandida, meio tenebrosa. A gente precisava de uma figura ideal e de pessoas que estivessem a fim de mudar a história. Na época, a gente tinha uns 13 ou 14 anos de idade e já havia sofrido muito com as outras torcidas; então, a gente começou com muita vontade, muita garra e na base da violência. A gente deve ter exagerado um pouco, porém foi um mal necessário para conseguir o nosso espaço e adquirir o respeito das demais "torcidas".[229]

Após a batalha contra a Independente em 1995, no estádio do Pacaembu, que resultou na morte de um são-paulino, a organizada foi extinta e voltou como Mancha Alviverde. Um dos presos pela briga explicou à TV Bandeirantes por que participava dos conflitos com torcidas rivais: "É só para chegar em casa e ter o prazer de tirar um barato com os meus amigos".[230]

O fascínio pela violência não atrai só adolescentes com testosterona em excesso. Nos anos 80, o policial James Bannon foi um infiltrado da Scotland Yard entre hooligans do Milwall, os mais violentos da Inglaterra. Deveria ficar seis meses. Ficou dois anos e, admite, tornou-se um deles, como relata no livro *Running with the Firm*. "Eu me tornei um hooligan? Sim. Mas nunca perdi de vista que na verdade esse era o meu trabalho. Não haveria justificativa para pegar um bastão e sair correndo atrás de um torcedor do West Ham. Mas, se eu estou com grupo de torcedores do Milwall e torcedores do West Ham vêm nos agredir, estou totalmente no meu direito de revidar. Essa é a diferença", comparou, em referência aos grandes rivais do Milwall.[231]

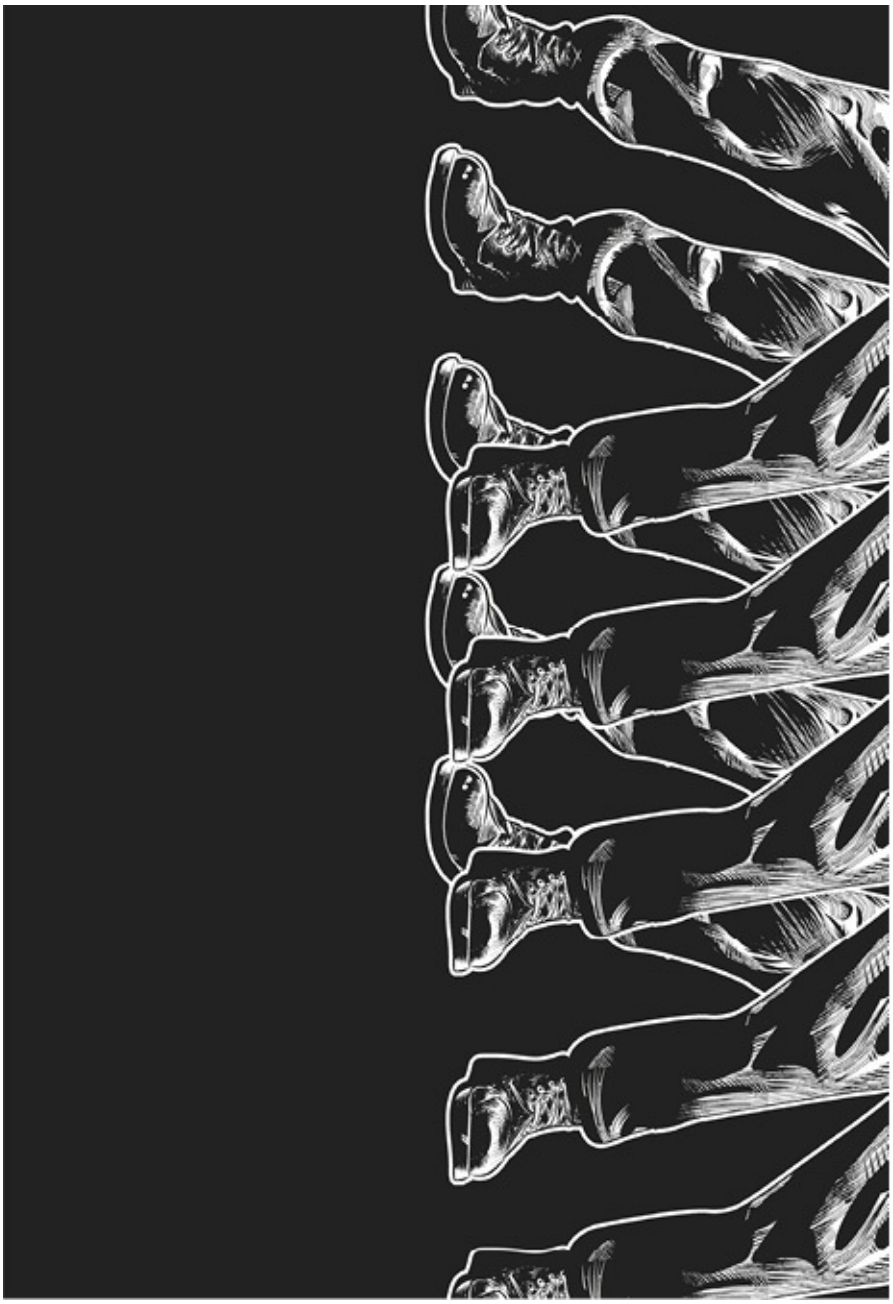
227 Robson Martins, "Fúria doa cheque simbólico de R$ 200 mil ao Paraná", Gazeta do Povo, 16 de dezembro de 2013, disponível em www.gazetadopovo.com.br/esportes/parana-clube/conteudo.phtml?id=1433671.

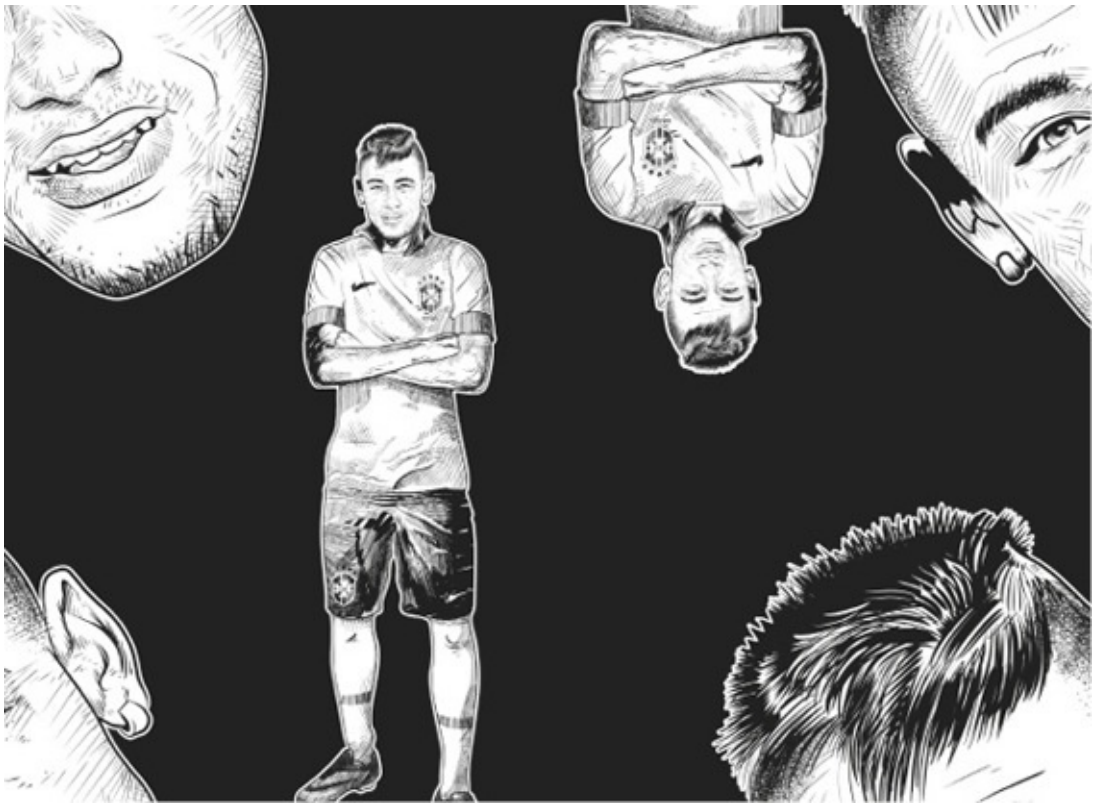
228 Carlos Alberto Máximo Pimenta, "Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas", em Pablo Alabarces (org.), Futbologías: Fútbol, Identidad y Violencia en América Latina, Clacso, 2003.

229 Carlos Alberto Máximo Pimenta, página 43.

230 Carlos Alberto Máximo Pimenta, página 44.

231 Will Storr, "The undercover football hooligan", Daily Telegraph, 18 de novembro de 2013, disponível em www.telegraph.co.uk/men/active/10453005/The-undercover-football-hooligan.html.





MERCENÁRIO$

O QUE HÁ EM COMUM ENTRE TRAFICANTES E GAROTOS DO SUB-20?

Praguejar contra os jogadores virou um esporte nacional tão divertido e popular quanto o próprio futebol. Como um sujeito que passa o tempo todo treinando, sem fazer mais nada da vida além de jogar bola, pode perder aquele lance, meu Deus? Até a minha vovozinha faria esse gol! E esse goleiro frangueiro, mão de alface? Ganham milhões para fazer *isso*? Me contrata que eu jogo melhor!

Sentado no sofá, aos domingos, acompanhando pela TV a rodada da primeira divisão do Campeonato Brasileiro ou, quem sabe, algum jogo do Barcelona, o telespectador só enxerga a ponta visível do iceberg. Nela, estão jogadores como Neymar, Messi e Cristiano Ronaldo, que ganham milhões por mês dos clubes, embolsam outros milhões em campanhas publicitárias, têm carrões e iates, são astros globais e, apesar de nem sempre serem dotados de simetria facial, namoram a Shakira. A Daniella Cicarelli. A Bruna Marquezine.

Abaixo da linha do oceano, porém, se esconde uma realidade sem nenhum glamour, na qual o padrão é conviver com salários de fome, pagos quase sempre com atraso. **Maratonas de jogos** expõem os atletas a lesões que podem encurtar a carreira e, quando estão nas categorias de base, há histórias de assédio sexual.

> **Hoje, um time** brasileiro faz, em média, 70 jogos por temporada, contra 56 de um europeu. Somando o tempo em campo, os treinamentos e a concentração, o jogador brasileiro trabalha 68 horas semanais, contra 44 horas de um trabalhador comum. E sem direito a folga nos fins de semana.

De acordo com informações da CBF, dos 30.784 jogadores registrados no Brasil, 82% recebem no máximo dois salários mínimos.[232] O salário médio mensal do brasileiro, segundo o IBGE, é de 3,3 salários mínimos.[233] Somente

2% dos jogadores recebem mais que 12,4 mil reais por mês. Se o salário minguado já é um problema, os atletas ainda convivem com constantes atrasos. Cerca de 20% dos jogadores não recebem em dia. E o problema não é exclusivo do Brasil. A Federação Internacional de Jogadores Profissionais (Fifpro) estima que 30% dos jogadores do mundo inteiro sofram com atrasos de salário, além da falta de pagamento das obrigações previstas em contrato, como direito de imagem.

Destino de muitos atletas brasileiros nos últimos anos, o leste europeu foi tema de um grande estudo da Fifpro, realizado com mais de 3 mil atletas.[234] Os resultados são alarmantes. Dos 3.357 jogadores ouvidos, 41,4% estavam com os salários atrasados. Para 5,5% deles, o atraso já se arrastava por seis meses; para 2,2%, superava um ano. O pagamento dos bônus, que muitas vezes é a maior parte da remuneração, também estava sendo feito fora do tempo para 53,4%. Outro problema é a falta de documentação relacionada a esses bônus, o que dificulta sua reivindicação.

O relatório não se limitou aos problemas financeiros. A vida boa que muitos torcedores imaginam para os jogadores que se transferem para países como Ucrânia, Rússia e Grécia não poderia estar mais longe da realidade. Além de lidar com problemas financeiros, há questões ainda mais graves, como violência, perseguição praticada pelo próprio clube e racismo das torcidas.

Pelo menos um em cada seis jogadores já foi forçado a treinar sozinho: ou para encerrar o contrato ou porque se recusava a assinar um novo acordo com o clube. E 10,2% dos entrevistados alegaram já ter sofrido perseguição ou assédio moral por parte da direção do clube (64%) ou do técnico (24%). Um em cada nove jogadores já foi vítima de violência – sendo 55,8% dos casos praticados por torcedores, 13,3% pela direção do clube e 8,3% pelos técnicos.

Os torcedores também são os principais responsáveis pelas ocorrências de racismo. Se 9,6% dos jogadores relataram já ter sofrido com o problema, em 65,3% desses episódios os agressores foram os torcedores. No relatório, é citado, inclusive, o caso de Roberto Carlos: em sua passagem pelo clube russo Anzhi, o lateral-esquerdo pentacampeão foi vítima de racismo de um torcedor do Zenit, que lhe ofereceu uma banana na entrada do time em campo, em uma partida de 2011.[235]

Outro dado estarrecedor é que 11,9% dos entrevistados foram abordados por pessoas interessadas em **suborná-los** para “ajeitar” o resultado de uma partida, e 23,6% deles sabem de partidas que foram arranjadas em suas ligas. Só no Cazaquistão, o número de jogadores abordados sobe para 34,3%. Na

Rússia, 43,5% dos jogadores sabem de partidas cujos resultados são suspeitos de terem sido “arrumados” (o que até parece pouco para os padrões russos).

O ex-atacante brasileiro Tuta se envolveu em um dos mais rumorosos e desastrados casos de suborno do futebol. Um gol dele decidiu a vitória do Venezia sobre o Bari, em 1999, pelo Campeonato Italiano. Em vez de comemorar, os companheiros de Tuta ficaram desesperados. Alguns deles haviam recebido para perder o jogo.

Salários baixos e atrasados, assédio sexual, racismo, mafiosos russos e italianos com um bolinho de dinheiro para comprar resultados. O pacote do futebol não tem nenhum glamour. Mas, mesmo assim, milhares de moleques se enfiam em peneiras e escolinhas para conseguir uma vaga em um time e, por mais difícil que seja, fazer a vida no futebol. Por quê?

Assim como os traficantes, eles estão no jogo pelo status

O economista Steven Levitt e o jornalista Stephen J. Dubner desenvolvem, no livro *Freakonomics*, uma série de teses econômicas a partir de perguntas que afetam o nosso cotidiano. Uma das questões é: por que a maioria dos traficantes mora com a mãe? Isso mesmo. Indivíduos de alta periculosidade, capazes de transportar e vender toneladas de drogas pelo mundo e de manusear armamentos pesados em confrontos com a polícia e outras gangues, têm cama arrumada, café da manhã na mesa e cuecas impecavelmente lavadas porque moram com a mãe.

A resposta veio após um mergulho na hierarquia e nas finanças do Black Disciples, uma das maiores organizações de traficantes dos Estados Unidos. Emparelhar seu organograma com o do McDonald’s revela uma impressionante semelhança na pirâmide empresarial. Os chefões, um grupo de 120 privilegiados (ou 2,2% do quadro de funcionários), ganham 66 dólares por hora. Mais da metade do lucro da firma vai para suas mãos. Espremidos no meio do organograma, os gerentes das bocas ficam com 7 dólares por hora. Eles estão acima apenas do exército de 20 mil soldados que fica nas ruas para vender a droga, cobrar de viciados caloteiros e evitar que a polícia estrague todo o negócio – para estes, a hora vale 3,30 dólares. Com 3 dólares por hora,

mesmo que você ainda circule por aí com um dos carrões da quadrilha, a única alternativa é morar com a mãe. E ralar para escalar a pirâmide até o topo, onde estão a fortuna, a glória e o poder.[236]

O futebol apresenta a mesma lógica. **Neymar** está no topo da pirâmide dos jogadores brasileiros. Joga no Barcelona, mora em uma mansão com piscina, jardim e garagem para oito carros, nem ligou de tomar um toco da Bruna Marquezine meses antes da sua primeira Copa do Mundo e ganha 35,6 milhões de reais por ano. Na base da pirâmide estão os milhares de garotos das categorias inferiores. Um menino de 16 anos, quando consegue se colocar em um clube, mora em alojamento com uma dúzia de moleques no quarto e ganha meio salário mínimo como ajuda de custo. Aqueles que são da cidade do seu time pegam ônibus para ir aos treinos e, claro, moram com a mãe.

Na base do Santos, Neymar dividia o ataque com Karioka, apelido de Eudeir Chagas Durval. O candidato a artilheiro foi chutado da pirâmide quando descobriram que, na verdade, seu nome era David Lessa da Silva e que ele tinha 5 anos a mais do que o que dizia seu documento falso. Adulterar a idade é um atalho comum para o sucesso. Karioka foi descoberto, largou o futebol e virou pastor evangélico. Não tem a mesma fama de um jogador, mas não precisa mais morar com a mãe.

Se olhar ao redor, o garoto vai desistir do futebol. Um alojamento de categorias de base definitivamente não é um lugar sadio para um adolescente viver. Quando não se trata de abuso de menores, os problemas são maus-tratos e falta de condições mínimas de higiene e moradia. Em fevereiro de 2012, Wendel Venâncio da Silva, de 14 anos, morreu em uma peneira realizada pelo Vasco no centro de treinamento de Itaguaí, a 70 quilômetros do Rio de Janeiro, depois de passar mal durante um teste. De acordo com os promotores do Ministério Público do Rio de Janeiro, as instalações do CT (alojamentos e refeitórios) estavam em condições insalubres, “abaixo até mesmo dos abrigos para menores infratores”.[237] Mesmo assim, o Vasco não foi condenado pela morte de Wendel.

No final do mesmo ano, a base do Vasco mandou ao time principal o meia Marlone. O jogador terminou 2013 avaliado em 10 milhões de euros e trocou o clube carioca pelo Cruzeiro, campeão brasileiro daquele ano. Em pouco mais de 12 meses, seu salário pulou de 7 mil para 120 mil reais.[238] Para os meninos que buscam no Vasco uma oportunidade, o exemplo que salta à vista é Marlone, não Wendel.

Em fevereiro de 2014, o Ministério Público do Trabalho denunciou o clube Andraus, de Curitiba, porque o seu centro de treinamento não oferecia

condições básicas de higiene, saúde e educação aos meninos que moravam no alojamento.[239] A acusação também mencionava formação profissionalizante para menores de 14 anos, o que é proibido por lei. A manifestação não afetou significativamente a procura de garotos pelo Andraus, um time inexpressivo que vive de jovens revelações. O motivo é simples. Quem se destaca ali vai para as categorias de base do Atlético Paranaense, que estão entre as melhores do Brasil. Novamente, o olhar está voltado para o topo da pirâmide, não para o próprio lado.

Durante as pesquisas para o livro *Niños Futbolistas,* o jornalista chileno Juan Pablo Meneses percebeu claramente o funcionamento da máquina. Por dois anos, ele rodou a América Latina atrás de um garoto de no máximo 12 anos do qual pudesse se tornar empresário para negociar com um clube europeu. Nas entrevistas, conheceu o que move os candidatos a próximo Lionel Messi. Como na conversa com um menino chileno de 11 anos:

– O que você quer ser quando crescer?

– Jogador de futebol.

– Em que posição joga?

– De 7 [atacante de velocidade].

– Quem é seu ídolo?

– Alexis Sánchez [chileno do Barcelona].

– E onde gostaria de jogar?

– Barcelona.

– E esse brinco na orelha?

– Igual ao do Alexis, poxa!

– O que mais gosta nos jogadores famosos? Os carros que compram?

– Não… Que têm bom físico, alguns são humildes, vieram de baixo.

– Gosta que venham de baixo?

– Sim, poxa. Se eu chegar a ser um bom jogador e me derem dinheiro, a primeira coisa que faria seria ajudar minha família.

– E como ajudaria?

– Comprando coisas, presentes, cadeiras, móveis.

– E carros, compraria?

– Sim, poxa. Mas não esses de luxo, personalizados. Um que sirva para ir trabalhar.[240]

Carro, casa, fama, um físico que iluda zagueiros e encante garotas, o nome estampado nas costas da camisa de um grande time. Por mais que essa seja a realidade de poucos, vale muito mais a pena lutar por ela do que passar o resto da vida morando no quarto de infância. Mesmo que o cheiro do café fresco e das roupas lavadas seja reconfortante.

O amor ao dinheiro é coisa de antigamente

Duas centenas de jovens torcedores paulistanos dedicam as manhãs de domingo a exaltar um futebol que só existiu na cabeça deles. O templo do culto ao nada é o Conde Rodolfo Crespi, estádio onde se come um canoli que tem mais fama do que sabor e se assiste a jogos do Juventus, time que há anos deixou de conviver com os grandes de São Paulo. A rua Javari, no bairro da Mooca, tornou-se o último bastião intocado pelas grandes negociatas, pelo poder destruidor do dinheiro dos investidores, pelas imponentes arenas e outros marcos do futebol atual. Frequentar os jogos do Moleque Travesso é um ato político disléxico, resumido em uma faixa que está sempre presente na arquibancada composta de uma dezena de degraus: “Ódio eterno ao futebol moderno”.

A cruzada purista dos juventinos é desmontada pela história. Desde o tempo do amadorismo, no início do século 20, jogadores de futebol procuram o mesmo que os meninos que hoje participam das peneiras com cabelo espetado como o do Neymar antes de ir para o Barcelona: dinheiro, fama e não precisar mais morar com a mãe.

Em 1928, quando o amadorismo vigorava no Rio de Janeiro, Floriano trocou o Fluminense pelo América em busca de prêmios melhores. Como narra Mário Filho no clássico livro *O Negro no Futebol Brasileiro*: “20 mil-réis para jogador do primeiro time, 10 mil-réis para jogador do segundo. O América vencia, 40 e 20. Floriano não é jogador de 40 mil-réis. Mais esperto do que os outros, adoecia, e lá se ia Lafaiete Gomes Ribeiro [dirigente do clube], como um médico, para curá-lo de vez, com uma nota de 100, de 200, até de 500 mil-

réis, de acordo com o valor do jogo”.[241]

Um ano antes, o jogador Penaforte deixou o Flamengo pelo América em troca de uma mobília de quarto, já que ia casar e precisava dos móveis. O Flamengo, mesmo sem Penaforte, ganhou o campeonato e resolveu organizar um enterro simbólico do jogador, com direito a carro fúnebre e caixão.

Sobre Fausto – um dos maiores jogadores da década de 1930, que chegou ao Barcelona depois de ser descoberto durante uma excursão do Vasco pela Europa –, Mário Filho escreveu: “Ele jogava futebol por dinheiro, não por amor ao clube”. É fácil entender por quê:

> Fausto não tinha nada, morava com a mãe, casa de porta e janela, chegava a passar necessidade. A mãe cada vez mais magra, não parando de manhã até a noite, varrendo o chão, limpando as panelas, cozinhando. Só contava com ele. Por isso não estava mais em Bangu, estava em São Januário. Mudara de camisa para melhorar de vida.[242]

Fausto dos Santos ainda jogaria na Suíça antes de voltar ao Vasco, passar pelo Nacional do Uruguai e retornar ao Brasil para encerrar a carreira aos 31 anos, pelo Flamengo. Morreu três anos mais tarde, de tuberculose.

232 Lucas Calil, “Triste realidade: no Brasil, 82% dos jogadores de futebol recebem até dois salários mínimos”, jornal Extra, 23 de setembro de 2012, disponível em http://extra.globo.com/esporte/triste-realidade-no-brasil-82-dos-jogadores-de-futebol-recebem-ate-dois-salarios-minimos-6168754.html.

233 Flávia Villela, “Salário médio do brasileiro aumentou 2,4% de 2010 para 2011”, site Agência Brasil, 24 de maio de 2013, disponível em http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-05-24/salario-medio-do-brasileiro-aumentou-24-de-2010-para-2011.

234 “Black Book Eastern Europe”, Fifpro, disponível em www.fifpro.org/img/uploads/file/FIFPro%20Black%20Book%20Eastern%20Europe%20WEB%20DOWNL

235 “Roberto Carlos é alvo de racismo na Rússia”, Lance!net, 22 de março de 2011, disponível em www.lancenet.com.br/minuto/Roberto-Carlos-alvo-racismo-Russia_0_448755239.html.

236 Steven Levitt e Stephen J. Dubner, Freakonomics: O Lado Oculto e Inesperado de Tudo que nos Afeta, Campos, 2006, página 114.

237 Rafael Lemos, “Justiça fecha CT das divisões de base do Vasco”, Veja.com, 18 de abril de 2012, disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/justica-suspende-atividades-de-ct-das-divisoes-de-base-do-vasco.

238 Dassler Marques, “Cruzeiro vence cinco concorrentes e define primeiro reforço: Marlone”, Terra, 19 de novembro de 2013, disponível em http://esportes.terra.com.br/vasco/cruzeiro-vence-cinco-concorrentes-e-define-primeiro-reforco-marlone,3f486bd3a1272410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html.

239 “Ministério Público do Trabalho denuncia Furacão por não cuidar de garotos”, Lance!net, 20 de fevereiro de 2014, disponível em www.lancenet.com.br/atletico-paranaense/Ministerio-Publico-denuncia-Atletico-PR-menores_0_1088291414.html.

240 Juan Pablo Meneses, Niños Futbolistas, Blackie Books, 2013, página 114.

241 Mário Filho, O Negro no Futebol Brasileiro, 2ª edição, Mauad, 1954, página 158.

242 Mário Filho, página 176.

ELES JOGAM BOLA…
…PARA NÃO MORREREM VIRGENS

Peter Crouch está longe de ser um modelo. Com 75 quilos distribuídos em 2,03 metros de altura, corre como um desajeitado fantoche de madeira prestes a quebrar a qualquer momento. Seu futebol, restrito à eficiência no cabeceio, não ajuda muito a fazer dele um ídolo. Sem falar que, ao fazer seu único gol em Copas do Mundo, deu um puxão de cabelo no adversário – um zagueiro de Trinidad e Tobago! –, em um gesto indigno até para garotas na aula de educação física. Crouch, porém, tem duas qualidades inegáveis. É casado com a inglesa Abbey Clancy – modelo de lingeries, loira, olhos verdes, seios e lábios fartos. E tem consciência exata das suas possibilidades longe de uma bola. Ao ser perguntado sobre o que seria caso não fosse jogador de futebol, foi de uma sinceridade arrebatadora: "Virgem".

> O pensamento de Crouch define um dos principais motivos para um garoto sonhar em ser jogador de futebol. Boleiros fazem mais sexo do que pessoas comuns. Modelos, atrizes e marias-chuteiras em geral se acotovelam nas boates mais badaladas para chegar perto de um jogador. Boleiros também têm sexo mais precocemente que as pessoas comuns. Enquanto brasileiros, em média, perdem a virgindade aos 17,4 anos de idade,[243] entre jogadores

de futebol a estreia cai para a faixa dos 15 anos.

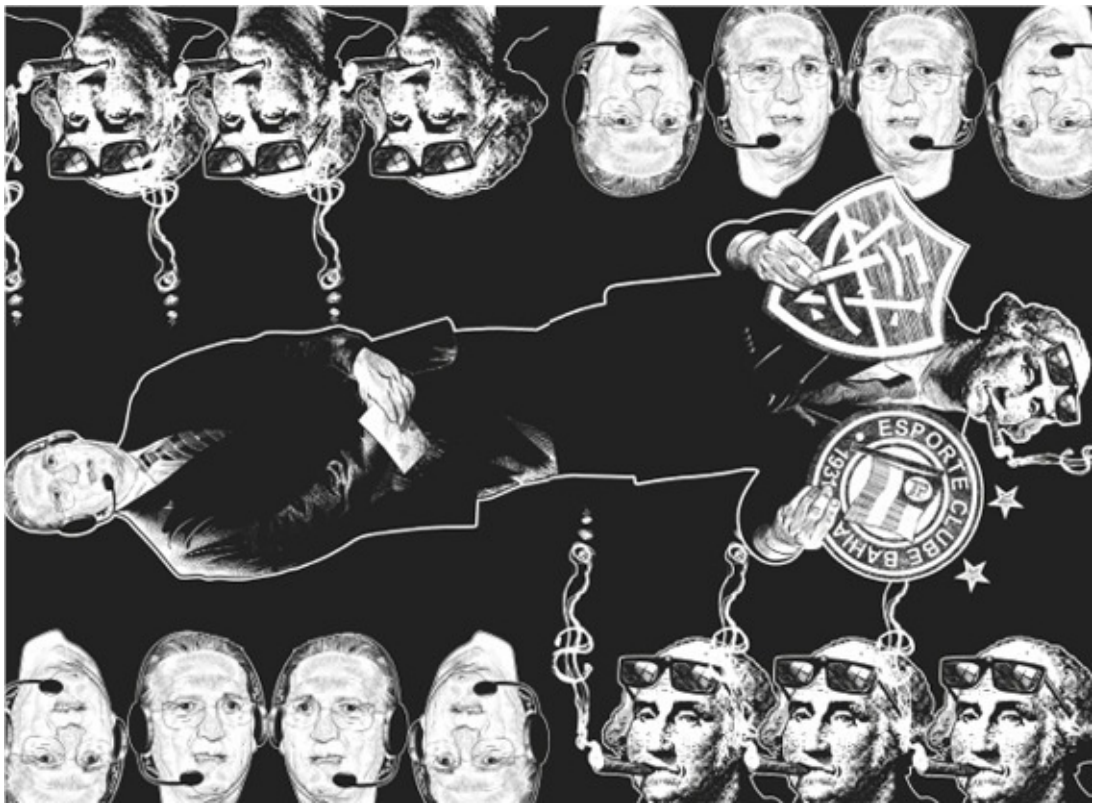
O futebol dá mais sexo aos jogadores. E o sexo lhes dá mais futebol. A liberação de endorfinas associada à prática sexual proporciona um período de descanso mais efetivo. “Depois do sexo, o descanso é mais reparador, e a disposição física no dia seguinte é favorecida”, escreve o fisiologista Turíbio Barros.[244]

Ou seja, se na véspera de um jogo decisivo você perde o sono imaginando se o craque do seu time está comportado na concentração, mude de ideia. Torça para que ele pule o muro – sem machucar o tornozelo na aterrissagem, claro – ou escape para um andar mais bem frequentado do hotel. O organismo dele estará mais preparado para fazer gols também dentro de campo.

Por outro lado, esportes violentos como boxe e MMA estimulam a abstinência sexual. A agressividade acumulada pelo jejum na cama, se canalizada para o ringue ou octógono, deixa o lutador mais perto de nocautear o adversário. Portanto, da próxima vez que um jogador do seu time for expulso por agredir um adversário, pense duas vezes antes de xingá-lo ou chamá-lo de mercenário. Ele pode estar apenas precisando de tempo e dinheiro para pôr a vida sexual em dia.

243 “Brasileiros estão entre os que perdem a virgindade mais cedo”, G1, 4 de julho de 2007, disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL63630-5598,00-brasileiros+estao+entre+os+que+perdem+a+virgindade+mais+cedo.html.

244 Turíbio Barros, “Sexo antes do esporte traz mais disposição e ajuda na recuperação”, site Eu Atleta, 18 de fevereiro de 2014, disponível em http://globoesporte.globo.com/eu-atleta/saude/noticia/2014/02/sexo-antes-do-esporte-traz-mais-disposicao-e-ajuda-na-recuperacao.html.


ESPORTE CLUBE BAHIA
1931

FUTEBOL S/A

O FUTEBOL NÃO É UM BOM NEGÓCIO

Discutir sobre futebol já deixou há algum tempo de ser apenas uma troca de argumentos sobre a eficiência do atacante em fazer gols, do goleiro em evitá-los e do técnico em não fazer bobagens, ou sobre os títulos e fracassos da história de um clube. Na mesa do bar, em meio a um debate, sempre vai ter aquele cara metido a especialista querendo discutir aspectos do futebol como negócio. “O futebol é um negócio milionário”, “A solução para os clubes é virar empresa”, “Jogo às 10 da noite é um absurdo inventado pela televisão” e “Time que deve para jogador se afunda” são algumas das frases que ele vai soltar, com ares de verdade absoluta, convicto de que ganhará o debate. Provavelmente ganhará, mas por culpa sua, que não conseguiu derrubar teorias tão profundas quanto um pires.

O futebol é um mau negócio. Ou, melhor dizendo, é um negócio muito menor do que queremos acreditar. Movimenta menos dinheiro e desperta menos atenção do que quem vive dele gosta de propagar. É por isso que você precisa esperar acabar a novela e o *Big Brother* para assistir a um jogo decente na quarta-feira à noite. E é por isso também que a TV corta para o Faustão bem na hora em que o craque do seu time ia explicar como fez aquele golaço no clássico do domingo à tarde. Poderia ser pior, se não fosse o Galvão Bueno. Ou uma tragédia suprema, se todos os times resolvessem se transformar em empresas.

O pacote de ideias que enxerga o futebol como uma grande indústria mundial capaz de movimentar dezenas de bilhões de dólares é um tanto enganoso. “O futebol não é um grande negócio nem um bom negócio. Provavelmente não é sequer um negócio”, afirmam Simon Kuper e Stefan Szymanski no livro *Soccernomics*.[245]

Um mercado no Piauí dá mais dinheiro do que os três maiores times do Brasil

O Supermercado Carvalho foi criado em 1986, em um prédio alugado no centro de Teresina, capital do **Piauí**. A primeira filial surgiu cinco anos mais tarde, em 1991. Depois vieram a segunda, a terceira e, então, o grupo se expandiu para o Maranhão. Hoje são 52 lojas e sete empresas, de financeira a rede de casas lotéricas, reunidas sob o nome Grupo Carvalho. É a 17ª maior rede de supermercados do Brasil e a 497ª maior empresa do país, segundo o ranking de 2012 da revista *Exame*.[246]

> **O estado do pujante** Supermercado Carvalho é um zero à esquerda no futebol. Tem um representante na quarta divisão do Brasileiro porque o campeonato distribui vaga para todas as federações. Em 2013, o futebol piauiense contribuiu com 0,1% da arrecadação com venda de ingressos no país.

Uma rede de supermercados que atua nos dois estados de pior relação entre Índice de Desenvolvimento Humano e renda média do Brasil faturou 878,5 milhões de reais em 2012. É quatro vezes a receita do Flamengo, time de maior torcida no país: 212 milhões de reais no mesmo ano. É o triplo da receita do São Paulo, a segunda maior em 2012, com 284 milhões de reais. Também é mais que o dobro do faturamento do Corinthians, o time mais rico do país naquele ano, com 358 milhões de reais. Na verdade, somando as três receitas, ainda seria necessário emprestar 24,5 milhões de reais do Internacional, terceiro time de futebol mais rico do Brasil, para empatar com a 17ª rede de supermercados do país.

Aumentar o bolo também não ajuda muito. A receita conjunta dos 20 maiores clubes brasileiros é de 3,1 bilhões de reais[247] – o equivalente ao faturamento isolado do McDonald's no Brasil, 144.º colocado no ranking da *Exame*. Cruzar dados de faturamento dos times com o faturamento em outras áreas foi o caminho usado por Simon Kuper e Stefan Szymanski, em *Soccernomics*, para dar ao futebol o seu real tamanho na economia mundial.[248] Mesmo os milionários clubes europeus parecem formigas diante das empresas do mundo real.

Anualmente, a revista *Fortune* publica o ranking das 500 maiores empresas dos Estados Unidos. A edição 2013 do levantamento tem na última posição da lista a Nash Finch Company, uma distribuidora de alimentos com sede em

Edina, cidade de 47 mil habitantes em Minnesota. Seu faturamento: 4,8 bilhões de dólares.[249] É a mesma receita produzida na temporada 2012/13 pelos nove times mais ricos do mundo: Real Madrid, Barcelona, Bayern de Munique, Manchester United, Paris Saint-Germain, Manchester City, Chelsea, Arsenal e Juventus.[250] É preciso juntar Cristiano Ronaldo, Messi, Neymar, Xavi, Iniesta, Bale, Eto'o, Ibrahimovic, Pep Guardiola, José Mourinho, Arsène Wenger e todos os mais talentosos, caros e badalados funcionários da indústria do futebol para empatar com a riqueza produzida pelos esforçados e anônimos trabalhadores da Nash Finch.

Clubes de futebol revertem a desvantagem financeira pelo fato de serem infinitamente mais conhecidos e admirados que a maioria das empresas do mundo todo. Não importa quão eficiente a Nash Finch seja na distribuição de comida. A não ser que um dia ela rompa o domínio das indústrias de petróleo, de automóveis e do vale do Silício no topo da lista de faturamento, seus feitos sempre terão repercussão infinitamente menor que a maneira como Cristiano Ronaldo se observa no telão do Santiago Bernabéu antes de bater uma falta.

É exatamente essa a vantagem competitiva do futebol. Clubes são imunes à falência. E, mesmo quando quebram, não deixam de existir. Um time de futebol só morre quando deixa de ter torcedores. Mesmo o **Glasgow Rangers**, da Escócia, e a Fiorentina, da Itália, que foram rebaixados à última divisão de seus países por problemas financeiros, não deixaram de existir. A Fiorentina conseguiu voltar à Série A italiana, e o Rangers deve voltar à primeira divisão escocesa em 2015.

> **O Glasgow Rangers** teve sua falência decretada em 2012, por causa de uma dívida equivalente a 67,5 milhões de reais (ou 10% da dívida do Flamengo). Ainda assim, foi apresentado um generoso pacote de socorro ao clube. Rebatizado como The Rangers, o maior campeão do futebol escocês poderia ter continuado na primeira divisão se todos os adversários concordassem. Por decisão da torcida, o clube preferiu recomeçar na quarta divisão em vez de pedir arrego aos rivais.

No Brasil, mesmo que os 20 maiores clubes do país tenham uma dívida acumulada de 4,75 bilhões de reais, ninguém cogita a hipótese de fechá-los. O discurso, na verdade, gira em torno de encontrar maneiras de negociar, pagar ou até perdoar essa dívida. O motivo é simples: político nenhum vai querer assinar a falência do Flamengo, que, apesar de ter uma dívida de 747 milhões de reais, detém uma massa de torcedores estimada em 30 milhões de pessoas.

Enquanto isso, até uma empresa sólida e centenária está sujeita ao desaparecimento por causa de um ano ruim. Em 2008, o Lehman Brothers,

quarto maior banco de investimentos dos Estados Unidos – fundado em 1850, portanto mais antigo que qualquer time de futebol do mundo –, foi varrido do mapa por causa da crise financeira que atingiu em cheio o planeta. A empresa tinha 26.800 funcionários e havia faturado, em 2007, 59 bilhões de dólares.

De 1992 a maio de 2008, contam os autores de *Soccernomics*, 40 dos 92 clubes profissionais da Inglaterra se tornaram insolventes, "alguns mais de uma vez". Entretanto, fizeram acordos e continuaram suas atividades. Nenhum desses clubes chega aos pés do que era o Lehman Brothers em tamanho e faturamento. Mas, enquanto existir quem torça por eles, vão seguir em frente indefinidamente.

Virar empresa aumenta a dívida dos clubes

Times de futebol são entidades sem fins lucrativos, o que garante a eles uma série de isenções fiscais. Mesmo assim, os 20 maiores clubes brasileiros fecharam 2012 com uma dívida bilionária. Se fossem empresas, acredite, a situação seria pior. Duvida? Pergunte ao Bahia e ao Vitória.

Os dois rivais baianos começaram 1998 comemorando sua transformação em S/A. A data deveria representar o começo de um futuro glorioso, com práticas modernas de gestão implementadas por profissionais remunerados, e não pelos cartolas que simbolizavam o atraso. Na teoria, tudo era lindo. Na prática, nem tanto.

Rebaixado em 1997, o Bahia disputava a Série B do Campeonato Brasileiro quando começou sua jornada como clube-empresa. Com uma injeção de 12 milhões de reais, o banco Opportunity se tornou sócio do clube dois meses após o rebaixamento. O acordo deixou o Esporte Clube Bahia com 49% das ações votantes do Esporte Clube Bahia S/A e liquidou todas as dívidas de curto e médio prazo, além de renegociar as de longo prazo. Pelos 25 anos seguintes, o banco lucraria por meio dos *royalties* da marca Bahia. O Tricolor baiano voltou para a primeira divisão do Brasileiro em 2000, mas caiu de novo em 2003.

O Vitória se associou ao grupo argentino Exxel, que, em 2000, por 6 milhões de dólares, passou a controlar 51% das ações com direito a voto do

clube-empresa. O Vitória cedeu ativos, como direitos sobre jogadores e cotas de patrocínio. Em 2004, contratou Vampeta e Edílson, dois jogadores baianos e pentacampeões pela seleção brasileira. Com isso, foi campeão estadual e teve um bom início no Campeonato Brasileiro, mas acabou rebaixado à Série B.

A história dos dois clubes voltaria a traçar caminhos semelhantes no dia 11 de setembro de 2005. Ambos chegaram à última rodada da Série B em situação delicada. A derrota do Bahia para o Paulista de Jundiaí e o empate do Vitória com a Portuguesa decretaram o rebaixamento da dupla à terceira divisão do Campeonato Brasileiro.

Pior do que o resultado em campo, só mesmo o desempenho da S/A. "A criação do Vitória S/A foi o maior erro cometido na história recente do Vitória, porque o clube abriu mão dos benefícios fiscais que tinha por ser uma entidade sem fins lucrativos", disse Carlos Falcão, presidente do clube em 2014.[251] Com o fim da sociedade anônima, o Vitória passou a economizar pelo menos 5 milhões de reais por ano[252] e acumulou um superávit de 7,7 milhões de reais entre 2006 e 2012.[253] Um número que só não é maior porque os dois primeiros anos ainda foram como clube-empresa. No mesmo período, o Bahia teve um prejuízo de 46,5 milhões de reais. Em setembro de 2013, o diretor financeiro do clube, Reub Celestino, chegou a afirmar que o Bahia estava **falido**. Outra herança do período como sociedade anônima.

> **Para contornar a** situação, um dos primeiros gastos suprimidos por Reub foram as passagens aéreas pagas a emissoras de rádio, para que acompanhassem o time nas partidas fora de casa. "Não existirá mais isso. As empresas de comunicação são empresas privadas e, dentro da lógica do capitalismo, têm que bancar suas próprias despesas. Isso não é uma função que cabe ao Bahia", explicou – como se precisasse – o diretor financeiro.

No rico futebol europeu, o modelo de clube-empresa vigora em alguns países, e certas características são bem diferentes dos outros segmentos econômicos. Na Inglaterra, onde é possível comprar ações dos times na bolsa de valores, clubes como o Chelsea bancam estruturas milionárias porque são controlados por ricaços dispostos a torrar dinheiro com o futebol. O russo Roman Abramovich conseguiu lucro em apenas um dos dez anos como dono do Chelsea. A dívida de 878 milhões de euros é irrisória perto da fortuna de 10 bilhões de euros do empresário do ramo da mineração. A dívida do Chelsea é a segunda maior da Europa, atrás apenas dos 895 milhões de euros do Manchester United – sempre elogiado pela sua eficiente gestão.[254]

Real Madrid e Barcelona são clubes sociais que, assim como os brasileiros, tiveram sua riqueza multiplicada por ajuda pública. Desde 2013, a União

Europeia investiga os clubes e o governo espanhol por operações de empréstimo bancário a juros camaradas e negociação de terrenos para a construção de centros de treinamento em condições muito favoráveis para as equipes.[255] Mesmo com todo esse benefício, Real e Barça estão entre os dez clubes mais endividados do futebol europeu.

Antes de reclamar do horário, o futebol precisa dar mais audiência que a novela

Virou lugar-comum reclamar do horário em que os jogos de futebol são realizados às quartas-feiras. As principais partidas do meio da semana envolvendo os times e a seleção brasileira começam às 22 horas, para se encaixar na grade da televisão. O argumento mais comum contra essa faixa de horário é a dificuldade de voltar para casa depois da meia-noite usando transporte público. Certamente, a essa altura, já ecoa no seu cérebro, na voz de algum famoso jornalista, o comentário: “Como querem obrigar o trabalhador, que vai levantar às 6 da manhã no dia seguinte, a voltar para casa depois da meia-noite se nem ônibus tem? Por isso os estádios estão vazios”.

A dificuldade para voltar para casa é um problema da cidade, não do futebol. E nem por isso é impossível de ser solucionado. As 12 cidades brasileiras que vão receber jogos da Copa de 2014 assinaram um contrato com a Fifa no qual se comprometeram a manter o sistema de transporte coletivo em pleno funcionamento por no mínimo quatro horas depois do apito final.[256] Há uma brecha que, com organização, o futebol pode explorar.

E os estádios não estão mais vazios às 22 horas do que em outros horários. No Campeonato Brasileiro de 2013, as partidas noturnas de quarta-feira eram as que tinham a segunda maior média de público: 15.191 torcedores. Perdiam apenas para os jogos realizados aos domingos, às 16 horas, com média de 21.049 torcedores.[257] Coincidentemente, é nos dois horários de que o futebol dispõe na televisão aberta que o Brasil tem os estádios mais ocupados no seu campeonato mais importante.

Se a frequência de público mostra que o problema maior dos estádios vazios não está nos horários impostos pela televisão, os índices de audiência do

futebol indicam que é recomendável não exigir mudanças. Em dez anos, entre 2003 e 2013, o ibope da Rede Globo no Campeonato Brasileiro caiu 28%, de 23,9 para 17,1 pontos.14 Em 2013, o pico do Brasileirão foi no clássico Santos × Corinthians, com 24 pontos.

Exibida em 2014, *Em Família*, a menos assistida entre as últimas 20 novelas do horário nobre da Globo, apresenta média de 30 pontos. Ou seja, até o desempenho médio da pior novela dos últimos anos supera com folga a partida mais assistida do principal campeonato do Brasil.

Ao mesmo tempo que passou a ser visto por menos gente, o futebol tornou-se mais caro para a Globo. Em 2005, a emissora comprou os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro por 200 milhões de reais anuais e vendeu cada cota de patrocínio por 78 milhões. Em 2012, quando foi assinado o acordo válido até 2014, o montante anual já era de 800 milhões de reais, com cotas de 174 milhões.[258]

Antes de pensar em ocupar o **horário da novela**, o futebol deveria tratar de dar mais audiência que os folhetins. Ou torcer para que ninguém resolva calcular quanto está custando cada um dos poucos pontos que a bola rolando dá de ibope.

> **É comum ouvir** que na Europa não se admitem esses horários absurdos. Balela. Barcelona e Real Madrid decidiram a Supercopa da Espanha de 2011 às 23 horas de um sábado. Na Itália, a televisão criou uma nova faixa de horário na temporada 2012/13: meio-dia de domingo, hora do macarrão da mamma.

245 Simon Kuper e Stefan Szymanski, Soccernomics, Tinta Negra, 2010, página 87.

246 Lucas Amorim, "O futebol brasileiro tem a chance de virar um negócio lucrativo", revista Exame, 29 de maio de 2013, página 30.

247 Almir Leite, "Receitas dos clubes brasileiros atingem 3,1 bilhões, mas dívidas sobem", O Estado de S. Paulo, 24 de agosto de 2013, Esportes, página 1.

248 Simon Kuper e Stefan Szymanski, página 87.

249 "Fortune 500", revista Fortune, 2013, disponível em http://money.cnn.com/magazines/fortune/fortune500.

250 "Deloitte Football Money League 2014", disponível em www.deloitte.com/view/en_GB/uk/industries/sportsbusinessgroup/sports/football/deloitte-football-money-league.

251 "As dívidas que ninguém vê: a maior parte do passivo do Vitória está na Vitória S/A", Metro 1, 9 de novembro de 2013, disponível em www.metro1.com.br/mobile/noticia-interna.php?nid=21486.

252 Angelo Paz e Marcelo Sant'Ana, "Por economia de 5 milhões, Vitória deixa de atuar como S/A", Correio da Bahia, 16 de dezembro de 2008, disponível em www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/por-economia-de-r-5-milhoes-vitoria-deixa-de-atuar-como-sa.

253 "Pesquisa aponta Vitória como melhor gestão financeira do Nordeste", Uol Esporte, 24 de outubro de 2013, disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/10/24/pesquisa-aponta-vitoria-como-clube-de-melhor-gestao-financeira-do-nordeste.htm.

254 Fernando Martinho, "Os dez clubes europeus mais endividados de 2013", site Futebol Business, 19 de fevereiro de 2013, disponível em http://futebolbusiness.com.br/2013/02/os-10-clubes-europeus-mais-endividados-em-2013.

255 "União Europeia abre investigação contra clubes espanhóis", Veja.com, 18 de dezembro de 2013, disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/uniao-europeia-abre-investigacao-contra-clubes-espanhois.

256 Contrato de Cidade-Sede, item 22.3, disponível em www.curitiba.pr.gov.br/multimidia/00135824.pdf.

257 Vinícius Paiva, "As médias de público por horário", blog Teoria dos Jogos, 8 de outubro de 2013, disponível em http://globoesporte.globo.com/platb/teoria-dos-jogos/2013/10/08/as-medias-de-publico-por-horario.

258 Ricardo Feltrin, "Audiência do futebol cai na Globo, mas cota de patrocínio aumenta 123%", Folha de S.Paulo, coluna Ooops!, 8 de dezembro de 2011, disponível em http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/ricardofeltrin/1017884-audiencia-do-futebol-na-globo-cai-mas-cota-de-patrocinio-aumenta-123.shtml.

O FUTEBOL
PRECISA DE
GALVÃO BUENO

Reclamar do Galvão virou hábito. Equivale a comentar, no elevador, sobre o clima (“Quatro estações no mesmo dia!”) ou a conexão do celular (“Ah, essa Tim…”). Todo mundo concorda, apesar de essas opiniões não trazerem nenhuma grande contribuição ao pensamento ocidental.

> Assim como o tempo e a linha telefônica de vez em quando vão bem, o principal narrador esportivo do Brasil também merece uma defesa.

Eruditos do futebol costumam mudar de canal à procura de narradores com mais apreço às questões técnicas, às estatísticas e às estratégias da partida. Há um problema nessa atitude. Futebol não é matemática ou estratégia fria como a de um jogo de xadrez.

Vencer a partida é bom – por isso estatísticas e táticas têm seu valor para uma parcela dos torcedores. Mas, como o brasileiro não gosta de futebol, e sim de seu time, o que realmente torna os torcedores apaixonados pelo esporte é o aspecto dramático: a virada aos 45 minutos do segundo tempo, o 3 a 2 cheio de surpresas,

a derrota dolorosa, o gol anulado injustamente, a disputa da final nos pênaltis, a vitória longamente esperada. E se tem algo que Galvão Bueno sabe fazer é dar valor ao potencial dramático do futebol. O próprio Galvão define-se como um vendedor de emoções.

> Tudo bem que de vez em quando ele troque o nome dos jogadores, pronuncie o mesmo jargão sete vezes seguidas, não tenha muita exatidão ao analisar a partida ou insista que o juiz errou ao marcar lateral mesmo quando a câmera mostra a bola meio metro para fora do campo. O que importa é que Galvão cumpre sua tarefa: tornar o futebol uma história tão dolorosa quanto um dramalhão mexicano e tão teatral quanto uma boa novela das oito.

Atrasar salário deixa os rivais menos competitivos, não o seu time

Vampeta é autor de uma das frases mais geniais do futebol brasileiro. Sobre o Flamengo de 2001, afundado em dívidas e atrasos salariais como em todos os outros anos da história do clube, o jogador afirmou: “Eles fingiam que pagavam e a gente fingia que jogava”.[259] A verdade é que o rubro-negro deve dar graças à política do “eu finjo que pago e você finge que joga”, pois sem ela não teria se mantido na primeira divisão do Campeonato Brasileiro nem chegado à final da Copa Mercosul naquele ano.

Prometer salários maiores do que os que a situação financeira permite é uma prática comum no futebol brasileiro. Grandes clubes como o Flamengo usam essa estratégia. É uma aposta dupla: no alto valor do salário e no prestígio de jogar no Rio de Janeiro com a camisa do time de maior torcida do Brasil. Não há atrativo mais eficiente para poder contar com os melhores jogadores do mercado.

O Flamengo que fingia que pagava em 2001 tinha o goleiro Júlio César e o zagueiro Juan, revelações do clube que se tornariam jogadores da seleção brasileira e alcançariam grande sucesso no futebol europeu. Tinha o sérvio Petkovic, ídolo do time e um dos principais craques do país – algumas pessoas pediam a ele que se naturalizasse para que pudesse vestir a camisa da seleção brasileira. E tinha Vampeta e Edílson, que venceriam a Copa do Mundo em 2002.

Se prometesse somente um salário que pudesse pagar, o Flamengo fatalmente não teria nenhum desses cinco craques no elenco. Eles estariam no mercado e deixariam mais fortes alguns adversários do Flamengo. Com a sua estratégia, o rubro-negro enfraqueceu adversários e deu origem a duas certezas. Nos jogadores, a de que algum dia eles receberiam, nem que fosse na Justiça. No time, a de que, por mais que fingissem, em algum momento os craques jogariam para valer simplesmente porque eram craques.

O Flamengo passou todo o Campeonato Brasileiro de 2001 namorando o rebaixamento à segunda divisão. A arrancada para manter o time na Série A veio nas rodadas finais, quando Petkovic, Juan e Júlio César, mesmo com

salários atrasados, mostraram por que eram craques. Com a ajuda de garotos como Felipe Melo e Roma, conseguiram as vitórias necessárias para que o time fosse o primeiro fora da zona de rebaixamento.

A motivação para jogar sério, mesmo sem ver a cor do dinheiro, veio da Copa Mercosul, torneio eliminatório que reunia as principais equipes sul-americanas. Ganhar a competição internacional era a solução financeira para o Flamengo. Com o dinheiro da premiação, o clube colocaria os salários em dia. Era o que havia acontecido no primeiro semestre, quando os títulos do Campeonato Carioca e da Copa dos Campeões taparam o buraco financeiro. Na Mercosul não deu certo. O Flamengo perdeu a final para o San Lorenzo, da Argentina, e não conseguiu saldar a dívida. E os jogadores decidiram que, se era para jogar de verdade, que fosse em um time que realmente pagasse.

259 Mauro Beting, Bolas & Bocas: Frases de Craques e Bagres do Futebol, Leia Sempre, 2003, página 29.



EX-JOGADORES

ELES NÃO VÃO SALVAR O FUTEBOL

O Manifesto do Partido Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels, foi publicado em 21 de fevereiro de 1848. Quinze anos antes de o futebol ganhar o seu primeiro conjunto de regras que efetivamente transformaram o jogo em esporte. O intervalo de tempo privou os pensadores alemães de conhecerem um ótimo campo de aplicação da sua teoria. Algo que, especialmente nas últimas décadas, jornalistas esportivos do mundo todo têm tratado de fazer. O conceito da ditadura do proletariado embasa o discurso de que ex-jogadores de futebol são os personagens perfeitos para administrar a modalidade. Na ideologia de Marx e Engels, seria a transição para atingir a sociedade sem classes. Na mente da crônica esportiva, o passo determinante para que se construa um futebol bom para atletas, entidades, torcedores e patrocinadores. Ninguém melhor do que quem passou a vida entre as quatro linhas para dominar a dinâmica ideal de administração.

Na prática, porém, essa transição tem sido menos eficiente que a troca de passes do ASA de Arapiraca. É como se, ao assumir cargos gerenciais, os mais geniais jogadores da história se transformassem em volantes brucutus, incapazes de entregar a bola a um companheiro a dois metros de distância. Nas últimas décadas, grandes craques dos gramados chegaram à presidência de clubes de massa, a gabinetes ministeriais e ao comando da maior associação continental do planeta. Operaram negócios milionários envolvendo o futebol e as prosaicas sociedades comerciais de atuação restrita. Prestaram consultoria a grandes equipes e cederam seu nome e prestígio a negócios ambiciosos. Exerceram cargos públicos por voto direto ou nomeação. Quase sem exceção, fracassaram como jamais haviam feito dentro do gramado.

A solução para a má administração do futebol não vem, necessariamente, de dentro do campo. Especialmente se os craques apostarem somente na intuição e no carisma que fizeram deles gênios com uma bola nos pés, em vez

de investir na preparação e tomar cuidado extra ao escolher sócios e conselheiros. O prejuízo causado pelos ex-jogadores é maior do que o prejuízo dos **cartolas**. O ex-jogador tem uma imagem e uma legião de fãs atingidas sem piedade pelas caneladas atrás de uma mesa de escritório.

A primeira associação da palavra “cartola” com o futebol nada teve de pejorativo. Para simbolizar a origem aristocrática do Fluminense, o chargista argentino Mollas desenhou, em 1943, um homem de fraque e cartola como mascote do clube. Como somente a alta cúpula vestia-se dessa maneira, o desenho logo virou uma representação dos dirigentes – primeiro do Flu, depois de qualquer clube. Por fim, os desmandos, erros e trapaças das diretorias trataram de transformar o simpático cartola em um ícone do que há de pior no esporte.

Pelé ficou com o dinheiro das criancinhas

Como em tudo sobre o que escreveu durante mais de seis décadas de carreira jornalística, Armando Nogueira viu poesia no fato de Pelé ter marcado o seu milésimo gol de pênalti – um jeito morno de um produtor em série de lances espetaculares atingir uma marca inédita. Como definiria o próprio Rei, uma maneira covarde de fazer gols. “Deus quis que o mundo parasse para ver o milésimo gol de Pelé”, escreveu Nogueira. E, como já estava parado para ver o gol, o mundo também ouviu atentamente as palavras do camisa 10 do Santos, no fundo da rede do Maracanã, cercado por dezenas de microfones, repórteres, fotógrafos e cinegrafistas. “Neste momento, afirmo que devo tudo ao povo brasileiro. E faço um apelo para que nunca se esqueçam das crianças pobres, dos necessitados e das casas de caridade”, pediu.

Embora cada vez mais atual, o apelo pelas crianças fez Pelé ser taxado de demagogo. Triste ironia: passados 26 anos, a ajuda às crianças esteve no centro de um dos episódios mais nebulosos da vida empresarial de Edson Arantes do Nascimento, a pessoa física por trás da marca Pelé. Em 1995, a empresa de Pelé foi contratada para organizar um evento beneficente em Buenos Aires, para a seção argentina do Unicef, o Fundo das Nações Unidas para a Infância. Haveria um jogo de futebol com a presença dele e de outros craques mundiais, além de shows com artistas renomados. Todos abririam mão dos cachês. O evento acabou não acontecendo por causa da falência de um de seus principais financiadores, o banco Patricios Cooperativo, mas ainda assim rendeu 700 mil dólares à Pelé Sports & Marketing Inc. – empresa do ex-jogador com sede nas

ilhas Virgens, um paraíso fiscal. Pelé prometeu devolver o dinheiro, que saiu do caixa do Unicef, mas jamais cumpriu a promessa.

A manobra veio à tona seis anos depois, em meio a uma corriqueira disputa na Justiça do Trabalho. Roberto Seabra, ex-sócio de Pelé e do advogado Hélio Vianna na Pelé Sports & Marketing Ltda. – esta com sede no Brasil –, tentava provar que era funcionário, não sócio da empresa. O imbróglio judicial foi revelado aos jornalistas Mário Magalhães e Sérgio Rangel, da *Folha de S.Paulo*, por uma fonte anônima. Em meio às 1.501 folhas organizadas em nove volumes do processo 1.526/97, instaurado na 18ª Vara do Trabalho do Rio de Janeiro,[260] em que Seabra cobrava 50% do lucro líquido de quatro contratos vigentes da sociedade, a dupla de repórteres descobriu o que seria o maior gol contra da vida de Pelé.

No dia 31 de janeiro de 1995, a PS&M Inc. fechou acordo para organizar o evento para o Unicef. Pelé não receberia nada para entrar em campo, mas sua empresa ganharia 3 milhões de dólares, conforme o contrato assinado pelo próprio ex-jogador. A primeira parcela, de 700 mil dólares, foi paga pelo banco Patricios Cooperativo, com sede em Buenos Aires. A instituição faliu e o negócio foi desfeito, sem que a PS&M Inc. devolvesse um centavo sequer.[261]

Pelé tentou de todas as formas negar envolvimento com o caso após a denúncia vir à tona, em 2001. Foi desarmado em todos os seus argumentos, como um atacante nervoso e principiante diante de um zagueiro experiente. Primeiro, negou ter cobrado remuneração para realizar trabalho em prol de crianças pobres. “Há 32 anos eu ajudo o Unicef. Quem me conhece sabe que eu não faria isso”, disse, um dia depois da revelação do caso. No entanto, um documento de quatro páginas assinado por Pelé, Vianna e Seabra definia a divisão do lucro líquido do contrato para organizar o evento em Buenos Aires: 30% iria para o bolso do ex-jogador.[262]

Pelé disse ainda que, no seu entendimento, todo o lucro do contrato seria depositado para a PS&M Ltda. e que somente após a história ser publicada tomara conhecimento de que a beneficiária havia sido a PS&M Inc. O acordo assinado por Pelé, porém, era bem claro ao indicar em nome de qual empresa seria feito o pagamento. O ex-jogador havia sido informado em 1996 pelo seu advogado, Sérgio Chermont de Britto, de que o dinheiro estava na conta da empresa das ilhas Virgens e que não era o caso de devolvê-lo ao Unicef.

Toda a operação foi feita no período em que Pelé era ministro do Esporte, no primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso. Alguns dos contratos, no entanto, foram assinados com datas retroativas, referentes a períodos nos quais

algumas das empresas envolvidas sequer haviam sido formalmente constituídas, a fim de descaracterizar a atuação de um ministro de Estado no negócio.

Sem saída, Pelé culpou Vianna pelo negócio e o acusou de ficar com o dinheiro. Fechou a Pelé Sports & Marketing Ltda., mas não devolveu ao Unicef o dinheiro que deveria ter usado para garantir um pouco de atenção às crianças, exatamente como ele havia pedido em 19 de novembro de 1969.

Pelé foi enganado pelo sócio e o chamou para ser padrinho de casamento

Por 12 anos, Pelé teve um companheiro quase tão mortal quanto ele para fazer gols com a camisa do Santos. José Macia, o Pepe, ex-ponta-esquerda, marcou 405 vezes pelo clube paulista. Ele se intitula o maior artilheiro humano da história do Santos, “porque Pelé veio de Saturno”, brinca. Fora de campo, Pelé aproximou-se de outro Pepe, com quem formou uma dupla bem menos gloriosa. Pródiga em polêmicas, a parceria quase levou o Rei do futebol à falência – mais uma demonstração da completa inabilidade do ex-jogador para escolher seus parceiros longe dos gramados.

O espanhol José Ozores González, mais conhecido como Pepe Gordo, foi apresentado a Pelé por Zito, meio-campo do fantástico Santos dos anos 50 e 60. Rapidamente, Pepe Gordo assumiu todas as funções que cabem a um procurador faz-tudo. Nos vestiários, impedia de forma truculenta que qualquer um se aproximasse de Pelé. Transformou sua família na família do jogador, inclusive levando o camisa 10 santista para morar na sua casa. Passou a orientar todo e qualquer investimento realizado pelo atleta e escolhia os produtos aos quais o jogador deveria associar sua marca.

Todo o dinheiro que recebia era dividido em dois tipos de aplicação: compra de imóveis e de empresas, invariavelmente em Santos. Pelé chegou a ter 41 imóveis e participação acionária em seis empresas dos mais diferentes ramos. Em sociedade com Pepe Gordo e Zito, abriu a Sanitária Santista, que vendia material de construção, e a Incorporadora Neptuno, que construía prédios. Como Pelé e Zito estavam sempre jogando, era Pepe Gordo quem

administrava os negócios. As duas empresas quebraram, mas Pelé afastou-se do procurador somente na vida empresarial.[263] Na pessoal, convidou-o para ser seu padrinho de casamento com Rose Cholbi.[264]

Pelé trocou os sócios, mas sua sorte nos negócios continuou a mesma. Com Lima, outro companheiro do Santos, abriu a Pelé Fisioterapia. Com um grupo de mais de 40 acionistas, manteve a Fiolax, com sede em Santo André. O objetivo era cobrir o prejuízo causado pelos anos de parceria com **Pepe Gordo**, mas o buraco acabou aumentando ainda mais. Em 1969, ano do gol mil dedicado às crianças – que Pelé não atenderia em 1995 em benefício do lucro de 700 mil dólares de sua empresa –, o déficit do ex-jogador era impressionante para a época: o equivalente a quase meio milhão de reais.[265] Não restava alternativa a não ser aproximar-se de um personagem que precisava de Pelé tanto quanto Pelé precisava dele. Mais uma tabelinha de qualidade duvidosa começava a se consolidar.

> **Mesmo depois de** quase levar Pelé à falência, Pepe Gordo sentia-se injustiçado pelo jogador. Em 1971, foi à imprensa reclamar que havia sido abandonado, cheio de dívidas, pelo ex-sócio. Para expressar seu ressentimento, contou o que fizera com um retrato do Rei que enfeitava a parede da sua casa: “O crioulo está de castigo, virado para a parede. E vai ficar aí, até aprender”, disse.[266]

João Havelange salvou Pelé da falência

Em 1960, o governo brasileiro decretou Pelé como “patrimônio nacional não exportável”. Uma honraria vazia, concedida mais para agradar aos autores da ideia que ao homenageado, mas que acabou se tornando um problema na vida do jogador. Primeiro porque criava sobre ele uma pressão para não aceitar propostas de clubes do exterior, algo que lhe proporcionaria uma situação financeira confortável. Segundo (e Pelé nem fazia ideia disso), porque atribuiu a ele uma dimensão nacional tão grande que o regime militar, instaurado no país após o golpe de 31 de março de 1964, se viu no direito de espionar o maior ídolo brasileiro da época.

Entre 1965 e 1975, todos os passos de Pelé foram vigiados por agentes do governo. Em nome de uma tentativa de evitar que o apolítico jogador fosse cooptado por grupos de esquerda, homens da repressão seguiram o camisa 10

mesmo em suas viagens ao exterior para defender o Santos ou a seleção. Lançaram uma lupa sobre toda a movimentação financeira dele e de suas empresas. Operação similar foi desencadeada para rastrear as ações de João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD, atual CBF), que sonhava ser presidente da Fifa. Cruzadas, as duas investigações revelaram uma ligação entre Havelange e Pelé bem mais estreita que aquela entre dirigente e jogador.

Ao longo de dez anos, Havelange fez, em nome da CBD, diversos empréstimos ao jogador. Pagou do próprio bolso impostos que Pelé devia à Receita Federal. Assumiu uma dívida dele com o Banco do Brasil. Instruiu Horst Dassler, seu aliado e dono da Adidas, a oferecer somas expressivas para que Pelé disputasse a Copa do Mundo de 74 (350 mil dólares) e trocasse a concorrente Puma pela outra gigante alemã fornecedora de material esportivo (200 mil dólares).[267]

Como a vida financeira do astro não entrava nos eixos – a Justiça chegou a veicular anúncio em jornais paulistas convocando o jogador para tratar da penhora de seus bens para quitar dívidas de suas empresas –, Havelange finalmente interveio na transferência do jogador para o New York Cosmos, da novata liga de futebol dos Estados Unidos. O cartola recorreu ao secretário de Estado americano, Henry Kissinger, para viabilizar a proposta da Warner Communications a Pelé. Uma oferta de 6 milhões de dólares, mais 67% dos contratos de *merchandising*, por um vínculo de três temporadas. Essa, sim, seria a guinada financeira na vida de Pelé.[268]

João Havelange cobrou um preço pela sua benevolência. Pelé deveria ser o principal cabo eleitoral do cartola na candidatura à presidência da Fifa. Um movimento planejado para 1970, mas adiado em quatro anos por causa do fracasso brasileiro na Copa do Mundo da Inglaterra, em 66.

Quando iniciou sua campanha, Havelange tinha os votos da América do Sul garantidos, fosse pela afinidade geográfica, fosse pela negligência do então presidente da Fifa, o escocês Stanley Rouss, com a região. O enfraquecimento das relações da coroa britânica com suas colônias na Ásia e na África indicava o caminho a seguir. Faltava um rosto conhecido para introduzir Havelange nos dois continentes, e Pelé era esse rosto. O dirigente-candidato tratou de fazê-lo aparecer o máximo possível, especialmente em países africanos, com a camisa do Santos ou da seleção brasileira. Sobre isso, Pelé declarou: “Eu representava para os negros desses países aquilo que o negro poderia representar em um país onde fosse fraco o preconceito racial, além de fornecer prova visível de que um

negro pode crescer, mesmo que fosse em um país de brancos".[269]

Os arquivos do regime militar sobre Pelé e Havelange continham informações conclusivas sobre a motivação do dirigente ao se aproximar do jogador, que havia deixado a seleção brasileira em 1971. Ao relatar o comportamento boêmio de atletas do Santos durante uma excursão à França, os agentes do governo criticaram a omissão do cartola. "Nada fez contra as aberrações que aconteciam, só se preocupando em fazer média com as autoridades locais, úteis não ao Brasil, mas a seus interesses pessoais, única e exclusivamente."[270]

O empenho de Havelange para driblar qualquer desconfiança do governo e explorar a popularidade de Pelé foi recompensado. Em 1974, foi eleito presidente da Fifa, cargo que ocuparia por 24 anos. Mas não ganhou o aliado eterno que pensava ter comprado com empréstimos, pagamento de dívidas e ajuda em contratos milionários.

Pelé só atacou Ricardo Teixeira depois de perder dinheiro

Os três anos vestindo a camisa do New York Cosmos mudaram a vida de Pelé. Vivendo dentro do mercado milionário do marketing esportivo nos Estados Unidos, tornou-se um dos motores do segmento no mundo. Seus ganhos com patrocínio superam os 20 milhões de dólares anuais, nada mal para quem parou de jogar futebol há quase 40 anos.

Perguntado pela revista *Time*, em 2001, sobre o que os Estados Unidos haviam lhe ensinado, Pelé respondeu: "Não se pode fazer negócios com membros da família. Não se pode nomear alguém presidente de uma empresa porque ele é um amigo ou irmão. Deve-se nomear a pessoa mais capaz. Negócios são negócios. É preciso ser duro". Como definiu Franklin Foer em *Como o Futebol Explica o Mundo*, a América tornou-o um capitalista dos bons.[271]

Pelé tentou implantar esse capitalismo americano no Brasil. Criou a Pelé Sports & Marketing Ltda. e, com ela, passou a bater na porta do incipiente mercado nacional de marketing esportivo. Primeiro atraiu Santos e Flamengo, os quais passou a representar na comercialização de partidas internacionais.

Preparou o grande salto ao procurar a CBF para assumir o Campeonato Brasileiro. Um dirigente da entidade exigiu um pagamento extra de 1 milhão de dólares para que o contrato fosse fechado. Pelé recusou. A Traffic, dos empresários J. Hawilla e Kléber Leite, ligados a Ricardo Teixeira, então presidente da CBF, ganhou o contrato. Em uma entrevista à revista *Playboy*, em 1993, Pelé revelou o pedido de propina.[272]

A denúncia deixou Pelé em guerra não apenas com Teixeira, mas também com Havelange, sogro do presidente da CBF. O chefe do futebol mundial fez cara feia ao ex-jogador e excluiu seu nome da lista de convidados para o sorteio dos grupos da Copa do Mundo de 94. Garoto-propaganda da MasterCard, Pelé esteve presente no auditório mesmo sem convite, mas não subiu ao palco para retirar as bolinhas com o nome das seleções.

A crise se agravou entre 1995 e 1998, período em que o ex-jogador foi ministro dos Esportes. Deu nome à **Lei Pelé**, que extinguiu o passe e atribuiu aos jogadores o direito de se transferir para qualquer clube, sem pagamento de multa, ao fim do contrato. Teixeira chamou a lei de idiota. Havelange tratou como uma afronta. A Fifa chegou a cogitar a exclusão do Brasil da Copa de 98 por interferência estatal no futebol. Pelé reagiu com ironia, dizendo que a vaga havia sido conquistada no campo, com o tetracampeonato de 94, e não doada pela entidade.

> **A Lei Pelé deu aos** jogadores de futebol o direito de escolher onde jogar, mas também abriu uma nova oportunidade de negócio para o Rei. No início dos anos 2000, a Pelé Sports & Marketing Ltda. elaborou um projeto de liga profissional de futebol no Brasil, exatamente nos moldes da legislação costurada pelo ex-ministro. Em 2008, constituiu uma empresa para lucrar com a venda de jogadores, negócio que sofreu impacto direto da Lei Pelé. Celso Grellet, assessor do Rei, chegou a admitir para jornalistas que seu patrão esperava lucrar com as normas que ajudou a implantar.

Ao deixar o ministério, Pelé lançou-se com mais vigor nos negócios. Envolveu-se diretamente com a entrada de novos e milionários investimentos nos clubes brasileiros. Sua empresa recebeu 2 milhões de dólares como comissão por intermediar o contrato entre o Flamengo e a ISL. A gigante suíça de marketing esportivo, dona dos direitos de transmissão da Copa do Mundo, injetaria 80 milhões de dólares no clube, por 15 anos – dinheiro suficiente para contratar grandes jogadores e construir um centro de treinamentos. No futuro, até um estádio estava nos planos.

Em janeiro de 2000, um mês depois da assinatura com o Flamengo, o presidente da ISL, Jean-Marie Weber, escreveu a Hélio Vianna, sócio de Pelé e

gestor da PS&M Ltda. Oferecia 5% do faturamento da filial brasileira e dizia que, se a ISL fosse vendida a outro grupo, essa participação renderia cinco dígitos de dólares em comissão. Também propunha “um conceito global de marketing e licenciamento para o nome e a marca Pelé”. Antes que Pelé pudesse entregar seu bem mais valioso à companhia suíça, a ISL rompeu o acordo com o Flamengo, em abril de 2002. Uma ruptura marcada pelo desaparecimento de 62,6 milhões de dólares.[273] A ISL estava falida, com um rombo de 300 milhões de dólares e um pacote de escândalos que, uma década depois, incriminaria Ricardo Teixeira e João Havelange por recebimento de propina.

Embora menos rumorosos, outros dois negócios intermediados por Pelé tiveram um fim repleto de controvérsias. A empresa de Pelé representava no Brasil o Nations Bank, banco americano que injetou 70 milhões de dólares no Vasco de Eurico Miranda, mas não cumpriu o contrato até o final por divergências com o polêmico dirigente carioca. O outro negócio foi o contrato de **5 milhões de dólares** que Pelé assinou para comentar jogos no PSN, canal a cabo do Hicks, Muse, Tate & Furst, fundo americano que investiu no Corinthians. A emissora durou menos de dois anos e saiu do ar pouco antes do turbulento rompimento entre o clube paulista e os investidores. Ainda assim, Pelé criticou duramente os acordos que ajudou a costurar: “Por que não perguntam no Flamengo cadê os 80 milhões de dólares da ISL? Por que não vão ao Vasco e perguntam onde estão os 70 milhões de dólares do Nations Bank? Por que não vão ao Corinthians ver o que aconteceu com o dinheiro do HMTF? Os caras roubam os clubes, somem com o dinheiro e vêm pôr a culpa na lei”,[274] afirmou, defendendo-se de críticas à Lei Pelé, sistematicamente apontada como causa para a penúria financeira dos clubes brasileiros.

> **J. Hawilla,** representante do Hicks Muse no Brasil, defendia que jogadores de futebol ganhassem salários de astros do cinema. Uma década e meia depois, a distância ainda é enorme. Ibrahimovic, o jogador mais bem pago do mundo (US$ 17 milhões), ganha quase metade do que recebe Liam Neeson, o décimo ator mais bem pago (US$ 32 milhões).

Incoerência quase imperceptível diante daquela que seria revelada no dia 13 de março de 2001. Em Brasília, Pelé e Ricardo Teixeira apresentaram ao ministro do Esporte e Turismo, Carlos Melles, um pacote de medidas para modernizar o futebol brasileiro. Uma miscelânea que assegurava aos clubes uma indenização em caso de transferência de jogadores com menos de 23 anos; resgatava da segunda divisão Bahia e Fluminense; e, ao mesmo tempo, dava lugar na elite do futebol nacional a clubes que poderiam ir à Justiça paralisar o

Campeonato Brasileiro. Além disso, encaminhava uma racionalização do calendário do futebol nacional para atender aos interesses da TV. Para selar o pacto, um abraço, diante das lentes, entre os dois antigos desafetos.[275]

"Cometi um grande erro ao me afastar do maior ídolo do país. Reconheci meu erro e conto com a nobreza de Pelé em aceitar minhas desculpas", discursou Teixeira, antes de beijar a mão do Rei. "A união de Pelé com Ricardo Teixeira é a maior punhalada nas costas que nós, que lutamos pela ética no esporte, poderíamos receber… Ele [Pelé] vendeu a alma ao diabo", bradou, em sua coluna no diário *Lance!*, o jornalista José Trajano.[276]

Uma venda renovada sete anos depois. Novamente em Brasília, Pelé fechou acordo com Teixeira para fazer parte do Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2014. Ele seria um embaixador do torneio, sem cargo remunerado, mas com um belo potencial de fechar negócios particulares graças à sua vinculação com o evento. "Não vá dizer que é montagem, hein?", disse aos fotógrafos ao puxar Teixeira para que os dois posassem abraçados. Quem conhece a atuação de Pelé fora dos gramados não tem dúvida da veracidade da imagem.

Platini, o desastrado discípulo de Havelange

A história de Michel Platini nas Copas do Mundo se confunde com a de João Havelange. O talentoso e clássico meia de 1,78 metro, que aos 17 anos já jogava pelo Nancy na liga francesa, estreou em Mundiais em **78**, na Argentina, a primeira Copa de Havelange na presidência da Fifa. Platini conduziria a seleção francesa às semifinais na Espanha, em 82, e no México, em 86, edições em que o cartola brasileiro depurou o formato do torneio, que passou a ter 24 seleções. Fracassou como técnico na tentativa de levar a França ao torneio de 90, na Itália. Em 94, durante a Copa dos Estados Unidos, já preparava o Mundial de 98, na França, do qual seria copresidente do Comitê Organizador – foi o último Mundial de Havelange no mais elevado cargo do futebol.

Assumidamente um homem de direita, Platini gostava de provocar o companheiro de seleção Dominique Rocheteau, integrante da Liga Comunista Revolucionária. Platini e outros 18 jogadores simplesmente ignoraram uma reunião convocada por Rocheteau para decidir se a

seleção francesa se posicionaria contra a ditadura militar durante a Copa na Argentina.

Tamanho período de convivência teve reflexos na estratégia política de Platini. Para assumir e legitimar seu poder à frente da União das Federações Europeias de Futebol, o ex-craque e atual presidente da Uefa adotou uma postura expansionista, como a que fez Havelange reinar por 24 anos na Fifa. O brasileiro, por sua vez, depois de ser transformado em presidente de honra, seria destituído das suas funções por corrupção.

No início de 2007, Platini derrotou por 27 a 23 votos o sueco Lennart Johansson, que presidia a entidade europeia havia 17 anos. Uma vitória apertada, construída basicamente com o apoio de países pequenos, mais notadamente novas repúblicas surgidas no leste europeu com o desmantelamento da União Soviética e da Iugoslávia. A proposta do francês era clara: votos em troca de um espaço maior nas elitistas competições europeias de clubes e seleções.

A primeira Liga dos Campeões definida e jogada sob o comando de Platini já mostrava esse perfil. A edição 2008/09 contava com um time do Chipre, um da Bielo-Rússia, dois da Ucrânia, dois da Romênia, um da Grécia, um da Dinamarca, um da Suíça, um da Rússia e outro da Turquia. Dois anos mais tarde, terceiros e quartos colocados de países de ponta, como Alemanha, Espanha, Inglaterra e Itália, passaram a se digladiar por uma vaga na fase de grupos do torneio, enquanto campeões de nações periféricas duelavam entre si pelo mesmo benefício. Atalho que permitiu ao Apoel, do Chipre, avançar até as quartas de final da Liga.

A Eurocopa, o poderoso torneio de seleções do continente, também foi alvo do expansionismo de Platini. A partir de 2020, o campeonato terá 20 seleções, em vez das 16 atuais. A sede não será em um país só, mas em 12 cidades escolhidas de uma lista que já conta com 47 candidatas. Entre as postulantes, alguns eleitores do presidente da Uefa: Armênia (Ierevan), Azerbaijão (Baku), Bulgária (Plovdiv), Croácia (Zagreb e Split), Geórgia (Tbilisi) e Polônia (Chorzow), entre outros.

Platini teve um curso intensivo do método Fifa às vésperas da Copa do Mundo de 98, durante a campanha que levou Joseph Blatter à presidência da entidade. A escolha pelo francês teve precisão cirúrgica. Como copresidente do Comitê Organizador, Platini tinha acesso ao instrumento de barganha que ajudou João Havelange a ganhar seguidas eleições. Qual o principal instrumento de barganha da Fifa? Aquele que todo mundo quer: ingressos para o Mundial.

Marco Casanova, assessor de Johansson – candidato à Fifa derrotado por Blatter em 1998 e por Platini, nove anos mais tarde, na eleição da Uefa –, explicou:

> Por que Blatter escolheu Platini? Para poder usar e abusar da Copa do Mundo. De modo que ele tem um aliado na comissão organizadora local. Ele e Platini têm controle de 100% dos ingressos. Blatter liga para um presidente [de confederação nacional, eleitores da Fifa] e diz: "Se quiser, posso lhe arranjar dez ingressos para a final". Em seguida, põe os ingressos em um envelope e diz: "Meus cumprimentos, Sepp".[277]

Platini chegou a bancar despesas e eventos de campanha de Blatter. Também recebeu a promessa de ser nomeado diretor de esportes da Fifa, a "consciência esportiva" do suíço no comando do futebol mundial. Ainda assim, o francês fazia questão de classificar seu apoio como algo meramente esportivo, com o único objetivo de restabelecer a democracia na entidade, algo que não existia com Havelange e seguiria inexistindo com Blatter. "Não tenho nenhum interesse pessoal. Sou um homem de convicções e se estou fazendo isso é porque acho que sou a única pessoa capaz de fazer a Fifa mudar de rumo, porque fui jogador e **técnico**", afirmou.[278]

> **Platini foi um técnico** inesquecível na seleção francesa. Com um empate contra o poderoso Chipre, ficou fora da Copa do Mundo de 90, na Itália. Em 1992, caiu logo na primeira fase da Eurocopa. Deixou de herança a equipe que também não se classificaria para o Mundial dos Estados Unidos, em 94.

Puro blefe. Com a Copa da França a pleno vapor, Havelange vislumbrava Platini como futuro ocupante do seu cargo. "Se for, primeiro vai ser presidida pelo Ricardo [Teixeira, presidente da CBF entre 1989 e 2012]. Depois, vai ser o Platini. Já não estarei vivo. Ele é excepcional, é inteligente, tive admiração por esse rapaz na Copa de 98", disse Havelange.[279]

Preocupado em reproduzir os ensinamentos de seus mestres políticos a fim de chegar ao comando da Uefa, Platini se esqueceu de olhar para problemas crônicos do futebol europeu. Desde a sua infância, no sul da França, havia relatos de jogos vendidos para beneficiar apostadores no continente. Ele ainda defendia o St. Etienne, no início dos anos 80, quando o Bordeaux passou a ser suspeito de comprar adversários para ganhar partidas. E a França começava os preparativos para organizar o Mundial de 98 quando o Olympique de Marselha, maior time do país na década, pagou para que jogadores do Vallenciennes

perdessem um duelo entre os dois clubes.

Os anos anteriores à eleição de Platini também foram pródigos em esquemas para beneficiar a máfia das apostas ilegais. O árbitro alemão Robert Hoyzer foi condenado e preso por armar resultados em partidas da Bundesliga, o campeonato de futebol de seu país. Ele servia a uma quadrilha com base na Croácia, um dos países que Platini percorria em busca de votos. O esquema era tão sofisticado que o bando tinha em mãos, com antecedência, listas com árbitros e delegados de partidas dos torneios organizados pela Uefa. Essas relações costumam vir a público dois dias antes de cada jogo.

Na Rússia, outro alvo eleitoral do francês, dirigentes do CSKA Moscou pagavam para que outros times não entregassem o jogo para seus adversários na luta pelo título – um suborno do suborno. A italiana Juventus, que Platini defendeu entre 1982 e 1987, perdeu títulos e foi rebaixada nos seis meses que precederam a eleição da Uefa porque seu diretor-executivo, Luciano Moggi, aliciava árbitros de futebol.

Mesmo com tantas evidências, Platini esperou até 2009 para criar um departamento anticorrupção na Uefa. O estopim foi a prisão, na Alemanha, de 15 pessoas envolvidas no arranjo de até 200 partidas de ligas europeias para atender a grupos de apostadores da Ásia.[280]

A essa altura, Platini já dividia o tempo com outras empreitadas. Enquanto começava a articular sua reeleição na Uefa e visualizava no horizonte a chegada à Fifa, o dirigente se envolveu na campanha do Catar para receber a Copa do Mundo de 2022. Não apenas com o voto, mas também participando de eventos com organizadores da candidatura. Não apenas ao lado de gente do futebol, mas na companhia do então presidente francês Nicolas Sarkozy. Platini afirmou:

> Eu sabia do interesse de Sarkozy na compra do Paris Saint-Germain por pessoas do Catar. Eu entendia que Sarkozy apoiava a candidatura do Catar. Mas ele nunca pediu meu voto, ou que eu votasse na Rússia [para sede de 2018, como de fato votaria]. Ele conhece minha personalidade. Sempre voto pelo bem do futebol. Não por mim, não pela França.[281]

Nem precisava um pedido direto, como o próprio presidente da Uefa deixaria claro meses mais tarde ao jornal alemão *Die Zeit*: “Líderes europeus recomendaram aos membros votantes que escolhessem o Catar, por causa de interesses econômicos no país”.[282]

Interesses que fizeram Platini ignorar algo que, após a escolha do Catar,

passou a defender fervorosamente: a transferência da Copa para o fim do ano, como forma de fugir do calor escaldante, de quase 50 °C, dos meses de junho e julho no país árabe. Também o fizeram ignorar as denúncias de uso de trabalho escravo na acelerada construção dos estádios catarianos.

Platini quer a Copa do Mundo de 2022 no Catar, durante os meses de novembro e dezembro, com 40 seleções em campo e ele na presidência da Fifa. O francês pretende desafiar Joseph Blatter na eleição de 2015 e assumir a plataforma ideal para seguir sua política expansionista, que já mudou a cara do futebol na Europa. Não há dúvidas sobre os motivos que levaram João Havelange a admirar tão rapidamente o lado cartola do ex-craque francês.

O carrossel emperrado de Cruyff

Há uma porção de definições para a importância de Johan Cruyff para o futebol mundial e a sociedade holandesa. Segundo o comentarista político e cultural Hubert Smeets, o jogador tirou o país do atraso e o colocou em uma posição de vanguarda. Smeets compara:

> Exceto a Irlanda, éramos o país mais atrasado da Europa nos anos 60. Totalmente retrógrado, especialmente na participação da mulher no mercado de trabalho, a menor do continente. Então experimentamos uma revolução política, cultural e social, com Cruyff como a figura mais representativa. Nos tornamos a nação mais progressista da Europa.[283]

Maarten Hajen, professor de políticas públicas da Universidade de Amsterdã, identificava Cruyff como o líder de uma equipe que combinava o senso coletivo ao talento individual de uma maneira que sociedade alguma jamais conseguiu:

> A conexão entre eles era uma atitude neoliberal contra o autoritarismo. Eram jogadores revolucionários extremamente carismáticos, e Cruyff comandava tudo isso. Ele tinha essas ideias intuitivas tão brilhantes que as pessoas o seguiam. Quando jogavam futebol juntos, eles tinham uma combinação entre o sistema de jogo em equipe e um elevado nível de capacidade individual.[284]

Para Rudi van Dantzig, diretor do Balé Holandês, o desempenho da

Holanda no futebol abriu os olhos do país para outros setores da arte. “Até os anos 60, as pessoas se interessavam por música, teatro e literatura, não pela dança. A nova geração não queria mais uma sociedade cinza. Os auditórios de repente ficaram lotados de seguidores fanáticos da dança. Nós e o futebol estávamos fazendo basicamente as mesmas coisas. Só hoje vejo como as duas coisas são similares”, disse.[285]

O próprio Rudolf Nureyev, maior bailarino do mundo, atraído a Amsterdã pela explosão da dança na Holanda, via um pouco da sua arte refletida na movimentação de Cruyff. “Rudolf dizia que Cruyff deveria ser um dançarino. Ele ficava intrigado com seus movimentos, o virtuosismo, a maneira como subitamente mudava de direção deixando todos para trás, com perfeição de controle, balanço e graça”, acrescenta Dantzig.[286]

O bailarino dos gramados, revolucionário do futebol, capaz de mudar o jogo e a história de um país através da habilidade com a bola, tem uma história pobre fora de campo. Não como técnico, quando comandou com brilhantismo no início dos anos 90 um dos maiores times do Barcelona da história, com Stoichkov, Romário, Laudrup e Koeman, tornando-se responsável por implantar um estilo que virou marca do Barça. Mas sim quando se arriscou em funções diretivas ou mesmo na tarefa de comentarista. É como se Cruyff tivesse uma visão futurista dentro do campo e fosse acometido de uma miopia crônica quando colocado em um plano superior.

O Ajax, time em que Cruyff começou a jogar futebol, apostou na sua experiência como conselheiro. O ex-jogador permaneceu por apenas seis meses na função, entre setembro de 2010 e março de 2011. Suas críticas à comissão técnica, usando uma linguagem definida como ameaçadora, fizeram toda a diretoria, inclusive o presidente, afirmar que deixaria o clube caso Cruyff permanecesse no cargo. O maior incômodo foi provocado pelo fato de as críticas terem sido feitas por meio de sua coluna semanal no jornal holandês *De Telegraaf*, não pessoalmente.

Em fevereiro de 2012, o Chivas Guadalajara, maior clube de futebol do México, contratou Cruyff para a mesma função. E teve experiência similar à do Ajax. Foram dez meses até o holandês ser demitido por não atingir os resultados esperados. Entre os principais erros do consultor, estiveram a contratação do técnico John Van’t Schip e a troca do gramado artificial do estádio, ao qual o time estava acostumado, por grama natural. “A decisão de contratar Cruyff foi um erro colossal. Foi um equívoco meu permitir que ele mexesse na comissão técnica. Me venderam Van’t Schip como o novo Pep

Guardiola, mas não tinha nada a ver. Os dois não eram as pessoas corretas nem capazes para gerir o clube; destruíram o vestiário", lamentou-se o dono do Chivas, Jorge Vergara.[287]

Mas nenhum outro clube sofreu tanto com o Cruyff ex-jogador como o Barcelona. Envolvido diretamente com a política barcelonista, até hoje o holandês não perde a oportunidade de criticar absolutamente todas as medidas dos seus desafetos. Foi o que aconteceu com Sandro Rosell, ex-presidente, que entre suas primeiras atitudes colocou em votação a manutenção do título de presidente honorário de Cruyff. Ofendido, o holandês devolveu a honraria imediatamente. E passou a atacar inclusive atos incontestáveis do ponto de vista esportivo, como a contratação de Neymar para jogar ao lado de Lionel Messi no verão europeu de 2013.

Os argumentos utilizados para criticar a contratação do jogador brasileiro provam que o bailarino dos gramados tem sérias dificuldades em alinhar dois passos fora de campo:

> Neymar cobra faltas muito bem. E Messi já demonstrou isso. Agora, quem vai bater? Neymar e Barça são Nike, enquanto Leo é Adidas. São situações que podem criar problemas, e eu sempre prefiro evitar conflitos. Com Neymar, eu teria levantado a possibilidade de vender Messi. Estamos falando de uma equipe, de seus jogadores, de seus arredores, de seus interesses. É difícil dirigir um elenco com tanta qualidade, pouca gente serve para isso. Eu não teria me arriscado em trazer Neymar.[288]

O camisa 10 da Casa da Dinda

O único presidente brasileiro destituído do cargo por corrupção tinha, em seu time político, um dos maiores astros do futebol. Zico, o ídolo do Flamengo, o camisa 10 da Gávea, o craque da cultuada seleção brasileira de 82, foi secretário nacional de Esportes do governo de Fernando Collor de Mello, entre abril de 1990 e 1991. A exemplo de todo o governo Collor, o Galinho de Quintino assumiu a pasta prometendo a caça aos marajás – ou, no caso específico do esporte, aos maus dirigentes. Transformação que seria conduzida pela Lei Zico, projeto de modernização do esporte nacional que, de tantas emendas sofridas no caminho, acabou ficando só com o nome do ex-craque.

Zico sentiu as primeiras dificuldades logo que assumiu o cargo e descobriu que sua secretaria não tinha orçamento. Suas viagens a serviço da pasta, por exemplo, seriam bancadas diretamente pela presidência da República. Por causa dessa penúria, a prioridade inicial do secretário passou a ser o investimento em esportes amadores, especialmente no funcionamento de quadras e centros esportivos ociosos que pudessem atender crianças carentes. "A Constituição deu autonomia para as federações e confederações que representam as equipes esportivas profissionais. Espero que eles resolvam seus problemas sem a nossa ajuda", disse Zico, dias depois de assumir o cargo.[289]

Em pouco tempo, Zico percebeu a necessidade de atuar diretamente junto às federações e confederações. Entre corriqueiras aparições ao lado de Collor, que sempre se apresentava em situações esportivas para reforçar a imagem do presidente atleta – jogando futevôlei na casa de ministros ou praticando *cooper* pelos parques de Brasília –, começou a elaborar o projeto de lei que pretendia modernizar o esporte brasileiro. O Projeto Zico se baseava em quatro pontos: 1) extinção do passe; 2) modificação no colégio eleitoral das federações e confederações, com voto aberto às entidades filiadas; 3) obrigatoriedade da transformação dos clubes em empresas; 4) redistribuição dos recursos da loteria esportiva, com maior aporte de dinheiro para clubes e federações.

No dia em que seu projeto passou pela Câmara, em abril de 1991, com a obrigatoriedade da transformação dos clubes em empresas, Zico comemorou: "Este projeto representa a Lei Áurea para o esporte brasileiro. Vai conceder alforria ao jogador de futebol, que tem o fruto do seu talento enclausurado em um instituto perverso, a Lei do Passe".[290]

Foi a última comemoração antes de uma série de derrotas da Lei Zico. A transformação em clube-empresa passou de obrigatória a opcional, e os artigos que previam a extinção do passe seriam suprimidos. Mesmo dentro do PRN, partido do presidente Collor, houve oposição à Lei Zico no Congresso. Era o início de um processo de implosão do secretário. A essa altura, o ex-jogador tinha, semanalmente, de negar rumores sobre a sua saída da pasta. Por fim, acabou cedendo a pedido de sua família.

A Lei Zico continuaria tramitando pelo Congresso, com diversas alterações. O texto final, transformado em lei em julho de 1993, tinha muito pouco da proposta original. Foi incluída a regulamentação do funcionamento dos bingos, que, em tese, deveriam reverter 7% da sua receita para os esportes olímpicos. Em 1995, começaram a surgir as primeiras polêmicas envolvendo as casas de bingo. Uma CPI foi instaurada para investigar seu funcionamento.

Entre as descobertas, havia tráfico de influência junto a políticos, federações usadas como fachada e frágil fiscalização governamental, o que levou à queda do ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca. Na origem, o nome do camisa 10 da Gávea. O camisa 10 da República das Alagoas.

Senhor Dinamite explodiu

Carlos Roberto de Oliveira é o maior nome da história do Vasco. Foram 702 gols pelo clube em 21 anos de carreira. É o maior número de tentos aliado à maior longevidade. Do total de gols, 279 foram marcados no Campeonato Carioca – o que o torna o maior artilheiro da história da competição. Outros 190 saíram em jogos do Campeonato Brasileiro – mais uma marca insuperável. Quando chegou ao Vasco, aos 15 anos, virou Roberto. Antes mesmo da estreia como profissional, ganhou do *Jornal dos Sports* o apelido Dinamite. Bastou o primeiro gol no time profissional, contra o Internacional, no Maracanã, no dia 25 de novembro de 1971, para o apelido virar sobrenome: "Garoto Dinamite explodiu", destacou o mesmo *Jornal dos Sports*. Nascia Roberto Dinamite. Mais um mito dos gramados que perdeu toda a divindade como dirigente.

Por quase 30 anos, de 1979 a 2008, o Vasco foi comandado, em diferentes graus, por Eurico Miranda. Começou como um influente membro da diretoria. Conheceu o auge na figura de um monarca absolutista, que encobria a total falta de democracia no clube conquistando títulos em série – dos corriqueiros cariocas à inédita Libertadores, passando por três nacionais. Saiu de cena como símbolo do atraso no futebol brasileiro. Carregava denúncias de enriquecimento ilícito, fraude nas eleições do clube e desvio de recursos do Vasco, mas ainda assim usufruía de imunidade graças ao mandato de deputado federal. Eleito pela primeira vez em 1994, dizia sem pudor que era deputado dos vascaínos, como se os torcedores dos outros clubes fossem, em vez de contribuintes, inimigos.

Roberto Dinamite surgia como um contraponto ao estilo Eurico. Não apenas no Vasco, mas no futebol brasileiro. Era o ex-jogador, eterno ídolo, que trocava a tranquilidade da aposentadoria pelo combate político para transformar o clube de coração. Candidatou-se à presidência cruz-maltina em 2006. Foi derrotado por Eurico com uma diferença de 439 votos, em uma

eleição fraudada. A oposição entrou na Justiça com as acusações de compra de votos e adulteração dos resultados. Em meados de 2008, o resultado foi revertido e Dinamite assumiu a presidência.

Entre 2008 e 2013, os resultados esportivos da gestão Dinamite seguiram uma linha comum a clubes que passam anos nas mãos do mesmo dirigente. Com uma estrutura sucateada deixada pelo antecessor, o novo presidente não conseguiu evitar o rebaixamento à Série B do Campeonato Brasileiro em 2008. Voltou no ano seguinte, com uma arrancada que levaria o clube ao título da Copa do Brasil e ao vice-campeonato brasileiro em 2011. Depois, novas dificuldades financeiras, como a batalha para conseguir a Certidão Negativa de Débito que liberasse o recebimento do patrocínio da Caixa Econômica Federal, somadas a erros de avaliação de jogadores e técnicos levaram o Vasco novamente à segunda divisão, **no fim de 2013**.

> **O Vasco caiu na** derrota por 5 a 1 para o Atlético Paranaense, jogo interrompido por uma briga entre torcedores. Roberto Dinamite entrou em campo para forçar o árbitro a encerrar a partida. Isso fazia parte de uma estratégia do clube carioca para ganhar os pontos na Justiça. O jogo seguiu e o Vasco foi goleado no gramado e em todas as tentativas de anular o resultado no tapetão.

O fato inesperado – especialmente vindo de um ídolo – era que, do ponto de vista administrativo e político, a gestão de Dinamite tivesse tanta semelhança com o reinado de Eurico. A começar pela atividade do dirigente fora do futebol. Roberto gozou da sua popularidade como jogador do Vasco para ingressar na política. Começou como vereador na cidade do Rio de Janeiro em 1992. Iniciou, em 1994, uma série de cinco mandatos como deputado estadual. Uma sequência de respeito, mas pouco brilhante. Em 2013, Dinamite era o vice-campeão de faltas na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Justificou as ausências com a necessidade de resolver problemas do Vasco em Brasília. Mais um deputado dos vascaínos.

À frente do clube, Dinamite coleciona atos dignos de cartolas da estirpe de Eurico Miranda. Em 2009, ele tinha um cunhado como secretário da presidência e um sobrinho trabalhando nas categorias de base do time. A denúncia de nepotismo partiu da trincheira presidencial, do vice de marketing José Henrique Coelho, que renunciou ao cargo durante o episódio. A defesa também abandonou o caso. “Não existe nepotismo nesse clube. O fato de o presidente ter um cunhado como secretário é porque precisa de alguém de sua confiança. A pessoa que disse isso não sabe o que é nepotismo”,[291] comentou outro vice, José Hamilton Mandarino, em um discurso que parece importado da

política. Meses depois, o próprio Mandarino deixou o clube.

Em 2010, o dirigente teve de responder a outra denúncia de favorecimento a parentes. O jornal carioca *Extra* revelou que a logística de viagens do clube era realizada pela Locaflat Agência de Viagens e Turismo, empresa que tinha, entre os sócios, Gerson Almeida de Oliveira Júnior, genro do presidente. O contrato foi assinado 20 dias depois de Dinamite tomar posse e duraria até maio de 2011. Entre julho de 2008 e dezembro de 2010, o vínculo havia rendido à agência cerca de 600 mil reais de comissão.

Operação similar foi revelada em 2011, na venda de ingressos do Vasco para a final da Copa do Brasil, em Curitiba. Torcedores que compraram ingresso na loja oficial do clube não conseguiram entrar no estádio Couto Pereira, porque as entradas eram falsas. Sorte melhor tiveram os 75 vascaínos que compraram o pacote de ingresso, transporte e hospedagem da Essential Travel, agência da Barra da Tijuca de propriedade de Rosângela Jabur, amiga pessoal de Dinamite e mãe da namorada do filho do dirigente. Sobre seu livre trânsito em São Januário, a empresária disse, em declaração à Rede Record: “Eu só deveria perder a minha fonte se os meus ingressos estivessem envolvidos com alguma falcatrua. Como eles efetivamente foram legais, eu não preciso dizer a você como consegui. Onde consegui, isso não importa”.[292]

Em 2012, a Polícia Federal abriu investigação sobre a remessa de 53 mil euros, referente à negociação do atacante Souza, para uma conta bancária nas ilhas Cayman, um paraíso fiscal. Daniel Freitas era assessor parlamentar de Dinamite quando foi contratado como gerente de futebol do Vasco. O Conselho Fiscal do clube levantou uma série de denúncias administrativas, que incluíam a distribuição de franquias da loja oficial do clube às filhas e à esposa de Dinamite. No fim de 2012, o presidente convocou uma entrevista coletiva, na qual disse que não havia ninguém mais honesto com o próprio clube do que ele.

Em 2013, as denúncias de bastidores ficaram em segundo plano com a campanha que levou o Vasco de volta à Série B. Um retorno amargo, nas mãos do maior ídolo do clube e com uma dívida de 400 milhões de reais – herança do reinado de Eurico, mas também das barbeiragens de Dinamite. O clube terá de indenizar em 900 mil reais um preparador físico demitido no início da gestão do ex-jogador. Menos pela demissão, mais por uma desastrada declaração do dirigente: “Não demiti todo mundo. Só demiti quem não trabalhava para o Vasco”. Sinal de que, se o garoto dinamite explodiu até se tornar o maior ídolo do clube, o senhor dinamite dá sequência a um processo de

implosão do Vasco que, imaginava-se, havia acabado com a saída de Eurico Miranda.

260 Fernando Molica (org.), 11 Gols de Placa: Uma Seleção de Grandes Reportagens Sobre o Nosso Futebol, Record, 2010, página 239.

261 Mário Magalhães e Sérgio Rangel, “Empresa ligada a Pelé arma evento beneficente e fica com o dinheiro”, Folha de S.Paulo, 18 de novembro de 2001, página A1.

262 Mário Magalhães e Sérgio Rangel, “Documento derruba versão dada por Pelé”, Folha de S.Paulo, 22 de novembro de 2001, página D1.

263 João Carlos Assumpção, “A criação de Pelé”, Folha de S.Paulo, caderno Especial, 7 de novembro de 1999, página 3.

264 Franklin Foer, Como o Futebol Explica o Mundo, Zahar, 2005, página 112.

265 João Carlos Assumpção, página 3.

266 “Edson, Dico, Pelé, Edson”, revista Veja, 17 de julho de 1971.

267 João Carlos Assumpção, página 3.

268 “Seis milhões de dólares: o preço de um mito”, revista Cruzeiro, julho de 1975.

269 David A. Yallop, Como Eles Roubaram o Jogo, Record, 2002, páginas 106 e 107.

270 Ernesto Rodrigues, Jogo Duro, Record, 2007, página 109.

271 Franklin Foer, página 113.

272 Franklin Foer, página 114.

273 Andrew Jennings, Jogo Sujo: O Mundo Secreto da Fifa: Compra de Votos e Escândalo de Ingressos, Panda Books, 2011, páginas 144 e 145.

274 Fernando Mello, “Pelé lucrou com acordos que agora critica”, Folha de S.Paulo, 16 de setembro de 2004, página D3.

275 “Pelé e Teixeira consolidam parceria e poder em pacote”, Folha de S.Paulo, 14 de março de 2001, páginas D1 e D2.

276 Franklin Foer, página 119.

277 David A. Yallop, página 326.

278 Andrew Jennings, página 12.

279 Rodrigo Bueno, “Maior cartola da história diz que salvou até preso político”, Folha de S.Paulo, 26 de junho de 1986, página D1.

280 Declan Hill, Juego Sucio: Fútbol y Crimen Organizado, Alba, 2010, páginas 136, 139, 151, 177 e 193.

281 David Conn, “Michel Platini: ‘All the decisions I make are for the good of football’”, The Guardian, 25 de maio de 2013.

282 Owen Gibson, “Michel Platini admits politics played part in Qatar 2022 World Cup win”, The Guardian, 20 de setembro de 2013.

283 David Winner, Brilliant Orange: The Neurotic Genius of Dutch Soccer, The Overlook Press, 2010, página 8.

284 David Winner, página 25.

285 David Winner, página 24.

286 David Winner, página 134.

287 “Presidente do Chivas diz que contratar Cruyff foi um erro colossal”, Goal.com, 20 de setembro de 2013, disponível em www.goal.com/br/news/5125/extra-campo/2013/09/20/4277099/presidente-do-chivas-diz-que-contratar-cruyff-foi-um-erro.

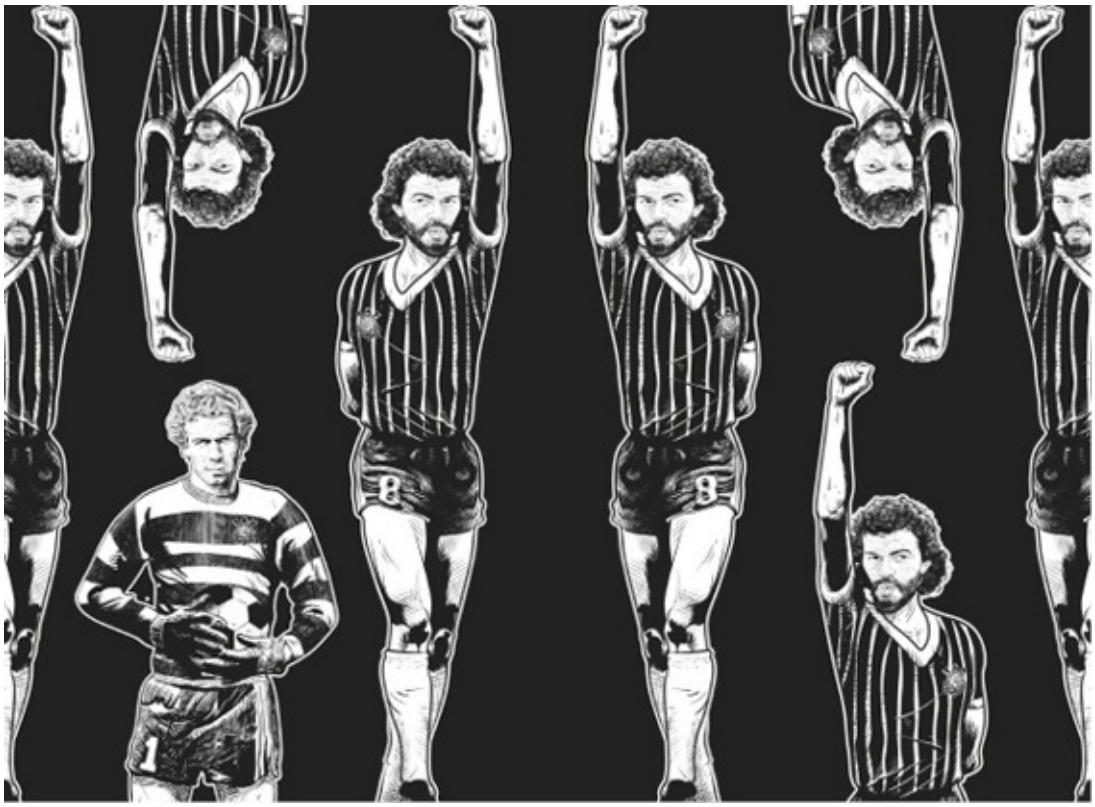
288 Leandro Stein, “Por que não devemos dar ouvidos a tudo que Cruyff diz”, revista Trivela, 25 de junho de 2013, disponível em http://trivela.uol.com.br/espanha/por-que-nao-devemos-dar-ouvidos-a-tudo-que-cruyff-diz.

289 “Secretaria de Zico não tem nem orçamento”, Folha de S.Paulo, 8 de abril de 1990, página D8.

290 Maria Lima e Eduardo Trece, “O esporte vai ao plenário”, O Globo, 23 de abril de 1991, página 28.

291 Márcio Iannacca, “Dinamite nega nepotismo, mas confirma emprego de sobrinho no clube”, GloboEsporte.com, 12 de setembro de 2009, disponível em http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Vasco/0,,MUL999908-9877,00-dinamite+nega+nepotismo+mas+confirma+emprego+de+sobrinho+no+clube.html.

292 “Presidente do Vasco monta esquema para beneficiar amigos em venda de ingressos”, Jornal da Record, 15 de junho de 2011, disponível em http://esportes.r7.com/futebol/noticias/presidente-do-vasco-monta-esquema-para-beneficiar-amigos-em-venda-de-ingressos-20110615.html.



DEMOCRACIA CORINTIANA

A DEMOCRACIA ERA DEMOCRÁTICA SÓ NO NOME

O ano de 1984 marcou o fim de duas grandes experiências democráticas. No dia 25 de abril, a proposta de emenda constitucional que instituía eleições diretas para presidente da República foi derrotada no Congresso Nacional, apesar de ter conseguido maioria de votos: 298 votaram a favor, 65 foram contra e três se abstiveram. Para a proposta ser aceita, eram necessários dois terços dos votos, ou seja, 320. O Brasil precisaria esperar até 1989 para eleger um presidente por voto direto.

Com a derrota da emenda que ficou conhecida como “Diretas Já”, não restou alternativa ao jogador Sócrates a não ser cumprir a promessa que ele havia feito diante de milhares de pessoas nos comícios em São Paulo: “Se a emenda não for aprovada, vou embora do Brasil”. Ele, que já havia recusado propostas do Barcelona e da Roma, agora seguia para a Fiorentina, da Itália, decepcionado com os rumos políticos que o país havia tomado. Sem ele, a Democracia Corintiana havia perdido seu principal mentor.

O embrião da Democracia Corintiana havia surgido três anos antes, em um momento de extrema turbulência no clube. O time havia terminado o Campeonato Brasileiro em 26.º lugar, e o Paulista, em 8.º. Como naquela época a classificação para o Brasileiro era feita pelos estaduais, isso significava que em **1982** o Corinthians disputaria a Taça de Prata, a segunda divisão da época. Menos mal que o regulamento de então permitia que no mesmo campeonato alguns times da Taça de Prata pudessem ascender à Taça de Ouro, mas a posição não deixava de representar uma vergonha ao poderoso Corinthians.

Em 1982, a Democracia usou o Corinthians para fazer campanha por Luiz Inácio Lula da Silva, candidato a governador de São Paulo. O time trazia no uniforme as inscrições “Democracia Corintiana” e “Dia 15 vote”. O que poderia ser um simples pedido pela redemocratização era capitalizado em votos para o petista, em manifestações fora de campo dos principais líderes do movimento, todos engajados na campanha de Lula.

Em abril de 1981, Waldemar Pires assumiu a presidência do Corinthians no lugar de Vicente Matheus, que concorrera como vice. Matheus, presidente desde 1972, só não concorreu ao cargo novamente porque o estatuto do clube não permitia. Todos esperavam que, na prática, Waldemar fosse um "laranja" comandado por Vicente Matheus. Havia até boatos de que Waldemar renunciaria para que Matheus assumisse a presidência.

Mas não foi o que aconteceu. Pires foi logo colocando sua gente em cargos estratégicos. Em 4 de novembro, o posto de diretor de futebol foi assumido por Adílson Monteiro Alves, filho de Orlando Monteiro Alves, vice-presidente de futebol do Corinthians. Sociólogo formado pela USP, não entendia nada de futebol. Sua principal credencial era a de administrador da empresa São Marcos, que pertencia à família. "Jovem e ousado, vestindo jeans e usando barba, propunha suprimir a distância entre dirigentes e dirigidos, assegurar o livre debate de ideias e instalar o círculo democrático", diz José Paulo Florenzano no livro *A Democracia Corinthiana: Práticas de Liberdade no Futebol Brasileiro*. "Enquanto jornalistas e torcedores consideravam-no uma incógnita, os jogadores em geral e Sócrates, em particular, não tinham nenhuma dúvida: 'Ele é um dos nossos'."[293]

Juca Kfouri, um entusiasta da Democracia Corintiana desde a primeira hora, usou a revista *Placar* para dar boas-vindas a Adílson, saudando-o como alguém capaz de colocar o Corinthians no "caminho da contemporaneidade". O técnico Mário Travaglini, contratado pouco antes, no dia 27 de outubro, também se encaixava no molde da Democracia. Em março de 1980, ao assumir a Portuguesa, dera uma declaração bem ao gosto do que pensavam os atletas corintianos: "Nunca adotei a chamada 'linha dura' e gosto de discutir com os jogadores o melhor esquema a ser adotado".[294]

Mas o que era a Democracia Corintiana, afinal? Por que ela mobilizou jogadores, jornalistas e até publicitários, que a defendiam de modo tão ferrenho?

A princípio, a Democracia Corintiana era o direito de os jogadores votarem qualquer questão que fosse de seu interesse direto. Segundo Sócrates: "Qualquer um podia apresentar um assunto para votação. Quando viajar? A que horas viajar? Onde concentrar? Tudo era discutido. Nós nos reuníamos no vestiário ou no campo e decidíamos. A partir de então, nós começamos a exercer isso semanalmente. Falávamos sempre sobre uma série de coisas, inclusive horário de treino. Discutir e votar eram quase um vício".[295]

O movimento pregava, entre outras coisas, a abolição da concentração para

os jogadores casados, o direito de fumar e de tomar bebidas alcoólicas em público, a liberdade de expressar opiniões políticas e a prática de tomar em conjunto as decisões referentes ao time, envolvendo atletas, funcionários e dirigentes por meio de votos com pesos iguais.[296]

Mas não era só isso que se submetia à votação. Com a palavra, Sócrates:

> Tudo o que dizia respeito ao grupo ia a voto. Se fosse colocado na mesa "tal companheiro deve ou não sair do grupo?", a gente votava. Tudo era votado sem nenhuma máscara. Se fosse determinada a saída de alguém, a pessoa sairia. A diretoria cuidaria dos detalhes burocráticos da transferência. Isso também acontecia com as contratações. Para contratar um jogador novo, a diretoria geralmente apresentava uma lista com três nomes e nós escolhíamos.[297]

Opa! Decidir onde se concentrar é uma coisa. Decidir a saída de um companheiro de time é algo totalmente diferente. Trata-se de uma atitude que suscita uma série de questionamentos éticos. Em seu livro *A Democracia Corinthiana*, José Paulo Florenzano, apesar de ser um defensor do movimento, não deixa de fazer o que ele mesmo chama de "indagações cruciais":

> Através de qual procedimento o coletivo de atletas determinava a saída de alguém do elenco? Dar-se-ia o direito de defesa a esse atleta ou, sem a sua presença, o grupo lhe apresentaria o veredicto? Mais ainda: quais os motivos responsáveis pela dispensa de algum companheiro: insuficiência técnica nas partidas, incompatibilidade política com o movimento, inimizade pessoal com os líderes? [298]

A democracia estava implicitamente sujeita ao primeiro mandamento da revolução dos bichos, do romance de Orwell: todos os animais são iguais. Mas alguns animais são mais iguais do que outros.[299]

A Democracia perseguia quem discordava dela

Com a eliminação precoce no Paulista de 1981, o Corinthians foi disputar o Troféu Feira de Hidalgo, na cidade de Pachuca, no México. O time ficou com o título e disputou mais partidas na Guatemala e em Curaçao. O lado negro da

Democracia Corintiana começava a entrar em ação. O elenco decidiu que alguns jogadores deveriam deixar a equipe. Wladimir, o lateral-esquerdo daquele time, recorda:

> Nessa excursão, nós percebemos duas pessoas extremamente individualistas, que eram o Rafael [Cammarota, campeão brasileiro pelo Coritiba em 1985] e o Paulo César Caju. O Rafael às vezes achava que tinha que ganhar a posição no grito, porque era um goleiro bonito, alto, experiente. O reserva dele era o César, que era baixinho, feio, preto. O Paulo César Caju também pensava só nele, se achava o bambambã, campeão do mundo, essa coisa toda.[300]

Rafael e Paulo César Caju foram afastados do elenco meses depois. Ali, a Democracia Corintiana começou a demonstrar sua face pouco democrática.

Para Rafael, sua ruína foi ter apoiado publicamente o ex-presidente Vicente Matheus. Por isso o grupo não levou em conta as más condições físicas do titular César nas semifinais do Brasileiro de 1982 contra o Grêmio, sob o argumento (que seria repetido um ano depois, contra Leão) de que Rafael poderia entregar o jogo para prejudicar o movimento. O ex-goleiro relembra: "A Democracia era boa para três, para o resto não era, porque quem resolvia eram os três: o **Magrão**, o Adílson e o Wladimir. O Casa era o escudeiro, porque estava começando. Tudo era resolvido entre eles, eles não traziam nada para nós. Quando vinha para a gente já vinha resolvido, já vinha feito. Que porra de democracia era essa?".[301] Adílson teria lhe dito: "Sua indisciplina não foi técnica, nem física. A sua indisciplina foi ter falado que preferia o tempo do Matheus".

> **Casagrande, Sócrates** e Wladimir tinham ficha no Dops, órgão de controle do regime militar para monitorar potenciais ameaças ao estado. Em 1982, Casão chegou a ser preso acusado de porte de droga, mas logo foi liberado.

Rafael estava afastado do elenco, sem contrato e sem poder jogar. Sócrates apresentou uma proposta humilhante para reintegrá-lo ao grupo: "O Magrão veio conversar comigo, que eles iam fazer uma reunião, para eu pedir desculpas para o Adílson. Eu não vou pedir desculpas de uma coisa que eu não estou errado, pô!".[302] Rafael acabou emprestado para o Atlético Paranaense.

Leão foi ameaçado pela democracia

Na ânsia por montar um supertime, Adílson Monteiro Alves, um dos cabeças da Democracia Corintiana, contrariou seus próprios princípios na hora de contratar Leão. Evidenciando o fato de que, na verdade, a Democracia sempre foi um movimento no qual poucos realmente comandavam, consultou apenas Sócrates, Wladimir, Zé Maria, o técnico Mário Travaglini e o preparador físico Hélio Maffia antes de trazer o já consagrado goleiro. Até **Casagrande** ficou de fora. Revoltado, o atacante passou semanas sem dirigir a palavra ao goleiro. A revista *Placar*, que apoiava o movimento desde o início, teve de se contradizer e chamar de antidemocrática a crítica dos jogadores à maneira como a direção do clube contratou Leão.

> **Apaixonado por** Mônica, com quem se casaria mais tarde, Casagrande não queria embarcar para uma excursão que o Corinthians faria por Japão, Hong Kong, Indonésia e Tailândia. Insistiu tanto que conseguiu levar sua demanda à votação perante o grupo. A maioria, no entanto, decidiu não liberá-lo do tour pela Ásia. Ele ainda conseguiu colocar sua dispensa mais duas vezes em votação, sempre com o mesmo resultado. Somente quando Eduardo contou que fez a mesma excursão pelo Cruzeiro, quando seu pai morreu, ele aceitou embarcar.

Por bater de frente com os líderes do movimento, Leão não teve vida fácil. Em depoimento a Ricardo Gozzi, autor do livro *Democracia Corintiana: A Utopia em Jogo*, pessoas próximas ao elenco contaram, sob a condição de anonimato, que Leão foi pressionado e ameaçado pela diretoria do Corinthians caso o time não se classificasse para as finais do Campeonato Paulista de 1983.

> “No hotel, houve uma reunião entre os jogadores, comissão técnica e diretoria antes de o time sair para o Morumbi”, disse uma fonte.
> Na reunião, foram tratados problemas de relacionamento no elenco. De acordo com a fonte, em um determinado momento, Sócrates pediu a palavra e acusou Leão de ser o responsável direto pela desunião no grupo devido ao seu estilo individualista. A maior parte do grupo concordou. Leão também expôs seus argumentos.
> “Em seguida, o Adílson virou para o Leão e disse o seguinte: ‘Se você tomar um gol e o Corinthians perder a vaga na final, todos nós vamos até a imprensa depois do jogo dizer que você entregou o ouro’”, relatou a fonte.[303]

Nenhum jogador da época jamais confirmou a ameaça. Afirmam apenas a existência de uma reunião para “lavar a roupa suja”. Leão também nega o conteúdo da reunião. “Não existe isso. Primeiro que não ia ter peito para falar isso comigo. E se falasse eu nem jogaria. Só para você saber quem eu sou. O que existiu foi que o Adílson estava com medo de perder o jogo e usou táticas

de provocação com os atletas. Eu disse: não transfira seu medo para os atletas. Foi só isso, nada mais do que isso."[304]

Bem, Leão não entregou o jogo, muito pelo contrário. Ele foi tão bem na semifinal contra o Palmeiras que fez seus desafetos reconhecerem sua importância. "Ele pode até ter atrapalhado nos bastidores, mas ajudou muito no campo. Se não fossem as defesas dele, por exemplo, nas semifinais do Paulistão de 1983, contra o Palmeiras, dificilmente teríamos chegado à final contra o São Paulo e conquistado o título", disse Casagrande.[305]

No entanto, mesmo com um desempenho excepcional debaixo das traves, Leão foi demitido do clube da mesma maneira como foi contratado: sem nenhuma consulta ao elenco, o que o motivou a dizer que a Democracia Corintiana "não existiu".[306]

A democracia virou aristocracia

Desde o segundo semestre de 1983, o Corinthians passou a entrar em campo com um chuveiro estampado na parte da frente do uniforme e o nome Corona nas costas. De acordo com Ataliba, somente alguns atletas eram beneficiados: "A gente usava a propaganda; só quem recebia era o Sócrates, o Wladimir, o Biro (acho que recebia) e o Casagrande. Eu não recebia, o Vagner não recebia, o Mauro não recebia".[307]

Ataliba também foi vítima de uma decisão tomada por um "colegiado" que decidiu barrá-lo na fase final do Campeonato Brasileiro de 1984. Em detrimento de uma formação mais ofensiva, com Ataliba na ponta-direita, Eduardo foi escalado como o quarto homem de meio-campo. A decisão não teria partido de Jorge Vieira, o técnico daquela equipe, mas dos líderes do elenco. Antes do jogo, no Morumbi, o jogador e o técnico teriam travado o seguinte diálogo, como conta Ataliba: "No treino, antes do jogo, vem ele e põe a mão no ombro. Eu falei: 'Ê, traíra'. Falei: 'Já sei, né, meu. Já estou fora'. Mas foi o Sócrates, o Wladimir e outros mais que acharam melhor jogar o Eduardo".[308]

293 José Paulo Florenzano, A Democracia Corinthiana: Práticas de Liberdade no Futebol Brasileiro, Fapesp/Educ, 2009, página 180.

294 Idem.

295 Sócrates Oliveira e Ricardo Gozzi, Democracia Corintiana: A Utopia em Jogo, Boitempo, 2002, páginas 67 e 68.

296 Walter Casagrande Jr. e Gilvan Ribeiro, Casagrande e Seus Demônios, Globo, posição 1.156 de 2.933 (edição Kindle).

297 Sócrates Oliveira e Ricardo Gozzi, página 119.

298 José Paulo Florenzano, página 363.

299 George Orwell, A Revolução dos Bichos, Fonte Digital, 2000, página 135.

300 Sócrates Oliveira e Ricardo Gozzi, página 63.

301 José Paulo Florenzano, página 211.

302 José Paulo Florenzano, página 212.

303 Sócrates Oliveira e Ricardo Gozzi, página 114.

304 Em entrevista aos autores deste livro.

305 Sócrates Oliveira e Ricardo Gozzi, página 114.

306 Em entrevista aos autores deste livro.

307 José Paulo Florenzano, página 430.

308 José Paulo Florenzano, página 460.

DEMOCRATAS
CORINTIANOS
NA POLÍTICA

Depois de um encontro no qual o recém-empossado diretor de futebol do Corinthians, Adílson Monteiro Alves, convidara Washington Olivetto para ser vice-presidente de marketing do alvinegro, o publicitário aceitou sob as seguintes condições: "Olha, Adílson, da mesma maneira que só trabalho com iniciativa privada, não faço campanhas políticas nem aceito contas de governo, eu só trabalharei para o Corinthians se for de graça. Não quero dar a impressão de que estou me aproveitando do meu clube. E tem que ficar acertado que nenhuma das pessoas envolvidas no projeto vai tirar proveito eleitoral disso".[309]

Adílson concordou na hora. Mas a segunda condição foi totalmente esquecida. O próprio Adílson concorreria e venceria a disputa por uma cadeira de deputado estadual em 1986 pelo PMDB. O lateral-direito Zé Maria, outro líder da Democracia Corintiana, se elegeria vereador em São Paulo em 1984, também pelo PMDB. Biro-Biro chegou a se eleger vereador em 1988 pelo PDS de Paulo Maluf, em São Paulo, mas não era um dos líderes do movimento.

No livro *A Democracia Corinthiana*, José Paulo Florenzano afirma que Sócrates admite a existência do episódio, em termos diversos. Ao relatá-lo, o autor diz que:

> neste caso específico, o movimento democrático assumia as feições de uma Aristocracia Corintiana cujo funcionamento, além do círculo mais abrangente de discussão formado pelos titulares e reservas, roupeiros e massagistas, dirigentes e membros da comissão técnica, contava com uma instância de poder representada por uma assembleia mais seleta composta pelos melhores ou, como lhe chamava Adílson Monteiro, por uma vanguarda.[310]

A democracia era filha de Olivetto, Glorinha Kalil e Juca Kfouri

Desde o começo, a Democracia Corintiana foi um movimento-fetiche, adotado por jornalistas e publicitários que gostariam de ver suas próprias utopias e ideologias representadas nos jogadores de futebol. Para simbolizar os anseios desses profissionais da comunicação, ninguém melhor que Sócrates, jogador de uma família de classe média, que frequentou as escolas mais tradicionais de Ribeirão Preto. Biro-Biro, que nasceu nas palafitas do Recife e passou a infância vendendo balas para sobreviver, não tinha o mesmo apelo para a classe jornalística. Tanto que ele nunca se deixou levar pela Democracia Corintiana.

"A ideia era tirar o atleta da cultura do puteiro e inseri-lo na cultura do rock'n'roll, do encontro com gente da mesma faixa etária", afirmou o publicitário Washington Olivetto. "A partir disso surgiram aquelas ideias da Rita Lee com a camisa do Corinthians em shows no Ibirapuera, o Sócrates e o Casagrande dançando com ela no palco."[311]

Olivetto ainda montou um conselho diretor de marketing com corintianos notáveis, como Glorinha Kalil, "por causa da conotação de moda".

O próprio nome do movimento nasceu fora do meio futebolístico. A expressão "democracia corintiana" surgiu numa palestra no Tuca, teatro da PUC, com participação de Washington Olivetto, Sócrates, Adílson Monteiro Alves e Juca Kfouri. No fim do debate, Kfouri disse: "Isso que vocês estão fazendo é, no fundo, uma democracia corintiana". Olivetto anotou e

transformou a expressão no nome do movimento.

A saída de Sócrates rumo à Itália ajudou a acabar com o movimento, assim como a derrota de Adílson Monteiro Alves para Roberto Pasqua nas eleições de 1985. Mas um movimento que aposta em shows de Rita Lee e Glorinha Kalil para combater puteiros parece fadado ao fracasso de um jeito ou de outro.

309 Fernando Morais, Na Toca dos Leões, Planeta, 2005, página 220.

310 José Paulo Florenzano, página 461.

311 Sócrates Oliveira e Ricardo Gozzi, página 85.





PELÉ X MARADONA

DEZ MITOS SOBRE PELÉ E MARADONA (E TRÊS VERDADES SOBRE MESSI)

O mundo do futebol discute, há quase três décadas, se o melhor jogador da história foi Pelé ou Maradona. Os argumentos de defesa se repetem nos dois lados. Para o brasileiro, contam três Copas do Mundo e dois Mundiais de Clubes, mais de mil gols e o reconhecimento como Atleta do Século. Para o argentino, um título mundial carregando a seleção argentina nas costas, um vice na mesma condição e a consagração com um pequeno clube da Itália no momento em que ali se jogava o campeonato mais difícil do mundo. A partir de 2008, Lionel Messi entrou na disputa. Primeiro para desbancar Maradona como maior jogador argentino – o último argumento dos maradonistas é a vantagem de El Diez em Copas do Mundo: 1 a 0. Messi, por sua vez, enfileirou cinco prêmios seguidos de melhor do mundo e construiu no Barcelona uma das maiores dinastias da história do futebol.

As três mais notáveis biografias do futebol estão cheias de exageros e omissões convenientes. Para mostrar que o magnetismo de Pelé estava acima do simples jogo, são propagadas histórias como a de que uma guerra parou só para vê-lo em ação, ou que o público de um estádio exigiu a volta do Rei e a substituição do árbitro que lhe expulsara de campo. Se Maradona é um notório antissistema, alimentam-se lendas como a de que a ditadura argentina não o deixou ser campeão dentro de casa ou que seus casos de doping foram fruto de conspirações dos italianos e da Fifa. Se Lionel Messi teve um problema de crescimento na infância, isso é transformado em uma doença mais grave, que levou os pais zelosos a jogar tudo para o alto e se mudar para a Europa somente em busca de tratamento. Não é bem assim. Pelé, Maradona e Messi são geniais. Mas feitos de carne e osso como todo mundo.

Mito 1: a contagem de gols de Pelé é a única confiável

Quando Romário e Túlio começaram a fazer contas para atingir o milésimo gol, a imprensa passou a caçar furos nas duas relações. Qualquer gol em categorias de base, amistosos obscuros ou por equipes não oficiais era desqualificado. As menções ao gol mil de Romário e Túlio ganharam o complemento "segundo as contas do jogador", e a lista de **1.282 gols** de Pelé virou um exemplo de levantamento confiável. A verdade é que até Pelé merece um "segundo as contas do jogador" ao lado da sua marca.

> **O próprio Pelé aderiu** a uma nova conta, após revisão de um historiador. Hoje, o Rei se considera autor de 1.283 gols e até lançou livro com esse nome. Para a Fifa, porém, são 1.282 e ponto-final.

Sim, Pelé passou dos mil gols com folga – mas por uma margem menor, se for aplicado o mínimo de rigor à compilação de gols. Pelé tem 23 gols por equipes ou seleções formadas apenas para torneios curtos ou amistosos. Enquanto foi militar, em 1959, jogou pelo time da Guarda Costeira e pela seleção das Forças Armadas brasileiras. Foram dez gols pelo 6.º GAC e outros três com os militares. Os adversários também estavam distantes do profissionalismo. Pelé fez três gols contra os estivadores das docas de Santos, em uma goleada por 9 a 0. Contra a seleção naval, mais três, dessa vez vestindo a farda das Forças Armadas, em uma vitória por 6 a 1.

Pelé ainda marcou seis gols por um combinado de jogadores de Santos e Vasco formado para disputar três amistosos em 1957. Outro catadão permitiu ao Rei engordar sua conta com mais três gols, em dois amistosos entre os sindicatos de jogadores de São Paulo e do Rio de Janeiro. As duas partidas aconteceram em 1961 e 1962, uma em cada cidade, para arrecadar dinheiro para as entidades.

O maior artilheiro da história do futebol anotou seu último gol em um jogo de fazer inveja às listas de Túlio Maravilha e Romário. Mais de cinco anos depois de parar de jogar e sem treinar havia quatro meses, Pelé entrou em campo no estádio Serra Dourada, em Goiânia, para uma partida beneficente entre as seleções do Sul e do Sudeste. A finalidade era arrecadar dinheiro para as vítimas das chuvas. Pelé dividiu espaço no ataque com Zico e fez o gol da sua equipe na derrota por 2 a 1. O gol 1.282 da sua carreira.[312]

Se for aplicado o filtro dos jogos oficiais, a lista de Pelé reduz-se ainda mais. Fica abaixo dos mil e tira o Rei do topo da artilharia mundial. Em 2007, a revista *Placar* publicou um levantamento de gols de Pelé e Romário apenas em partidas profissionais e válidas por algum campeonato. O Rei levava vantagem: 720 a 716.[313] O Baixinho ainda estava em atividade quando a revista foi publicada, o que lhe permitiu empatar com Pelé antes de deixar os gramados.

Em 2012, a revista argentina *El Gráfico* fez um levantamento com critério similar, mas chegou a um resultado ainda pior. Romário era o líder folgado da relação, com 768 gols. Em segundo, um austríaco, **Josef Bican**, com 759 gols. Pelé ficou em terceiro, com 757 bolas na rede.[314]

> **Bican nasceu em** 1913 e foi um dos grandes nomes da forte seleção austríaca da década de 1930, equipe cuja história foi interrompida quando a Alemanha de Hitler anexou o país. Artilheiro em um tempo em que não havia controle rigoroso sobre os gols marcados, Bican alimentava a lenda de ter balançado a rede mais de 5 mil vezes. Marca que ele tratou de vender em 1969, quando a imprensa europeia foi entrevistá-lo sobre o milésimo gol de Pelé: "Você acreditaria se eu dissesse que fiz cinco vezes mais gols do que ele?", perguntava, em tom de brincadeira.

Então, da próxima vez que você vir a espetacular lista de gols de Pelé, não se esqueça de acrescentar a observação "segundo as contas do jogador".

Mito 2: os militares não deixaram Maradona ser campeão em 78

As ditaduras militares da Argentina e do Brasil têm uma história esportiva em comum. Ambas estavam em andamento quando suas seleções venceram a Copa do Mundo e tinham no elenco um jogador supostamente convocado por ordem do regime. Na seleção brasileira de 70, Dario. Na seleção argentina de 78, Norberto Alonso. Na convocação do queridinho do general Jorge Videla, ainda havia o "bônus" de deixar fora do campeonato Diego Maradona, a revelação de 17 anos do Argentinos Juniors, naquele que seria o primeiro episódio em que a junta militar que governava o país atrasaria a carreira de El Pibe. Uma teoria tão furada quanto a suposta ordem para Zagallo convocar Dario.

Alonso era ídolo do River Plate, o maior clube do país ao lado do Boca

Juniors e dono do Monumental de Núñez, estádio da final e dos três jogos argentinos na primeira fase. Pela teoria conspiratória, ter o craque do dono da casa seria uma certeza maior de apoio irrestrito à seleção argentina. Um pedido que o contra-almirante Carlos Alberto Lacoste, vice-presidente da Associação de Futebol da Argentina (AFA), teria feito diretamente ao técnico César Luís Menotti.

O jornalista Carlos Ares, que na época do Mundial era editor da revista argentina *El Gráfico*, conta: "A pressão existiu, mas não era direta. Também havia a pressão da imprensa; todos diziam que Alonso estava bem. Conversas do tipo 'convença as pessoas a pôr Alonso no time para que o público não proteste e se evite um conflito'".[315] Os jornalistas diziam que Alonso estava bem porque era verdade. Ele estava na seleção havia cinco anos e, no semestre anterior à Copa, tinha marcado 14 gols em 12 jogos.

Também é ingênuo imaginar César Luís Menotti dizendo sim a um pedido – direto ou indireto – da junta militar. O técnico da seleção argentina era contra o regime. Tirou uma médica de um convento, onde era torturada, e a abrigou em sua casa.[316] Qualquer insinuação de escalação forçada provavelmente receberia resposta como a de João Saldanha diante da admiração do presidente Médici por Dario: "Ele escala o ministério, eu escalo a seleção".

Maradona era o mais jovem para uma posição em que a Argentina tinha muitas **opções**. Além de Alonso, havia Kempes, Villa, Valencia e Larrosa. "Evidentemente, Menotti confiava mais na experiência dos jogadores disponíveis. Ele tinha de escolher e escolheu", disse o jornalista Guillermo Blanco, da revista *El Gráfico*.[317] A única pressão que preocupava Menotti era a da arquibancada. Com Maradona no banco, uma atuação ruim da equipe reverteria em pedidos pela entrada do garoto-prodígio. "A equipe não funcionou bem nas primeiras partidas, então a pressão por Maradona seria muito forte. O time de Menotti tinha uma atitude coletiva, e a exclusão de Maradona acabou sendo não apenas uma questão técnica, mas de proteção", opina o jornalista Ezequiel Fernández Moores, do jornal *La Nación*.[318] Essa proteção obviamente irritou Maradona, mas ele se voltou somente contra Menotti, não contra o regime. O craque argentino não tinha motivos para reclamar do governo. Em 1979, uma intervenção direta dos militares lhe permitiu conquistar o primeiro título com a seleção de seu país: o Mundial Sub-20.

Se Maradona tivesse vencido a disputa com Alonso, não usaria a camisa 10 com a qual jogou as quatro Copas seguintes. Em 78, a numeração da equipe de César Luís Menotti era definida

por ordem alfabética. Alonso vestiu a 1, enquanto o goleiro Ubaldo Fillol usou a 5 e a 10 foi do artilheiro Mario Kempes. Se estivesse na lista, Maradona seria o número 14, e a camisa 10 acabaria com Daniel Killer, um zagueiro.

Maradona, além de outros cinco jogadores, deveria se apresentar para o serviço militar obrigatório. Apareceu no quartel apenas uma vez, para elevar o moral da tropa. “A nação precisa de você, da sua juventude, de quem dá exemplo no mundo do esporte e assume a responsabilidade de um duro trabalho e grande esforço. Você, jovem, pode e deve converter-se nesse exemplo. Pode, por sua popularidade, e deve fazê-lo porque seu status de figura pública abrange a responsabilidade de ser um bom exemplo”, determinou a junta militar, ao explicar a liberação de Maradona para o campeonato.[319]

Maradona cumpriu a obrigação de ser exemplo. Comandou a seleção argentina no título mundial júnior e abriu o caminho que o levaria ao Barcelona, em 1982. E contou com mais uma ajuda dos militares. Manter o craque na Argentina virou questão de honra. Enquanto o público gritava nas arquibancadas “Maradona não se vende/ Maradona não se vai/ Maradona é argentino/ patrimônio nacional”,[320] a mídia pressionava para que o governo não deixasse o ídolo ser negociado com um clube estrangeiro. Julio Grondona, presidente da AFA (a CBF argentina), chegou a anunciar que a transferência seria vetada. “Isso é um atentado contra os direitos e liberdades garantidos pela Constituição Nacional”, disse o contra-almirante Lacoste, com a ironia típica dos tiranos.[321]

Mito 3: “Pelé calado é um poeta”

Essa é uma das frases mais marcantes e inspiradas de Romário. Foi dita na praia, após uma partida de futebol de areia, em resposta a um conselho de Pelé para que o Baixinho se aposentasse.[322] Nem mesmo Pelé tem o direito de sair por aí dizendo o que alguém deve fazer da própria vida e, sejamos sinceros, o Rei coleciona **previsões furadas**, especialmente em época de Copa do Mundo. No entanto, é exagero qualificar como besteirol todas as palavras de Pelé. No que diz respeito aos direitos dos jogadores, suas opiniões sempre foram gols de placa.

A Colômbia foi uma das seleções abençoadas pela poesia de Pelé. Em 1994, o Rei considerou

> a equipe sul-americana favorita no Mundial dos Estados Unidos. Os colombianos foram eliminados ainda na primeira fase e tiveram seu zagueiro Andrés Escobar assassinado em Medellín, com o torneio ainda em andamento. Diante da ótima geração formada para a Copa de 2014, torcedores colombianos lançaram na internet a campanha “Pelé, ¡Colombia no!”. Um apelo para o ex-jogador não repetir a previsão de 94.

Em 1968, um ano antes de marcar o milésimo gol da carreira, Pelé deu uma declaração que, até hoje, é rara para um jogador brasileiro. Ao definir a situação dos atletas do país, disse que “o jogador é um escravo”.[323] A referência se devia ao vínculo contratual com os clubes. Estipulado em 1932, quando o processo de profissionalização do futebol brasileiro teve início, o passe transformava o atleta em uma propriedade do clube. Só seria possível mudar de emprego com a anuência do patrão. O presidente do time tinha o poder de deixar o jogador encostado enquanto não aceitasse os termos de renovação de contrato.

A relação de propriedade criava um clima em que os jogadores aceitavam sacrifícios clínicos para não deixar seu patrão na mão. É o caso das infiltrações (injeções de anestésico aplicadas em algum músculo, tendão ou ligamento machucado). Sem sentir dor, é possível jogar. O próprio Pelé defendeu a prática:

> Eu mesmo, na Copa do Mundo de 66, supliquei ao Dr. Hilton Gosling que me injetasse para eu poder voltar a campo no jogo contra Portugal. Queria mesmo continuar a jogar e ajudar o Brasil. Não aconselho ninguém a tomar, mas se souber que algum jogador deixou que o injetassem, não vou recriminá-lo antes de saber o motivo.[324]

As declarações de Pelé chamaram a atenção para a relação profissional entre jogadores e clubes no Brasil. “O jogador é um escravo” batizou uma série de reportagens ganhadora do Prêmio Esso de 1969, escritas por Michel Laurence, José Maria de Aquino e Luciano Ornellas. Pouco depois, Afonsinho, um dos principais craques do Botafogo, levantou-se contra a resistência do time carioca à sua transferência para o Santos e entrou na Justiça para conquistar o direito de mudar de equipe.

Como ministro extraordinário do Esporte, entre 1995 e 1998, Pelé voltaria a bater forte no regime de escravidão do futebol brasileiro. Nesse período, aprovou a lei que rompeu o modelo de vínculo contratual. Qualquer jogador poderia trocar de time mediante pagamento de multa. Ao fim do contrato, o jogador passaria a ser livre para assinar com quem bem entendesse. A lei

recebeu o nome de Pelé, o primeiro a se opor seriamente à relação de trabalho no futebol e o responsável por aprovar o texto enviado ao Congresso. O Pelé jogador era um poeta dentro e fora de campo.

Mito 4: Maradona é comunista

Maradona carrega no braço direito uma tatuagem do rosto de Ernesto Che Guevara. Na lateral da perna esquerda, a figura retratada é a de Fidel Castro. "Meus heróis são Fidel e Che", disse.[325] A admiração de Maradona é resultado do tratamento médico que ele fez em Cuba, no início da década de 2000, para deixar as drogas. Foram dois anos na ilha, que lhe renderam um passaporte cubano dado por Fidel. Quando voltou à Argentina, passou a exaltar, sempre que possível, a medicina implantada por Che Guevara no país comandado por Fidel.[326]

A prática diária de Maradona, porém, tem pouco a ver com o comunismo. O ídolo argentino é um capitalista como poucos, aberto a todo tipo de moeda. Suas entrevistas e aparições são sempre feitas mediante pagamento de cachê, "pois preciso recuperar tudo o que perdi", costuma dizer.

Maradona abraçou vigorosamente o capitalismo em 2005, graças ao convite do diretor artístico do Canal 13, Adrián Suar, para que o ex-craque tivesse seu próprio programa de televisão. **La Noche del 10**, uma mistura de *talk show* e programa de auditório, durou 13 semanas. Com uma produção de 260 pessoas, 14 câmeras, *videowall*, 20 bailarinas e convidados ilustres do mundo todo, chegou a dar 40 pontos de audiência nas concorridas noites de segunda-feira.[327]

> **O programa de** Maradona reuniu uma seleção mundial de craques. Pelé, Zidane, Messi, Francescoli e o ex-goleiro Goycochea foram os boleiros mais famosos. De outras áreas, os nomes mais ilustres foram o ex-boxeador Mike Tyson, a cantora mexicana Thalía, o cantor inglês Robbie Williams e o ator mexicano Roberto Gómez Bolaño (o Chaves). Ainda houve uma entrevista com o próprio Maradona.

A partir dali, toda aparição do ex-jogador passou a ser acompanhada de valores expressivos. Para falar a empresários sobre como superou os problemas da sua vida, 10 mil dólares. Para conceder uma entrevista à BBC, 70 mil dólares. Para vestir a camisa da seleção brasileira e cantar o hino do Brasil em

um comercial de refrigerante, 150 mil dólares. Para participar de um amistoso no Peru, 250 mil dólares. Para disputar um torneio de showbol no Chile, 500 mil dólares. Para comentar a Copa do Mundo de 2006 pela televisão, 600 mil dólares.[328]

Motor desse enriquecimento glorioso, *La Noche del 10* também forrou os bolsos de Maradona. Cada segundo de comercial do programa custava 700 dólares – e, quando ele decidiu não renovar o contrato para a segunda temporada, tinha na mesa uma proposta de 7 milhões de dólares por ano.[329] A última edição do show maradoniano pôs Fidel Castro sentado diante do apresentador. Uma simbólica reunião entre dois comunistas exercendo o capitalismo em seu estado mais puro.

Mito 5: Pelé parou uma guerra na África

A Guerra Civil da Nigéria durou dois anos e meio, entre julho de 1967 e janeiro de 1970, e opôs as etnias hausa, do norte do país, e igbo, do sudeste. A depender da fonte da informação, matou de 1 a 3 milhões de civis, seja pela violência do conflito, seja pela fome. Na época, imagens de crianças sofrendo de desnutrição severa correram o mundo. Apesar de tudo isso, reza a lenda que, no início de 1969, houve uma trégua no sangrento conflito. Por décadas, a história que se espalhou é a de que a simples presença de Pelé sensibilizou os combatentes de ambos os lados a ponto de fazê-los abandonar as armas durante o período em que o Rei do Futebol esteve no país. Uma história linda. E tão real quanto dizer que Pelé marcou um gol do meio-campo contra a Tchecoslováquia na Copa de 70.

A guerra não parou enquanto Pelé estava na Nigéria, excursionando com o time do Santos, vindo de Brazzaville, no Congo. Na verdade, o governo nigeriano tratou de reforçar o aparato militar e policial para que houvesse segurança total em Lagos, a maior cidade do país, enquanto o Santos estivesse por lá. “Os nigerianos tomaram providências para que Biafra não invadisse Lagos enquanto estávamos lá. Havia uma presença militar maciça nas ruas, e fomos escoltados por exército e polícia”, recorda Pelé em sua autobiografia.[330]

Mito 6: Maradona queria vencer os ingleses para vingar a Guerra das Malvinas

Argentina e Inglaterra fizeram o grande jogo da Copa do Mundo de 86, no México. Dois países que jogavam pelo bicampeonato disputavam uma vaga na semifinal. Maradona fez dois gols antológicos – um com a mão, outro driblando metade do time inglês. E, acima de tudo, era o primeiro encontro entre os dois países desde o fim da Guerra das Malvinas, em junho de 1982. Iniciado em abril do mesmo ano, o rápido conflito matou 649 argentinos, 255 britânicos e deixou uma **ferida** que ainda sangrava quando as duas equipes se enfrentaram no estádio Azteca, no dia 22 de junho de 1986. Em sua autobiografia, Maradona escreveu:

> **Oswaldo Ardilles era** o jogador argentino com mais motivos para querer que a partida contra os ingleses fosse uma guerra. Titular em 78 e 82, mas ausente em 86, Ardilles teve um primo morto em combate durante a Guerra das Malvinas. Na época, ele defendia o Tottenham Hotspur, de Londres, e sempre que pegava na bola ouvia torcedores dos dois times envolvidos na partida gritar: “Inglaterra! Inglaterra! Inglaterra!”.

> Era ganhar de um país, não de uma equipe de futebol. Mesmo que antes da partida disséssemos que o futebol nada tinha com a Guerra das Malvinas, sabíamos que haviam matado nossos meninos argentinos como matam passarinhos. Então era uma revanche, era recuperar algo das Malvinas. Não fazíamos outra coisa senão pensar nisso. O caralho que ia ser só mais uma partida.[331]

A seleção argentina adotou um discurso pré-jogo capaz de emocionar qualquer adepto do *media training*. Por mais que alguns políticos argentinos defendessem que a seleção abandonasse a Copa em protesto, a separação completa entre jogo e guerra era uma postura de estado, manifestada por meio de um telegrama do presidente Raúl Alfonsín, que pedia tranquilidade aos jogadores.[332]

Jorge Valdano, um dos craques do time e autor do gol do título daquele Mundial, foi mais direto ainda:

> Esta será uma partida ideal para que os idiotas se confundam. O jogo tem suficientes elementos para que valha por si próprio, não é necessário colocar nele elementos de conflito. A mistura entre a política e o esporte é permanente, mas a política não está dentro de um campo. No campo, somos

homens com a missão de jogar. É uma oportunidade excelente para dar uma lição ao mundo.[333]

O discurso foi levado adiante depois do jogo. Mesmo classificada, a seleção argentina se recusava a transformar a vitória em uma vingança de guerra. Dos jornais argentinos, apenas o *Crónica* lembrou o confronto, com a manchete "Malvinas 2 × 1 ingleses". Maradona preferiu saborear seus dois gols a politizar a vitória. "Nos preocupamos exclusivamente em jogar futebol e nunca encaramos a partida do ponto de vista político", disse, antes mesmo de ser perguntado sobre o assunto.[334]

Se, antes de a bola rolar, esconder o sentimento de vingança da partida poderia ser visto como uma estratégia para não estimular o adversário, por que sustentar o discurso depois do apito final? Diante das cicatrizes deixadas pelo conflito nas ilhas Falkland, seria possível controlar esse sentimento em um grupo todo? Maradona moldou seu discurso ao que era conveniente. Mesmo que ele tivesse em mente usar o jogo como revanche, falar antes seria assumir um risco. Se a Argentina perdesse para a Inglaterra, a eliminação significaria um segundo fracasso das Malvinas.

No entanto, Maradona realmente não via o jogo como uma extensão do campo de batalha. A teoria da vingança apareceu somente em 1996, na revista *El Gráfico*, em uma edição comemorativa dos dez anos do título mundial argentino. Desde então, ele alimenta essa versão sempre que pode. Um jogo com um gol de mão e outro driblando meio time adversário era a plataforma perfeita para criar mais um mito ligado ao ex-craque argentino.

Mito 7: a pressão popular anulou a expulsão de Pelé na Colômbia

Pelé tem uma façanha em seu currículo: foi o único jogador da história do futebol que teve uma expulsão supostamente revertida pela pressão da torcida. Como se não bastasse, o árbitro da partida teve de ser substituído por causa da impopularidade de seu ato. Isso aconteceu em 1968, no estádio Nemésio Camacho, conhecido como El Campín, em Bogotá, na Colômbia, quando o Santos enfrentava a seleção olímpica colombiana. Ainda no primeiro tempo, quando o jogo estava empatado em 2 a 2, Pelé tentou cavar um pênalti, e o

árbitro Guillermo “Chato” Velásquez (Chato por causa do seu nariz achatado) não marcou. Pelé não se conformou e saiu xingando Velásquez sem parar. Cartão vermelho.

Pelé deixou o gramado, mas seus companheiros de time, liderados pelo zagueiro argentino Ramos Delgado, cercaram o árbitro e o agrediram. Velásquez foi levado de maca para o vestiário, enquanto os 55 mil torcedores gritavam por Pelé. É nesse ponto que a lenda se desfaz. A real causa para a volta de Pelé a campo não foi o clamor popular, mas a exigência de Antonio Patiño Binazco, empresário que acertara a ida do Santos à Colômbia por 15 mil dólares.[335]

Segundo depoimento de Velásquez e também do ex-árbitro Antônio Chávez, que estava no estádio, o empresário e dois diretores da Federação Colombiana de Futebol foram ao vestiário e obrigaram o bandeirinha Omar Delgado a apitar a partida e “esquecer” a expulsão de Pelé. Tudo foi tão improvisado que o bandeirinha substituto era, na verdade, um árbitro que estava no estádio. O chileno Mario Ceneza entrou no campo de terno e gravata, já que não havia mais uniforme disponível. O jogo terminou com o placar de 4 a 2 para o Santos.

Mito 8: Maradona foi vítima de perseguição nos casos de doping

Outro mito que Maradona gosta de alimentar: o de ter sido vítima de armação nos dois mais famosos casos de doping da sua carreira – as suspensões por uso de cocaína, em 1991, e por consumo de efedrina durante a Copa do Mundo dos Estados Unidos, em 1994.

Sete anos depois de deixar a Itália, Maradona voltou indignado ao país, em 1998, disposto a se agarrar à boia lançada pela Ansa – Agência de Notícias. O texto da empresa italiana, publicado por jornais do mundo inteiro, especulava sobre a possibilidade de a contraprova do exame de urina do jogador ser falsa. Uma indignação que ele demonstrou palavra por palavra, com um cachê de 450 mil dólares, em entrevista ao canal italiano RAI, diante de uma audiência de 13,5 milhões de pessoas. “Estamos à beira de descobrir os farsantes, aqueles que nunca chutaram uma bola e enganaram as pessoas. Aquela suspensão foi

uma vingança por causa da Copa de 90", reclamou.[336]

Maradona não precisava despender muito esforço para descobrir os farsantes. Era apenas questão de entrar em um banheiro e se olhar no espelho. O jogador era o craque do Napoli desde 1984. O pequeno time do sul da Itália se tornou um dos mais fortes do país a partir da chegada do argentino. Foram dois títulos italianos até a Copa de 90, um marco na relação entre El Diez e os italianos.

Desde o início, Maradona convocou os napolitanos a torcerem pela Argentina, em vez de pela Itália. Um pedido que resultou em um estádio com torcida dividida na semifinal entre as duas seleções, vencida pelos argentinos. A partir dali, o jogador passou a ser perseguido pela imprensa do norte da Itália e pediu para ir embora. Como não foi atendido, apelou para uma saída desesperada. "O presidente do Napoli, Corrado Ferlaini, havia prometido me negociar com o Olympique de Marselha, com um futebol mais tranquilo. E depois não cumpriu. Então desmoronei, me entreguei para a droga e **testei positivo**. Testei positivo quase de propósito", admitiu, em uma entrevista à revista *El Gráfico*.[337]

> **A suspensão por** cocaína em 1991 era o fim de um processo iniciado sete anos antes. Em 1984, quando acertou sua transferência do Barcelona para o Napoli, Maradona começou a consumir a droga. Foi em uma festa na sua casa, cercado de amigos e gente do futebol. "Tudo começou naquela noite. Foi uma festa que nunca terminava. Eram três, quatro, cinco da manhã e estavam todos acordados", contou Claudia Villafañe, mulher do ex-jogador.

O exame positivo deixou Maradona fora do futebol por 15 meses. No retorno, teve um inesperado apoio do presidente da Fifa, João Havelange, para acelerar sua recuperação. O chefe do futebol mundial estava preocupado com a Copa seguinte, nos Estados Unidos. As dificuldades de França e Inglaterra, eliminadas no classificatório, já haviam acendido o alerta para a entidade. Não ter um craque como Maradona em um torneio esvaziado pelo desinteresse natural do público americano era um risco que a Fifa não queria assumir. Então, Havelange tratou de encaminhar a transferência do argentino para o Sevilla.

Graças aos dois anos na Espanha, Maradona adquiriu ritmo para jogar o Mundial. Mas desfrutou pouco do torneio. Foram dois jogos, contra Grécia e Nigéria, nas únicas vitórias argentinas. Do segundo jogo saiu direto para o antidoping e, de lá, para fora do campeonato. Com o fim do torneio, Maradona encampou a ideia de que fora prejudicado a mando de Havelange. "Pensei que o rancor contra Maradona já havia passado, mas parece que não", reclamou.

“Vi o Maradona uma vez na vida. Não fiz nada a ele. Tratei com carinho, a distância. Suspenso, cheio de problemas, coloquei-o no Sevilla. Fiz o que podia por ele”, queixou-se Havelange.[338]

Mito 9: Pelé era um praticante do jogo 100% limpo

Pelé construiu a imagem de maior jogador da história com uma combinação única de gols, títulos e jogadas espetaculares. Mas também com alguma violência. De tanto apanhar nos gramados, Pelé aprendeu a bater. Entrar em uma dividida com o Rei exigia dos marcadores inteligência para não sair de campo na maca. “Fiquei triste com Pelé, porque não esperava que batesse até no rosto dos zagueiros portugueses [no jogo da Taça das Nações, em 1964]. Não se lembram das maldades dele, não é? Não se pode reclamar. Para levar vantagem, Pelé era muito violento às vezes”, relembrou Eusébio, o maior craque da história do futebol português.[339]

A virilidade excessiva de Pelé resultou em um dos jogos mais violentos da história das Copas. Portugal venceu o Brasil por 3 a 1, no Mundial de 66, na Inglaterra, com um rodízio de faltas sobre o camisa 10. Machucado desde a estreia contra a Bulgária, o craque mal conseguiu pegar na bola, e a seleção brasileira acabou eliminada.

O **jogo duro** de Pelé, aprimorado ao longo de 1.367 jogos, deixou dois adversários com a perna quebrada: o brasileiro Procópio e o alemão Gieseman. Duas divididas em que o Rei usou o corpo para se defender de um adversário que não soube como bater. Pelé resumiu:

> **O jogo de Maradona** também tinha seu lado sujo. Na final da Copa do Rei de 1983, o craque argentino entrou em uma pancadaria entre jogadores e comissão técnica de Barcelona e Athletic Bilbao. Com um soco, deixou Solá, jogador do Bilbao, desacordado. O troco veio na temporada seguinte. Andoni Goikoetxea, meio-campo bilbaíno, quebrou o tornozelo esquerdo de Maradona. Ao saber da contusão, Claudia Villafañe, mulher do craque argentino, desmaiou.

> Nunca tive medo e sempre joguei duro porque sabia que iam entrar duro contra mim. Nenhum jogador que se machucou comigo pode dizer que fui desleal. Já até falei com o Procópio porque

soube que ele deu uma declaração dizendo que foi uma jogada desleal. Falei que estou à disposição para ver o teipe e discutir o lance. Com o alemão, foi uma prensada de bola. Tanto que o juiz não deu nem falta. Contra quem jogava limpo comigo, eu jogava limpo. Contra quem vinha com deslealdade, eu me defendia.[340]

Mito 10: Maradona quis jogar no Santos

A notícia era tão surpreendente que logo de cara soou absurda: Maradona com a **camisa do Santos**. Para ser mais exato, Maradona com a camisa 10 do Santos, a que eternizou Pelé como o maior jogador de futebol da história. A mais espetacular transferência da história do futebol esteve a uma assinatura de ser concretizada, mas foi um negócio que nasceu para dar errado.

Maradona não vestiu a camisa do Santos, mas Pelé vestiu a do Boca Juniors. Em 1968, o Peixe foi à Argentina disputar um torneio amistoso. O título veio em um empate em 1 a 1 com o Boca, mas o grande "troféu" ficou para a torcida da casa. Pelé trocou de camisa com José Rattín e desfilou no centro do gramado da Bombonera com o uniforme azul e amarelo.

Em 1995, a segunda punição por doping de Maradona, imposta pelo uso de efedrina na Copa do Mundo do ano anterior, estava prestes a terminar. A busca por um novo clube ganhou um intermediário inesperado. Do seu gabinete na Casa Rosada, Carlos Menem, o presidente argentino, pegou o telefone e ligou para Pelé, ministro do Esporte no Brasil. Presentes na sala, estavam Maradona, sua esposa Claudia Villafañe, o empresário Guillermo Coppola e o secretário do presidente, Ramon Hernández. Todos ouviram Menem pedir a Pelé que o ajudasse a conseguir um time para Maradona treinar e jogar.[341]

Pelé levou o pedido a sério. Acionou Hélio Vianna e Celso Grellet, seus sócios na Pelé Sports & Marketing, para elaborar o Projeto Maradona. O próprio argentino viajou ao Rio de Janeiro para conhecer detalhes do plano, que consistia em um grupo de empresas adquirir cotas que bancassem a transferência para um clube brasileiro. "Seria maravilhoso jogar no Santos. Seria a sequência do Santos de Pelé", disse Maradona, com a peculiar modéstia argentina.[342]

O problema é que a ideia toda era uma grande farsa, pois Maradona e Menem usaram Pelé e o Santos para atingir outros objetivos. Maradona queria forçar o Boca Juniors a procurá-lo, o que aconteceu imediatamente após ele

desembarcar no aeroporto de Ezeiza. Em três dias, o jogador já tinha contrato para voltar a atuar na Bombonera quando a suspensão acabasse. Menem queria colar na imagem de um Maradona em recuperação para impulsionar sua reeleição.[343] Também conseguiu. Renovou a estada na Casa Rosada e, em agradecimento, chamou Maradona para ser garoto-propaganda de uma campanha contra o consumo de drogas.

Três verdades sobre Lionel Messi

1. MESSI NÃO É AUTISTA

Em agosto de 2013, um texto do escritor e jornalista Roberto Amado, sobrinho do escritor Jorge Amado, se tornou viral na internet brasileira. Dizia, sem citar nenhuma fonte, que o jogador argentino Lionel Messi tinha síndrome de Asperger, uma forma mais branda de autismo. Roberto chegava ao requinte de afirmar a época em que o diagnóstico teria sido feito: quando o jogador tinha 8 anos de idade. Para Amado, a maneira como Messi chuta ao gol e o uso de dribles parecidos seriam sinais claros de padrões repetidos, típicos dos portadores da síndrome. Sua timidez no relacionamento com a imprensa seria outro indício.

Até o deputado federal Romário acreditou em Roberto Amado e usou sua conta no Twitter para propagar a lenda. Ele tuitou: “Vocês sabiam que o Messi tem síndrome de Asperger? É uma forma leve de autismo, que deu a ele o dom do foco e concentração acima de tudo e de todos”. Jorge Horacio Messi, pai do craque argentino, não gostou e ameaçou processar o ex-jogador brasileiro.

Messi teve, sim, um grave problema de saúde na infância – uma deficiência hormonal que atrasou seu crescimento, mas que nunca foi segredo para ninguém. Já o autismo não passou de um delírio de Roberto Amado. Diego Schwarzstein, médico de Rosário que acompanha Messi desde a infância e tratou da deficiência hormonal do craque, não deu espaço para especulações: “Leo nunca foi diagnosticado com Asperger ou qualquer outra forma de autismo. Isso é realmente uma bobagem”, afirmou.[344] O médico tem razão. Portadores da síndrome de Asperger têm uma coordenação motora pobre e não se dão bem em esportes coletivos, o que inviabilizaria a prática do futebol.

O escritor italiano Luca Caioli, autor do livro *Messi: O Garoto que Virou Lenda*, conversou com a família inteira de Messi. “Ele era muito fechado e falava pouco, mas eu nunca soube de nenhum diagnóstico de síndrome de Asperger”, disse.[345] O jornalista espanhol Guillem Balague, comentarista do Campeonato Espanhol nas transmissões da Sky Sports e que prepara uma nova biografia do craque, decretou o que pensa sobre Messi ter autismo: “Essa história é um lixo”.[346]

2. A FAMÍLIA MESSI FOI PARA A EUROPA ATRÁS DE DINHEIRO, NÃO DE TRATAMENTO

A infância de Lionel Messi poderia ser uma história perfeita de superação. Sem dinheiro e apoio para bancar o caro tratamento hormonal do filho, os pais de Messi aceitam o desafio de se mudar com a família inteira para a Europa, onde o prodígio teria o apoio médico necessário e ainda poderia levar adiante o sonho de jogar futebol.

Uma história linda, se fosse verdadeira. Messi poderia perfeitamente ter continuado o tratamento em Rosário, sua cidade natal. Havia duas fontes de dinheiro para isso. O seguro social do governo argentino pagava metade do custo mensal dos 960 dólares das injeções hormonais e do acompanhamento médico necessário para acelerar o desenvolvimento de Lionel. A Fundação Acindar, entidade assistencial do país, bancava 25%. Sobravam outros 25% – 240 dólares – para a família do futuro jogador. “É verdade que havia muitos inconvenientes burocráticos, pois era preciso renovar a petição a cada seis meses. De modo que, de vez em quando, havia atraso nos reembolsos. Mas posso assegurar que durante três anos o seguro social bancou o tratamento”, diz o médico Schwarzstein.[347]

Mesmo com 75% do pagamento garantido, Jorge Messi queria mais. Por indicação do cunhado, Cláudio Biancucci, conheceu Martín Montero e Fabián Soldini, donos da empresa Marka. Jorge estava encantado pela notícia de que um garoto de 11 anos, **Leandro Depetris**, acabara de assinar contrato com o Milan. Ele queria o mesmo para Lionel. “Jorge nos avisou desde o início. Só trabalharia conosco ante duas condições: que pagássemos metade do tratamento e que conseguíssemos um teste para o filho no exterior”, conta Soldini.[348] Soldini e Montero cumpriram o prometido. Todo mês, depositavam

480 dólares na conta de Jorge Messi. E conseguiram o teste que, em 18 de setembro de 2000, abriu as portas do Barcelona para Lionel.

> **Leandro Depetris era** uma revelação do Newell's Old Boys, assim como Lionel Messi, e foi para a Europa cedo, também como Lionel Messi. Mas não teve nem 1% do sucesso do craque barcelonista. Depetris foi contratado pelo Milan aos 11 anos. Ficou no clube até 2005, quando começou a rodar por times menores da Itália: Brescia, Gallipoli, Chioggia, Sanremese e, em 2014, Triestina, time da quarta divisão italiana.

Com o tratamento garantido, fica evidente que a família Messi queria se mudar para a Europa por questões financeiras, não médicas. A crise iniciada em 1998 levou a Argentina a índices socioeconômicos alarmantes em 2000. A taxa de desemprego era de 22%, e 57% dos argentinos eram considerados pobres. Quem tinha sobrenome italiano ou espanhol (caso dos Messi) fez as malas e partiu para a Europa em busca de uma vida melhor. Segundo dados do governo argentino, 250 mil pessoas deixaram o país durante a crise – 60 mil foram para a Espanha,[349] entre as quais estava a família de Lionel Messi. "Me escandalizo quando leio ou escuto que os Messi se viram obrigados a migrar para a Espanha porque a Argentina nada fazia para subsidiar o tratamento do seu filho. É mentira", resumiu o médico Aldo Miglietta, membro da Comissão Nacional de Assistência para Crianças com Déficit Hormonal de Crescimento da Argentina.[350]

3. MESSI NÃO É BOM GAROTO

Messi não é o mais carismático dos jogadores da atualidade, mas sua fama de bom moço garante gordos contratos publicitários. Mesmo que fique atrás de Cristiano Ronaldo, Ibrahimovic, Falcão Garcia e até Thiago Silva entre os atletas que recebem os maiores salários,[351] ele é o jogador de futebol que mais arrecada com publicidade atualmente: 42,1 milhões de euros por ano.

No entanto, o craque do Barcelona e da seleção argentina tem um lado negro, que é revelado a conta-gotas, por meio de declarações que aparecem aqui e ali. Juntando esse quebra-cabeça, é possível saber por que, por exemplo, seus companheiros de ataque não duram muito tempo no Barcelona, como já aconteceu com Ibrahimovic e, mais recentemente, com David Villa.

Uma reportagem do site espanhol El Confidencial Digital pode dar uma pista sobre o motivo da rotatividade no ataque catalão. O jovem atacante

Cristian Tello, uma das promessas do Barcelona, já teria ouvido de Messi as seguintes frases: “O que está fazendo? Você é novo aqui, você não é ninguém” e “Me passe a bola, que você está aqui para jogar para mim”. A pressão de Messi fez Tello chorar nos treinos. Para o chileno Alexis Sánchez, que veio da Udinese por 26 milhões de euros, Messi teria dito: “Do jeito que você é ruim, não sei como custou tanto. Não chute tanto e me passe a bola”. As humilhações impostas por Messi não chegam ao conhecimento do público por causa da lei do silêncio que vigora no vestiário do Barcelona.[352]

Não são apenas os novatos que sofrem com o argentino. Ibrahimovic foi sabotado por Messi no Barcelona. No fim de 2009, a poucos bancos de distância de Pep Guardiola no ônibus do clube, o jogador recorreu ao telefone celular para se queixar com o treinador. “Bem, vejo que não sou importante para a equipe”, escreveu via mensagem de texto. Uma reclamação direta à contratação do atacante sueco, resultado do empenho de Guardiola. Foi o início de uma guerra fria que ajudou a manter uma tensão permanente sobre Ibrahimovic no vestiário catalão. Era a aplicação prática de uma máxima que circula entre quem acompanha o dia a dia do clube: “Messi não é ditador, mas se move à sua maneira”.

Ibra foi embora em 2011, pouco depois da chegada de David Villa. Artilheiro espanhol na conquista do título mundial em 2010, na África do Sul, o atacante foi logo avisado da hierarquia reinante no centro de tratamento de La Masía. “David, não queira competir com Messi. Nem em gols, nem em assistências. Não faça isso”, foi o recado mandado pelos escritórios do clube, no Camp Nou.[353]

Até Guardiola, o técnico que proporcionou a Messi os melhores momentos de sua carreira, foi vítima do gênio argentino. Antes de uma partida em 2009, Messi pediu para tomar refrigerante durante uma refeição. “Não podemos tomar antes do jogo”, respondeu Guardiola. Então Messi levantou e voltou com uma lata de Coca-Cola na mão, abriu e bebeu na frente do técnico espanhol e de todo o elenco. Imagina o que acontece quando um grande ícone como Messi desafia o técnico desse jeito. Era uma guerra que Guardiola não podia vencer.[354]

312 Orlando Duarte e Severino Filho, Fried Versus Pelé, Makron Books, 2000, páginas 102 a 134.

313 Severino Filho, “Romário maior que Pelé?”, revista Placar, abril de 2007.

314 Beto Passeri, “Revista argentina aponta Romário como maior goleador da história”, site O Gol, 16 de abril de 2012, disponível em www.ogol.com.br/noticia.php?id=59856.

315 Leandro Zanoni, Vivir en los Medios: Maradona Off the Record, Marea, 2006, página 31.

316 Quique Peinado, Futbolistas de Izquierdas, Lée|me, 2013, página 48.

317 Leandro Zanoni, página 31.

318 Leandro Zanoni, página 31.

319 Miguel Ángel Lara, “Maradona, la mili, la dictadura y el Mundial juvenil de 1979”, jornal Marca, dezembro de 2012, disponível em www.marca.com/reportajes/2011/12/el_poder_del_balon/2014/01/27/seccion_01/1390857026.html.

320 Leandro Zanoni, página 53.

321 Leandro Zanoni, página 54.

322 “Romário volta a treinar, na praia, e manda Pelé se calar”, Folha de S.Paulo, 15 de janeiro de 2005, página D2.

323 Fernando Molica (org.), 11 Gols de Placa: Uma Seleção de Grandes Reportagens Sobre o Nosso Futebol, Record, 2010, página 32.

324 Fernando Molica (org.), página 40.

325 “Mis héroes son Fidel y Che Guevara, afirma Maradona”, Cuba Debate, 17 de outubro de 2013, disponível em www.cubadebate.cu/noticias/2013/10/17/mis-heroes-son-fidel-y-che-guevara-afirma-maradona/#.UwqLMfldXpU.

326 Leandro Zanoni, página 223.

327 Leandro Zanoni, página 13.

328 Ricardo de Almeida Prado Xavier, “O feito Maradona”, portal Manager, disponível em www.manager.com.br/reportagem/reportagem.php?id_reportagem=1706.

329 Ricardo Feltrin, “Maradona acerta com TV por mais um ano e contrato pode chegar a US$ 10 mi”, Folha de S.Paulo, coluna Ooops!, 5 de janeiro de 2006, disponível em www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/ooops/ult340u1089.shtml.

330 Alex Bellos e Orlando Duarte, Pelé, a Autobiografia, Sextante, 2006, página 165.

331 Diego Maradona, Yo Soy el Diego, Planeta, 2002, página 75.

332 “Alfonsín pede calma aos jogadores”, Folha de S.Paulo, 22 de junho de 1986, página 44.

333 “Uma lição para se dar ao mundo”, O Estado de S. Paulo, 22 de junho de 1986, página 43.

334 “Maradona, mágico e demolidor”, O Estado de S. Paulo, 24 de junho de 1986, página 15.

335 Fábio Victor, “Juiz dá nova versão a lenda de Pelé”, Folha de S.Paulo, 20 de março de 2000, página D6.

336 Leandro Zanoni, página 213.

337 Leandro Zanoni, página 140.

338 Ernesto Rodrigues, Jogo Duro, Record, 2007, página 353.

339 “Eusébio sobre Pelé: ‘Era muito violento às vezes’”, O Público, 30 de novembro de 2011, disponível em www.publico.pt/noticia/eusebio-sobre-pele-era-muito-violento-as-vezes-1523208.

340 “Este século é meu”, revista Placar, março de 1999, página 59.

341 Leandro Zanoni, página 184.

342 “Maradona acerta a vinda para o Brasil”, O Estado de S. Paulo, 20 de maio de 1995, página 37.

343 Leandro Zanoni, página 185.

344 Em entrevista aos autores deste livro.

345 Idem.

346 Idem.

347 Sebastián Fest e Alexandre Julliard, Misterio Messi, La Esfera de los Libros, 2013 (e-book Tagus para Casa del Libro), posição 29%.

348 Sebastián Fest e Alexandre Julliard, posição 31%.

349 Sebastián Fest e Alexandre Julliard, posição 29%.

350 Sebastián Fest e Alexandre Julliard, posição 31%.

351 “Thiago Silva supera Messi na lista de mais bem pagos do mundo”, Uol Esporte, 8 de fevereiro de 2014, disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/02/08/thiago-silva-supera-messi-na-lista-dos-mais-bem-pagos-do-mundo.htm.

352 “El auténtico rostro de Messi”, site El Confidencial Digital, 26 de agosto de 2013, disponível em www.elconfidencialdigital.com/vivir/autentico-Messi-canteranos-Barca-Alexis_0_2114788513.html.

353 Sebastián Fest e Alexandre Julliard, posição 3%.

354 “Por refrigerante, Messi teria humilhado Guardiola diante do elenco do Barcelona”, Uol Esporte, 21 de setembro de 2013, disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/09/21/por-refrigerante-messi-teria-humilhado-guardiola-diante-do-elenco-do-barca.htm.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Leandro Narloch, pela confiança, pela amizade e por me ajudar quando caí da bicicleta hipster, e a Leonardo Mendes Júnior, sem o qual este livro jamais seria possível.

Jones Rossi

Ao Jones, que abriu a porta para este livro existir. Ao Narloch, que não deixou uma ideia de mesa de bar morrer na mesa do bar. À Gabriela, pela pesquisa. Ao Fraga, pela capa e pelas ilustras maravilhosas. E, principalmente, a Diego, Rogério, Débora e Rayssa, do estúdio Obá Editorial, que dedicaram várias horas e um Carnaval inteiro a deixar o livro pronto.

Leonardo Mendes Júnior

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E DISSERTAÇÕES

ALABARCES, Pablo (org.), *Futbologías: Fútbol, Identidad y Violencia en América Latina*, Clacso, 2003.

ANDERSON, Chris; SALLY, David, *Os Números do Jogo*, Paralela, 2013.

BELLOS, Alex; DUARTE, Orlando, *Pelé, a Autobiografia*, Sextante, 2006.

BETING, Mauro, *Bolas & Bocas: Frases de Craques e Bagres do Futebol*, Leia Sempre, 2003.

BURNS, Jimmy, *Barça: A People's Passion*, Bloomsbury, 1999.

_____, *La Roja: A Journey Through the Spanish Football*, Simon & Schuster, 2012.

CALDEIRA, Jorge, *Ronaldo: Glória e Drama no Futebol Globalizado*, Editora 34, 2002.

CASAGRANDE JR., Walter; RIBEIRO, Gilvan, *Casagrande e Seus Demônios*, Globo, 2013.

COELHO, Rodrigo Nogueira, *A Experiência do Clube-Empresa no Futebol: O Caso Esporte Clube Bahia S/A*, UFBA, 2008, disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9473/1/RODRIGO%20NOGUEIRA%20COELHO.pdf.

COSTA, Alexandre da, *O Tigre do Futebol: Uma Viagem aos Tempos de Arthur Friedenreich*, Dórea Books and Arts, 1999.

DUARTE, Luiz Carlos, *Friedenreich: A Saga de um Craque nos Primeiros Tempos do Futebol Brasileiro*, Casa Maior, 2012.

DUARTE, Orlando; FILHO, Severino, *Fried Versus Pelé*, Makron Books, 2000.

DUBNER, Stephen J.; LEVITT, Steven, *Freakonomics: O Lado Oculto e Inesperado de Tudo que nos Afeta*, Campos, 2006.

FALCÃO, Paulo Roberto, *Brasil 82: O Time que Perdeu a Copa e Conquistou o Mundo*, Age, 2012.

FEST, Sebastián; JULLIARD, Alexandre, *Misterio Messi*, La Esfera de los Libros, 2013 (e-book Tagus para Casa del Libro).

FILHO, Mário, *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2ª edição, Mauad, 1954.

_____, *O Negro no Futebol Brasileiro*, 4ª edição, Mauad X, 2003.

_____, *O Negro no Futebol Brasileiro*, 5ª edição, Mauad X, 2010.

FLORENZANO, José Paulo, *Afonsinho & Edmundo: A Rebeldia no Futebol Brasileiro*, Musa, 1998.

_____, *A Democracia Corinthiana: Práticas de Liberdade no Futebol Brasileiro*, Fapesp/Educ, 2009.

FOER, Franklin, *Como o Futebol Explica o Mundo*, Zahar, 2005.

FRANCO JR., Hilário, *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*, Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo, *Futebol ao Sol e à Sombra*, L&PM Pocket, 2004.

GOMES, Laurentino, *1889: Como um Imperador Cansado, um Marechal Vaidoso e um Professor*

Injustiçado Contribuíram para o Fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil, Globo, 2013.

GRABIA, Gustavo, *La Doce: A Explosiva História da Torcida Organizada Mais Temida do Mundo*, Panda Books, 2012.

HEIZER, Teixeira, *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*, Mauad, 2001.

HILL, Declan, *Juego Sucio: Fútbol y Crimen Organizado*, Alba, 2010.

HORCAJO, Xavier, *La Pasta Nostra: 33 Años de Poder Convergente en Cataluña*, Sekotia, 2013.

JENNINGS, Andrew, *Jogo Sujo: O Mundo Secreto da Fifa: Compra de Votos e Escândalo de Ingressos*, Panda Books, 2011.

KFOURI, André; COELHO, Paulo Vinícius, *Os 100 Melhores Jogadores Brasileiros de Todos os Tempos*, Ediouro, 2010.

KUPER, Simon; SZYMANSKI, Stefan, *Soccernomics*, Tinta Negra, 2010.

LEITE, Milton, *As Melhores Seleções Brasileiras de Todos os Tempos*, Contexto, 2010.

MARADONA, Diego, *Yo Soy el Diego*, Planeta, 2002.

MÁXIMO, João, *João Saldanha: Sobre Nuvens de Fantasia*, Ediouro, 2005.

_____; CASTRO, Marcos de, *Gigantes do Futebol Brasileiro*, Civilização Brasileira, 2011.

MENESES, Juan Pablo, *Niños Futbolistas*, Blackie Books, 2013.

MILLS, John, *Charles Miller: O Pai do Futebol Brasileiro*, Panda Books, 2005.

MOLICA, Fernando (org.), *11 Gols de Placa: Uma Seleção de Grandes Reportagens Sobre o Nosso Futebol*, Record, 2010.

MONTILLA, Javier, *Los Muros de Cataluña*, E.G.A., 2013.

MORAIS, Fernando, *Na Toca dos Leões*, Planeta, 2005.

MURAD, Mauricio, *Para Entender a Violência no Futebol*, Benvirá, 2012.

OLIVEIRA, Sócrates; GOZZI, Ricardo, *Democracia Corintiana: A Utopia em Jogo*, Boitempo, 2002.

OLIVERES, Jordi; MARTÍNEZ, Félix, *Jordi Pujol: En Nombre de Cataluña*, Debate, 2005.

ORWELL, George, *A Revolução dos Bichos*, Fonte Digital, 2000.

PARREIRA, Carlos Alberto, *Formando Equipes Vencedoras*, BestSeller, 2006.

PEINADO, Quique, *Futbolistas de Izquierdas*, Lée|me, 2013.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo, *Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e Autoafirmação, Aspectos da Construção das Novas Relações Sociais*, Vogal, 1997.

PIRES, Luiz Zini, *71 Segundos: O Jogo de uma Vida*, L&PM, 2006.

REBELO, Aldo; TORRES, Silvio, *CBF-Nike*, Casa Amarela, 2001.

RIBEIRO, André, *Fio de Esperança: A Biografia de Telê Santana*, Gryphus, 2000.

RODRIGUES, Ernesto, *Jogo Duro: A História de João Havelange*, Record, 2007.

RODRIGUES, Nelson, *O Berro Impresso das Manchetes*, Agir, 2007.

ROMAN, Gustavo; ZANATA, Renato, *Sarrià 82: O Que Faltou ao Futebol-Arte?*, Maquinária, 2012.

SALDANHA, João, *O Trauma da Bola*, Cosac Naify, 2002.

SANTOS, Ricardo Pinto dos, *Entre Rivais: Futebol, Racismo e Modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*, Mauad X, 2012.

SANTOS NETO, José Moraes do, *Visão de Jogo: Primórdios do Futebol no Brasil*, Cosac Naify, 2002.

SIMÓN, Juan Antonio, *España 82: La Historia de Nuestro Mundial*, T&B Editores, 2012.

SIQUEIRA, André Iki, *João Saldanha: Uma Vida em Jogo*, Companhia Editora Nacional, 2007.

VILARINHO, Carlos Ferreira, *Quem Derrubou João Saldanha*, Livrosdefutebol.com, 2010.

WILSON, Jonathan, *Inverting the Pyramid: The History of Football Tactics*, Orion Books, 2008.

WINNER, David, *Brilliant Orange: The Neurotic Genius of Dutch Soccer*, The Overlook Press, 2010.

XAVIER, Beto, *Futebol no País da Música*, Panda Books, 2009.

YALLOP, David A., *Como Eles Roubaram o Jogo*, Record, 2002.

ZANONI, Leandro, *Vivir en los Medios: Maradona off the Record*, Marea, 2006.

ARTIGOS DE JORNAIS, REVISTAS E PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

AMORIM, Lucas, "O futebol brasileiro tem a chance de virar um negócio lucrativo", revista *Exame*, 29 de maio de 2013.

ARAÚJO, Jorge, "União da equipe acabou em seis horas", *Folha de S.Paulo*, 16 de julho de 1998, disponível em www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk16079806.htm.

ASSUMPÇÃO, João Carlos, "A criação de Pelé", *Folha de S.Paulo*, caderno Especial, 7 de novembro de 1999, página 3.

BALLOUSSIER, Ana Virginia; VASCONCELLOS, Marcos de, "Recordista em Copas, Zagallo conta bastidores de 98; veja vídeo", *Folha de S.Paulo*, 15 de junho de 2010, disponível em www1.folha.uol.com.br/esporte/2010/06/750962-recordista-em-copas-zagallo-conta-bastidores-de-98-veja-video.shtml.

BARROS, Turíbio, "Sexo antes do esporte traz mais disposição e ajuda na recuperação", site Eu Atleta, 18 de fevereiro de 2014, disponível em http://globoesporte.globo.com/eu-atleta/saude/noticia/2014/02/sexo-antes-do-esporte-traz-mais-disposicao-e-ajuda-na-recuperacao.html.

BETING, Erich; GOMES, Rodolfo, "Audiência do Brasileiro apresenta queda em 2013", site Máquina do Esporte, 26 de dezembro de 2013, disponível em http://maquinadoesporte.uol.com.br/i/noticias/midia/31/31541/Audiencia-do-Brasileiro-apresenta-

queda-em-2013/index.php.

BRAZ, Bruno, “Organizadas têm sido alvo de disputa política no Vasco”, Lance!net, 22 de janeiro de 2014, disponível em www.lancenet.com.br/minuto/Organizada-Vasco-disputa-politica-clube_0_1070293144.html.

BUENO, Rodrigo, “Maior cartola da história diz que salvou até preso político”, *Folha de S.Paulo*, 26 de junho de 1986, página D1.

CALIL, Lucas, “Triste realidade: no Brasil, 82% dos jogadores de futebol recebem até dois salários mínimos”, jornal *Extra*, 23 de setembro de 2012, disponível em http://extra.globo.com/esporte/triste-realidade-no-brasil-82-dos-jogadores-de-futebol-recebem-ate-dois-salarios-minimos-6168754.html.

EL CONFIDENCIAL DIGITAL (site), “El auténtico rostro de Messi”, 26 de agosto de 2013, disponível em www.elconfidencialdigital.com/vivir/autentico-Messi-canteranos-Barca-Alexis_0_2114788513.html.

CONN, David, “Michel Platini: ‘All the decisions I make are for the good of football’”, *The Guardian*, 25 de maio de 2013.

CRUYFF, Johan, “Brasil encontra sua magia futebolística”, *Folha de S.Paulo*, Caderno Copa, 22 de junho de 1994, página 3.

CRUZ, Elaine Patricia, “Brasil lidera ranking de mortes em confrontos no futebol, aponta estudo”, site Agência Brasil, 19 de julho de 2009, disponível em http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2009-07-19/brasil-lidera-ranking-de-mortes-em-confrontos-no-futebol-aponta-estudo.

CRUZEIRO (revista), “Seis milhões de dólares: o preço de um mito”, julho de 1975.

CUBA DEBATE, “Mis héroes son Fidel y Che Guevara, afirma Maradona”, 17 de outubro de 2013, disponível em www.cubadebate.cu/noticias/2013/10/17/mis-heroes-son-fidel-y-che-guevara-afirma-maradona/#.UwqLMfldXpU.

DELOITTE, “Deloitte Football Money League 2014”, disponível em www.deloitte.com/view/en_GB/uk/industries/sportsbusinessgroup/sports/football/deloitte-football-money-league.

DUARTE, Marcelo, “A taça é nossa! Para sempre: Brasil conquista a posse definitiva da Jules Rimet”, revista *Placar*, 18 de janeiro de 2014, disponível em http://placar.abril.com.br/materia/a-taca-e-nossa-2-para-sempre-brasil-conquista-a-posse-definitiva-da-jules-rimet.

O ESTADO DE S. PAULO, “Candidato promove festival na FPF”, caderno Esportes, 13 de janeiro de 1989, página 17.

_____, “Copa Brasil deve sair. Já há acordo”, 4 de setembro de 1987, página 14.

_____, “Copa: o sonho frustrado de Sócrates”, 29 de junho de 1982, página 23.

_____, “Friedenreich conta a sua história”, 8 de novembro de 2011, página E8.

_____, “Maradona acerta a vinda para o Brasil”, 20 de maio de 1995, página 37.

_____, “Maradona, mágico e demolidor”, 24 de junho de 1986, página 15.

_____, “Uma lição para se dar ao mundo”, 22 de junho de 1986, página 43.

_____, “Zico acusa CBF de omissão”, 19 de outubro de 1989, página 29.

FELTRIN, Ricardo, “Maradona acerta com TV por mais 1 ano e contrato pode chegar a US$ 10 mi”, *Folha de S.Paulo*, coluna Ooops!, 5 de janeiro de 2006, disponível em www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/ooops/ult340u1089.shtml.

_____, “Audiência do futebol cai na Globo, mas cota de patrocínio aumenta 123%”, *Folha de S.Paulo*, coluna Ooops!, 8 de dezembro de 2011, disponível em http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/ricardofeltrin/1017884-audiencia-do-futebol-na-globo-cai-mas-cota-de-patrocinio-aumenta-123.shtml.

FILHO, Severino, “Romário maior que Pelé?”, revista *Placar*, abril de 2007.

FOLHA DE S.PAULO, “Alfonsín pede calma aos jogadores”, 22 de junho de 1986, página 44.

_____, “Bearzot considera Brasil presunçoso e inocente”, 6 de julho de 1982, página 22.

_____, “Capez promete fim das mortes no Paulista”, 17 de maio de 2000, página D3.

_____, “Clube dos 13 aceita proposta de dois grupos com 16 times para 87”, 26 de julho de 1987, página A38.

_____, “Clube dos 13 quer 16 times no campeonato em 1992”, 22 de agosto de 1988, página D6.

_____, “Eleição na CBF custa US$ 2 milhões para Teixeira”, 12 de janeiro de 1989, página D3.

_____, “Octávio diz que CBF está quebrada; Brasileiro de 1987 pode ser regionalizado”, 7 de julho de 1987, página A18.

_____, “Para STJD, cusparada é pior que ofensa racial no Palmeiras”, 6 de maio de 2010.

_____, “Pelé e Teixeira consolidam parceria e poder em pacote”, 14 de março de 2001, páginas D1 e D2.

_____, “Presidente da CBF anistia federações e vai retirar candidatura à reeleição”, 14 de janeiro de 1989, página D4.

_____, “Romário volta a treinar, na praia, e manda Pelé se calar”, 15 de janeiro de 2005, página D2.

_____, “Secretaria de Zico não tem nem orçamento”, 8 de abril de 1990, página D8.

_____, “Um novo e privilegiado espaço para a propaganda”, 4 de julho de 1982, página 22.

FORBES (revista), “Soccer Team Values”, disponível em www.forbes.com/soccer-valuations/list.

FORTUNE (revista), “Fortune 500”, 2013, disponível em http://money.cnn.com/magazines/fortune/fortune500.

G1, “Brasileiros estão entre os que perdem a virgindade mais cedo”, 4 de julho de 2007, disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL63630-5598,00-brasileiros+estao+entre+os+que+perdem+a+virgindade+mais+cedo.html.

GAZETA DO POVO, “Felipão reencontra cenário da maior vergonha como técnico”, caderno Esportiva, 11 de julho de 2011, página 3.

_____, “Para futebol, cuspe é pior que ofensa racial”, 17 de abril de 2010.

GIBSON, Owen, “Michel Platini admits politics played part in Qatar 2022 World Cup win”, *The Guardian*, 20 de setembro de 2013.

O GLOBO, “Negros formaram ligas de futebol informais no início do século XX”, 28 de setembro de 2013.

GLOBOESPORTE.COM, “Fifa começa a testar tecnologia da linha de gol nos estádios da Copa”, 24 de fevereiro de 2014, disponível em http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/02/fifa-comeca-testar-tecnologia-da-linha-do-gol-nos-estadios-da-copa.html.

GOAL.COM, “Presidente do Chivas diz que contratar Cruyff foi um erro colossal”, 20 de setembro de 2013, disponível em www.goal.com/br/news/5125/extra-campo/2013/09/20/4277099/presidente-do-chivas-diz-que-contratar-cruyff-foi-um-erro.

GONÇALVES, Emerson, “Aumenta a dívida tributária dos principais clubes brasileiros”, blog Olhar Crônico Esportivo, 24 de junho de 2013, disponível em http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/06/24/o-endividamento-dos-principais-clubes-brasileiros.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de, “O futebol como alegoria antropofágica: modernismo, música popular e a descoberta da ‘brasilidade’ esportiva”, revista *Artelogie*, número 1, setembro de 2011.

IANNACCA, Márcio, “Dinamite nega nepotismo, mas confirma emprego de sobrinho no clube”, GloboEsporte.com, 12 de setembro de 2009, disponível em http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Vasco/0,,MUL999908-9877,00-dinamite+nega+nepotismo+mas+confirma+emprego+de+sobrinho+no+clube.html.

IBGE, “Censo 2010: escolaridade e rendimento aumentam e cai mortalidade infantil”, 27 de abril de 2012, disponível em http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2125.

JORNAL DA RECORD, “Presidente do Vasco monta esquema para beneficiar amigos em venda de ingressos”, 15 de junho de 2011, disponível em http://esportes.r7.com/futebol/noticias/presidente-do-vasco-monta-esquema-para-beneficiar-amigos-em-venda-de-ingressos-20110615.html.

KNEIPP, Mariana, “Dossiê Túlio 1.000: memória e matemática em busca de um sonho”, GloboEsporte.com, 18 de fevereiro de 2011, disponível em http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/02/dossie-tulio-1000-memoria-e-matematica-em-busca-de-um-sonho.html.

LANCE!NET, “L!NET relembra casos de racismo no futebol”, 25 de junho de 2009, disponível em www.lancenet.com.br/libertadores/noticias/09-06-25/569218.stm?futebol-lnet-relembra-casos-de-racismo-no-futebol.

_____, “Ministério Público do Trabalho denuncia Furacão por não cuidar de garotos”, 20 de fevereiro

de 2014, disponível em www.lancenet.com.br/atletico-paranaense/Ministerio-Publico-denuncia-Atletico-PR-menores_0_1088291414.html.

_____, “Roberto Carlos é alvo de racismo na Rússia”, 22 de março de 2011, disponível em www.lancenet.com.br/minuto/Roberto-Carlos-alvo-racismo-Russia_0_448755239.html.

LARA, Miguel Ángel, “Maradona, la mili, la dictadura y el Mundial juvenil de 1979”, jornal *Marca*, dezembro de 2012, disponível em www.marca.com/reportajes/2011/12/el_poder_del_balon/2014/01/27/seccion_01/1390857026.html.

LAVINAS, Thiago, “Polêmica da ‘Taça das Bolinhas’ pode ter novo capítulo e reviravolta”, 14 de abril de 2010, blog Primeira Mão – Bastidores & Informação, disponível em http://globoesporte.globo.com/platb/primeiramao/2010/04/14/polemica-da-taca-das-bolinhas-pode-ter-novo-capitulo-e-reviravolta.

LEESON, Peter T.; SMITH, Daniel J.; SNOW, Nicholas A., “Hooligans”, *Review d’Économie Politique*, 2012, disponível em www.peterleeson.com/Hooligans.pdf.

LEITE, Almir, “Receitas dos clubes brasileiros atingem 3,1 bilhões, mas dívidas sobem”, *O Estado de S. Paulo*, caderno Esportes, 24 de agosto de 2013, página 1.

LEMOS, Rafael, “Justiça fecha CT das divisões de base do Vasco”, Veja.com, 18 de abril de 2012, disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/justica-suspende-atividades-de-ct-das-divisoes-de-base-do-vasco.

LÍBERO (revista), “Sunyol, Barça, Deporte y Ciudadanía”, outono de 2013, páginas 26 a 28.

LIMA, Maria; TRECE, Eduardo, “O esporte vai ao plenário”, O Globo, 23 de abril de 1991, página 28.

MAGALHÃES, Mário; RANGEL, Sérgio, “Empresa ligada a Pelé arma evento beneficente e fica com o dinheiro”, *Folha de S.Paulo*, 18 de novembro de 2001, página A1.

_____, “Documento derruba versão dada por Pelé”, *Folha de S.Paulo*, 22 de novembro de 2001, página D1.

MARQUES, Dassler, “Cruzeiro vence cinco concorrentes e define primeiro reforço: Marlone”, Terra, 19 de novembro de 2013, disponível em http://esportes.terra.com.br/vasco/cruzeiro-vence-cinco-concorrentes-e-define-primeiro-reforco-marlone,3f486bd3a1272410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html.

MARTINHO, Fernando, “Os dez clubes europeus mais endividados de 2013”, site Futebol Business, 19 de fevereiro de 2013, disponível em http://futebolbusiness.com.br/2013/02/os-10-clubes-europeus-mais-endividados-em-2013.

MARTINS, Robson, “Fúria doa cheque simbólico de R$ 200 mil ao Paraná”, *Gazeta do Povo*, 16 de dezembro de 2013, disponível em ww.gazetadopovo.com.br/esportes/parana-clube/conteudo.phtml?id=1433671.

MARWEDEL, Jörg, “Was Sie pfeifen, ist das Allerbeste”, *Süddeutsche*, 17 de maio de 2010, disponível em www.sueddeutsche.de/sport/spiel-manipulation-was-sie-pfeifen-ist-das-allerbeste-1.732273.

MÁXIMO, João, “O melhor time finalmente não amarelou”, *O Globo*, Caderno de Histórias, 2000.

MELLO, Fernando, “Pelé lucrou com acordos que agora critica”, *Folha de S.Paulo*, 16 de setembro de 2004, página D3.

METRO 1 (jornal), “As dívidas que ninguém vê: a maior parte do passivo do Vitória está no Vitória S/A”, 9 de novembro de 2013, disponível em www.metro1.com.br/mobile/noticia-interna.php?nid=21486.

MIKOS, Ana Luzia, “Boleiros brigam com a ‘rotina atípica’”, *Gazeta do Povo*, 5 de novembro de 2013, disponível em www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/conteudo.phtml?id=1422649&tit=Boleiros-brigam-com-a-rotina-atipica.

EL PAÍS, “Las bengalas vuelven al Camp Nou”, 28 de fevereiro de 2013.

_____, “Rosell y los Boixos firmaron el acuerdo para la Grada de Animación”, 8 de março de 2013.

_____, “Rosell: Fue un error”, 4 de março de 2013.

_____, “Marta Ferrusola culpa al tiempo del mal estado del césped del Camp Nou”, 20 de outubro de 1995.

PAIVA, Vinícius, “As médias de público por horário”, blog Teoria dos Jogos, 8 de outubro de 2013, disponível em http://globoesporte.globo.com/platb/teoria-dos-jogos/2013/10/08/as-medias-de-publico-por-horario.

PASSERI, Beto, “Revista argentina aponta Romário como maior goleador da história”, site O Gol, 16 de abril de 2012, disponível em www.ogol.com.br/noticia.php?id=59856.

PAZ, Angelo; SANT’ANA, Marcelo, “Por economia de R$ 5 milhões, Vitória deixa de atuar como S/A”, *Correio da Bahia*, 16 de dezembro de 2008, disponível em www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/por-economia-de-r-5-milhoes-vitoria-deixa-de-atuar-como-sa.

PERRONE, Ricardo, “Alvo do MP, Gaviões recebe R$ 712 mil públicos”, Blog do Perrone, 17 de novembro de 2013, disponível em http://blogdoperrone.blogosfera.uol.com.br/2013/11/alvo-do-mp-gavioes-recebe-r-712-mil-publicos.

PIRES, Breiller, “O lado sombrio da bola: casos de abuso sexual nas categorias de base”, revista *Placar*, abril de 2013.

PIZA, Daniel, “Meio século de um mito”, *O Estado de S. Paulo*, 20 de abril de 2008, disponível em http://blogs.estadao.com.br/daniel-piza/meio-seculo-de-um-mito.

PLACAR (revista), “Este século é meu”, março de 1999.

_____, “As feridas abertas da Argentina”, 16 de julho de 1982, página 36.

_____, “Me desculpe, você é preto”, março de 2013.

_____, “O que ninguém viu”, 11 de dezembro de 1987, página 22.

POÊYS, Juliana, “Sociólogo afirma que o preconceito ainda assombra o futebol brasileiro”, site AJEsportes, 12 de abril de 2012, disponível em www.ajesportes.uerj.br/?p=736.

O PÚBLICO (jornal), “Eusébio sobre Pelé: ´Era muito violento às vezes’”, 30 de novembro de 2011, disponível em www.publico.pt/noticia/eusebio-sobre-pele-era-muito-violento-as-vezes-1523208.

REIS, Heloisa, “As torcidas organizadas não são as (únicas) culpadas”, revista *Galileu*, setembro de 2009, disponível em http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87102-7833-218,00-as+torcidas+organizadas+nao+sao+as+unicas+culpadas.html.

REZENDE, Marcelo, “Os segredos de 82”, revista Placar, 7 de abril de 1986, página 18.

RODRIGUES, Lupicínio, “Porque sou gremista!”, *A Última Hora*, coluna Roteiro de um Boêmio, 6 de abril de 1963.

RODRIGUES, Rodolfo, “Túlio é o terceiro maior artilheiro do Brasil em todos os tempos”, blog Futebol em Números, 16 de outubro de 2009, disponível em http://colunistas.ig.com.br/futebolemnumeros/2009/10/16/tulio-e-o-terceiro-maior-artilheiro-do-brasil-em-todos-os-tempos.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, “Complexo de Zé Carioca”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, número 29, 1995.

SETTI, Daniel, “O lado negro da força”, revista *ESPN*, agosto de 2010.

SIQUEIRA, Graciano Pinheiro de, “As associações e o novo Código Civil”, março de 2005, disponível em http://jus.com.br/artigos/6416/as-associacoes-e-o-novo-codigo-civil.

SPORT ILLUSTRADO (revista), “O *football* e os empregos”, 15 de janeiro de 1921.

STEIN, Leandro, “Por que não devemos dar ouvidos a tudo que Cruyff diz”, revista *Trivela*, 25 de junho de 2013, disponível em http://trivela.uol.com.br/espanha/por-que-nao-devemos-dar-ouvidos-a-tudo-que-cruyff-diz.

STORR, Will, “The undercover football hooligan”, *Daily Telegraph*, 18 de novembro de 2013, disponível em www.telegraph.co.uk/men/active/10453005/The-undercover-football-hooligan.html.

TANESE, Isabel, “Maradona acerta a vinda para o Brasil”, *O Estado de S. Paulo*, 20 de maio de 1995, página 37.

TÊNIS (revista), “Federer questiona precisão do desafio eletrônico e diz que tecnologia deixa o jogo mais chato”, 5 de março de 2012, disponível em http://revistatenis.uol.com.br/artigo/federer-questiona-precisao-do-desafio-eletronico-e-diz-que-tecnologia-deixa-tenis-mais-chato_8367.html.

TOSTÃO, “À frente do tempo”, *Folha de S.Paulo*, 10 de agosto de 2011, página D3.

_____, “Jogo político”, *Folha de S.Paulo*, 18 de agosto de 2004, disponível em www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1808200442.htm.

_____, “Não é um esquema ou outro”, *Folha de S.Paulo*, 12 de junho de 2005, página D7.

TRIVELA (revista), “Crise, revolução e traição”, maio de 2007.

UOL ESPORTE, “Conheça as opiniões de pessoas que trabalharam junto com Chirol”, 28 de dezembro de 1998, disponível em www1.uol.com.br/esporte/ultimas/fut281298100.htm.

_____, “Cruzeiro proíbe torcidas organizadas de usarem a marca do clube”, 20 de dezembro de 2013,

disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/12/20/cruzeiro-proibe-torcidas-organizadas-de-usarem-a-marca-do-clube.htm.

_____, “Pesquisa aponta Vitória como clube de melhor gestão financeira do Nordeste”, 24 de outubro de 2013, disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/10/24/pesquisa-aponta-vitoria-como-clube-de-melhor-gestao-financeira-do-nordeste.htm.

_____, “Por refrigerante, Messi teria humilhado Guardiola diante do elenco do Barcelona”, 21 de setembro de 2013, disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/09/21/por-refrigerante-messi-teria-humilhado-guardiola-diante-do-elenco-do-barca.htm.

_____, “Thiago Silva supera Messi na lista de mais bem pagos do mundo”, 8 de fevereiro de 2014, disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/02/08/thiago-silva-supera-messi-na-lista-dos-mais-bem-pagos-do-mundo.htm.

UNZELTE, Celso, “Este século é meu”, revista *Placar*, março de 1999.

VEJA, “Edson, Dico, Pelé, Edson”, 17 de julho de 1971.

VEJA.COM, “União Europeia abre investigação contra clubes espanhóis”, 18 de dezembro de 2013, disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/uniao-europeia-abre-investigacao-contra-clubes-espanhois.

VICTOR, Fábio, “Juiz dá nova versão a lenda de Pelé”, *Folha de S.Paulo*, 20 de março de 2000, página D6.

VILELLA, Flávia, “Salário médio do brasileiro aumentou 2,4% de 2010 para 2011”, site Agência Brasil, 24 de maio de 2013, disponível em http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-05-24/salario-medio-do-brasileiro-aumentou-24-de-2010-para-2011.

XAVIER, Ricardo de Almeida Prado, “O feito Maradona”, portal Manager, disponível em www.manager.com.br/reportagem/reportagem.php?id_reportagem=1706.

ZANEI, Ricardo, “Jornal da Globo tira dúvida com tira-teima; na Fox Sports, ex-árbitro diz que gol vascaíno foi legal”, blog Uol Esporte Vê TV, 17 de maio de 2012, disponível em http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2012/05/17/tira-teima-demora-e-duvida-sobre-apito-amigo-em-lance-crucial-de-vasco-x-corinthians-so-e-tirada-no-jornal-da-globo.

SITES

AGÊNCIA BRASIL, disponível em http://agenciabrasil.ebc.com.br.

AJESPORTES, disponível em www.ajesportes.uerj.br.

BLOG DO DANIEL PIZA, disponível em http://blogs.estadao.com.br/daniel-piza.

BLOG DO PERRONE, disponível em http://blogdoperrone.blogosfera.uol.com.br.

BLOG OLHAR CRÔNICO ESPORTIVO, disponível em http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo.

BLOG PRIMEIRA MÃO – BASTIDORES & INFORMAÇÃO, disponível em http://globoesporte.globo.com/platb/primeiramao.

BLOG TEORIA DOS JOGOS, disponível em http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/teoria-dos-jogos/1.html.

BLOG UOL ESPORTE VÊ TV, disponível em http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br.

CENSO 2010, disponível em http://censo2010.ibge.gov.br.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, disponível em www.cpdoc.fgv.br.

EL CONFIDENCIAL, disponível em www.elconfidencial.com.

CUBA DEBATE, disponível em http://pt.cubadebate.cu.

DELOITTE, disponível em www.deloitte.com.

FIFPRO, disponível em www.fifpro.org/en.

FORBES, disponível em www.forbes.com.

G1, disponível em http://g1.globo.com.

GLOBOESPORTE.COM, disponível em http://globoesporte.globo.com.

O GOL, disponível em www.ogol.com.br.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, disponível em www.ibge.gov.br/home.

INSTITUTO ETHOS, disponível em www3.ethos.org.br.

LANCE!NET, disponível em www.lancenet.com.br.

MÁQUINA DO ESPORTE, disponível em http://maquinadoesporte.uol.com.br.

MARCA, disponível em www.marca.com.

NB FOOTBALL BUSINESS, disponível em www.nbfootballbusiness.com.br.

PORTAL DA PREFEITURA DE CURITIBA, disponível em www.curitiba.pr.gov.br.

REVISTA TÊNIS, disponível em http://revistatenis.uol.com.br.

SEBRAE-PR, disponível em www.sebraepr.com.br/PortalInternet.

TERRA ESPORTES, disponível em http://esportes.terra.com.br.

TRIVELA, disponível em http://trivela.uol.com.br.

UOL ESPORTE, disponível em http://esporte.uol.com.br.

VEJA, disponível em http://veja.abril.com.br.

CONTEÚDO AUDIOVISUAL

Bola da Vez (programa televisivo), ESPN, 26 de novembro de 2013, disponível em www.youtube.com/watch?v=vDUx13qDWfQ.

Brasil x Itália, Copa do Mundo de 1982, exibido pela ESPN Brasil em 14 de dezembro de 2013.

Brasil x França, Copa do Mundo de 1998, exibido pela Fox Sports em 8 de janeiro de 2014.

Brasil x França, jogo amistoso disputado em 1925, disponível em www.youtube.com/watch?v=D1kXX1nfXTk.

Ecos dos Aflitos (vídeo especial), jornal *Zero Hora*, 26 de novembro 2010, depoimento de Paulo Odone, disponível em http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/pagina/eco-dos-aflitos.html.

Inacreditável: A Batalha dos Aflitos (documentário), direção de Beto Souza, 2007, 87 minutos.

Maradona by Kusturica (documentário), direção Emir Kusturica, 2008, 96 minutos.

Roda Viva (programa televisivo), TV Cultura, 10 de janeiro de 1986, entrevista de Octávio Pinto Guimarães, disponível em www.rodaviva.fapesp.br/materia/359/entrevistados/octavio_pinto_guimaraes_1986.htm.

Todos os Corações do Mundo (documentário), direção de Murillo Salles, 1995, 106 minutos.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
CHARLES MILLER
  ELE NÃO É O PAI DO FUTEBOL BRASILEIRO
    Charles Miller é o pai da cartolagem no futebol brasileiro
    Sem Charles Miller, também seríamos o país do futebol
    Os padres admiravam o poder moralizante do futebol
    Charles Miller introduziu a súmula no futebol brasileiro
    Charles Miller é o pai da cartolagem no futebol brasileiro
    Sem Charles Miller, também seríamos o país do futebol
    Os padres admiravam o poder moralizante do futebol
    Charles Miller introduziu a súmula no futebol brasileiro
RACISMO
  O DINHEIRO SALVOU O FUTEBOL BRASILEIRO DO RACISMO
    Nossos primeiros craques eram funcionários-fantasma
    Os negros fizeram o futebol brasileiro se profissionalizar
    O Brasil tinha medo de que Pelé e Garrincha amarelassem
    Nossos primeiros craques eram funcionários-fantasma
    Os negros fizeram o futebol brasileiro se profissionalizar
    O Brasil tinha medo de que Pelé e Garrincha amarelassem
REICH FRIEDEN
  NOSSO PRIMEIRO CRAQUE ERA BOÊMIO, CANELUDO E MENOS GOLEADOR QUE O TÚLIO MARAVILHA
    Fried fez menos gols que Túlio Maravilha
    Fried aprendeu a fazer gol com um alemão caneludo
    Friedenreich gostava da noite tanto quanto Romário e Adriano Imperador
    Fried tinha vergonha de ser preto
    Fried fez menos gols que Túlio Maravilha
    Fried aprendeu a fazer gol com um alemão caneludo
    Friedenreich gostava da noite tanto quanto Romário e Adriano Imperador
    Fried tinha vergonha de ser preto
O BRASIL DE 70
  SEM ZAGALLO, O BRASIL DE 70 NÃO EXISTIRIA
    Saldanha foi demitido não porque era comunista, mas porque era sem noção

Zagallo inventou o Barcelona de Messi 40 anos antes de Guardiola
Médici não mandou Saldanha escalar Dadá Maravilha
O Brasil de 70 fez a maioria dos seus gols de contra-ataque
Saldanha foi demitido não porque era comunista, mas porque era sem noção
Zagallo inventou o Barcelona de Messi 40 anos antes de Guardiola
Médici não mandou Saldanha escalar Dadá Maravilha
O Brasil de 70 fez a maioria dos seus gols de contra-ataque
BATALHA DOS AFLITOS
O JOGO QUE O GRÊMIO ESTEVE A PONTO DE PERDER POR W.O.
Até Felipão era a favor do W.O.
Até Felipão era a favor do W.O.
COPA UNIÃO
O SPORT É O CAMPEÃO BRASILEIRO DE 1987
Sem a Copa União, o Sport não teria jogado a primeira divisão
A Copa União foi a maior virada de mesa do futebol brasileiro
A CBF propôs dois módulos antes de o campeonato começar
Quem mandou confiar em Eurico Miranda?
O Inter queria enfrentar o Sport
O Flamengo tentou trocar o título por uma vaga no Clube dos 13
Sem a Copa União, o Sport não teria jogado a primeira divisão
A Copa União foi a maior virada de mesa do futebol brasileiro
A CBF propôs dois módulos antes de o campeonato começar
Quem mandou confiar em Eurico Miranda?
O Inter queria enfrentar o Sport
O Flamengo tentou trocar o título por uma vaga no Clube dos 13
RICARDO TEIXEIRA
RICARDO TEIXEIRA SALVOU OS TORNEIOS NACIONAIS DE CLUBES
Teixeira criou a Copa do Brasil para trocar vaga por voto
Teixeira trocou o mata-mata por pontos corridos para salvar a própria pele
Teixeira criou a Copa do Brasil para trocar vaga por voto
Teixeira trocou o mata-mata por pontos corridos para salvar a própria pele
COPA DE 94
O BRASIL DE 94 JOGAVA UM FUTEBOL TÃO BOM QUANTO A ESPANHA DE XAVI E INIESTA
A valentia sabotava o futebol espanhol
Os entendidos em futebol desprezavam Parreira
Os números mostram: o Brasil de 94 inspirou a Espanha de 2010
A valentia sabotava o futebol espanhol

Os entendidos em futebol desprezavam Parreira
Os números mostram: o Brasil de 94 inspirou a Espanha de 2010
BARCELONA
O BARÇA TAMBÉM TINHA UM PÉ NO FASCISMO
O Barça não é catalão de nascença
O Barcelona cresceu no franquismo
A guinada catalanista foi uma jogada política e econômica
O Barça não é catalão de nascença
O Barcelona cresceu no franquismo
A guinada catalanista foi uma jogada política e econômica
COPA DE 98
NÃO, O BRASIL NÃO VENDEU A COPA DE 98
Ronaldo não sofreu uma convulsão
Ronaldo não sofreu uma convulsão
COPA DE 82
A SELEÇÃO DE 82 MERECEU PERDER PARA A ITÁLIA
O Brasil menosprezou a Itália
A seleção perfeita tinha falhas primárias
O Brasil perdeu para a Itália e para o dinheiro
O Brasil menosprezou a Itália
A seleção perfeita tinha falhas primárias
O Brasil perdeu para a Itália e para o dinheiro
ARBITRAGEM ELETRÔNICA
O FIM DE UMA FIGURA FUNDAMENTAL: O JUIZ LADRÃO
O futebol se tornaria chato e longo como tênis e futebol americano
A tecnologia não vai acabar com o pior árbitro: o corrupto
O futebol se tornaria chato e longo como tênis e futebol americano
A tecnologia não vai acabar com o pior árbitro: o corrupto
TORCIDAS ORGANIZADAS
TRÊS VERDADES OCULTAS SOBRE AS ORGANIZADAS
Eles não são apenas vândalos travestidos de torcedores
As torcidas não acabam porque são sinônimo de voto
A violência dá status e atrai a garotada para as organizadas
Eles não são apenas vândalos travestidos de torcedores
As torcidas não acabam porque são sinônimo de voto
A violência dá status e atrai a garotada para as organizadas
MERCENÁRIO$
O QUE HÁ EM COMUM ENTRE TRAFICANTES E GAROTOS DO SUB-20?

Assim como os traficantes, eles estão no jogo pelo status
O amor ao dinheiro é coisa de antigamente
Assim como os traficantes, eles estão no jogo pelo status
O amor ao dinheiro é coisa de antigamente
FUTEBOL S/A
O FUTEBOL NÃO É UM BOM NEGÓCIO
Um mercado no Piauí dá mais dinheiro do que os três maiores times do Brasil
Virar empresa aumenta a dívida dos clubes
Antes de reclamar do horário, o futebol precisa dar mais audiência que a novela
Atrasar salário deixa os rivais menos competitivos, não o seu time
Um mercado no Piauí dá mais dinheiro do que os três maiores times do Brasil
Virar empresa aumenta a dívida dos clubes
Antes de reclamar do horário, o futebol precisa dar mais audiência que a novela
Atrasar salário deixa os rivais menos competitivos, não o seu time
EX-JOGADORES
ELES NÃO VÃO SALVAR O FUTEBOL
Pelé ficou com o dinheiro das criancinhas
Pelé foi enganado pelo sócio e o chamou para ser padrinho de casamento
João Havelange salvou Pelé da falência
Pelé só atacou Ricardo Teixeira depois de perder dinheiro
Platini, o desastrado discípulo de Havelange
O carrossel emperrado de Cruyff
O camisa 10 da Casa da Dinda
Senhor Dinamite explodiu
Pelé ficou com o dinheiro das criancinhas
Pelé foi enganado pelo sócio e o chamou para ser padrinho de casamento
João Havelange salvou Pelé da falência
Pelé só atacou Ricardo Teixeira depois de perder dinheiro
Platini, o desastrado discípulo de Havelange
O carrossel emperrado de Cruyff
O camisa 10 da Casa da Dinda
Senhor Dinamite explodiu
DEMOCRACIA CORINTIANA
A DEMOCRACIA ERA DEMOCRÁTICA SÓ NO NOME
A Democracia perseguia quem discordava dela

Leão foi ameaçado pela democracia
A democracia virou aristocracia
A democracia era filha de Olivetto, Glorinha Kalil e Juca Kfouri
A Democracia perseguia quem discordava dela
Leão foi ameaçado pela democracia
A democracia virou aristocracia
A democracia era filha de Olivetto, Glorinha Kalil e Juca Kfouri
PELÉ X MARADONA
DEZ MITOS SOBRE PELÉ E MARADONA (E TRÊS VERDADES SOBRE MESSI)
Mito 1: a contagem de gols de Pelé é a única confiável
Mito 2: os militares não deixaram Maradona ser campeão em 78
Mito 3: “Pelé calado é um poeta”
Mito 4: Maradona é comunista
Mito 5: Pelé parou uma guerra na África
Mito 6: Maradona queria vencer os ingleses para vingar a Guerra das Malvinas
Mito 7: a pressão popular anulou a expulsão de Pelé na Colômbia
Mito 8: Maradona foi vítima de perseguição nos casos de doping
Mito 9: Pelé era um praticante do jogo 100% limpo
Mito 10: Maradona quis jogar no Santos
Três verdades sobre Lionel Messi
Mito 1: a contagem de gols de Pelé é a única confiável
Mito 2: os militares não deixaram Maradona ser campeão em 78
Mito 3: “Pelé calado é um poeta”
Mito 4: Maradona é comunista
Mito 5: Pelé parou uma guerra na África
Mito 6: Maradona queria vencer os ingleses para vingar a Guerra das Malvinas
Mito 7: a pressão popular anulou a expulsão de Pelé na Colômbia
Mito 8: Maradona foi vítima de perseguição nos casos de doping
Mito 9: Pelé era um praticante do jogo 100% limpo
Mito 10: Maradona quis jogar no Santos
Três verdades sobre Lionel Messi
AGRADECIMENTOS
BIBLIOGRAFIA
LIVROS E DISSERTAÇÕES
ARTIGOS DE JORNAIS, REVISTAS E PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS
SITES

CONTEÚDO AUDIOVISUAL